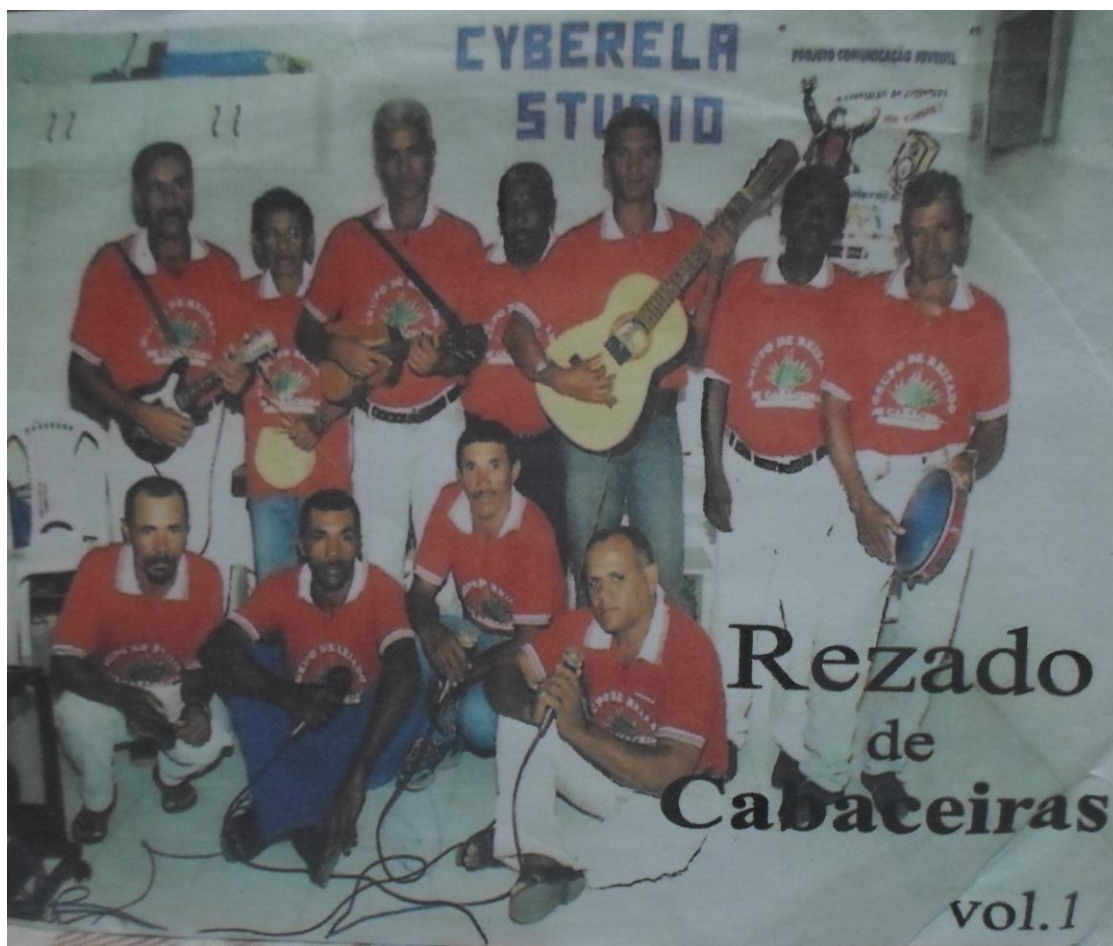




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
CURSO DE MESTRADO

**ANA NERY OLIVEIRA BRITO**

**FOLIA DE REISADO DE CABACEIRAS (CONCEIÇÃO DO COITÉ)  
(1965-2005)**



Feira de Santana – BA  
2016

**ANA NERY OLIVEIRA BRITO**

**FOLIA DE REISADO DE CABACEIRAS (CONCEIÇÃO DO COITÉ)  
(1965-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizete da Silva

**ANA NERY OLIVEIRA BRITO**

**FOLIA DE REISADO DE CABACEIRAS (CONCEIÇÃO DO COITÉ)  
(1965-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Feira de Santana (BA), 29 de agosto de 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizete da Silva  
PGH/UEFS – Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edilece Souza Couto  
UFBA

---

Prof. Dr. Zózimo Trabuco  
Universidade Federal Oeste da Bahia

Ao meu amado e saudoso pai, Armando Brito (*in memoriam*), quem primeiro me ensinou sobre o sentido da Festa de Reis. À minha mãe, Maria Elza Oliveira Duarte, que, com imenso esforço, ensinou-me o fascínio e o encanto pelo conhecimento. Aos reiseiros que alegram o povão com suas artes, persistindo com a tradição religiosa católica.

**Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado**

B845f Brito, Ana Nery Oliveira  
Folia de Reisado de Cabaceiras (Conceição do Coité): (1965-  
2005) / Ana Nery Oliveira Brito. – 2016.  
206 f.: il.

Orientadora: Elizete da Silva.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de  
Santana, Programa de Pós-graduação em História, 2016.

1. Festas folclóricas - Conceição do Coité (BA). 2. Folia de  
Reisado - Conceição do Coité (BA). I. Silva, Elizete da, orient.  
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 981(814.22)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza, por não permitir que eu desistisse do estudo sobre os fazeres e as experiências dos moradores do Povoado de Cabaceiras.

A minha amada mãe, Maria Elza, por atender minhas demandas, por patrocinar todo o meu curso de História e pela compreensão, principalmente no final desta jornada em que passei por bons e maus momentos.

A minha amada irmã, Adriana, que presenciou os momentos de angústia e até de desespero. Obrigada pela preocupação e paciência. Agradeço pelas transcrições das entrevistas. Seu apoio foi imprescindível, o qual me serviu também de suporte emocional.

A minha querida orientadora, Elizete da Silva, pela compreensão e pela atitude generosa. Suas exigências acirradas me inseriram no universo da linguagem sistemática da Religião que foi suporte para garantir maior consistência teórica a este estudo. Não há palavras que possam expressar os meus agradecimentos à senhora.

A Emanuela Bethânia e Daiane Pires, minhas anfitriãs. Obrigada pelo acolhimento em suas residências todas as vezes que eu precisei, pelas conversas agradáveis e por simplesmente me ouvirem quando eu precisava desabafar.

Aos docentes Edilece Couto e Zózimo Trabuco, pelas relevantes contribuições no Exame de Qualificação, as quais foram fundamentais para o amadurecimento das ideias e da feitura desta dissertação.

Ao funcionário do Arquivo Público Municipal de Conceição do Coité, Tiago, pela ajuda e esforço para localizar os Livro de Leis e os Livros de Alvarás.

Aos funcionários da Câmara Municipal de Vereadores de Conceição do Coité, pela gentileza em disponibilizar as cópias das Atas de Sessão Ordinária.

A todos os meus queridos entrevistados que se dispuseram a contar suas histórias de vida. Sem vocês não teria realizado esta pesquisa. A todas e todos, minha eterna gratidão.

Aos meus queridos irmãos, pela força e união. Vocês sempre fizeram parte da minha peleja.

Aos demais familiares, agradeço o carinho e a torcida.

A Orlando Matos Barreto, Vanilson Lopes de Oliveira e Roberto Pinto Lopes, que muito me ajudaram na feitura desta pesquisa.

A todas e todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram extraordinariamente nesta caminhada. Meus agradecimentos sinceros!

*HINO A CONCEIÇÃO DO COITÉ*

Oh! Cidade graciosa, altaneira!  
Majestosa Conceição do Coité  
Teu amor por teus filhos é sublime  
Pois o Cristo nos dá paz e fé  
Com amor teu destino conduz  
Sempre em busca do Bem e da Luz.

Teu passado longínquo se perde  
Na poeira do tempo de outrora  
Foi vencendo com bravura esse tempo  
Que surgiu com valor tua História  
Que o teu povo respeita e venera  
No progresso de cada Nova Era.

Hei! Avante Município Valoroso  
A união seja o lema de glória  
Desse povo leal e confiante  
Devotado em escrever tua História  
Com amor, com trabalho e fé  
És amado, oh! Conceição do Coité.

(MARIELZA CARNEIRO D'VILANOVA)

## RESUMO

Esta dissertação analisa a Festa de Reis em Conceição do Coité (BA), entre os anos de 1965 a 2005, focando-se na atuação do Grupo Reisado de Cabaceiras em uma comunidade rural localizada neste município. A pesquisa proposta buscou identificar as mudanças e as permanências ocorridas na festa, bem como entender quais os motivos e os instrumentos utilizados pelos sambadores para que essas mudanças acontecessem, como elas estão sendo percebidas e vivenciadas pela população que participava da festa e como os moradores da comunidade de Cabaceiras entenderam e participaram do processo de reinvenção. Além disso, compreender novos significados e apropriações de outras formas de religiosidades, a exemplo do diálogo inter-religioso entre as Religiões de Matrizes Africanas e a tradição católica nas festas em louvor aos Santos Reis no interior baiano. Analisamos aspectos da relação entre o sagrado e o profano, além de observar conflitos e divergências entre os festeiros e as autoridades municipais. Para tanto, as narrativas desses moradores e participantes, registros audiovisuais e fontes escritas foram recursos metodológicos primordiais, a fim de compreender as peculiaridades dessa festa natalina. O trabalho pretende contribuir para uma análise das práticas da festa como expressão da religiosidade popular, enfocando a dinâmica do Grupo Reisado de Cabaceiras, sua trajetória e sua inserção nos espaços urbanos da cidade de Conceição do Coité e da Região Sisaleira.

**Palavras-chave:** Festa. Devoção. Povoado de Cabaceiras. Conceição de Coité. Memória. Religiosidade Popular.



## ABSTRACT

This dissertation analyzes the Festa de Reis (Feast of Kings) in the city of Conceição do Coité, Bahia, between the years 1965 to 2005, focusing on the performance of the Reisado de Cabaceiras Group in a rural community located in this municipality. The proposed research sought to identify the changes and permanence during the festivities, as well as to understand the reasons and instruments used by the “sambadores” (samba dancers) for these changes to occur, how they are being perceived and experienced by the population that participated in the feast, and how the residents of the Cabaceiras community understood and participated in the reinvention process. In addition, it seeks to understand new meanings and appropriations of other forms of religiosity, such as the interreligious dialogue between the religion of African matrices and the Catholic tradition, which makes it plural in relation to other celebrations in praise of the Holy Kings in the interior of Bahia state. We analyze aspects between the sacred and the profane, besides observing conflicts and divergences between the revelers and the municipal authorities. For that, the narratives of these residents and participants, audiovisual records and written sources were primordial methodological resources, in order to understand the peculiarities of this Christmas party. The work intends to contribute to an analysis of the practices of the feast as an expression of popular religiosity, focusing on the dynamics of the Reisado de Cabaceiras Group, its trajectory and its insertion in the urban spaces of the city of Conceição do Coité and Sisaleira Region.

**Keywords:** Feast. Devotion. Village of Cabaceiras. Conceição de Coité. Memory. Popular Religiosity

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>APAEB</b>	Associação de Desenvolvimento Solidário e Sustentável da Região Sisaleira
<b>APMCC</b>	Arquivo Público Municipal de Conceição do Coité
<b>CAT</b>	Conhecer, Analisar e Transformar
<b>CEBs</b>	Comunidades Eclesiais de Base
<b>CEDOC</b>	Centro de Documentação da Universidade Estadual da Bahia – Campus XIV, Conceição do Coité, Bahia.
<b>CESCON</b>	Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité
<b>CMCC</b>	Câmara Municipal de Conceição do Coité
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<b>CCPLR</b>	Centro Comunitário Padre Luiz Rodrigues
<b>GRC</b>	Grupo Reisado de Cabaceiras
<b>MOC</b>	Movimento de Organização Comunitária
<b>PETI</b>	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
<b>STR</b>	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
<b>UEFS</b>	Universidade Estadual de Feira de Santana
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO COITÉ (BA) .....	15
<b>FIGURA 2</b>	FRUTO DO COITEZEIRO.....	16
<b>FIGURA 3</b>	VIVEIRO DE MUDAS NATIVAS .....	17
<b>FIGURA 4</b>	APRESENTAÇÃO DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS NO ANO DE 2005, EM EVENTO CULTURAL DE INCHU .....	67
<b>FIGURA 5</b>	CAPA DO PRIMEIRO CD DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS (2000) .....	68
<b>FIGURA 6</b>	IALORIXÁ, ARCANJA DOS SANTOS SILVA, NA APRESENTAÇÃO DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 2016.....	73
<b>FIGURA 7</b>	MOVIMENTO CATÓLICO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ .....	133
<b>FIGURA 8</b>	III FESTA DA CULTURA POPULAR, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 2006 .....	159
<b>FIGURA 9</b>	III FESTA DA CULTURA POPULAR, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 2006 .....	160
<b>FIGURA 10</b>	LICENÇA PARA VENDAS DE LEITE AMBULANTE, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 20016 .....	170
<b>FIGURA 11</b>	ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO DO BANCO DO BRASIL, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 2016 .....	171
<b>FIGURA 12</b>	LICENÇA PARA FUNCIONAMENTO DE PARQUE DE DIVERSÕES, CONCEIÇÃO DO COITÉ, 2016 .....	172
<b>FIGURA 13</b>	CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS .....	185

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>METODOLOGIA</b> .....	22
<b>PROBLEMÁTICA</b> .....	27
<b>REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	27
<b>FONTES</b> .....	32
<b>CAPÍTULO I: A FESTA DOS SANTOS REIS NO SERTÃO DA BAHIA</b> .....	37
1.1 O CAMPO RELIGIOSO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ .....	37
1.2 QUE SE ABRAM AS CORTINAS! O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR .....	49
1.3 COMPOSIÇÃO SOCIAL DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS .....	56
1.4 RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA E FESTA DE REIS EM CONCEIÇÃO DO COITÉ ..	69
<b>CAPÍTULO II: O REISADO NO CAMPO E NA CIDADE</b> .....	86
2.1 SOBREVIVÊNCIA E COTIDIANO: ATUAÇÃO DOS FESTEIROS SERTANEJOS ...	86
2.2 O FIGURINO DOS REISEIROS .....	95
2.3 SOCIABILIDADES: O LAZER E A FORMA DE SER E ESTAR NA CIDADE .....	101
2.4 REZA E FESTA: O SAGRADO E O PROFANO NO REISADO DE CABACEIRAS .	114
2.5 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO REISADO.....	124
2.6 DEVOÇÃO E DIVERSÃO: O GRUPO REISADO DE CABACEIRAS E A IGREJA CATÓLICA .....	132
2.7 O PADRE CHEGOU: FESTEJOS RELIGIOSOS E DISCIPLINARIZAÇÃO .....	140
<b>CAPÍTULO III: TENDÊNCIAS, ESTRATÉGIAS E TRANSFORMAÇÕES DA FOLIA DE REIS</b> .....	148
3.1 REIS DE CORRIDA E REIS DE VISITA: E O QUE DIZIA A CANTORIA?.....	148
3.2 “ELE É O CARA”: GERALDO, O “DONO DO TERNO”: ESTRUTURA INTERNA DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS.....	152
3.3 AS AUTORIDADES MUNICIPAIS: CONTROLE E TOLERÂNCIA À RELIGIOSIDADE POPULAR .....	172
3.4 AS TRANSFORMAÇÕES DA FOLIA DE REIS NO ESPAÇO URBANO .....	177
3.5 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO: O USO DA MÍDIA .....	185
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	193
<b>FONTES</b> .....	197
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	200

## INTRODUÇÃO

O meu olhar sobre a Festa de Reis surgiu quando eu ainda era criança e vivia em meio aos festejos do Grupo de Reisado de Cabaceiras, na residência dos meus pais, em Patos, comunidade vizinha ao Povoado de Cabaceiras. Na condição de lavradora, como filha de agricultores, nasci e sempre vivi na zona rural, participando e acompanhando a Festa de Reis organizada por este grupo. Era no mês de dezembro, entre a década de 1980 e 1990. A partir de conversas com meus pais, Armando e Maria Elza, começamos a nos interessar pelo campo religioso coiteense, questionando o sentido daquele grupo de homens (acompanhados de mulheres e crianças) que se dirigiam a pé até as residências dos vizinhos, em plena noite, surpreendendo as famílias no município de Conceição do Coité, no sertão baiano.

Na memória, ficaram registrados acontecimentos que fizeram parte do meu cotidiano, da minha infância na comunidade de Cabaceiras e vizinhanças, e que estimulam as lembranças – das novenas, das Festas de Padroeiros (as), dos momentos de raspar a mandioca, da bata de feijão, da diversão, da cavalgada, das festas dançantes, das quadrilhas nas noites de São João, da alegria com a Folia de Reis, do requebrado e do sapateado de homens e mulheres que rodopiavam em torno da roda. Tudo isso contagiava dezenas de pessoas, homens, mulheres, jovens, crianças, pedreiros, agricultores, sujeitos que compunham segmentos sociais de pessoas comuns que se encontram, ainda nos dias de hoje, para celebrar e para homenagear esse andamento festivo.

As lembranças foram estabelecidas na influência mútua com o meio social, visto que, na condição de moradora da comunidade de Patos, povoado próximo à comunidade de Cabaceiras, participei da Festa de Reis, ouvimos e convivemos com pessoas que narraram suas experiências, na rotina do campo, nas práticas de ajuda mútua; além disso, principalmente, envolvi-me nas celebrações em homenagens aos Santos Reis.

O desejo de realizar este trabalho começou a tomar rumo a partir de conversas com meus pais, em que lamentávamos o porquê de o Grupo de Reis de Cabaceiras não fazer suas apresentações na nossa residência e o porquê de não circular por aquela estrada que, do alto, visualizava o Povoado de Cabaceiras. A possibilidade de tentar responder a essa questão começou a se construir em 2011, na Graduação em História, quando cursava o quarto semestre, a partir de uma proposta da professora Suzana Severs, de mapear as práticas culturais de Conceição do Coité. Começamos a nos interessar pelo campo religioso coiteense.

Já havíamos percebido que o Grupo Reisado de Cabaceiras, na condição de ser composto por pessoas pertencentes à zona rural, sempre festejou em seu local de origem, no

Povoado de Cabaceiras e Povoados vizinhos, a exemplo de Patos. Por sua vez, esse Grupo estava atuando na sede do município de Conceição do Coité com muita predominância, enquanto que, na própria comunidade, Cabaceiras, o festejo parecia mais tímido. Essa situação nos inquietou bastante, mas o amadurecimento das leituras sobre festas nos suscitou pensar em outras questões: Quais os motivos da transferência e da predominância da Festa de Reis para o espaço urbano do município de Conceição do Coité?

Essa experiência na Graduação resultou na elaboração de um texto monográfico, intitulado *Devoção e Folia: festa de Reis em Conceição do Coité (1986-2000)*, defendido em 2013 na UNEB, no *Campus XIV*. Neste período, ressaltamos algumas motivações que possibilitaram a transferência da Festa de Reis de Cabaceiras para a sede do município de Conceição do Coité. Em 2014, ingressei no Mestrado em História na UEFS, visando aprofundar a pesquisa sobre a Folia de Reisado.

Esta dissertação tem por objetivo analisar a atuação do Grupo Reisado de Cabaceiras, um grupo rural pertencente à comunidade de Cabaceiras, este que, por algumas décadas, vem realizando seus festejos em diversas localidades da região sisaleira. Tal Grupo de Reis, mesmo que de forma tímida, sob a coordenação do seu fundador o Sr. Macário das Mercês, sempre festejou na sede do município de Conceição do Coité. Porém, provavelmente por volta de 1965, o Grupo de Reis do Sr. Macário foi impedido pelas autoridades municipais de se apresentar na sede do município de Conceição do Coité. Somente com a solicitação das Licenças Municipais podiam festejar na sede do município, fato que perdurou até o ano de 1972, quando o Prefeito Hamilton Rios de Araújo se elegeu pela primeira vez e liberou as Licenças Municipais, de modo que os grupos religiosos e culturais passaram a se apresentar sem necessitar de documento.

No limiar de 1986, os festejos do grupo cabaceirense tornaram-se pujantes na sede do Município de Conceição do Coité, o que foi perdurando, para, em seguida, no ano de 2000, conquistar um marco: a gravação do primeiro CD do Grupo Reisado de Cabaceiras, estendendo sua divulgação para outras regiões do Estado da Bahia, como o Município de Retirolândia, Candeal, entre outros. Em 2005, o Grupo Reisado de Cabaceiras gravou o primeiro DVD, por meio do qual os sambadores já vinham buscando maneiras de se tornarem reconhecidos, divulgando seu trabalho.

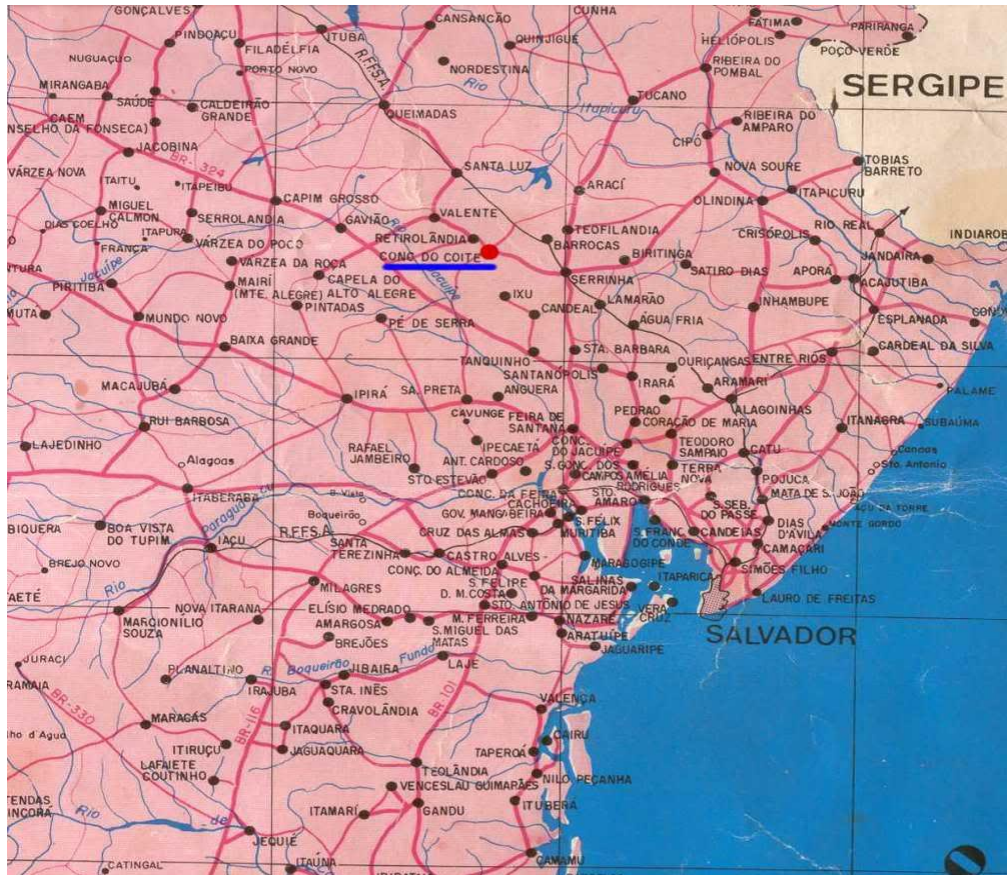
O recorte cronológico que compreende os anos de 1965 a 2005 deve-se ao fato de se tentar compreender os motivos da proibição do Grupo de Reis de Cabaceiras na sede do município de Conceição do Coité pelas autoridades municipais, bem como sua transferência e

sua pujança no espaço urbano. No ano de 2005, o Grupo Reisado de Cabaceiras gravou o primeiro DVD, que, para os integrantes, foi um marco em termos de visibilidade.

Trazer a Festa dos Santos Reis para ser estudada no campo da historiografia exige discussão sobre a religiosidade em Conceição do Coité como um grupo religioso pertencente à zona rural – em que parte de seus costumes e de suas experiências foram transmitidos de geração para geração pela oralidade. Pensa-se a religiosidade como um elemento do cotidiano, produzido a partir das relações sociais e de outras dimensões que envolvem os sujeitos, como as experiências elaboradas mediante o convívio em sociedade, articulando costumes, valores e crenças historicamente constituídas, expressando um determinado modo de vida.

Teixeira (1983) define a religião como as ideias, a interpretação mais ou menos teoricamente organizada, de crenças, ritos, instituições religiosas; enquanto a religiosidade seria o conhecimento, em seus vários níveis, que os homens têm dessas mesmas crenças, ritos e instituições. “Mais ainda, a religiosidade será compreendida, também, como a maneira, a forma pela qual os homens internalizam, apreendem, interpretam, e expressam o conhecimento do fenômeno religioso. É a religião vivida.” (TEIXEIRA, 1983, p. 17). Essa perspectiva também é vista por Silva (2010, p. 105), quando esta define a religiosidade popular como sendo “as vivências, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel.”.

Através das vivências e das experiências dos fiéis, define-se o catolicismo brasileiro, pois, uma vez implantado um catolicismo oficial e obrigatório, foi se moldando uma religiosidade vivida, longe das regras eclesiásticas. Dessa forma, os festejos aos santos são compreendidos a partir da religiosidade popular. Esta dissertação não se limitará a analisar exclusivamente as instituições religiosas da Igreja Católica, uma vez que, para além de suas (re) significações, as experiências pessoais dos fiéis e a devoção aos santos conformaram o catolicismo em Conceição do Coité, Bahia (Figura 1, a seguir). A religiosidade também pode estar fortemente presente em sujeitos que não estão vinculados a nenhuma instituição religiosa. Muitas vezes, no interior de uma única religião, existe uma variedade de formas de religiosidade, a exemplo do Cristianismo, no qual podemos distinguir uma religiosidade católica, protestante, que é plural, e práticas religiosas típicas dos cristãos ortodoxos.



**Figura 1 – Mapa da Localização do município de Conceição do Coité (BA)**  
 Fonte: Photobucket<sup>1</sup>

Segundo Oliveira (2002, p. 7), Conceição do Coité surgiu no cenário baiano a partir de 1612, quando os Guedes de Brito se declararam donos das Sesmarias dos Tocós, abrindo estradas, interligando Salvador ao alto Sertão do São Francisco e à região do Piauí, bem como facilitando o trânsito das boiadas. A fazenda Coité surgiu como local de criação de gado e de ranchos para descanso de vaqueiros e animais, informação que consta também em *O Noticiador Catholico* (2005, p. 178), ratificando que “a povoação do Coité he o ponto inevitável de passagem de todos os viajantes do sertão”.

O nome Coité deve-se à existência de um coitezeiro (também chamado de cuitezeiro, coitezeira e cuitezeira) nesse local. Sobre a utilidade da cuia proveniente da cabaça do coitezeiro para as primeiras famílias, quando os objetos domésticos eram escassos. “Então, a cuia era utilizada para apanhar água, aparar o leite das vacas, colocarem farinha, açúcar, sal, como prato de refeição, enfim, muitas eram suas utilidades conforme surgisse necessidade.” (D’VILANOVA, 2011, p. 18).

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://s254.photobucket.com/user/gleisong3/media/mapabahia.jpg.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.



Na simplicidade da vida e ainda quando a modernidade e a industrialização não haviam invadido o sertão da Bahia, os habitantes de Conceição do Coité realizavam suas atividades domésticas utilizando vasilhas adquiridas no próprio seio da terra, como a cuia (ou cabaça), utensílio proveniente do fruto do coitezeiro/cabaceiro (Figura 2), este que, depois de seco, é dividido ao meio e cada metade tornava-se (ou torna-se) utensílio para medir e transportar grãos e outros alimentos, sobretudo líquidos, como o leite e a água. “Atualmente o coitezeiro é muito usado em ornamentação paisagística em hotéis e praças. Há também registros de sua utilização medicinal em xaropes, usados como purgativo, expectorante e antitérmico, ou cataplasmas indicadas contra dores de cabeça.” (ESTERQUILE JÚNIOR, 2013, n.p.).



**Figura 2 – Fruto do coitezeiro**  
Fonte: Esterquile Júnior (2013, n.p.)

A imagem a seguir (Figura 3) revela a estrutura do coitezeiro, de arbusto, com ramificações muito próximas do solo. A origem do nome do município de Conceição do Coité possui similaridade quanto à origem do nome da comunidade pesquisada, Cabaceiras. Aludimos tal origem ao fato de que os frutos extraídos das plantas coitezeiro e cabaceiro favoreceram aos habitantes nomearem tais nomes: Coité e Cabaceiras.



**Figura 3 – Viveiro de mudas nativas<sup>2</sup>**  
 Fonte: Esterquile Júnior (2013, n.p.)

O Sr. Armando dos Santos Oliveira, 60 anos, funcionário público, na condição de vice-presidente do grupo Reisado de Cabaceiras e morador da comunidade, acompanhou durante muitos anos o Grupo de Reisado e relatou sobre a origem do local:

O povoado de Cabaceiras nasceu através do pé de cabaça, era tanta cabaça que tinha na localidade que quando a primeira pessoa que fez a casa, o pessoal apelidou de Cabaceira. Aí quando apelidou de Cabaceira, nasceu o povoado. Aí estamos até hoje, perdemos as cabaças que não é mais tradição, o pessoal hoje compra nas lojas bacía boas e coisas, mas o povoado de Cabaceira ficou com Cabaceira e as cabaças foi que saiu a tradição (risos), ficou só mesmo com o samba (risos).<sup>3</sup>

Entretanto, ao que parece, a planta que deu origem à comunidade de Cabaceiras faz parte de outra espécie, sem tronco, de ramagem; possuía, possivelmente, um fruto de estrutura mais extensa em comparação ao fruto do coitezeiro, que deu origem ao nome do município de Coité. No relato acima, ficou explícito que as cabaças chamaram a atenção dos primeiros moradores que ali apossaram, os quais a prefixaram, denominando o nome da localidade: Cabaceiras. As cabaças, com suas várias utilidades, foram substituídas pelas vasilhas industrializadas. O alumínio (ou talvez, o plástico) tornou-se recipiente para as diversas atividades dos cabaceirenses.

Sabe-se que a cabaceira é uma planta oriunda do continente africano, uma

<sup>2</sup> Do cerrado da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Cabaceira do Prata.

<sup>3</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Erva prostrada ou trepadeira (*Lagenaria vulgaris*), da fam. das cucurbitáceas, de folhas cordiformes e flores brancas, nativa da África e Madagascar, e muito cultivada pelo fruto bacáceo, a cabaça, de polpa amarga, comestível quando verde, com propriedades purgativas e drásticas, e de casca lenhosa quando maduro, da qual se fazem vários objetos. (WIKIDICIONÁRIO, 2012, n.p.)<sup>4</sup>

Em *Conceição do Coité da colonização à emancipação 1730-1890*, Barreto (2007) tratou sobre o povoamento de Conceição do Coité. Barreto (2007) e Oliveira (2002; 2003) foram de fundamental importância para entender a construção do imaginário popular acerca do nome Coité, vinculado a episódios de expulsão dos Tocós, indígenas coiteenses que foram exilados, refugiados e colocados em domínio, ficando apenas resquícios de sua cultura nas terras coiteenses, como narra, de forma dramática e poética, Barreto (2007 p. 20-23):

Aos índios deste lugar  
De Tocós denominou,  
De Pindá chamou a terra  
Que mais se tornou  
Um berço de oração  
Que a virgem da Conceição  
Com prazer abençoou

De Coité Chamou a fonte  
Que os olhos viram de perto,  
Ela era com certeza  
Um oásis no deserto,  
Refrigério dos andantes  
Repouso que os viajantes  
Já contavam como certo.

Com a abertura da estrada  
Os Guedes se interessaram  
E em seiscentos e doze  
Esta terra eles ganharam,  
Como sabiam dar os nós  
De Sesmaria dos Tocós  
Logo, logo, a registraram

Na nascente do Coité  
Os Tocós acabados  
Viviam em pequenos grupos  
Mas sempre aquartelados,  
De repente uma milícia  
Com o poder da polícia  
Deixa-os apavorados.  
Antônio Guedes de Brito  
Criou equipes potentes

Para defender a terra  
Que era dos seus parentes,  
Banindo dela os gentios  
E com atos dos mais frios  
Matou todas essas gentes.

Foi uma guerra sem par  
Que os índios jamais viram  
No violento combate  
Escaparam os que fugiram,  
Alguns foram dominados,  
Foram presos e humilhados  
E como escravos serviram

O tanque ficou sem índios  
Dessa data em diante,  
Os índios sobreviventes  
Fugiram no mesmo instante  
Foram fazer sua moradia  
Numa terra sossegada,  
Mas daqui muito distante

Dos índios que existiam  
Nada mais deles existe,  
Mas por ser uma raça forte  
O seu grito ainda resiste  
Denominado lugares,  
Nas formas alimentares  
A força deles persiste.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/cabaceiro-amargoso>>. 30 set. 2012. Acesso em: 16 jan. 2016.

Os indígenas perderam suas terras, refugiaram-se, foram submetidos à exploração e denominados Tocós pelos bandeirantes que por aqui passaram. Ainda sobre isso, Barreto (2007) citou algumas passagens do Dicionário Tupi-Guarani, apresentando os Tocós, cujos significados, segundo este autor, não foram encontrados em nenhum dicionário. Porém, Oliveira (2003, p. 48), na tentativa de definir o espaço sertão, apresentou alguns povos indígenas, demonstrando que “o sertão dos Tocós era uma imensa área de terra povoada por índios Cariocas, Orizes, Sapoias, Carapus e Tocós.”.

Essa memória escrita apresenta alguns elementos significativos para que seja possível entender e explicar o nome Coité, bem como a inserção de outros povos nos primórdios, visto que determinadas práticas marcantes na História do Brasil já foram bastante exploradas pela historiografia, como a posse de terras e a exploração ou expulsão dos povos indígenas.

As convergências entre Barreto (2007) e Oliveira (2002; 2003) foram bastante pertinentes para percebermos quais foram os primeiros habitantes da terra coiteense. O sertão baiano era habitado por diversos povos indígenas, entre os quais muitos não foram identificados. A inquietação de Barreto (2007) quanto ao termo Tocós e os povos indígenas mencionados por Oliveira (2002; 2003) convergiram com os estudos de Lyrio Santos (2014, p. 38-39), o qual destacou a presença de povos indígenas no sertão da Bahia:

[...] a partir do século XVII, colonos e missionários avançaram terra a dentro, promovendo a ocupação do chamado “sertão” do território. Grupos indígenas desconhecidos foram confrontados, convertidos e catequizados. Alguns desses grupos descritos de modo genérico como “tapuias”, foram deslocados inicialmente, para as aldeias existentes no litoral, a fim de repovoá-las. A maioria, no entanto, permaneceu aldeada nos sertões durante mais de um século. Considerando que as aldeias criadas no século XVI estavam quase todas extintas ou despovoadas, no século seguinte o sertão se transformou no campo privilegiado das missões junto aos povos indígenas na Bahia.

Em suas análises, Lyrio Santos (2014) reporta-se ao papel dos colonos e dos missionários no sertão baiano, deixando patentes situações de confrontos e de refúgio vividos pelos povos indígenas – muitos sem denominações, a exemplo dos Tapuias – e outros, os quais foram submetidos a migrarem de suas terras, situações essas que levaram ao extermínio quase que total dessa grande diversificada população que habitava as terras sertanejas.

Trilhando os caminhos da narrativa com outra temporalidade e envolvendo outros sujeitos históricos, D’Vilanova (2011) também enfatizou que Conceição do Coité nasceu a partir do pouso de tropeiros que se agrupavam e pernoitavam em Coité para seguirem viagem

para Jacobina e Feira de Santana. Por longos anos, foram os burros o meio de transporte disponível para a locomoção de pessoas e para o comércio no sertão brasileiro.

Rios (2003, p. 20-21, grifo do autor), ao problematizar a origem do município de Conceição do Coité, a partir das primeiras informações desta região, percebeu alguns equívocos sobre o nome do município:

A demarcação da região do Sertão dos Tocós é um tanto emaranhada. Muitas informações são destoantes e confusas, contando ainda com a variação de elementos caracterizadores com o passar do tempo. A primeira caracterização da região encontra-se nas revistas do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, com a declaração de terras de Guedes de Brito em 1676, que menciona as terras dos Tocós, enquanto parte dos territórios que estavam sob seu domínio, situando-as *"entre os rios Jacuípe e Itapicuru, por eles acima, por serem os ditos Tocós muito faltos de águas, haverem muitos matos, caatingas infrutíferas [...]*.

Concordamos com Rios (2003) quanto ao nome de Coité, tendo em vista que Barreto (2007, p. 52), em controvérsia com Oliveira (2002), descreveu “que as terras onde viviam os índios Tocós eram chamadas de Pindá, possivelmente pela existência de várias espécies de árvores, arbustos e cactos cobertos de espinhos em forma de anzol”. Contudo, a Pindá possuía extensas fazendas com águas, propiciava, em ranchos, pousos para viajantes pernovernarem e saciava o gado, conforme destacou Freire (1906, p. 152):

A Pindá 4. Da Maçaranduba à Pindá são 4 léguas e ha nesta viagem aqui 3 varias partes aonde se póde arranchar com pastos e agua. Ha fazenda de gado. Mas é bom ir a Pindá. O tanque de Cuyaté. Do Pindá a Cuyaté é légua e meia e ante de chegar a elle ha agua em um riacho por cima de umas pedras e de ordinario é certa, o que não é no tanque e aqui ha pastos.

Muitas vezes, a escassez das chuvas pelo sertão se prolongava, dificultando a vida da população. Os naturalistas Spix e Von Martius, os quais, no século XIX, mais precisamente em 1819, passaram pela "estrada das boiadas" até Juazeiro e flagraram, no Arraial do Coité, no sertão baiano dos Tocós, conflitos na saga de combate à seca na região, registrando, no livro *Viagem pelo Brasil*, práticas que demonstraram a atuação dos poderes locais e comportamentos da época. Eis o que descreveram:

Na fazenda Patos, onde pernovernamos, acharam os animais uma pequena poça de água verde para qual se precipitaram com avidez. Animaram-nos, assegurando que estava vencida a maior dificuldade, pois no pequeno Arraial de Coité a seis léguas de Patos, uma abundante fonte jorrava do rochedo. Na tarde de 4 de março chegamos a esse lugar da promessa; qual não foi,

porém, nossa angústia, quando vimos de perto! Uma fenda da rocha de granito fora tomada acessível por um fosso, e ali estava uma pessoa com uma cuia apanhando a água, que gotejava. Mais de 30 indivíduos, mulheres e moças, estavam reunidos em redor dessa fonte do deserto, para descerem segundo a ordem do juiz local, ali presente: e os homens traziam fuzis, para, em caso de necessidade, fazerem valer os direitos dos seus. Com a água que bastasse aos animais exaustos, não se podia contar e mesmo para os homens, quando eu pedi uns sorvos, obtive a arrogante resposta: "A água aqui é só para nós, e não para ingleses vagabundos.". Um soldado reformado forneceu-nos, comprada, certa porção de água, e aconselhou-nos a seguir viagem nessa mesma noite, em parte por não nos poder garantir segurança aqui, em parte porque, a noroeste de Coité e talvez perto da estrada, pouco antes tinha havido trovoadas. Resolvemos seguir este conselho, porque diversas mulas já se recusavam ao serviço e, além disso, dois dos nossos companheiros estavam atacados de violentos acessos de febre, pareceu-nos que maior demora nos ameaçaria de desgraça geral. (SPIX e MARTIUS, 1981, p. 204).

Em meio à escassez da chuva, os coiteenses foram assistidos pelas autoridades quanto à repartição do líquido gotejado dos rochedos, em que, com as suas cuias nas mãos, donas de casa, na companhia das filhas, e uma multidão de pessoas, que ali se reuniram, aparavam a água que, aos poucos, ia se estilando para abastecer as suas residências e as suas necessidades.

A cidade de Conceição do Coité encontra-se a cerca de 240 km de Salvador, localizada na Zona Fisiográfica do Nordeste. O município está incluído no Polígono das Secas, numa área de 1.789 km<sup>2</sup>, com mais de 55 mil habitantes nas áreas urbana e rural. Sua economia é basicamente comercial, contando com grande quantidade de propriedades agrícolas destinadas à produção de alimentos, como o feijão, o milho e a mandioca, sendo que a maior parte da zona rural é utilizada na plantação e na extração do sisal. Esse último foi o ápice para o desenvolvimento econômico do município de Conceição do Coité, por várias décadas do século XX, transpondo, assim, uma posição de liderança dessa economia na região sisaleira. Segundo Miranda (2011, p. 3), “nas décadas de 1970 e 1980, períodos de maior vigor econômico, Conceição do Coité tornou-se a maior produtora e exportadora do sisal do país”.

A partir da década de 1970, o contexto socioeconômico possibilitou a alavancada de pequenos produtores que se tornaram grandes exportadores do agave sisalana, visto que, nessa época, o sisal já abrangia uma grande expansão por todo o município.

Povoado de Conceição do Coité, Cabaceiras, como tantas cidades brasileiras, preserva a sua festa de reisado, conservando memórias, as quais, transmitidas como educação, festividades ou ofício, determinam comportamentos e identidades.

## METODOLOGIA

Com o intuito de responder às questões referentes à dinâmica e à atuação do Grupo Reisado de Cabaceiras, esta pesquisa direciona-se na perspectiva da História Cultural, caracterizada como uma proposta teórica que dá ênfase à dimensão das representações culturais, mediante valores fundidos na análise da base estrutural; a mesma também é distinguida pelos diálogos que mantêm com outras disciplinas, principalmente com a Antropologia, uma auxiliar na busca por significados.

A pesquisa se enquadra nas proposições da História Cultural de Chartier (1988), destacando a festa como possibilidades de análise da realidade sociocultural coiteense, pois está carregada de apropriações e de representações. De modo que as vivências desses sujeitos, as experiências cotidianas, são analisadas a partir das práticas construídas e a partir das representações e das apropriações que essas relações apresentam, pensando a cultura e os grupos religiosos como uma dimensão ampla, em que os conflitos e as contradições são (re) significados em outros modos de ver e de estar em diferentes espaços e temporalidades, além de possibilitar interações entre os diversos grupos sociais que participam das festividades.

Segundo Chartier (1988, p. 20), as representações são pensadas como algo que permite “ver uma coisa ausente” ou como “exibição de uma presença”, conceito que ele considera a articulação com o mundo social através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como é. “As estruturas do mundo social são historicamente produzidas pelas práticas construídas por diferentes grupos articulados (políticos, sociais, discursivos), que constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1988, p. 20). As festas, os símbolos e as representações dão conta do lugar social que essas pessoas ocupam, configurando o real, uma leitura de mundo, um acesso à representação do real da festa através das experiências baseadas, sobretudo, na religiosidade, como se observa na prática dos reiseiros de Cabaceiras.

Para uma melhor compreensão da complexa dinâmica que envolve os assuntos ligados à religiosidade, consideramos o conceito de campo religioso, em que as relações com o sagrado ocupam um lugar de destaque na vida dos indivíduos, pois são responsáveis por conduzir a elaboração de práticas, vivências e experiências comuns. O conceito de campo proposto por Bourdieu (1987, p. 33-34) ajudou no entendimento do problema, percebendo como a religião é um aspecto indissociável das relações sociais:

A religião contribui para a imposição dos princípios de estruturação da percepção do pensamento do mundo, e em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.

Pautamo-nos em estudos de Bourdieu (1987), que entende a religião como um sistema simbólico, sendo o campo religioso um lugar de competição por um capital simbólico. Segundo Bourdieu (1987, p. 82), o campo religioso pode ser entendido como um ambiente estruturado de posições onde os agentes envolvidos estão inseridos em uma relação de concorrência. O campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, isto é o interesse religioso que leva os leigos a esperarem por certas categorias de agentes: “ações mágicas ou religiosas”. “Num estado do campo em que se vê por toda a parte, o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2007, p. 7-8).

Segundo Bourdieu, a função social da religião, “Tal como se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificção de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte.”. Isso se justifica porque os fiéis esperam dela uma resposta que justifique sua existência em uma determinada posição social, “em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.” (BOURDIEU, 1987, p. 48).

A religião, como aponta Bourdieu (1987), relaciona-se profundamente com a busca pelas respostas das perguntas que mais intrigam o ser humano ao longo de sua existência, sobretudo no que se refere às transformações da sociedade, mediante as mudanças religiosas que interferem na vida social; como ele cita a seguir:

A religião contribui para a manipulação simbólica das aspirações que tende a assegurar o ajustamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas; reproduz sob uma forma transfigurada, e, portanto, irreconhecível, a estrutura das relações econômicas e sociais vigentes em uma determinada formação social (BOURDIEU, 1987, p. 46).

Segundo alguns estudiosos, a exemplo de Ferretti (2007), a religiosidade popular brasileira tem fundamento histórico católico. Em vista disso, o conceito de inculturação torna-se mais aceitável, com forte influência indígena e africana, que “acentua entre outros



elementos a festividade, a música e o culto aos antepassados.” (FERRETI, 2007, p. 1). O conceito de inculturação prevalece aceitável na esfera religiosa, pois, segundo Santos Filho (2012), foi um termo criado pela ala progressista da Igreja Católica. Porém, este termo denota uma conotação negativa para a ala conservadora eclesiástica, conforme pontua Santos Filho (2012, p. 67):

Terminologicamente falando, a alta hierarquia deu nome à religiosidade popular, mas não deu à inculturação. Por isso, pergunta-se: por que as expressões “fé inculturada”, “liturgia inculturada”, enfim, inculturação, incomodam a hierarquia, ao passo que a expressão “religiosidade popular”, não?

Santos Filho (2012), ao analisar as terminologias de origem cristã, mostra-se indignado com a alta hierarquia eclesiástica que nega ou se incomoda com os termos “inculturação” e “fé inculturada”, visto que tais termos foram criados pela ala conservadora da Igreja Católica. Em vista disso, Ferreti sugere substituir o termo “religiosidade popular” por “religiosidade tradicional”, pois o conceito de inculturação aplicado às religiões afro-brasileiras não representa um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma resignificação de significados e uma “circularidade de culturas”. “Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores destas religiões também trouxeram da África e eles e seus descendentes ampliaram no Brasil.” (FERRETI, 2007, p. 10).

Os componentes do Grupo Reisado de Cabaceiras apropriaram-se dessa contribuição que faz parte do ritual do Grupo. A apropriação de diversas práticas constitui elemento essencial de todas as formas de religião e está muito presente na religiosidade popular, seja nas procissões, seja nas comemorações dos santos, seja nas diversas formas de pagamento de promessa. Couto (2010), ao analisar o sincretismo afro-católico, deu ênfase a como se mesclaram os elementos de diversas culturas. Segundo Couto (2010, p. 58), no Brasil, durante a Colônia e o Império, fazia parte do projeto de evangelização consentir as danças e os cânticos indígenas e africanos durante as cerimônias religiosas do Catolicismo:

O clero acreditava que a permissão para que os escravos fizessem os seus batuques e cantassem em suas próprias línguas nas proximidades das igrejas significava uma etapa para a evangelização. Afinal os colonizadores, muitas vezes, encaravam as manifestações apenas como divertimento de negros nostálgicos, estes por sua vez aproveitando as brechas das festas católicas para disfarçadamente cultuar os orixás.

Apesar de não ser o propósito da Igreja Católica, as práticas indígenas e os cultos afro permaneceram e ganharam força impetuosa, esta que se manifestava através dos sentimentos ou da sua intensidade, em que os negros disfarçavam durante os festejos católicos.

Percebemos, em torno dos festejos religiosos realizados pelos católicos em Conceição do Coité, a influência da religião afro-brasileira, em que tais tendências inculturadas fazem acompanhar “por um processo de sistematização das práticas e das representações, uma vez que “a religião, e em geral todo sistema simbólico, está predisposta a cumprir um papel de associação e dissociação, de distinção, um sistema de práticas e crenças” (BOURDIEU, 1987, p. 43); que dão sentido às pessoas que vivenciam determinadas práticas. A religião se faz presente e ativa nas relações sociais, nos aspectos e nas práticas religiosas, ganhando dimensões em cada esfera da sociedade, onde os sujeitos se apoderam dando-lhe formas e sentidos. A religião é um importante veículo de linguagem, sendo, portanto, uma base de comunicação para diversos fins, inclusive, contestar perante uma causa social, amenizando-a. Este instrumento indispensável para a contribuição das linguagens é definido por Alves (1984 p. 9-10):

A religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros e também gestos, como os silêncios, os olhares, reza as encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações.

Segundo Alves (1984, p. 12), “é necessário reconhecer a religião como presença invisível, sutil, disfarçada, que constitui num dos fios com que tece o acontecer do nosso cotidiano.”. Para além do aspecto sagrado em que se configura uma relação entre fiéis e o divino e em que os grupos humanos apelam ao sobrenatural para explicar as relações com a natureza, a religião assume outras funções que motivam os comportamentos individuais e coletivos, como também sociais, inclusive na construção de rituais e de devoções, como uma festa religiosa que se transformou em empreendimento e em entretenimento, mercantilizada pelos órgãos públicos, tal qual o Reisado de Cabaceiras.

A religião configura-se numa maneira de expressão própria de um grupo social, pois permeia as relações sociais, quando dribla estruturas políticas e sociais, inserindo-se em diversos espaços através de suas experiências e de seus saberes vividos; como o Grupo

Reisado de Cabaceiras, um grupo religioso rural que, utilizando algumas estratégias, sobressaiu-se na sociedade coiteense.

Ora, a religiosidade popular, conforme pontua alguns historiadores, é o aspecto por excelência para se estudar as culturas pela riqueza dos elementos simbólicos que encerram, na medida em que possibilita a ampliação do conhecimento historiográfico sobre a região sisaleira, bem como pelo fato de o município de Conceição do Coité ainda ser muito pouco visitado pelos historiadores. Estudar as Festas de Reis da sociedade coiteense é adentrar nas práticas religiosas, nos costumes e nas relações sociais de um grupo de fiéis católicos, trabalhadores rurais, afrodescendentes, que garantiram espaço no cenário cultural da sociedade e, ao mesmo tempo, dialogaram com outras manifestações religiosas existentes na região.

Segundo Andrade (2008, p. 28), “no Brasil, as festividades aos Reis Magos passaram por diversas mudanças adquirindo características regionais, locais e, por vezes, étnicas”. Sendo assim, cada região festeja de maneira distinta, adquirindo elementos próprios da cultura do lugar e denominações diversas criam e demonstram suas representações. Cascudo (1984, p. 50), ao tratar das danças dramáticas do Brasil, aborda algumas denominações.

O Baile Pastoril, que chamamos pelo Nordeste “Lapinha”, é uma representação dramática em louvor do nascimento de Jesus Cristo, série e pequenos quadros, cenas bíblicas ou simbólicos duetos, diálogos entre o amor e o ódio, a ingratidão, figurando personagem de caráter permanente como o Anjo.

Segundo Cascudo (1984), as festividades dramáticas que foram trazidas pelos europeus e se mantiveram no Brasil têm como foco principal a celebração do nascimento de Cristo. Contudo, a sensação reconhecível do sambadores, esses homens que têm como rotina o trabalho árduo sob o sol ardente e que lidam com a terra para sustento da família, é perfeitamente cristã.

Nascimento (2009, p. 33), ao estudar as festas de Reis na Chapada Diamantina, considera o ambiente rural um espaço propício para elaboração de tradições: “Entendo a Festa de Reis de Piatã como uma representação dos sujeitos sociais que têm a roça como referência. Não se trata de afirmar que a Sede esteja alheia a tudo isso e sim tomar a roça como ambiente propício para a elaboração das tradições.”.

Para além desses sentidos, a festa possibilita ao pesquisador não apenas os momentos festivos de uma localidade, mas também as vivências cotidianas que se articulam através de

sua organização e realização. Por meio das festividades, é possível perceber os comportamentos, as representações e as visões de mundo de uma sociedade. Além do momento de prazer, as festas guardam os costumes e as especificidades culturais. Pesquisar a Festa de Reis em Conceição do Coité permite-nos registrar a história, resgatando a memória numa representatividade acadêmica de homens e mulheres que, anonimamente, mantiveram as tradições culturais.

## **PROBLEMÁTICA**

A problemática central é analisar as relações entre as práticas dos reisados cabaceirenses e a religião de matrizes africanas, principalmente o Candomblé e a Umbanda, tendo em vista que, em outras localidades do sertão baiano, os festejos de Reis foram mesclados com aspectos de outras religiosidades, inclusive a afro-brasileira. Em Conceição do Coité, os adeptos ao catolicismo ou, ao menos, alguns interlocutores do Grupo de Reisado, demonstraram experiências no que tange à inculturação. Como e em que aspectos o Grupo Reisado de Cabaceiras, uma festa tipicamente católica, apropriou-se de elementos da religião de matrizes africanas? Como as peculiaridades do campo religioso coiteense permitiram tais ressignificações? Ao se transplantar para a sede do município de Coité, o Reisado de Cabeceiras sofreu transformações? A busca de visibilidade e de espaço na mídia ocasionou ressignificações e adaptações aos rituais da festa natalina?

Num contexto de mudanças na sociedade, em que a modernidade chegou atropelando e modificando algumas formas de viver, o Grupo de Reisado de Cabaceiras acompanhou algumas práticas e equipamentos mais sofisticados. Esse Grupo buscou meios para que ocorressem algumas adaptações, sobretudo pensando em ganhar mais visibilidade. É importante tentar compreender os interesses dos integrantes do Grupo em abranger mais espaços, refletindo como as autoridades (civis, eclesiais e municipais) contribuíram para que os grupos religiosos e populares tivessem mais espaços.

## **REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

As festas religiosas, já no período colonial, em Salvador (BA) e em outras localidades do sertão, constituíam em espaços propícios à sociabilidade, permitindo aos negros

desenvolverem suas expressões, associando os cultos e as festividades católicas às características africanas. As festas expressam visões de mundo de um povo. Mas, para compreender os significados dos festejos coiteenses para os diversos segmentos sociais, torna-se necessário acompanhar a trajetória dos mesmos e identificar seus significados e seus agentes organizadores e patrocinadores.

A pesquisa foi desenvolvida no povoado de Cabaceiras. Nesta pesquisa, optou-se por realizar um estudo qualitativo, que consiste no levantamento de informações e no estudo a respeito do significado dessa prática cultural de caráter religioso e festivo para os moradores dessa comunidade; visto que a festa não revela apenas os momentos festivos, mas também as vivências cotidianas, suas identidades e tensões. “No depoimento dos velhos quando voltar suas atenções para o presente, é passível de incontáveis análises. Há toda uma reconstrução idílica do passado, que, de certa maneira, está relacionada à própria inserção do idoso na sociedade.” (LE GOFF, 1984, p. 137).

A História Oral como aporte metodológico é imprescindível para abordar o tema, pois, para registrar a dinâmica da Festa de Reis de Cabaceiras, necessitamos dos relatos dos reiseiros sobre as transformações da festa. Neste sentido, foram realizadas visitas prévias aos possíveis entrevistados, com a finalidade de explicar o objetivo da pesquisa e de solicitar a gravação das entrevistas. As falas dos interlocutores não sofreram nenhuma alteração, estão mantidas no texto exatamente da forma e do jeito de falar de cada depoente. O primeiro contato teve como finalidade estabelecer uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado e só posteriormente foram realizadas as entrevistas com o uso de gravador.

O foco e as questões específicas desta pesquisa fazem parte do tempo recente, em que a circulação religiosa, as estratégias e os sujeitos analisados estão vivos, por isso ainda são temas em aberto. Os adeptos ao Reisado nasceram no universo religioso da Igreja Católica, herdaram funções que, nos primórdios, foram exercidas por seus pais biológicos e também sacerdotes carismáticos. Os depoimentos foram necessários para se compreender como se configuraram as relações familiares quando a festividade do Reisado de Cabaceiras começou a ser difundida na Região Sisaleira.

Maia considera a História Oral um processo inovador, uma vez que esta compreende possibilidades multidisciplinares, envolvendo a memória dos sujeitos na e da História. “A história oral é, portanto, um trabalho de história memória, pois são os homens os objetos/sujeitos deste trabalho.” (MAIA, 2000, p. 14). Nessa perspectiva, a História Oral torna-se um instrumento imprescindível, uma vez que dá vozes aos envolvidos na História, configurando uma identidade.

Ainda conforme Maia (2000, p. 14-15),

A história oral recupera o criador de história que habita cada um de nós. Nesse caminho do individual ao coletivo, encontra-se esse personagem: o contador de história. Ele não só é portador de uma história como também, enquanto narra sua história de vida, cria e recria a história de seu povo, de sua classe, de sua cidade natal, dos espaços em que viveu ou vive de sua nação.

Há um entrecruzamento constante entre as memórias individuais e a memória do grupo. Sob esta perspectiva, é interessante o uso do conceito de “etnotexto”, feito por Gandon (2005), em referência aos estudos do Projeto História dos Bairros de Salvador e com a comunidade itapuãzeira. O termo é definido como “documentos reveladores do discurso de uma comunidade ou um grupo religioso que elabora quando fala sobre si” (GANDON, 2005, p. 229). É através da análise deste discurso a muitas vezes que o pesquisador consegue, às vezes, delimitar uma memória coletiva. Portanto, segundo Gandon (2005), todos os textos orais e escritos e também as transcrições de textos orais, literários ou não, que tenham valor de informação histórica, etnológica e linguística, são etnotextos. Deste modo, deve-se considerar que, quando se trata de pesquisas com fontes orais, abrange uma diversidade, a qual marca a História Oral, uma vez que o historiador vai se deparar com uma diversidade de versões sobre um mesmo tema estudado.

Gandon (2005, p. 229) considera que, para além de questionável, a oralidade torna-se um bom instrumental norteador de pesquisa, pois se inclui “o conceito de etnotexto, uma vez que, é pertinente e bastante adequado para estudos sobre tradição, memória e identidade cultural, inclusive aqui no Brasil.”. Concordamos com Gandon (2005), quando ela destaca a combinação das várias versões, dos múltiplos textos, os quais correspondem à realidade de certo contexto vivido em que os sujeitos vivenciaram e vivenciam determinado momento histórico em tempos diferentes. O uso das fontes orais abriga a possibilidade de conservar e de transmitir fatores históricos que marcaram a vida de grupos, muitas vezes sem nenhum registro escrito. Portanto, a História Oral é comparada a um filtro, pois retém e armazena as informações e as experiências que mais marcaram e que são selecionadas, para recuperar suas próprias trajetórias sociais.

Bosi (1994, p. 49) destaca a memória-hábito, a qual faz parte do adestramento cultural do ser humano, compreendendo-se a atenção e a repetição dos gestos ou palavras, o que resulta em uma socialização que:

Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. Graças à memória-hábito, sabemos “de cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras de etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir o automóvel, o costurar, o escrever a máquina, etc.

Diante do supracitado, torna-se patente que a fixação da memória advém dos aparatos inseridos na sociedade: família, Igreja, escola; fazendo a percepção do presente, em que os acontecimentos do passado são interpretados, perante uma operação coletiva, que define e reforça o sentimento de pertença de um grupo, pois a referência do passado é revivida, mantendo a união dos grupos e de instituições que compõem uma sociedade; além disso, define o lugar respectivo, a complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. A narrativa é viva, vibrante, eufórica, e “só conta uma História quem está disposto a viver-lhe a vibração incontida, transmitindo-a ao ouvinte ou ao auditório.” (CASCUDO, 1984, p. 232).

Soares (2009, p. 127) afirma que a História e a “[...] memória são vias paralelas de acesso ao passado, partilhando, assim, um mesmo campo e muitas vezes a mesma tarefa: fazer lembrar, bloquear o esquecimento.” O passado oferece as condições para que novas identidades e novos sentidos sejam elaborados por novos sujeitos com perspectivas e olhares outros. Assim, ao se pensar a Festa dos Santos Reis como uma tradição dos moradores de Cabaceiras, faz-se necessário compreendê-la em função dessa dinâmica de reinvenção de suas práticas e elementos, e não como sobrevivência de suas características ossificadas pelo tempo.

Santana (1998) exalta a História Oral, evidenciando sua importância, uma vez que abre alternativas de captar o vivido no interior de uma cultura predominantemente matizada pela oralidade. Esta permite também visualizar reflexões, articulando diversas dimensões do dia a dia com a preocupação de fazer uma história vista de baixo. Pensar a produção do conhecimento histórico leva-nos, obrigatoriamente, a considerar informações acerca da forma de pensar e de agir de uma determinada sociedade, bem como a sua construção. A História Oral é uma metodologia que torna discutíveis as experiências e o vivido.

A festa tem o poder de evidenciar não apenas características das celebrações festivas, mas, também, elementos marcantes dos modos de vida dos sujeitos que a elaboram, bem como as características do momento histórico em que se celebra uma expressão de fé e de diversão. Demonstram fortes laços com a tradição religiosa, em que as ações ou as práticas dos fiéis da religião ou da religiosidade popular, integradas, asseguram a cura dos males, o descanso do árduo trabalho, uma quebra de rotina diária e a manutenção do elo entre as pessoas, numa caracterização de que ali é parte da sua própria vida, já que elas são carregadas de suas histórias vividas por longas épocas, caracterizando uma tradição local. Como afirma

Hall (2000, p. 51), “[...] Ao produzir sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.”.

Hall (2000), ao discutir identidade cultural, esclarece que a mesma se torna desvinculada, desalojada de tempo, lugares, Histórias e tradições específicas, e parece flutuar livremente. Deste modo,

As identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2000, p. 7).

[...] O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2000, p. 13).

As identidades são formadas e transformadas no interior das representações de cada grupo, de modo que as identidades mudam ou entram em crise, uma vez que, como conceitua Hall (2000), este é um campo complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido nas Ciências Sociais, ou seja, a sociedade transforma a estrutura de identidade, tornando-a fragmentada e não resolvida, o que faz com que o sujeito assuma identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

Nessa trajetória, notamos o poder da oralidade de sistematizar e de transmitir os fatos e os conhecimentos armazenados na memória humana. Além disso, esses relatos podem notificar e articular relações com os documentos oficiais, os quais, no fluir da temporalidade, foram condizentes com o Livro de Tombo e com os Periódicos locais.

A dissertação está dividida em 03 (três) capítulos: no primeiro deles, fizemos uma breve apresentação acerca da implantação do catolicismo em solo brasileiro, o qual foi se moldando e se configurou como religiosidade popular, e acerca das relações na sociedade, nas práticas devocionais e os festejos; para, em seguida, tratarmos da estrutura do campo religioso em Conceição do Coité e da gênese da festa de Reis. Analisamos a trajetória do Grupo Reisado de Cabaceiras, a partir de seus primeiros festejos, e a composição social desse Grupo, destacando como, diante dessa religiosidade do catolicismo popular, o reisado se firmou na sociedade coiteense; destacando como se deu a relação entre o Grupo de Reisado e as religiões de matrizes africanas.

No segundo capítulo, analisamos o caminho itinerante do Grupo Reisado de Cabaceiras para a sede do município de Conceição do Coité, buscando analisar as relações de



trabalho e o meio de sobrevivência dos reseiros, ressaltando as primeiras fantasias, os motivos e as estratégias dos sambadores para se inserirem no espaço urbano, bem como as relações e o olhar das autoridades eclesiásticas para afirmação das práticas religiosas. Buscamos compreender o novo sentido da festa e a união do sagrado e do profano na folia do Reisado.

No terceiro capítulo, ressaltamos as modalidades do Reisado de Cabaceiras, dando ênfase ao que as canções e as composições do Grupo revelam, bem como ao papel e às relações de poder do líder, Sr. Geraldo Henrique das Mercês; e, ainda, à atuação do grupo no setor urbano, principalmente quando se trata dos Reis de Corrida, discutindo as transformações e a estrutura da festa, além do sentido que a festa se revestiu após a inserção no ambiente urbano de Coité, principalmente para os membros do grupo, apontando o olhar das autoridades municipais sobre as práticas e os rituais que interessavam aos governantes entre 1965-2005. Também destacamos os produtos do Grupo, de circulação na indústria cultural, e a busca de visibilidade diante da mídia.

## FONTES

Este trabalho está baseado em três tipos de fontes: as impressas e manuscritas, as orais e as iconográficas. Dos documentos impressos, temos os livros de memorialistas.

### IMPRESSOS

- Periódicos Locais: *O Coiteense* (1969, 1970-71, 1987); *Tribuna Coiteense* (1990, 1996); o *Jornal O Sertão* (2002, 2006) – os quais evidenciaram a atuação de grupos culturais no município de Conceição do Coité e a participação das autoridades municipais contribuindo a favor dos populares, representando a atuação do Grupo Reisado de Cabaceiras.
- Recortes de Jornais: *A Prensa* (1985) e *A Tarde* (1969), que circularam em nível regional e nacional, disponíveis no Centro de Documentação do Campus XIX (CEDOC), da UNEB, em Conceição do Coité, os quais trouxeram informações sobre as ações das autoridades municipais, principalmente sobre a Semana da Cultura, que acontece na primeira semana do mês de julho, findando no dia 7 de

julho, data da emancipação política de Conceição do Coité. Estes periódicos trazem reportagens sobre apresentações do Grupo Reisado de Cabaceiras.

## MANUSCRITOS

- Livro de Alvará da Prefeitura Municipal de Conceição do Coité, disponibilizando as Licenças Municipais, o qual nos informa as regras adotadas pelas autoridades municipais em controlar a ordem da cidade da década de 1970, 1980 e 1990.
- Livro de Leis da Prefeitura Municipal de Conceição do Coité, informando algumas leis que foram decretadas visando a contribuição das autoridades municipais em prol da cultura.
- Livro de Atas da Câmara de Vereadores de Conceição do Coité. Atas de 1965 a 2000, apresentando Projetos de Leis do município. Nelas podemos sinalizar a importância do Pe. Luiz Rodrigues, em diálogo com autoridades municipais e discussões de cunho social.
- Certificado de Apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras, concedido por entidades não governamentais, como o Movimento de Organização Comunitária (MOC), o qual luta pelo fortalecimento de organizações e instituições populares.
- Ata da Criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, ressaltando a ereção da Capela de Nossa Senhora da Conceição do Coité.
- Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de 1855-2005.

## MEMORIALISTAS

Livros que apresentam informações relevantes acerca da origem do Município de Conceição do Coité, tratando da sua economia, da sua educação e da sua religiosidade:

- Barreto (2007);
- D’Vilanova (2011);
- Lopes (2006);
- Oliveira (2002, 2003).

## ORAIS

Entrevistas dirigidas aos componentes e aos ex-integrantes do Grupo Reisado de Cabaceiras, bem como a adeptos ao festejo, a memorialistas e a empresários:

- **1º momento:** Geraldo Henrique das Mercês – 55 anos, líder do Grupo Reisado de Cabaceiras e organizador da festa – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras em 08 de julho de 2011;
- **2º momento:** Geraldo Henrique das Mercês – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 15 de janeiro de 2012;
- **3º momento:** Geraldo Henrique das Mercês – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de junho de 2012;
- **4º momento:** Geraldo Henrique das Mercês – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014;
- Luiz Pinto de Oliveira – 75 anos, aposentado, integrante do grupo, cantor que faz a segunda voz com Geraldo das Mercês – entrevista concedida em sua residência no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012;
- Alderino Carneiro de Oliveira – 82 anos, aposentado, participante da Festa de Reis – entrevista concedida em sua residência, situada no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013;
- Florêncio Barbosa Gonçalves – 72 anos, empresário no ramo de joias e participante da Festa de Reis – entrevista concedida em sua Loja Joalheria e Ótica Barbosa (JOB), situada no Centro de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013;
- Armando dos Santos Oliveira – 60 anos, vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras, funcionário público – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013;
- Gregório Alves dos Santos – 84 anos de idade, ex-membro do Grupo de Reisado de Cabaceiras – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013;
- Saturnina de Oliveira Brito – 71 anos, dona de casa, aposentada, participante da Festa de Reis – entrevista concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013;
- Vanilson Lopes de Oliveira – 57 anos de idade, memorialista – entrevista concedida em sua Clínica Clin, na Rua Bailon Lopes Carneiro, 138, Centro, Conceição do Coité, em 28 de agosto de 2014;

- Zacarias das Mercês – 75 anos, ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras – entrevista concedida em sua residência, em Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015;
- Sofia Oliveira das Mercês – 76 anos de idade, dona de casa, aposentada como trabalhadora rural – entrevista concedida em sua residência, Centro, Conceição do Coité, em 12 de janeiro de 2015;
- João Isidoro Silva Nascimento – 57 anos, Babalorixá – entrevista concedida em sua residência, Centro, Conceição do Coité, em 07 de dezembro de 2015;
- Arcanja dos Santos Silva – 72 anos, Yalorixá – entrevista concedida em sua residência, situada na Rua Maximinimo Madureira, Conceição do Coité, em 10 de dezembro de 2015.

## ICONOGRÁFICAS

Analizamos as letras das canções de CDs e DVDs, produzidos pelo Grupo, as quais revelam temas pertinentes e a visão de mundo dos reiseiros:

- CD, v.1, do Grupo Rezado de Cabaceiras, Cyberela Studio, 2000;
- CD, v.2, do Grupo Rezado de Cabaceiras, nº 10, 2002;
- CD, v.3, do Grupo Rezado de Cabaceiras, 2005;
- DVD, v.1, do Grupo Rezado de Cabaceiras, 2005.

## MÚSICAS

- MERCÊS, Geraldo Henrique das. **Lembrando a sua infância**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.3. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Vou embora da Bahia**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.2, 2002. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Devoto do Divino**. Reisado de Cabaceiras. CD, v.1, 2000. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Eu vi levantar poeira**. CD, v.1, n. 6, 2000. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Agora vou falar na Bahia e no Brasil**. CD, v.2, n.10, 2002. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Seguro nas mãos de Deus**. Reisado de Cabaceiras. CD, v.1, n.5, 2000. (Produção independente).

- \_\_\_\_\_. **Bahia minha terra natal**. CD, v. 2, n.4, 2002. (Produção independente).
- \_\_\_\_\_. **Nós somos todos irmãos**, CD, v. 1, n.4, 2000. (Produção independente).

## CAPÍTULO I

### A FESTA DOS SANTOS REIS NO SERTÃO DA BAHIA

Neste capítulo, buscamos apresentar como se configurou o campo religioso em Conceição do Coité, que se moldou na religiosidade popular, nas práticas devocionais, apresentando a gênese da Festa de Reis, sua dinâmica a partir de seus primeiros festejos, destacando quem eram esses sujeitos que compunham o Grupo de Reisado de Cabaceiras, e as relações ou diálogo inter-religiosos do Grupo com as Religiões afro-brasileiras.

#### 1.1 O CAMPO RELIGIOSO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ

A cidade de Conceição do Coité recebeu influências da Igreja Católica, que, desde os primórdios da colonização no Brasil, firmou-se como suporte ideológico da coroa portuguesa na legitimação da exploração econômica da terra, privando a liberdade ou a autonomia dos autóctones em meio à escravidão dos africanos. Sua hegemonia foi predominante em Conceição do Coité e em toda Região Sisaleira.

A construção da capela de Nossa Senhora da Conceição tornou-se um marco importante, iniciada em 1756, nas terras ofertadas por João Benevides. Essa referida Santa tornou-se a padroeira da cidade e, devido à facilidade de acesso, a Fazenda Coité desenvolveu atividades do comércio. Depois da construção da capela, começaram a realizar, sempre às sextas-feiras, uma pequena feira livre ao redor da cidade, que movimentava toda a população e perdura até hoje.

Oliveira (1993) enfatiza que o grande movimento econômico iniciou-se na década de 1940. O cultivo do sisal foi muito fecundo no município de Coité, o qual se tornou uma alternativa para a sobrevivência no sertão baiano, uma vez que as plantações se adaptam bem ao solo e são resistentes à seca. Foi neste cenário que as primeiras expressões de Festa de Reis iriam se apresentar. A devoção aos Santos Reis está presente em vários locais, principalmente na zona rural do município de Conceição do Coité, merecendo destaque os festejos realizados no bairro de Terra Nova, nos Distritos de Juazeirinho e de Salgadália, e nos povoados de Italmar/Almas e Cabaceiras, nosso campo específico de estudo.

Após pertencer a vários municípios da região, Conceição do Coité conquistou definitivamente a sua independência e se tornou cidade em 07 de julho de 1933. No *Diário*

*Oficial do Estado da Bahia* (1933, n.p.), ano XVIII, 45, da República n. 200, encontram-se os decretos quanto ao restabelecimento das denominações dos nomes de Conceição do Coité:

Decreto n. 8.528, de 7 julho de 1933, restabelece a denominação de Conceição do Coité para o atual município de Jacuípe. O interventor Federal no Estado da Bahia, no uso de suas atribuições e atendendo à necessidade de evitar a confusão de nomes, consequente do recente restabelecimento do município de Riachão do Jacuípe: decreta: Art. 1º Fica estabelecida a antiga denominação de Conceição do Coité, para o atual município de Jacuípe. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado da Bahia, 7 de julho de 1933, – (Assinados) – Juracy M. Magalhães.<sup>5</sup>

Sobre a sua formação administrativa e o processo de desmembramento de Vilas e sua constituição em municípios, constam, na “Enciclopédia dos municípios brasileiros”, as seguintes informações:

Distrito criado, com a denominação de Conceição do Coité, pela Lei Provincial n.º 539, de 09-05-1855, subordinado ao município Riachão de Jacuípe. Elevado à categoria de vila, com a denominação de Conceição do Coité, por Ato de 18-12-1890, sendo desmembrado de Riachão do Jacuípe. Sede na antiga povoação de Conceição do Coité. Constituído do distrito sede. Instalado em 30-12-1890. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila aparece constituída de 2 distritos: Conceição do Coité e Arraial do Valente. Pelo Decreto Estadual n.º 7.455, de 23-06-1931, é extinta a vila de Conceição do Coité, sendo seu território anexado ao município de Riachão de Jacuípe. Pelo Decreto Estadual n.º 7.479, de 08-07-1931, o distrito de Conceição do Coité deixa de pertencer ao município de Riachão de Jacuípe para ser anexado ao município de Jacuípe, criado pelo mesmo Decreto. Foi elevado novamente à categoria de município com a denominação de Conceição do Coité, pelo Decreto n.º 8528, de 07-07-1933, sendo desmembrado de Jacuípe. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Conceição do Coité, Retirolândia e Salgadália. Em divisão territorial datada de 2014 o município é constituído de 6 distritos: Conceição do Coité, Aroeiras, Bandiaçu, Joazeiro, São João e Salgadália.

Quanto ao povoado de Cabaceiras, que fica a 10 km da sede do município, chamava-se Fazenda Floresta. O memorialista Orlando Barreto relatou que

esta comunidade foi desmembrada da Fazenda Santa Rosa em 1925, quando o Sr. Primo Feliciano da Silveira, comprou a propriedade dos netos de Eustórgio Pinto da Silva, terras essas que haviam sido doadas por D. Felipa. Nisso, o Sr. Primo (primeiro morador da comunidade) denomina a

---

<sup>5</sup> Encontramos este documento com o memorialista Sr. Orlando Matos Barreto, residente em Conceição do Coité, Bahia.

localidade de fazenda Cabaceiras devido à grande quantidade de pés de Cabaceiras, planta que dá cabaça.<sup>6</sup>

A sociedade coiteense contou com a hegemonia religiosa do catolicismo, o qual foi implantado simultaneamente com a Freguesia da Conceição do Coité. Na Ata da Criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, consta, no Art. 1º, que “A Capela Nossa Senhora da Conceição do Coité, fica ereta em freguesia, digo filial de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe, fica ereta em freguesia com a mesma invocação e orago.” (CENTRO..., 1855, p. 1).

Miranda (2009, p. 14) faz uma reflexão da inserção da devoção à Imaculada Conceição:

O Município de Conceição do Coité desde sua origem tem grande devoção pela Imaculada Conceição, esta que é a padroeira da cidade. A religiosidade popular considera que o nome da cidade se deve ao fato desta ter aparecido nas proximidades da Fazenda em cima de um pé de coité, dessa forma “Conceição” referindo-se a santa e “Coité” ao fruto da cuitzeira. Sendo que a festa tradicional em devoção à Santa foi oficializada no dia 08 de dezembro de 1882, através do padre Madureira, e que se tornou uma das mais populares festas da cidade.

A fé católica foi a primeira a ser implantada em Conceição do Coité, onde os fiéis tomaram como devoção e padroeira Nossa Senhora da Conceição, bem como elegeram 08 de dezembro a data para homenageá-la, o que compreendeu a maior festa da Cidade, a qual perdura até os dias atuais. A Igreja Católica em Conceição do Coité foi fruto dos movimentos missionários, estes que, com o apoio dos Jesuítas, construíram uma capelinha bem no sítio de Pindá (BARRETO, 2007).

Barreto (2007, p.38) ainda acrescenta que: “Em vigor por alguns anos: o Pindá dos Jesuítas e o Coité dos Franciscanos, o Coité crescia, o Coité desvanecia.”; e afirma que o papel dos missionários foi primordial para a formação de povoamentos no sertão da Bahia:

Os Padres Jesuítas que chegaram ao Brasil na comitiva do primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, em 1549, e os que chegaram depois contribuíram de forma valiosa para a expansão dos trabalhos de povoamento fundando missões, aldeias e vilas pelo Brasil afora, inclusive no interior da Bahia. Uma dessas missões foi a Missão de São João da Água Fria, que transformava em Vila (1717), exerceu grande poder jurídico-religioso no sertão. Água Fria foi uma espécie de Quartel General dos jesuítas para a

---

<sup>6</sup> Encontramos essas informações com o memorialista, Sr. Orlando Matos Barreto, residente em Conceição do Coité, Bahia.



fundação de novas comunidades, inclusive a Capela do Pindá. (BARRETO, 2007, p. 62).

Sua descrição ressalta a vinda e os méritos dos missionários em terras brasileiras, enquanto propagadores da fé católica, da expansão e da formação de vilas na Região Sisaleira. As missões foram peças cruciais para a moldagem do catolicismo popular brasileiro, conforme pontua Silva (1982, p. 15):

Foram as missões itinerantes as responsáveis pela tarefa de doutrinação, numa ótica de acentuado rigor penitencial e escatologia apavorante. Esses aspectos, provavelmente, concorreram na formação singular do viver cristão, a um só tempo autônomo e supletivo, dependente do conservador, seletivo e interpretativo.

Estas missões contribuíram para a inserção da fé católica em terras coiteenses. Na narrativa de Barreto (2007), ficou explícito que, além da passagem dos Jesuítas pela Vila de Conceição do Coité, outras missões, como os Capuchinhos e os Franciscanos, também contribuíram para disseminar a fé católica. Em *O Noticiador Catholico* (1850, p.178), ficaram demonstradas a atuação dos capuchinhos e as condições do espaço institucional:

Numa povoação de umas vinte e cinco casas, denominada Coité encontrei uma bela igreja, filial da Freguesia da Serrinha. A Capella, de um exterior agradável, obra do incansável Missionário Fr. Apolônio, religioso capuchinho, principia a cahir em ruínas pelo abandono em que se acha pois, além de tudo, por uma ali essas exquisitas demarcações delimites, o lado da povoação em que achão a loda as casas, pertence a uma outra freguesia, que não a do lado em que se acha a Capella. A povoação do Coité he o ponto inevitável de passagem de todos os viajantes do sertão: a falta de um sacerdote e ali he geralmente sentida pelos habitantes do lugar, e dos arredores, que a sua euslaja alii tiveram um, que, infelizmente, pouco durou, por ser chamado a pagar o tributo de nascido. Com quantos conversei, só não vi que não deplorassem a perda do Sacerdote, e a sua prematura morte, e não me pedissem para ficar entre eles, he de lamentar a falta extraordinária de Sacerdotes, que se experimenta no interior.

“As missões do século XIX, realizadas no interior, especialmente no sertão baiano, onde a ausência de padres era constante, despertavam o fervor popular.” (COUTO, 2010, p. 80). As missões serviram como meios para se moldar a religiosidade popular dos sertanejos. O sentimento religioso era manifestado através das procissões, das devoções, do diálogo inter-religioso visíveis nos festejos aos Santos Reis. “O culto católico nesse sertão encontra seu equilíbrio nos dois momentos fortes da sexta-feira da paixão e do natal, alimentados muito mais por uma tradição leiga, em regime de diáspora, do que pelo efetivo pastoreio do setor

institucional da Igreja.” (SILVA, 1982, p.76). As santas missões também aconteceram em Conceição do Coité, a exemplo de uma avaliação feita em número de confissões, comunhões e crismas, conforme atesta o Livro de Tombo da Freguesia de Conceição do Coité (1855, p. 5).

No dia quinze de maio de 1875, os reverendíssimos padres e capuchinhos, freis Paulo de Casa Nova e João de Montemarciano, a convite do padre Madureira, abriram nesta freguesia a Santa Missão, encerrando-a no dia vinte do mesmo mês, tendo administrado a Santa Crisma a 800 pessoas.

Mesmo passageira, conforme atestou o Livro de Tombo da referida Paróquia, em menos de 10 (dez) dias as missões dos Capuchinhos, na companhia dos padres, realizaram a crisma a centenas de pessoas. Outras formas de religiosidades fizeram parte do cenário sertanejo, em que os fiéis, na ausência de padres, de templos, recorriam à ocorrência de oratórios em residências particulares, o que pode ser atribuído à escassez de templos religiosos (SANTOS, 2014). “Ainda no século XIX e início do século XX, nas regiões mais longínquas era costume possuir pequenos altares e oratórios nas casas como medida de suprir necessidades de oração e cumprimento de ritos religioso.” (SANTOS, 2014, p. 24).

A implantação de outras denominações do Cristianismo, a exemplo dos pentecostais, somou a fé cristã em Conceição do Coité. Sobre sua inserção, Couto (2001, p. 53) mencionou que “a Assembleia de Deus de Conceição do Coité teve sua gênese em 1938, no povoado de Santa Rosa, comunidade situada a nove quilômetros da sede do município, no mesmo ano em que a vila foi elevada à categoria da sede cidade.”.

Almeida (2013, p. 67) ressaltou os objetivos da nova doutrina, principiante na comunidade coiteense:

Foi constatada a importante presença da Assembleia de Deus no povoado de Santa Rosa. A denominação assumiu a liderança no campo religioso da localidade graças a uma pregação centrada na oferta de bens de salvação, prosperidade e aconchego espiritual. Através do discurso assembleiano foram sendo criados novos sentidos e referências de vida, contribuindo, dessa forma, para a formação das identidades dos fiéis. A religião passou, portanto, a ser um forte elemento de integração e de demonstração das expressões coletivas.

O sagrado estruturado através das instituições eclesiais ou composto pelas manifestações vividas pelos fiéis foi peça primordial para a formação histórica da sociedade brasileira. A partir do século XX, iniciou-se a disputa, no campo religioso do município,

através do crescimento evangélico, em torno dos discursos assembleianos. Foram sendo designadas novas representações, contribuindo para aguçar as relações sociais mediante uma inovação de fé baseada principalmente nos bens da salvação e no conforto espiritual.

Silva (2010, p. 105), ao tratar da composição religiosa existente no Brasil, ressaltou que, com a “hegemonia do catolicismo, houve no Brasil uma diversidade religiosa representada por tradições de origem africana, indígena e outras expressões religiosas minoritárias, a exemplo de judeus, islâmicos e protestantes.”

Em Conceição do Coité, as religiões de matrizes africanas também fizeram parte do universo religioso do município. Possivelmente, esta prática, assim como as do Cristianismo com suas denominações, tenha sido implantada e difundida através de ondas migratórias de outras Freguesias. Há registro de Candomblé na região feirense. Senna (2014, p. 124) destaca que: “No Candomblé Católico de Bonfim de Feira, os santos são os guias de orixás. Cada um dos primeiros orienta e determina os papéis do segundo singularmente identificados.”

Além disso, Senna (2014, p. 132) afirma que:

[...] todas essas observações parecem constatar que a nação brasileira, herdou não apenas santos católicos, orixás africanos e encantados índios brasileiros mas, também, tanto os parâmetros individualizados dos primeiros como as noções coletivizados dos segundos e terceiros.

Arcanja dos Santos Silva, 72 anos, que se autodefine como Curandeira e exerce o sacerdócio em seu Terreiro de Candomblé há meio século, residente na Rua Maximínimo Madureira, em Conceição do Coité, natural da cidade de Muritiba, no Recôncavo Baiano, região de Cachoeira, São Felix, narrou os motivos que a trouxeram para a terra coiteense:

A fome e o fracasso, nós viemos sambando para Conceição do Coité, nós chegou aqui. Quando chegamos aqui meu pai foi trabalhar com palha com Antônio do Porção, trabalhar cortando palha, lá era cana, aqui sisal, cortando palha, ai, agora ficamos aqui eu, mas toda vida eu era assim mesmo desde os sete anos que eu trabalho. Vieram todos, dezoito irmãos, vieram tudo, era de cobrir com a lona, nós não tinha casa, não tinha cama, não tinha nada, nós embulhava com a lona, era de rapaz de carro, que deu ao meu pai e nos embulhava.<sup>7</sup>

Durante a trajetória desta pesquisa, e talvez, pela ausência de documentos escritos e oficiais, não conseguimos obter uma data específica sobre a implantação e sobre como se

---

<sup>7</sup> Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira, Conceição do Coité, Centro, em 10 de dezembro de 2015. Curandeira.

moldaram as religiões de matrizes africanas em terras coiteenses. Contudo, deve-se considerar que, assim como a Curandeira Arcanja dos Santos Silva, pessoas oriundas de Conceição do Coité carregaram e desenvolveram seus cultos ainda na infância. Ao solicitarmos à Sr.<sup>a</sup>. Arcanja que falasse sobre sua religião, ela descreveu o seguinte:

Eu amo minha religião, eu gosto dela, está entendendo? Não faço mal a ninguém, não desejo mal a ninguém e tudo o que eu desejo é o bem do povo, agora quem me desejar, e eu sei que a gente, eu não tenho valor, curador não tem valor, cabeça de curador não tem valor, vai fazer o mal, que valor fica? Nenhum, então são puro, e se ninguém gosta de mim, Deus gostando, eu também me gosto, eu me amo, certo, e curador é uma coisa, ele sempre faz o bem, mas não recebe, ele trabalha dia e noite, mas ninguém dá valor não, aqui mesmo em Conceição do Coité ninguém me dá valor.<sup>8</sup>

A prática da religião candomblecista é vista pela Curandeira, Sr.<sup>a</sup> Arcanja, como positiva, uma vez que faz parte de sua cultura. Paradoxalmente, a depoente deixou soar, em seu discurso, um depoimento franco sobre a discriminação que os candomblecistas ainda sofrem na Bahia e no Brasil. Seu relato demonstra que é desvalorizada pela sociedade coiteense. Ao questionarmos como se deu a implantação do Candomblé ou da Umbanda em Coité, a Sr.<sup>a</sup> Arcanja acrescentou:

A minha eu sei, andava pelo mato perdida, mordida de cobra, mordida de cachorro, mordida desses bichinhos de mel, tudo. Mas Deus me abençoou e eu levantei minha cabeça, e minha cabeça erguida, acabou a metade do sofrimento. Comecei com sete anos. As pessoas que via, que podia ensinar o remédio, me procurava, eu chegava na casa dos povo ficava lá fora, não entrava dentro de casa, aí o pessoal perguntava o que era aí eu dizia, ali não tem uma pessoa doente. Aí eu dizia: Dê remédio a fulano. Aí desinchava.<sup>9</sup>

O relato acima descreve o ponto de partida das práticas de cura adotadas pela Curandeira, Arcanja Silva em Conceição do Coité. Isso nos faz entender quais as situações similares a essa em que os orixás se manifestam ainda na infância e que o cenário religioso da sociedade coiteense se ampliou com estas práticas.

O Sr. João Isidoro da Silva Nascimento, 57 anos, Babalorixá, que exerce o sacerdócio em seu Terreiro de Boiadeiro, residente e natural da Fazenda Correia, município de Conceição do Coité, mencionou o início das religiões de matrizes africanas em Conceição do Coité. Para o sacerdote, *essa religião em Coité se inicia de acordo o trabalho da gente e temos que*

---

<sup>8</sup> Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira, Conceição do Coité, Centro, em 10 de dezembro de 2015. Curandeira.

<sup>9</sup> Idem

*sempre ter, ela vai chegando as instruções em nossa mente sempre tem mostrado que tem o ritmo de uma cultura.*<sup>10</sup>. Isso nos leva a percebermos que as práticas de matrizes africanas se concretizaram em Conceição do Coité e se afirmaram através das experiências, dos saberes sacralizados, perpassando temporalidades em busca de espaço para continuar cultuando os elementos da natureza.

O Espiritismo também compõe o campo religioso de Conceição do Coité. O Centro Espírita Luz, Amor de Verdade, “fundado em 28 de novembro de 1965, pelo senhor Mário Melo. Foram também trabalhadores da primeira hora os senhores: Cleto Boaventura, David Souza, Joaquim Silva, Zélia Boaventura, José Rigoberto Carneiro, José Guimarães e outros.” (D’VILLANOVA, 2011, p. 61). Expandiu-se na sociedade coiteense, realizando eventos na sede do município de Conceição do Coité, sobre a coordenação de um de seus fundadores, Cleto Boaventura, 81 anos. A informação a seguir evidencia a atividade do Centro Espírita Luz, Amor de Verdade:

O Centro Espírita Luz, Amor de Verdade, na cidade de Conceição do Coité comemora este mês 48 anos de existência e, como parte das comemorações, oferece a toda comunidade coiteense de todos os credos, o XVII Simpósio Espírita, uma oportunidade para se conhecer de perto o que é verdadeiramente a Doutrina Espírita, codificada pelo cientista francês Allan Kardek. (XVII SIMPÓSIO..., 2013, n.p.).

O tema deste XVII Simpósio Espírita foi o Desabrochar da Mediunidade, um dom que todos possuem com maior ou menor intensidade e é importante saber lidar com esta energia especial.

De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde iremos quando morrermos? Estas são questões para as quais todos desejam respostas e a Doutrina Espírita é capaz de responder, dentro de uma fé raciocinada, uma vez que, o verdadeiro espiritismo é Religião, Ciência e Filosofia.” (XVII SIMPÓSIO..., 2013, n.p.).

A reportagem *Coité- Movimento Você e a Paz com o médium espírita Divaldo Franco reuniu pessoas de várias cidades da região* relatou outra atividade promovida pelo Centro Espírita Luz, Amor de Verdade, em que segue o exemplo de Divaldo Franco (COITÉ..., 2014, n.p.). O Movimento teve início em 1996. Divaldo Franco começou essa peregrinação pela paz em 1996 por Salvador e, de lá para cá, passou por 200 cidades em 15 países.

---

<sup>10</sup> Entrevista com João Isidoro da Silva Nascimento. Concedida em sua residência em Conceição do Coité, Centro, em 07 de dezembro de 2015. Babalorixá.

A cidade de Conceição do Coité no Território do Sisal foi palco de um dos maiores movimentos pela paz em evidência da atualidade, não bastasse a organização de agendas, não só no Brasil, mas em diversos países pelo mundo, o Movimento “Você e a Paz” criado pelo médium espírita Divaldo Pereira Franco, que em uma rica palestra de aproximadamente 1 hora de duração, relatou para centenas de pessoas de Coité e cidades da região o que tem feito para abrir a mente de cada um para viver em paz. (COITÉ..., 2014, n.p.).

A palestra foi realizada no coreto municipal, em frente ao templo da Igreja matriz, que até teve suas luzes acesas. Geralmente só acontece nos festejos da Padroeira e no final do ano, foi montada uma estrutura com toldos, para abrigar as pessoas, mas a quantidade de participantes foi mais que o dobro do espaço reservado, pois, para muitos, para assistir a uma palestra com Divaldo Franco era válido qualquer sacrifício, principalmente para aquelas pessoas que vivem a doutrina espírita e que o conhecem pela sua longa caminhada.

Em se tratando da religiosidade popular, a Festa aos Santos Reis é de origem europeia, cristã, pertence à cultura portuguesa e chegou ao Brasil no início da colonização. No Brasil, as festividades passaram por diversas ressignificações, adquirindo peculiaridades regionais, locais e, por vezes, étnicas. Cada grupo festeja de maneira distinta, adquirindo elementos próprios da cultura do lugar e denominações diversas. É o tempo da festa, porque Jesus nasceu. Jesus Cristo, considerado o personagem central da fé cristã, a Segunda pessoa da Santíssima Trindade que se transformou em homem e morreu na cruz para a salvação da humanidade, segundo os textos devocionais e a Bíblia, livro sagrado dos cristãos.

Segundo Brandão (2010, p. 50), não há informações precisas sobre quando e onde começou a tradição de homenagear os Reis Magos, mas, no Brasil, essa manifestação foi introduzida pelos colonizadores portugueses e espalhou-se por várias regiões da colônia, construindo características próprias em função da região em que se desenvolveu e agregando elementos típicos das regiões, por isso a denominação varia de lugar para lugar, sendo conhecida como “Terno de reis”, “Folia de reis”, “Cortejo de reis” e, em Aldeia, como “Festa dos Santos Reis”. É pertinente ressaltar a denominação dos cortejos de Reis, pois cada comunidade que aderiu a este festejo possui uma História sobre a procedência da festa, bem como valores e características específicas que fazem parte do local.

As festividades que se estendem desde o dia 25 de dezembro até 06 de janeiro no Brasil dedicam-se a relembrar e a representar o nascimento e a adoração do Deus menino pelos Magos do Oriente: Melquior, Baltazar e Gaspar. Andrade (2008, p. 37) enfatiza a importância das festividades no Brasil, destacando que:

Desde o Período Colonial, as festas se apresentam como um momento de mudança, o cotidiano é modificado, os hábitos, os horários, as regras sociais passam a ser restabelecidas. As festas rompem com as normalidades e criam novas formas de ser, transforma o espaço, e as vivências nesses mesmos espaços passam a ser configuradas com base nas normas estabelecidas pelas festividades, uma vez que apresentam um fator bastante influente dentro das sociedades, por abranger a cultura popular, influencia a vida do ser humano no que se refere aos aspectos sociais, culturais e políticos.

Cascudo (1979, p. 759), folclorista que se dedicou aos estudos da cultura brasileira, deu ênfase às festas natalinas realizadas na sociedade brasileira:

Grupos pedintes, os Reis da Bahia na segunda metade do século XVIII, saíram estes homens com vários instrumentos para portas dos moradores de uma vila, cantando para lhes darem os Reis, em Prêmio do que uns lhes davam dinheiros e doces, e frutas. No Brasil a denominação, sem especificação comum maior refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e o Reis. O Reisado pode ser apenas a cantoria, como também atos encadeados ou não.

Diversas são denominações ao Reis: terno, ranchos, grupos de homens ou mulheres que festejam o Natal e o Reis. Silva (1982, p. 69) destacou a importância das festas natalinas: “O Natal é por certo, o maior entre os dias festivos que o cristianismo durante séculos ofereceu à nossa civilização para manter viva a sua história. Confluem nele a memória festiva e a fantasia cheia de esperança”.

As festas alimentam os eventos religiosos e perpetuam as tradições que determinam comportamentos e identidades. Desse modo, pensar as tradições como constitutivas dos sujeitos, resultantes de sua capacidade de inventar e de reinventar, de extinguir e de agregar elementos de acordo com as características do seu tempo, é que possibilita esse dinamismo das tradições festivas, fazendo com que elas se mantenham vivas em novos contextos.

Os festejos aos Santos Reis em Conceição do Coité eram celebrados por diversos grupos de Terno de Reis, pertencentes a localidades diferentes do município, os quais se apresentavam, durante todo o ano, para homenagear os Santos Reis. Os grupos começavam a percorrer casas de amigos e cidades vizinhas, no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro, entoando cantorias. Além de realizar suas ações rituais em âmbito local, organicamente dentro de suas redes de sociabilidades, as Folias de Reis transitaram em outros contextos de natureza variada, revelando mais claramente outras dimensões dessa prática. Suas ações extrapolaram o calendário propriamente festivo católico e fez com que, muitas vezes, as folias estivessem

em atividades ao longo de quase todo o ano, característica que sempre fez parte do Grupo de Reis de Macário.

Os depoentes disseram não lembrar uma data específica de quando o Sr. Macário iniciou a tradição do reisado na comunidade de Cabaceiras. Provavelmente, logo à sua chegada, na década de 1930, à comunidade, pois o mesmo era natural da cidade de Santa Bárbara (BA):

Quando ele chegou aqui nessa região, que ele é de Santa Bárbara no ano trinta e três, ele já estava já morava aqui na região. Teve a seca e tal né, e, ele montou esse grupo, chamou os amigos porque ele na família lá de Santa Bárbara, porque na família dele lá, já havia essa cultura, e aí aqui ele veio embora para cá. Então, aqui ele chamou os colegas e montou o grupo, começaram a cantar.<sup>11</sup>

Ao questionarmos se os festejos de Reis sempre existiram na sede ou na zona rural, Vanilson Lopes de Oliveira, memorialista, declarou: *Quando eu conheci o grupo de Reis, foi sempre aqui na sede e agora quando tinha uma festa né Padroeira, porque aqui em Coité, assim, Nossa Senhora da Conceição, as vezes eles se reuniam para apresentar aqui no coreto, mais sempre apresentava na sede.*<sup>12</sup>

O Grupo de Reisado de Cabaceiras foi iniciado há mais de 75 anos por um morador do Povoado de Cabaceiras conhecido como Macário das Mercês. Com a morte do Sr. Macário, seu filho mais velho, Sr. Zacarias assumiu e liderou o Grupo de Reis, depois passou para outro filho do Sr. Macário, retornou para o Sr. Zacarias, passando para Geraldo das Mercês, filho mais moço do Sr. Macário, e, novamente, para o Sr. Zacarias das Mercês, para, em seguida, passar para Geraldo das Mercês, que perdurou na condição de líder por mais de duas décadas. Os sujeitos da pesquisa, os adeptos do catolicismo, organizaram um Grupo de Reis no espaço rural para festejar o nascimento de Jesus Cristo, o filho de Deus, pois, no imaginário cristão, quando o menino Jesus Cristo nasceu, este recebeu a visita dos três Reis magos: Gaspar, Melchior e Baltazar, os quais levaram os presentes para o menino Jesus Cristo. Deram a Maria, que é mãe de Jesus, Ouro, Incenso e Mirra, conforme a narrativa bíblica.

No período estudado, a coordenação do Grupo se encontrava sobre a responsabilidade do filho mais novo do Sr. Macário, que popularmente é conhecido como Geraldo Grande. Os

---

<sup>11</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55anos. Concedida na sua residência no Povoado de Cabaceiras em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>12</sup> Entrevista com Vanilson Lopes de Oliveira. Concedida em sua Clínica Clin na Rua Bailon Lopes Carneiro, 138- Centro, Conceição do Coité, em 28 de agosto de 2014. Memorialista coiteense.



primeiros festejos do Grupo de Reisado de Cabaceiras foram rememorados pelos moradores da localidade e pela comunidade vizinha, a exemplo do Povoado de Patos, que, além de destacarem a importância da festa, da devoção e da diversão, lembraram o trabalho coletivo que era desenvolvido em torno do grupo e a alegria proporcionada em vê-lo se apresentando, mantendo um elo entre as pessoas através da fé. Ao falar sobre a festa de Reis, Saturnina de Oliveira Brito, 74 anos, aposentada como trabalhadora rural, ex-organizadora de Grupo de Reis de Moça, isto é, grupo organizado e composto por mulheres, em que suas apresentações se assemelham ao Terno de Reis composto por homens, com cantorias, palmas ritmadas, danças e muito requebrados, enfatizou os primeiros festejos dos cabaceirenses:

A História da Festa de Reis foi uma festa que o povo se organizou e fizeram, começaram a cantar. É uma festa muito bonita e que até hoje continua. Era uma diversão muito bonita porque a gente começava a boca da noite ia até às nove horas do dia e não tinha assim, violência, era uma festa muito animada, com muita brincadeira, muitas dançarinas, os cavalheiros que brincava mesmo pra [sic] valer, dançava, brincavam, tinha brinquedo de roda, na roda do samba na hora do batuque, chula eu mesmo entrava na roda dançava como o diachos-(risos).<sup>13</sup>

Através das lembranças reportadas pelos interlocutores, é possível percebermos o fervor festivo, os festeiros com as melodias da chula acompanhada aos sons da viola e dos versos repetidos em sintonia entre cantadores e público alvo. Os reiseiros se empolgavam na folia, dançavam um ritmo de movimentos sensuais e, com requebrados, balançavam todo o corpo. A roda era composta de pessoas que circulavam em frente do Terno. Nessa roda, os cavalheiros tiravam as damas, ou seja, convidavam-nas para o centro da roda e elas acompanhavam os movimentos dos mesmos, seguidos de palmas. Uma das principais funções da festa é a sociabilidade. É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e se aguçam. O ambiente festivo, de alegria e descontração, leva os participantes a terem tal comportamento. Nesse espaço, também se encontra o sentido da religiosidade e da solidariedade e, ainda, as demarcações de especificidades e diferenças sociais. As festas apresentam em si uma possibilidade muito intensa de significados e também de funções sociais que devem ser entendidas a partir de seu tempo e espaço, levando em consideração as intencionalidades ali envolvidas. Ao relatar sobre a Festa aos Reis em Conceição do Coité, o Sr. Geraldo das Mercês, 55 anos, na condição de líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, demonstrou a relação da comunidade e o reconhecimento do Grupo, admitindo que:

---

<sup>13</sup>Entrevista realizada com Saturnina de Oliveira Brito, 74 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex-organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

[...] todo mundo considera, todo mundo respeita e apoia, porque aqui hoje, Cabaceiras, chama a fonte do Reisado, a fonte da cultura, à raiz de onde nasceu o Reisado de Cabaceiras. E graças a Deus, o pessoal dá apoia, incentiva, inclusive, quando eu faço aqui nesse povoado é, nem só Cabaceiras como toda região e a sede da cidade vem gente e mais um ano todo.<sup>14</sup>

O campo religioso em Conceição do Coité foi permeado de ressignificações, em que se mesclaram aspectos de várias religiosidades, a exemplo das relações entre Reisado e a religião afro-brasileira, as quais dialogaram perpassando o universo religioso coiteense. Em Conceição do Coité, os adeptos do Candomblé demonstraram experiências no que tange à inculturação. A Curandeira, Sr.<sup>a</sup> Arcanja, disse que fazia parte do Catolicismo e do Candomblé, tendo em vista que a Sacerdotisa nasceu no universo do campo católico e considera que a fé é o aspecto primordial na busca por alguma graça. Além disso, ela mesma se autodeclarou como católica, situação que também pode indicar um resquício das perseguições dos Terreiros de Candomblé. A mãe Menininha do Gantois, em Salvador, também se dizia católica.

## 1.2 QUE SE ABRAM AS CORTINAS! O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR

Os cabaceirenses há quase um século, encarregam-se de representar, na comunidade local, esta tradição que revela o nascimento de Jesus Cristo. O Terno se dirigia durante a noite, passando de casa em casa, surpreendendo as famílias, que, em seu sono, despertavam diante daquelas melodias sequenciadas de sons relacionando-se reciprocamente, de modo que formavam um todo harmônico. O ponto de partida das apresentações musicais dos cabaceirenses já pode ser considerado como um espetáculo, visto que, somente aos sons, chamava e prendia a atenção das famílias ainda dentro de suas residências. Suas apresentações eram executadas perante qualquer público, desde que este estivesse disposto a apreciar e a acompanhar aquele grupo que proporcionava o divertimento aos vizinhos e aos amigos.

As primeiras apresentações do Grupo Reisado de Cabaceiras são lembradas pelos moradores da localidade que relembram o trabalho coletivo, que era desenvolvido em torno do Terno, isto é, grupo de pessoas que tomam parte nas comemorações de festas tradicionais (Natal e Reis), representando pastores e pastoras, com vestimentas iguais e a alegria em vê-lo

---

<sup>14</sup>Entrevista realizada com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 08 de junho de 2012. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

apresentar entoando belas canções. Durante os festejos de Reis, o cenário de Cabaceiras ficava revestido com a multidão, envolvia todos os vizinhos, os quais eram surpreendidos em plena noite, quando, no pé da porta e sob as cantorias, despertavam e espreguiçavam-se, retirando-se dos cobertores, para acolher a chegada daquele Grupo que trazia a alegria, proporcionada pela homenagem ao Deus Menino e a chegada de um novo ano. O Sr. Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos, na posição de atual líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, demonstrou a sua fé católica, sua religiosidade, ao mesmo tempo em que justificou seu festejar, ao mencionar que:

[...] uma coisa que diz é dizeres bíblicos que os três Reis magos cantaram quando Jesus nasceu a estrela brilhou e eles seguiram a estrela, aí chegaram até a gruta de Belém, aonde o menino nasceu. Porque hoje como eu, como filho do criador eu não vou assumir [...], eu vou fazer mesmo sem apoio público, mas com apoio dos meus colegas de trabalho, nós vamos fazer com as bênçãos de Deus.<sup>15</sup>

Sobre os primeiros festejos do Grupo de Reis de Macário, o Sr. Zacarias das Mercês, 75 anos, aposentado como trabalhador rural, como um dos filhos mais velho do Sr. Macário e na condição de ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras, enfatizou a presença das pessoas nos festejos e a daquelas que faziam parte do Grupo:

No tempo de papai, olha, no tempo de papai era eu, Vitazinho, e (pausa), esse Ventura, Manin e tinha mais, tinha agora eu não estou lembrando dos outros. Era tudo vizinho perto daqui, sambador, e tinha sambador que era sambador, esse, esse povo do finado Ventura, eles, eu e papai convidava eles, e todo ano era a turma da brincadeira.<sup>16</sup>

O Grupo de Reis de Cabaceiras foi fundado pelo Sr. Macário, que, na companhia e por convite dos amigos e dos vizinhos, formou um grupo de homens cantadores de Reis. As apresentações dos reiseiros aconteciam em todas as casas, sobretudo nas residências dos fazendeiros. Ao que parece, nos primeiros anos de apresentação do Grupo de Reis de Macário, não havia necessidade de ele selecionar as residências a serem visitadas. E suas apresentações abrangiam alguns povoados próximos da comunidade de Cabaceiras, fato que foi demonstrado pelo Sr. Zacarias das Mercês:

---

<sup>15</sup>Entrevista com Geraldo das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 08 de junho de 2012. Organizador da festa e líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>16</sup>Entrevista com Zacarias das Mercês. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.

Era nas casas do pessoal todinho, a vizinhança toda. Cantava nas casas tudo, não deixava a casa de ninguém, era na Cabaceira, era no Riacho da Serra, era aqui pro meio da gente dele mesmo, na Cabaceiras, apresentava nas casas Selvino Grande, era fazendeiro, não deixava casa atrás, no tempo de meu pai, ele não deixava casa de ninguém atrás.<sup>17</sup>

O Grupo de Reis de Macário percorria de casa em casa, fazendo a função que perdurava durante toda a noite. Ao raiar do dia, o público se despedia e saía satisfeito, na certeza de que havia concretizado seus objetivos. Os preparativos para a Festa eram de responsabilidade dos organizadores, que recebiam apoio tanto da comunidade local quanto das comunidades vizinhas, uma vez que alguns componentes do Grupo eram oriundos de outras localidades. E, devido a essa realidade, os componentes se reuniam em diversos lugares, na comunidade de Patos, na Fazenda Riacho da Serra, no Distrito de São João, dentre outros e *segurava à bandeira*<sup>18</sup>, como afirma Sr. Geraldo, no esforço conjunto para não deixar acabar um ritual que faz parte da religiosidade do povoado.

Chegando à casa escolhida, começava a festa com canções que eram acompanhadas por viola, pandeiro, cuia, enxada, cavaquinho e muitas palmas ritmadas, além de muito requebrado dos pés à cabeça. Nisso, denotam-se as representações, que se baseiam nas diferenças sociais, as quais aparecem como uma exibição de poder, imposta numa diferença social, tal qual ocorre no Reisado de Cabaceiras em que se tornam evidentes mediante as casas selecionadas pelo líder do Grupo.

A canção a seguir, desde a fundação do Grupo de Reis de Cabaceiras, fazia parte do repertório e, segundo os relatos, sempre era cantada e perdurava em todas as apresentações:

---

<sup>17</sup>Entrevista com Zacarias das Mercês. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.

<sup>18</sup>Termo utilizado por Geraldo Henrique das Mercês, referindo-se a manter firme a tradição da comunidade.

Na chegada dessa casa  
 Tem uma formosa bandeira  
 Que nela vem retratada  
 A mãe de Deus verdadeira  
 Graças a Deus que eu  
 cheguei  
 No lugar onde eu queria  
 Vim tirar uma suspeita  
 Que no meu peito eu trazia

Ô de casa ô de fora  
 Menino vai ver quem é  
 Somos cantadores de Reis  
 E quem mandou foi São  
 José  
 Deus lhe dê uma boa noite  
 Alegrementemente cantando  
 Com despedida da festa  
 Com entrada de novo ano

E que cavalheiro é aquele?  
 Que vem da parte do mar  
 Eles são os três Reis Magos  
 Que Jesus veio visitar  
 O primeiro trouxe ouro  
 Para seu trono ourar  
 O segundo trouxe incenso  
 Para seu trono incensar  
 O terceiro trouxe Mirra  
 Para seu trono mirrar  
 E até noite de natal  
 Noite de muita alegria

Passeava São José  
 Junto com a Virgem Maria

Cantar Reis não é pecado  
 Foi coisa que Deus deixou  
 São José e Santa Maria  
 Foi quem primeiro cantou  
 São José vai muito triste  
 Por que vai pelas  
 montanhas  
 Maria vai mais alegre  
 Leva Jesus nas entranhas

Já saiu as três Marias  
 Meia noite a passear  
 Procurando Jesus Cristo  
 Sem nunca poder achar  
 Foram encontrar ele em  
 Roma  
 Revistando no altar  
 Um cálice de ouro na mão  
 E missa nova vem cantar  
 Missa nova, nova missa  
 Missa de toda alegria  
 Quem quiser ver missa  
 nova  
 Vá na noite de Maria  
 Ô senhor dono da casa  
 Abra a porta e acende a luz  
 Receba seu Santo Reis  
 Para sempre amém Jesus.

Essa canção<sup>19</sup>, geralmente entoada na chegada da residência, relata o trajeto feito por Maria e José para o nascimento do menino Jesus fugindo da perseguição de Herodes, bem como a visita dos Reis Magos à criança. Nesta canção, é revelada a alegria por que Jesus nasceu. Deixa evidente o caráter religioso da festa, baseado na narrativa bíblica, já que São José e Santa Maria foram os primeiros que celebraram aos Santos Reis, bem como ressalta o sofrimento e a tristeza dos pais da criança por terem sido perseguidos e por precisarem se refugiar em outras terras, deixando os parentes e os adoradores ansiosos. Jesus, Maria e José voltaram para a Galileia/Jerusalém. Percebe-se, também, a constante justificativa de que esta festa possui elementos da religiosidade, tida como necessária para que tudo ocorra bem no ano que chega. Outro elemento presente nesta música é a saudação aos donos da casa.

Os moradores abriam as portas após essa canção ou quando alguém do grupo falava a última estrofe ou outro refrão que solicitava a abertura da porta. Durante a apresentação, os

<sup>19</sup> Música de nº 1, intitulada *Na chegada dessa casa*.

foliões faziam uma roda e dançavam, havia sempre a vez de cada um entrar no centro da roda. Em cada casa, geralmente, entoava-se de 03 (três) a 04 (quatro) canções. Após abrirem as portas, eram dadas as boas-vindas aos donos da casa e a Festa continuava com a participação dos moradores, como relata Sr. Florêncio Barbosa, empresário no ramo de joias, um reiseiro residente na sede do município de Conceição do Coité:

A apresentação é muito simples, desde que quando as pessoas já conhece né, eles fala da família que está recebendo a apresentação. Dança e todo mundo entra na folia a gente (pausa) eu mesmo gosto de dançar, me sinto bem, me sinto feliz satisfeito é com alegria porque eles estão lembrando da gente e se sente satisfeito.<sup>20</sup>

No depoimento supracitado, nota-se que o dono da casa relembra fatos vividos e se sente contente pelo fato de a Festa ser em sua residência, o que para ele era um momento de diversão e de prestígio em que todos cantam, bebem e, acima de tudo, divertem-se com muito samba no pé. A duração das apresentações é de 15 minutos em média. Despede-se daquela residência com muita alegria, abençoando os moradores da casa. Após a apresentação do grupo, o dono da casa serve algum tipo de bebida e/ou comida para os demais participantes da festa. *A gente fica na expectativa, esperando né para que aconteça a chegada deles na nossa casa e a gente fica aguardando a chegada e da qualquer coisa né, bolo, umas coisas, um vinho, café ou massas de todas essas coisas.*<sup>21</sup> Geralmente, os adeptos dessa religiosidade, na ânsia de serem surpreendidos pelo terno, debruçavam-se na preparação do cardápio para oferecerem aos festeiros, levando em consideração que todos ali eram saciados, independente de fazer parte do grupo. Depois de muitas cantorias, samba, requebrados, nutriam-se diante da succulenta sustância dos doces e dos salgados e continuavam os festejos em outras casas, estes que perduravam durante a noite e finalizavam apenas ao amanhecer, quando eram servidas mais algumas guloseimas. É de inteira responsabilidade do encarregado do Grupo avisar ao proprietário, com antecedência, que a sua residência foi selecionada para findar o festejo ou, muitas vezes, acontecia de o próprio dono da residência solicitar o fim da festa na sua morada.

Enquanto o Terno caminhava, com o bando de homens e mulheres que se dirigia em peregrinação para louvar aos Santos Reis, os foliões acompanhavam, indo de casa em casa, formando um movimento de pessoas num amplo espaço livre e aberto, perfeito para

---

<sup>20</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos, Empresário no ramo de joia e participante da Festa de Reis, concedida em sua Loja Joalheria e Ótica Barbosa (JOB) – Centro, de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Participante da Festa de Reisado.

<sup>21</sup>Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, Reiseiro, 82 anos. Concedida em sua residência no município de Conceição do Coité, Centro, em 18 de fevereiro de 2013.

comportar tamanho visual plástico e misturar, em harmonia, o religioso e o lúdico. A Sr.<sup>a</sup> Saturnina Brito descreveu com entusiasmo e saudosismo a beleza da Festa dos Reis:

O povo, com sua animação com seus pandeiros, seus violões, e as palmas todo mundo cantando com muita alegria, muito entusiasmo, aí faziam a festa acontecer. Crianças, velhos, adultos, todo mundo acompanhava. As pessoas que tava dormindo acordava pra sair, pra ver a festa de alegria de reisado, uma festa muito bonita, festa de muita animação. Até as crianças levantava da cama com escuro à meia noite, pra ver, para sair, e, e saia acompanhando.<sup>22</sup>

Segundo a participante acompanhante do Grupo de Cabaceiras, era realmente deslumbrante aquele cenário festivo. Naquelas residências, os moradores recebiam a visita do Terno de Reis acompanhado de vários foliões de diversas faixas etárias, momento que proporcionava diversão e união. A multidão ao som da viola e dos pandeiros dançava e sambava até o amanhecer.

Esse fato encontra-se associado à criatividade e à dinâmica com que o povo elimina e/ou (re) cria e (re) significa elementos das festividades de caráter religioso popular mediante novos contextos, originando, assim, outros significados; porém, sem perder de vista a sua principal característica, a fé, por isso passado e presente são realidades inseparáveis como constitutivas do modo de viver e de festejar dos fiéis das camadas populares. A tradição é transmitida de geração para geração, perpetuando as memórias e os valores da cultura popular que se (re) significa mediante as experiências vivenciadas e construídas pelos sujeitos em outros tempos e espaços. Cunha (2001, p. 293) conceitua tradições como:

[...] partes dos repertórios gestuais e simbólicos disponibilizados para diferentes sujeitos pelo hábito e pelas linguagens conhecidas. Elas traduzem a cada momento, adquirindo significados novos em diferentes temporalidades, situações, lugares e dependendo de quem as mobilize para expressar seus próprios valores.

Os primeiros festejos do Grupo de Reisado de Cabaceiras foram rememorados pelos moradores da localidade, que, além de destacarem a importância da festa, a devoção e a diversão, lembraram o trabalho coletivo que era desenvolvido em torno do Grupo e a alegria proporcionada em vê-lo desfilando e mantendo um elo entre as pessoas através da fé. Saturnina de Oliveira Brito, residente no Povoado de Patos, vizinho ao Povoado de Cabaceiras, era reiseira e ex-organizadora do Grupo de Reisado de Moça, o qual era um grupo

---

<sup>22</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

composto somente de mulheres encarregadas pela realização deste reisado. Saturnina, ao relembrar os primeiros festejos de Reis, mencionou a importância e o significado da Festa de Reis:

A Festa de Reis é uma festa simples, de muita paz, sabemos que todo ano quando viemos neste dia, eu mesmo já cantei muito reisado também, e hoje sempre no dia de Reis, eu tenho o dia dedicado a Santo Reis 06 de janeiro é um dia que eu guardo com muita alegria e a recordação do passado. Eu participava da festa e hoje com muito sentido ainda, tenho assim aquela recordação, aquela lembrança de todos os dias de Reis. Hoje eu já me sinto assim fora, não sinto (pausa), aquele ânimo mas adora a festa de Reis quando passa nos lugar, nas casas eu tenho sempre aquela recordação quando eu vejo cantar o Reis, eu sempre me lembro daquele tempo. Não participo mais da festa por que eu já tou na idade né quando vai ficando naquela idade não sente mais assim, aquele tempo de alegria mais hoje. A história da festa de Reis foi uma festa que o povo se organizou e fizeram, começaram a cantar. É uma festa muito bonita e que até hoje continua.<sup>23</sup>

Com um sentimento de saudosismo, a depoente sentia alegria em se divertir durante toda a noite, possivelmente aquele era o momento de extravasar, de esquecer o cansaço da dura rotina de trabalho, ao cuidar das crianças, do preparo da alimentação ou mesmo do trabalho braçal na agricultura. A depoente disse, ainda, que a Festa de Reis é uma festa de muita paz e que, embora não tenha todo aquele ânimo devido a sua idade, sente-se alegre por ter vivido e cantado muito em Festas de Reis no seu passado.

Quanto às canções, as quais eram de composição do atual representante do Grupo, estas aludiam aos vários temas, como política, cultura, religião, cotidiano das pessoas rurais etc., revelando o dinamismo dos próprios sambadores, pois, enquanto festejo rural, o Reisado de Cabaceiras se apresentava a partir de um conjunto de temas que se ressignificavam e que não se chocavam com os outros credos ou práticas religiosas.

Para Brandão (2010, p. 47), a Festa está carregada de relações e intercursos sociais, salientando o sentido da festa enquanto forma de convivência social:

A festa, se tomada como expressão de convivência social, configura-se em um rico viés de análise das relações sociais, econômicas, das experiências de homens e mulheres construídas, historicamente. Com essa manifestação podemos apreender também costumes, valores, tradições, inventados e ressignificados cotidianamente que são transmitidos de geração para geração nos espaços de sociabilidade por ela proporcionados e, por conseguinte, de manutenção de costumes e construção de valores entre os moradores de

---

<sup>23</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.



determinada comunidade que se reúnem para celebrar a festa em louvor aos Santos Reis.

É preciso compreender que, dentro de uma expressão festiva, não existe uma unicidade, propósitos únicos, pois é importante e necessário pensar nas “oposições” que coexistem no interior da Festa, uma vez que ela representa o encontro entre os diferentes e, desse encontro, há muitos desdobramentos, dentre eles podemos destacar a construção de uma identidade que não é homogênea, mas que é construída a partir das relações sociais, ou seja, é dinâmica e mutável, elemento que simboliza um grupo e um lugar, como a festa dos Santos Reis que representa e identifica a comunidade rural de Cabaceiras. “As danças, as músicas, as brincadeiras populares, as artes e o que valorizam o povo da terra, os trabalhadores, os mestiços.” (VASCONCELOS, 2007, p. 44).

As festas se constituem num espaço de tensão no qual a organização espacial demarca e delimita territórios entre aqueles que dela participam. As festas apresentam em si uma possibilidade muito intensa de significados e também de funções sociais que devem ser entendidas a partir de seu tempo e de seu espaço, levando em consideração as intencionalidades ali envolvidas.

### 1.3 COMPOSIÇÃO SOCIAL DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS

Cabaceiras é uma comunidade rural do município de Conceição do Coité, onde os festeiros adquirem o sustento através do trabalho braçal na lavoura. O viver rural dos cabaceirenses transparece nas canções que entoavam na Festa de Reis, revelando a trajetória dos mesmos em outras temporalidades. Eis os versos que cantam no Reisado:

Delinho pegou na viola,  
 Eu vi levantar poeira  
 Eu vi levantar poeira  
 Quem faz o carro andar é o eixo e a cantadeira  
 Quem faz o carreiro bom é a junta de primeira  
 Nunca achei estrada longe  
 Nunca respeitei ladeira  
 Nunca respeitei ladeira  
 Se tiver todos unidos  
 Só levar se for castigo  
 Não é menino?  
 O Grupo de Cabaceiras! (GRUPO..., 2000, n.p.)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>Música de nº 6, intitulada *Eu vi levantar poeira*.

Na canção, fica patente a relação da vivência rural com os dias de festejos, bem como o entusiasmo dos reiseiros, que, embora vivessem privações cotidianas, lutaram e resistiram para preservar o Reisado no município de Conceição do Coité. Os sertanejos moldaram e moldam seu cotidiano, em meio às agruras, utilizando suas táticas, driblando o caótico e sobrevivendo mesmo diante de injustiças das esferas públicas. Essas atividades ou meios de sobrevivência desempenhados pelos cabaceirenses revelam o árduo trabalho braçal, guiando as charretes com os bois e enfrentando o sol. *As pessoas tinham aquela disposição voltada para aquele movimento, aquele trabalho cansado, não tinha tanta tecnologia como hoje, mas sabe que o trabalho sempre existiu de uma maneira que as pessoas dessem assim, ser útil.*<sup>25</sup> Os adeptos dos festejos dos Reis Magos se sentiam bem, porque tinham aquela oportunidade de se divertir, através daquele evento religioso e lúdico, daquele espaço de sociabilidade, que os participantes consideravam uma festa sadia, pois o festejo aliviava o cansaço árduo do dia a dia.

As manifestações culturais compreendem práticas primordiais de resistência dos sertanejos, especificamente do município de Conceição do Coité. Faria (2014, p. 70) destacou algumas expressões culturais do povo sisaleiro:

O povo sisaleiro não vive somente das agruras, como geralmente é identificado, mesmo com as privações cotidianas e o sofrimento que historicamente marcam sua existência, o sertanejo desta região vive do trabalho e também da alegria na sua plenitude, através das expressões culturais locais, tais como: vaquejadas, festas (juninas, padroeiros e colheita) e reisados.

Diversas manifestações culturais fizeram parte do repertório tradicional do município de Conceição do Coité, as quais foram realizadas por grupos, sobretudo rurais, que proporcionaram momentos de alegria para os coiteenses, unindo-os a objetivos comuns: quebrar a rotina do árduo trabalho, através do lazer, e afirmar a fé, envolvendo o sagrado. Em meio à labuta na agricultura, no pastoreio e no agave, o sisaleiro garantia sua sobrevivência, sem perder de vista a diversão, o lúdico.

Nesta perspectiva, Faria (2014, p. 83) afirma que o cultivo do agave foi introduzido entre finais do século XIX para o início do século XX, porém pouco desenvolvido até finais de 1930, visto que havia o caroá, um concorrente nativo amplamente utilizado pelas populações nordestinas. Na Bahia, o sisal alcançou papel de destaque no período de 1938-

---

<sup>25</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos, realizada em 18 de fevereiro de 2013; empresário no ramo de joias na Joalheira e Ótica Barbosa (JOB) e adepto a festa de Reis. Reiseiro.

1942, quando o governo Landolfo Alves passou a estimular o seu plantio como alternativa de sobrevivência do sertanejo e em virtude da desorganização dos principais países produtores e do aumento da demanda dos mercados interno e externo por conta da Segunda Guerra Mundial. Na década de 1950, no que tange à produção mundial, o Brasil assumia a segunda posição dos países exportadores, com destaque para a Paraíba e para a Bahia.

Rios (2003, p. 12) descreveu os afazeres dos coiteenses por meio dos quais estes buscavam garantir meios de sobrevivência:

Eram homens, mulheres e até crianças, na sua grande maioria negros ou mulatos, vestidos maltrapilamente com remendos mil, porém a caráter: chapéu de palha na cabeça, enxada na mão e facão amarrado na cintura. Não conversavam; apenas o berro de algumas mães que imploravam as crianças sonolentas que adiantassem o passo. Não se podia perder tempo. E, assim, enfileirados assimetricamente, desafiavam a escuridão em direção ao campo.

Estes trabalhadores rurais cumpriam os mesmos afazeres cotidianamente, até o fim do dia. Sobre o árduo trabalho braçal, moldavam suas vidas, em meio ao sol escaldante, para alimentar a família, no vai e vem da labuta; as rodilhas compunham suas vestes, que se completavam com os chapéus de palhas, outro aspecto rural; e, com a enxada na mão e facão amarrado na cintura, as camadas populares adquiriam o sustento através daquela planta desfibradora.

A Festa de Reis em Conceição do Coité, por ter sua origem na zona rural, apresenta elementos peculiares, como a enxada, instrumento de trabalho, e a cuia, que é feita de fruto oco de determinada espécie, este que, quando seco, é utilizado como recipiente de água e farinha na região. A utilização desses instrumentos, desde quando iniciou a devoção dos Reis Magos no povoado, mostra-nos que os rituais realizados há muito tempo acabam por gerar novos hábitos, demonstrando um dinamismo próprio, mas sem abrir mão da devoção. No Grupo Reisado de Cabaceiras, a ideia de divertimento e de fé é difundida entre os moradores da comunidade, como também entre diversos foliões da sede do município de Conceição do Coité que, repetidamente, trazem essa informação como destaque da sacralidade do Terno.

Oliveira (2003, p. 138) deu ênfase à posição social dos fiéis, ao afirmar que o “festejo é reservado à gente de poucos recursos, de humilde condição social, que procura abrilhantar essa passagem da Bíblia, tão cheia de ensinamentos para os crentes no catolicismo.”.

Os integrantes da folia buscam expor seus talentos através da cultura popular, da religiosidade, uma forma de devoção e diversão, unindo-os num mesmo objetivo e dando visibilidade ao local. “Através da folia, honram-se a memória, o passado e os saberes

fundamentais transmitidos de geração e geração.” (BITTER, 2010, p. 42). A canção de composição do líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, Geraldo Henrique das Mercês (2005), revela o modo de viver dos cabaceirenses:

É na casa de farinha que raspa mandioca  
 Na batida do pilão  
 Lembrando-se da sua infância  
 É assim que a banda toca  
 É na puxada da enxada  
 Tira a roupa do varal  
 Galo canta no terreiro  
 Pinto piar no quintal  
 Ovelha berra na roça  
 Boi berra no curral  
 Pinto pia galo canta  
 Pra comandar seu poleiro.  
 Mulher dança e moça canta  
 Tudo em volta do terreiro  
 Nós todos leva a cultura  
 Não é Nonato?  
 Pra esse povão brasileiro.

Suas vivências traduzidas na letra dessa canção retratam o cotidiano dos reiseiros. O lavar da terra, uma das ocupações de homens e mulheres do sertão baiano, merece uma atenção especial, afinal, pelos significados que apresentava, garantia o sustento da família, sendo os mantimentos processados em derivados muitas vezes sem dependência química ou industrial. A expressão “é assim que a banda toca” desponta e explana as maneiras de se adquirirem alguns produtos, a exemplo dos derivados dos grãos, como café e fubá. “Banda toca” também se reporta a um cotidiano que é imposto, não pode ser mudado. A dinâmica da rotina dos reiseiros traduzia e envolvia atividades diversificadas, o que é trazido à tona e culmina nos resultados dentro do festejo, em que a enxada, o instrumento de trabalho, transforma-se em instrumento musical na hora do lazer e da folia. Além disso, fazia parte dos costumes homens e de mulheres, trabalhadores rurais da região sisaleira, obterem o fubá, o milho mungunzá, o café, dentre outros alimentos, socados no pilão.

Brandão (2010, p. 93) considera que as estratégias criadas pelos agricultores para participarem dos festejos dos Santos Reis inserindo instrumentos próprios do lugar e do trabalho no campo revelam o papel ativo desses sujeitos enquanto mantenedores e propagadores de hábitos e de costumes religiosos:

Essas estratégias, para criar condições para participar da festa dos Santos Reis, demonstram que esses agricultores são sujeitos ativos, agentes do processo, constituidores de hábitos, costumes, enfim, de seus modos de vida; por isso, qualquer olhar que menospreze e que ainda enxergue os trabalhadores rurais como sujeitos ignorantes e passivos devem ser revistos.

Concordamos com Brandão (2010), quando ele afirma que os agricultores retratam seu modo de vida de maneira bem dinâmica através da Festa de Reis. Nos versos das letras das canções produzidas sobre os mesmos, demonstra-se que esses trabalhadores rurais são homens e mulheres produtivos, que vivem do fruto do seu trabalho. Brandão (2010) também chama a atenção quanto ao fato de que qualquer olhar de menosprezo sobre esses sujeitos como seres passivos e ignorantes deve ser revisto, pois, muitas vezes, cria-se na pessoa o sentimento de que ela é incapaz, fruto de estrutura social hierarquizada em que os trabalhadores rurais eram subalternizados, resquícios do sistema escravista. Os trabalhadores rurais reconhecem seu papel enquanto sujeitos ativos. Conforme Mercês<sup>26</sup>:

Mas hoje graças a Deus eles foram é. (pausa), se raciocinando, foi respeitando o negro e o pobre, porque é o carro chefe, o pobre e o negro é o que leva tudo para, pro rico que está lá na cidade e (pausa). E o negro e o pobre é quem leva como nós levamos a cultura... Eles para não desfazer, aprenderam a respeitar a cultura para apoiar o negro.<sup>27</sup>

Para Faria (2014), a relação do Sertanejo com a terra condiz com as afirmações de pertencimento, afirmando uma identidade:

Apesar das dificuldades e pelejas, os sertanejos mantêm uma relação singular com o lugar que vivem. O Sertão é marcado pela força, pelo espírito de luta e de resistência de mulheres e homens que na saga da vida continuamente labutam contra a seca, a exploração, o descaso e as condições de miséria que historicamente a maioria da população sertaneja é submetida. (FARIA, 2014, p. 68 e 69).

No Sertão, as expressões artístico-culturais que caracterizam a relação do homem com a terra no que se refere ao desenvolvimento das atividades camponesas e suas celebrações estéticas traduzem também o que é ser sertanejo. O cotidiano dos sisaleiros traduz sua identidade cultural, afirma sua autoestima, consolida os laços coletivos, traz alegria, coragem e determinação para o seu viver. (FARIA, 2014, p. 71).

---

<sup>26</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida na sua residência no Povoado de Cabaceiras em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>27</sup>Idem

A sociabilidade se configura através das atividades culturais, em que as camadas populares são protagonistas que vão se reunindo no espaço e no tempo para a constituição da cultura das camadas populares, conferindo-lhes características singulares da diversidade baiana. Diversos movimentos sociais foram preponderantes na busca de garantia dos direitos da população sisaleira, os quais se configuraram como espaços primordiais de intervenção social, vale destacar: “as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Associação de Desenvolvimento Solidário e Sustentável da Região Sisaleira (APAEB), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), o Movimento de Organização Comunitária (MOC) e outros”. (FARIA, 2014, p. 55).

Os reiseiros de Cabaceiras deixaram transparecer, em suas canções e em seus relatos, a maneira como a sociedade ou as autoridades atuaram em prol das camadas menos favorecidas. Eis a visão de Armando dos Santos Oliveira, vice-presidente do Grupo Reizado de Cabaceiras, ao narrar sobre as cantorias:

Olha, você não ver o mundo moderno de hoje, aí a gente fala em tudo, e, é assim, fala um pouco da política nas músicas, fala um pouco da cultura, fala um pouco da cultura da roça, fala um pouco da cultura da cidade, cada uma música hoje a gente já fala uma cultura diferente uma língua diferente e a gente canta, faz uma letra diferente da música. Então, hoje a gente já chega a (pausa), se o político não é honesto a gente fala, se é honesto a gente fala. Então, a gente já tem aquela cultura também já levada também sobre isso.<sup>28</sup>

Recorrendo aos documentos orais, as narrativas são reconstruídas, visto que falam de diversos temas inseridos nas cantorias elaboradas pelos populares, que, através de suas letras, opinaram sobre fatos sociais, culturais, com críticas aos governantes, intercalando suas situações e suas experiências. Tratando diversas questões, as cantorias se configuram como diversificadas reflexões cotidianas, que vão desde o atuar do grupo às ações ligadas ao meio social, demonstrando o reconhecimento e a percepção da realidade vivida, até outras que estão além do seu contexto.

Nascimento (2009, p. 37), ao analisar os repertórios dos reiseiros rurais, remete-se às canções caipiras e sertanejas, de atualidade, pois elas “falam de animais, insetos, plantas e plantações, fala de maribondo, cavaleiro, cordeiro, manjeriço, lavoura de feijão, cravo e galo”.

Algumas canções que faziam parte do repertório mudaram apenas o ritmo e o embalo. Apresentamos algumas canções que extrapolam o tempo estudado, para frisar episódios que

---

<sup>28</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reizado de Cabaceiras.

retratam a vivência rural, em tempo até mesmo remoto, como se frisa na canção exposta na página 57, em que a memória de infância é reportada, pois “a história narrada em versos, fiel à tradição oral ‘popular’, está em aberto. Novas estrofes podem se somar ao campo que foi delimitado. Essa forma de construir a narrativa remete todos os moradores à participação na história que os versos registram.” (MONTENEGRO, 1994, p. 56). Pois, como sugere Elíade (1969, p. 158), “é preciso esperar pelo nosso século para se assistir novamente a certas reações contra a linearidade da história [...] o mito do eterno retorno é colocado na ordem do dia”, do tempo que se efetua.

As considerações de Elíade (1969) implicam, necessariamente, na ideia de que o tempo não é fixo, mas que “o tempo mítico que o homem se esforça para reatualizar periodicamente é um Tempo Santificado pela presença divina, e pode-se dizer que o desejo de viver na presença divina e num mundo perfeito corresponde à nostalgia de uma situação paradisíaca.” (ELÍADE, 1992, p. 82). O homem religioso busca justificar a dimensão do sagrado, a aplicabilidade e a função na festa, devendo compreender o significado religioso e a importância de repetir os gestos divinos.

No Reisado, as pessoas podem se expressar através das canções e entoam suas melodias referentes aos fatos sociais. Um elemento imprescindível presente na celebração de Santos Reis são as canções, as quais são tomadas como testemunho, como fonte histórica. As músicas de composição dos populares geralmente são improvisadas e transmitidas oralmente, constituindo, muitas vezes, a mesma melodia, o que denota a cultura popular, transcendendo, assim, as experiências e os saberes dos segmentos populares. As canções são transmitidas para os demais componentes através da oralidade; sem necessidade de nenhuma escrita ou pauta musical, os reiseiros cantam de ouvido.

Os reiseiros, ao elaborarem suas composições, seus textos, seus cordéis, baseiam-se em suas experiências e em suas vivências. Produção que, uma vez visualizada, é reproduzida, disseminada ou divulgada, e transparece uma realidade vivida e narrada pelos próprios sujeitos envolvidos no processo histórico, conforme aponta Brito (2013, p. 1):

O poeta, ao transformar o que ler, ouve, percebe de acordo sua experiência, as transforma em narrativas poéticas, as imprime em folhetos e os transforma em meio de comunicação para transmitir informações e notícias originárias de várias fontes para serem adquiridas por outros grupos de consumidores.

As produções exclusivamente para divulgação se constituem em suporte de relações sociais, à medida que tais produções vão sendo transmitidas, alarga-se o reconhecimento das

realidades vividas dentro do espaço de pertença. Isso nos faz perceber a importância das linguagens orais, como veículos de propagação de informações e de sentimentos vividos.

Brito (2013, p. 2), ao perceber o cordel como mídia e como suporte de relações sociais, pensou as linguagens oral, escrita, gestual e imagética que cruzam nos folhetos como constitutivas tanto dos poetas quanto do público com o qual dialoga. Os folhetos de cordel são instrumentos através dos quais podemos nos aproximar de experiências e de vivências de sujeitos e grupos sociais não letrados, de restrito acesso aos códigos da norma culta e/ou que realizavam leituras de distintas linguagens e se posicionam diante das relações e tensões vividas no cotidiano de cada sujeito.

Pensarmos as linguagens orais, imagéticas e visuais enquanto mídia permite-nos perceber a importância da vivência religiosa e de práticas culturais de sujeitos iletrados, bem como conhecer a História construída pelos próprios indivíduos e a visão de mundo. Conforme o que nos disse um reiseiro:

Sem cópia nenhuma porque assim, olhe, ele vai na frente aí a gente atrás respondendo, a gente já sabe o que vai responder, aí raramente a pessoa se atrapalha, a gente já tem o dom mesmo do aprendizado. É aí que tá, é pra isso que a gente faz as reuniões e os treinamentos pro modo que a gente ir, primeiro a gente faz ensaios pra depois a gente ir pra casa, já é pra aprender as músicas. Como a gente já tem o sentido da coisa, então, pra gente já é fácil, fácil, tu tá entendendo? A gente, aquilo ele faz a música, a gente faz dois ou três ensaio e pronto, a gente não dar problema.<sup>29</sup>

Nas letras de cada música, ressalta-se um estado de descontração, de sintonia, de alegria e de sincronia entre os reiseiros ou até mesmo entre o público, pois, ao passo que o líder recita as primeiras estrofes, os demais integrantes repetem simultaneamente, o que facilita a memorização das canções. Geralmente, algumas músicas são curtas e, nesse caso, o líder já a entoa por completo e os demais integrantes repetem. Apresentamos uma canção intitulada *Deus nas alturas*, em que os dois primeiros versos são entoados pelo compositor e, em seguida, os demais já repetem e se sucede da mesma forma o refrão:

É Deus nas alturas e os homens na terra  
Eu quero paz, não quero guerra  
Refrão: Não quero guerra, não guerra  
Eu quero paz pros homens na terra (GRUPO..., 2000, n.p.).<sup>30</sup>

<sup>29</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reizado de Cabaceiras.

<sup>30</sup>Música n. 5.



Para Abreu (1999), a canção pode ser útil para denominar e para qualificar tudo o que acontece num determinado lugar. O grupo social é quem fornece os motivos, os temas e, numa relação de troca, é também quem recebe seus versos e fornece o movimento. Nas canções, é demonstrado também o olhar divino como forma de conforto e de paz, em que os devotos sentem a necessidade de homenagear os Santos Reis como forma de agradecer alguma graça recebida.

Na canção *Deus nas alturas*, fica nítida a ligação com o divino e este divino é demonstrado como um ser superior, presente nas alturas, capaz de conter as agruras dos sujeitos sociais, trazendo paz à existência humana. Braga (2000, p. 73) notou que “inúmeros são os casos de promessas feitas a santos que em troca da obtenção de uma graça davam-se joias para serem usadas pelas imagens. Algumas de uso do doador, outras encomendadas especialmente para essa finalidade.”.

Couto (2010, p. 71) enfatizou a relação dos fiéis com os santos de devoção, os quais representavam um investimento ritual após a morte; além de tornar a vida mais segura e interessante, considera que, ao lado da devoção, havia uma relação contratual entre o fiel e o seu santo protetor:

Se o santo devoto conseguisse cumprir suas obrigações a contento, o fiel comemorava o fim do acordo com exuberante festa. A maior expressão da devoção na Bahia era a realização dos festejos em homenagem a um determinado santo, que incluíam novenas, procissões, foguetório, banquetes e bailes populares. Afinal, as festividades não eram exercícios públicos de piedade, mas uma ocasião propícia aos divertimentos e à interligação entre sagrado e o profano.

Na religiosidade popular, os fiéis reconfiguraram sua devoção, representando sua relação com o divino também em forma de divertimentos. As músicas de composição popular revelam o dinamismo histórico, pois apresentam significados através da lembrança, das experiências e das vivências; bem como perscrutam os mistérios da devoção religiosa e o desenrolar dos fatos cotidianos regionais e nacionais. Nos repertórios dos cabaceirenses, são divulgados os desastres climáticos e o apelo às autoridades quanto às dificuldades da vida cotidiana dos sertanejos:

Agora vou falar na Bahia e no Brasil  
Vou falar das fortes chuvas  
Falar das destruições, das enchentes dos rios  
Vou começar do Jacuípe  
E o rio Tapicuru foi na cidade Ponte,

Foi de doer o coração  
 Enchente igual a essa eu mesmo nunca vi  
 Pra causar destruição  
 Igual o rio de Piauí coisa séria nunca vi  
 Vamos fazer um apelo ao chefe da nação  
 Para olhar pra nós todos  
 Ninguém tem compaixão  
 E o jovem macarrão. (GRUPO..., 2002, n.p.)

Na canção composta pelos reiseiros cabaceirenses, refletem-se os problemas sociais da sociedade brasileira, causados pela devastação das fortes chuvas, as quais, muitas vezes, causam destruições e desmoronamentos; por conseguinte, há perda de vidas ou inúmeras pessoas ficam desabrigadas. Problemas sociais são visualizados pelo compositor Geraldo das Mercês, o qual se utiliza de uma forma poética para apelar ao representante da nação. Sua intenção na letra da música foi incluir diversos segmentos sociais que se encontram em situações de extrema necessidade ou mesmo à margem da sociedade. Ao mencionar a frase “o jovem macarrão”, leva-nos a pensar que este jovem pode ser um pertencente das áreas periféricas ou mesmo um indigente, que, independente de situação climática, sobrevive ou leva uma vida sob condições precárias.

Lobão (2006) apresenta alguns problemas e causas ambientais, os quais, muitas vezes, são gerados através da própria ação humana:

A erosão é um dos mais graves problemas ambientais com consequências diretas para a sociedade não apenas conduzindo a movimentos de massa, e a desertificação, mas também, comprometendo a quantidade e a qualidade de produção de alimento, reduzindo a biodiversidade, assoreando rios e causando diversos outros problemas sociais como o aumento da pobreza, a migração para os centros urbanos, desmoronamento e até perda de vidas. (LOBÃO, 2006, p. 70).

Dentre os problemas ambientais decorrentes das ocupações em espaços inadequados, destacam-se, além da intensificação da instabilidade ambiental, assessoramento dos rios e riachos, a contaminação de sua água com agrotóxicos e efluentes ou sanitários, a perda de fertilidade dos solos se refletem socioeconomicamente, nos índices de pobreza do município. (LOBÃO, 2006, p. 166).

A cultura baiana também é um ingrediente revisitado nas melodias, nas quais o compositor Geraldo das Mercês exaltou seu estado de origem, destacando alguns intelectuais, cantores famosos que fizeram ou fazem sucesso, e ainda ressaltou a religião, de matriz africana, o Candomblé, esta que, por muito tempo, foi perseguida no decorrer da História

brasileira. É patente que as camadas populares deixam seu registro com mais emoção, através da religiosidade:

Eu vou falar na Bahia  
 A minha terra natal  
 Eu vou lembrar dos artistas  
 Dos cantor que está na lista  
 Dos melhor profissional  
 Bahia de Raul Seixas  
 Bahia do afoxé  
 Bahia de Jorge Amado  
 Bahia de mãe Menininha  
 Bahia do Candomblé  
 É Bahia de Osmar  
 É Bahia de Dodô  
 E Bahia de Caetano Veloso  
 Terra de cantor famoso  
 Igual a essa ninguém viu  
 Bahia eu peço a você  
 Para não sair do trio  
 Tu és a terra natal  
 Do cantor Gilberto Gil  
 Que hoje ele representa  
 A capital Federal  
 A central do Brasil. (refrão). (GRUPO..., 2002, n.p.).<sup>31</sup>

Seguindo nesta perspectiva, notamos que a música de composição dos populares ajuda a pensar a sociedade, bem como transmite informações de forma sucinta, até mesmo dentro de outras temporalidades em que Geraldo das Mercês salientou a posição do artista/cantor Gilberto Gil como ministro da cultura. Para o compositor Geraldo das Mercês, a Bahia estava bem moldada na estrutura cultural e nas artes. A figura do ministro da cultura foi referenciada de modo especial, fato que demonstrou a alegria desses sambadores em ver a Bahia representada na capital Federal através do artista, negro, cantor, Gilberto Gil.

Vasconcelos (2007, p. 21-22), ao discutir a identidade cultural baiana no período do final do século XIX até meados do século XX, ressalta que:

[...] Uma representação de um modo de vida idealizado, dotado de características peculiares que se diferencia do resto do Brasil. As identidades são forjadas como uma tessitura, um entrelaçamento de ideias que compõe um arranjo na significação de quem somos.

Para Vasconcelos (2007), as representações incutidas nos modos de vida de um grupo social configuram uma identidade reveladora de peculiaridades, ou seja, um entrelaçamento

---

<sup>31</sup> Música n. 4, *Bahia minha terra natal*.

de imagens, que, ao ser incorporado, à vida cotidiana, cultural, religiosa, artística, expressa a estrutura que lhe confere visibilidade perante as relações sociais que compõem a organização cultural.

O organizador do Grupo Reisado de Cabaceiras, Geraldo das Mercês, juntamente com o apoio dos companheiros, tem lutado para preservar esse sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, visto que parte do pressuposto de que há valores comuns, compartilhados por todos, que se consubstanciam em ações concretas. “O ser humano e o mundo têm entre outras virtudes a possibilidade de oferecer e criar condições que servem de registro da História, e da vivência concreta no meio social.” (SANTOS, 2012, p.10). A foto abaixo (Figura 4) compõe um registro do Grupo Reisado de Cabaceiras, instrumento fundamental para demonstrar as peculiaridades ou a composição social do Grupo:



**Figura 4 – Apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras no ano de 2005, em evento cultural de Inchu**  
Fonte: Portugal (2009)

A imagem retrata a apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras no ano de 2005 em um evento cultural na cidade de Inchu (BA). Na fotografia, apresenta-se a presença de diversos segmentos sociais participando da festa, incluindo jovens, mulheres e até crianças. Observando a primeira pessoa da direita para a esquerda, há uma criança ao lado do Sr. Geraldo, o qual toca uma viola. Visualizamos outra criança do sexo masculino, por trás do reiseiro, Sr. Gregório dos Santos, com a função de bater o pandeiro, segunda pessoa da esquerda para a direita da foto. Percebe-se também a empolgação dos foliões em sintonia com grupo, no ritmo das palmas. Sobre a composição étnica, os integrantes se consideram negros, ficando comprovado na fotografia que são pessoas de origem afrodescendente. Entretanto, o

integrante do grupo, Gregório Luís Pinto de Cabaceiras, utiliza o termo misto para se referir ao segmento do Grupo de Reisado: [...] *sempre foi um misto, é que sempre tem pobres, brancos e negros, sempre foi misto, ai tem pobres, tem preto, tem branco.*<sup>32</sup>

A fotografia abaixo corresponde à capa do primeiro CD do Grupo (2005b). Percebe-se que tinha um número maior de integrantes da etnia negra no ano de 2000. Como se observa entre os reiseiros de estatura mais alta, com cavaquinho e violão está o vice-presidente e, logo em seguida, ao lado do tocador do violão, um sambador negro e um sambador agachado, o segundo da esquerda para a direita. Tais mudanças de integrantes aconteciam no Grupo por situações naturais – a exemplo da idade, em que todos são idosos e, por isso, às vezes se cansam, por razões de saúde – e por desligamento do Grupo.



**Figura 5 – Capa do primeiro CD do Grupo Reisado de Cabaceiras (2000)**  
Fonte: Acervo próprio

Observando a Figura 5, podemos perceber a composição étnica do Grupo Reisado de Cabaceiras, que, em sua maioria, é de negros e pertencentes a uma rede familiar. Além disso, podemos distinguir os dois agachados no centro, os quais são primos e sobrinhos de Geraldo Henrique das Mercês.

<sup>32</sup>Entrevista com Gregório Luís Pinto de Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras.

#### 1.4 RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA E FESTA DE REIS EM CONCEIÇÃO DO COITÉ

A festa dos Santos Reis é uma das manifestações populares de Conceição do Coité, cidade que tem a capacidade de agregar, de possibilitar o entrecruzar de diversão, devoção, sociabilidade e aprendizado mútuo, de modo que a religiosidade dos sujeitos se faz presente por meio das novenas da missa e/ou da procissão. A festa é dinâmica e móvel era (re) criada, (re) apropriada e (re) significada, expressando ações e sentidos dos seus agentes.

A Festa de Reis, por ter uma origem católica, recebia todo apoio da Paróquia de Conceição do Coité, uma vez que, todos os anos, o Grupo Reisado de Cabaceiras fazia sua apresentação na comemoração da Festa Nossa Senhora da Conceição, que acontece de 29 de novembro a 08 de dezembro. Além do Grupo Reisado de Cabaceiras, outros festejos que compreendem a cultura popular, como repentistas e grupos musicais católicos, também participavam após a novena, fazendo belíssimas apresentações no Coreto situado na Praça Matriz da cidade de Conceição do Coité.

Na religiosidade popular, os fiéis vivenciam sua fé, expressam o fenômeno religioso a partir de suas internalizações e põem em prática suas experiências, ressignificando também como expressões festivas. Mesmo as festas tradicionais são apropriadas pelos sujeitos que as ressignificam a partir de seus interesses e de suas possibilidades. Couto (2014, p. 56, grifo do autor) analisa as ressignificações da festa do Senhor do Bonfim, em Salvador:

O ritual desapareceu da programação de muitas festas, mas permaneceu em outras, como nos festejos de Nossa Senhora da Conceição, no bairro de Itapuã, e do Senhor do Bonfim, na península do Itapagipe. Nesses dois espaços, as mulheres deixaram de lavar os interiores dos templos na quinta-feira, pois as portas foram fechadas, porém a interdição não foi capaz de apagar o brilho, a alegria e a emoção de se homenagear Jesus, os santos e orixás sincretizados, como o Senhor do Bonfim e Oxalá, Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá. Se não é possível entrar no templo, a porta, a escada, o adro e até mesmo o largo são sacralizados pelas bênçãos de pais e mães de santo, com suas folhas, incensos, banhos de pipoca e água de cheiro. As *baianas*, munidas de vassouras, flores e vasos com água de cheiro, continuam a purificar o espaço em torno dos templos e os corpos dos fiéis e a fazer da quinta-feira o principal dia de festa.

O fenômeno religioso inculturado está presente na religiosidade popular e, como a festa não é estática, os fiéis ressignificam, dando-lhe outros significados, outras representações. A ressignificação assume função primordial para manutenção da folia. Nos festejos analisados por Couto, do século XIX e início do século XX, o ritual inculturado, isto é, a circulação de elementos da religião afro-brasileira permaneceu nos festejos de Nossa

Senhora da Conceição, no bairro de Itapuã, e do Senhor do Bonfim, na península do Itapagipe, tendo em vista que a interdição das autoridades católicas não impediu que os fiéis realizassem suas práticas; ao contrário, inseriram novos significados, sobretudo com os espaços externos, os quais se tornaram sacralizados pelas benzeduras de pais e mães de santo.

Hoornaert (1991) enfatiza que o catolicismo brasileiro assumiu, nos três primeiros séculos (1500-1800), um caráter obrigatório. Para viver integrado no Brasil colonial, era preciso que o indivíduo seguisse ou ao menos respeitasse a fé católica. Porém, os brasileiros não eram tão católicos assim, vinda com os portugueses, a fé católica era de importação lusitana. Nesta perspectiva, os fiéis brasileiros, através de suas vivências particulares, aderiram e se moldaram a uma espécie de religiosidade popular com elementos de outras religiões, conforme pontua Azzi (1987, p. 79):

Essa imposição da religião oficial através do culto e da catequese, porém não conseguiu vencer em profundidade a resistência dos antigos cultos. Estes continuaram a se manifestar, de forma sincrética ou mesmo camuflada, através de formas populares de fé católica, como as festas de santos e romarias.

Além do catolicismo tradicional, existe o catolicismo popular brasileiro, o qual conserva seus códigos próprios, sua metáfora e sua linguagem. Hoornaert (1990) entende o catolicismo popular como religiosidade vivida pelos pobres e define um cristianismo moreno, nem branco, nem preto, nem ocidental, nem ameríndio, nem africano; o cristianismo mestiço que se manifesta no dia a dia no Brasil, inclusive em Cabaceiras de Conceição do Coité.

Assim como Azzi (1987), Hoornaert (1990) não acredita na existência de um catolicismo oficial e autêntico, defendido pela teologia e pelo direito canônico. Para estes autores, o catolicismo puro não era vivido nem mesmo pelo clero no Brasil. A diferença entre a vivência religiosa dos padres e a da população em geral é que os religiosos acreditavam que o Cristianismo deles era puro, o único verdadeiro, e os fiéis não tinham problemas de ortodoxia e de autenticidade, da doutrina oficial.

Para Azzi (1987), paralelamente ao catolicismo oficial imposto em todo território brasileiro, os colonos portugueses trouxeram também um catolicismo mais íntimo, mais impregnado de sentimento religioso: o catolicismo da devoção. O catolicismo tradicional seria articulado à doutrina e às normas institucionalizadas, enquanto que o catolicismo popular se desenvolve longe das amarras hierárquicas e se afirma através de leigos, das festas de devoções, romarias, procissões e novenas. A característica do Catolicismo popular baseia-se “na ausência física da Igreja oficial que dá ao povo o espaço de ação necessário, para

administrar por própria iniciativa os seus assuntos religiosos de modo criativo e rotineiro.” (SUSS, 1979, p. 155).

O catolicismo de origem europeia, implantado na colônia brasileira, por sua vez, continuaria a se mesclar a elementos multifacetados, como as religiões de matrizes africanas, proliferando, em solo brasileiro, as santidades inculturadas mescladas de práticas indígenas, judaicas, africanas, católicas; havia a troca e a reciprocidade configurava o universo simbólico ou mesmo uma unidade social.

Para Miranda (2016), inculturação é definida como experiência de salvação, a qual sempre é interpretada. No processo de evangelização, inculturado é, então, aquele que cria possibilidades para que as pessoas façam uma experiência do encontro com Jesus Cristo, com a mensagem do Evangelho, a partir da realidade existencial e sociocultural na qual se encontram ou que vivam em sua cultura e participem do contexto sócio-histórico ao qual pertencem, à luz da fé.

Seguindo nessa linha de pensamento, a Inculturação implicaria na manutenção da fé, como instrumento de salvação e promotora de aproximação com o sagrado. Miranda (2016, p. 8) acrescentou, ainda, que: “Inculturação não é outro senão o processo mesmo da fé, que não significa o aprendizado teórico de um conteúdo, senão uma experiência do acolhimento consciente da ação criadora salvadora de Deus na vida e na história.”

Compreendem-se os festejos aos santos a partir da religiosidade popular, haja vista não se limitar, exclusivamente, às instituições religiosas da Igreja Católica, uma vez que, para além de suas (re) significações, as experiências pessoais dos fiéis em que pese a devoção aos santos, ao catolicismo em Conceição do Coité (BA), estavam fortemente presentes em sujeitos que não eram vinculados a nenhuma instituição religiosa.

Os depoentes do Grupo Reisado de Cabaceiras disseram que eram católicos possivelmente; muitos não assumiam o caráter de dupla pertença, católicos e frequentadores de Terreiros de Candomblé, talvez por causa da perseguição à religião afro-brasileira, que perdurou até o século XX; e, ainda, atualmente, muitos ainda veem com olhar de preconceito.

Silva (2010a, p. 129) salienta e problematiza o olhar de Eurico Boaventura<sup>33</sup> sobre as práticas religiosas, a partir da hegemonia do Catolicismo em Feira de Santana, deixando patente a existência de outras expressões religiosas, “Centro Espírita Paz dos Sofredores, fundado em 1936, Igreja Evangélica Unida, organizada em 1937, Igreja Assembléia de Deus, fundada em 1938 entre outras.”. A análise aqui parte em sentidos extremos, em que o olhar de

---

<sup>33</sup>Poeta Pertencente a Feira de Santana (BA).



Eurico Boaventura, homem da elite feirense, omitiu a presença da religião afro-brasileira nas terras feirenses. A condenação às religiões afro-brasileiras ocorreu em diversas regiões do Brasil.

Trabuco (2014) destacou as repercussões às religiões de matrizes africanas, condenadas pelos batistas em Feira de Santana:

A conversão de pessoas consideradas irrecuperáveis causava muita repercussão; os encontros religiosos que contavam com testemunhos eram os mais divulgados e concorridos. (TRABUCO, 2014, p. 218).

[...] As representações construídas pelos batistas [...] demonizavam as religiosidades afro-brasileiras, reproduziam, no interior das igrejas e no pensamento teológico, o preconceito racial presente na sociedade e, em contrapartida, ofereciam a sujeitos de segmentos sociais marginalizados uma religiosidade que apresentava ferramentas para a autoafirmação, como a leitura e o trabalho como inerentes à prática de padrões de conduta socialmente aceitáveis ou convencionais. (TRABUCO, 2014, p. 248-249).

Trabuco (2014, p. 239) ainda acrescentou:

O trânsito religioso de fiéis das religiões afro-brasileiras para o neopentecostalíssimo tem sido interpretado nos estudos sobre esses últimos como um trânsito de pessoas que vivenciam suas crenças anteriores às avessas, pela negação/reconhecimento de seus elementos simbólicos nas novas comunidades de fé.

Em Conceição do Coité, ao que parecem, as religiões afro-brasileiras foram perseguidas, visto que alguns depoentes, no primeiro momento, omitiram algum tipo de relação com a religião afro-brasileira. Durante os festejos do Grupo Reisado de Cabaceiras, momento da gravação do primeiro DVD no ano de 2005, na casa de Valdemir de Assis, comunicador, ex-vereador, atual secretário de comunicação do município de Conceição do Coité, a festa foi apresentada com muita alegria. Havia presença de crianças, jovens, adultos e idosos, todos cantaram e festejaram com muito samba. Fez-se uma roda de samba para os donos da casa, visitantes, integrantes do grupo, crianças e, inclusive, a Curandeira, Arcanja dos Santos Silva, presentes (Figura 6); esta dançou, girando seu vestido branco rodado, e sambou ao ritmo das palmas. (GRUPO..., 2005b, n.p.).



**Foto 6 – Ialorixá, Arcanja dos Santos Silva, na apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras, Conceição do Coité, 2016**

Fonte: Grupo Reisado de Cabaceiras (2005b)

Entretanto, o que parecia tímido no sentido dessas relações e práticas inculturadas tornara-se evidente. Em um segundo momento das entrevistas com alguns reiseiros, os mesmos relataram a aproximação do Grupo Reisado de Cabaceiras com Terreiros de Candomblé, desde sua fundação sobre a coordenação do fundador Macário das Mercês.

Embora haja hegemonia do Catolicismo e a presença de outras denominações cristãs em solo brasileiro e com a perseguição aos cultos afro-brasileiros, esta que perdurou até o século XX, observam-se práticas inculturadas na religiosidade popular, sobretudo no Reisado de Cabaceiras em que o diálogo religioso faz parte do ritual do grupo Cabaceirense e a dança dos festeiros do Reisado era similar a algumas danças afro-brasileiras: os reiseiros balançavam todo o corpo, giravam muito, batendo os pés no chão, como se estivessem em processo de possessão, tal qual ocorre nas religiões de matrizes africanas.

O campo religioso está sempre em movimento, tornando a religiosidade plural. Os católicos estavam em relação com outras religiões e religiosos que se correspondem, porém é possível distinguir cada elemento específico de cada cultura em que “os devotos aceitam com mais tranquilidade as analogias e o pluralismo religioso” (COUTO, 2010, p.164). Para Velho (1994, p. 26),

os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se move que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear. Nenhuma sociedade é monolítica culturalmente sempre apresentam planos e dimensões diferenciados em função do seu modo singular de construção da realidade.

O Reisado compreendido como resultante de um catolicismo plural, diversificado, que historicamente pode ser interpretado enquanto resistência cultural. Diversos historiadores, inclusive Couto (2010), discutiram a inserção do sincretismo e como se mesclaram os elementos de diversas culturas. O caso específico do Reisado de Cabaceiras também indica que a religiosidade ritualística e inculturada pode também se expressar de diversas formas, os sambadores dialogam o tempo todo durante os festejos com piegas, uma dança composta de movimentos por todo o corpo, ao que parece entrando em trânsito, em que os reiseiros dançam batendo os pés no chão, girando e requebrando dos pés à cabeça; muitos parecem entrar em possessão, durante as danças, semelhante ao Candomblé.

Ao estudar as festas de São Benedito em Tijuáçu, Miranda (2009a, p.117) constatou a presença de outros festejos, que continham elementos da Religião afro-brasileira, a exemplo do Samba de Lata; conforme ressaltou:

O Samba de Lata reacendeu os batuques das tradições e festas, que não foram apagadas na diáspora africana, pois os batuques têm como característica marcante a essencialidade que marca a poética afro-brasileira. O molejo, o gingado e a alegria são características perceptíveis dos componentes do Samba de Lata. Dentro desse universo marcado pela oralidade, o tempo da diversão não deixa de exaurir.

Este fenômeno de inculturação se faz presente no Grupo Reisado de Cabaceiras. Conforme o depoente Armando Oliveira, *existe samba, batuque, a chula aí é tudo você canta chula, aí canta o batuque para rematar aquela chula que você faz. Então, ali é o arremato daquilo que você fez, da chula aí você canta o batuque.*<sup>34</sup>

Os componentes do Grupo Reisado de Cabaceiras percebiam e compreendiam essa diversidade, a qual fazia parte do ritual do grupo de reiseiros; era uma característica que sempre fez parte do Grupo Reisado de Cabaceiras, conforme relatou Armando Oliveira, na condição de Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras:

Os rituais da festa só piega cada um todo lugar é assim cada um samba diferente né, mais a gente é a chamada piega mesmo, piega vem do samba da gente, samba da roça, então é mulher e homem, todos é um ritual é aquilo ali mesmo, você faz a roda no pé da parede através na sala ou do salão onde a gente tá, aí as pessoas se empolga e aí sai sapateando, pisando os pés no chão. Não, é aí que tá o problema porque nem todo, tem gente que tem a cultura do Candomblé, tem a cultura do samba de roda e a gente não pode impedir isso, porque é uma coisa que tá dentro dele. Então, se ele gosta mais

---

<sup>34</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

assim, religião assim pra dizer assim, eu sou, eu tenho a seita e vou não, são todos católicos na versão da linguagem do povo.<sup>35</sup>

A *piega*, segundo o depoente, é uma dança que faz parte do ritual do Grupo cabaceirense, os reiseiros balançam todo o corpo, dando umbigada, joga-se o corpo para frente, para trás, para as laterais e giram por alguns minutos, às vezes sem sair do lugar. Ao questionarmos a relação do Grupo cabaceirense com as religiões afro-brasileiras, todos negam algum tipo de participação. Mas, num segundo momento de entrevista, alguns ressaltaram que o Grupo de Reis de Cabaceiras concebe uma relação com o Candomblé, pois, desde a fundação do Grupo, festeja-se nos espaços de cultos, terreiros. Como exemplo, um Babalorixá foi convidado para o Festejo de Reis na casa do fundador do grupo, cada um (sambador e Babalorixá) festejava à sua maneira. E, para, além disso, eram comuns os festejos com *carurus*, comida de orixá que os católicos aderem até mesmo em festejos católicos, o que se configura, assim, como inculturação, apropriação de práticas do Candomblé. “Os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado, com passagens às vezes quase imperceptíveis. Podem a qualquer momento transitar de um (mundo) para o outro, em função de um código relevante para suas existências.” (VELHO, 1994, p. 26).

Essa dança para os Orixás pode acontecer independente de culto, festejo ou oração. Pode acontecer até mesmo durante um Festejo de Reis, fato evidenciado nas festas dos cabaceirenses, em que uma participante reiseira entrou em processo de possessão. Segundo uma depoente:

Teve uma vez que lá teve um Reis, o samba tava bom só vendo, quando dei fé a porra deu o caboclo, Deus me perdoe. Aí pronto, virou demorou pouco, aí tiraram, levaram aí a gente ficou assombrada. Ave-Maria, aí eu tomei um medo até hoje, não vou mais nunca, não fui mais nunca, que tomei medo, a gente ficar assim, não está se dominando, não fui mais nunca. Foi ruim, fiquei com vergonha, Ave Maria.<sup>36</sup>

No relato acima, constata-se a timidez e o constrangimento da sambadora que entrou em transe durante a Festa de Reis realizada na residência do Sr. Macário. Seu comportamento acanhado, por ter sido possuída pelos orixás, revelou o medo e o constrangimento, devido à perseguição constrangida e à discriminação do Candomblé.

---

<sup>35</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>36</sup>Maria de Jesus Almeida, nome fictício. Optou-se por não identificar esta participante do Grupo de Reisado, para preservar sua identidade.

Ao que parece, na narrativa da participante, esta faz parte da Igreja Católica. Entretanto, assiste-se a uma pluralização da fé, a uma liberalização religiosa em que a circulação religiosa dos adeptos se configura em constante experimentação, vivência, que incorpora os valores dos símbolos, dos rituais, entre as diferentes religiões e religiosidades, mais pela união do que pela conversão e pela proximidade com as práticas alternativas.

Segundo a depoente sambadora:

Eu vi que tava com a perna doente, então é que depois que eu mudei e fui para Igreja, minha perna está bem melhor, porque eles eram (pausa), a gente está assim sentindo alguma coisa eles oram e passam aquela água que bota um produto que é bento, eles me deram, passam na perna, pronto acabou tudo e a Igreja Católica graças a Deus, olha minha filha eu levanto na hora que estão rezando o ofício lá, eu levanto aqui, daqui eu vejo tudo. Aí onde falar o nome de Deus é aí que eu estou, eu vou pra Igreja, escuto quando está rezando o ofício de madrugada, eu levanto daqui eu vejo tudo, aí eu respeito tudo.<sup>37</sup>

A fé dos sambadores se baseia numa religiosidade plural, pondo Deus acima de tudo e através das constantes vivências e circulação em diferentes denominações cristãs; bem como nas religiões afro-brasileiras, que, para além da fé, denotam, acima de tudo, um caráter de respeito. Os sambadores percorriam as diversas religiões com vários objetivos, seja ouvir um ofício, seja ouvir uma música, seja receber uma oração e ser ungido com óleo, buscando a cura ou algum paliativo que lhes for mais acessível no momento da angústia. O Catolicismo vivido no Brasil se constitui numa pluralidade, em que as diversas formas e escolhas pessoais de fé e vivência aludem aos variados significados e sentidos, os quais satisfazem as aspirações e as idealizações de cada segmento social.

Silva (2014), ao analisar características de inculturação, utilizou o termo “trânsito religioso” em referência à migração e aos motivos de pessoas que eram adeptas do Candomblé se converteram para as denominações protestantes e algumas retornaram às suas antigas práticas religiosas. Silva (2014, p. 155) enfatiza a atuação dos convertidos:

Identificamos que os convertidos passaram a demonizar o Candomblé, isto é, assumiram o discurso do novo grupo religioso ou fizeram apropriações e ressignificações de práticas e rituais da religião anterior. É importante ressaltar que a demonização das religiões de matrizes africanas não é um fenômeno recente e nem praticado apenas pelas denominações protestantes.

---

<sup>37</sup> Maria de Jesus Almeida, nome fictício. Optou-se por não identificar esta participante do Grupo de Reisado, para preservar sua identidade.

Nas análises de Silva (2014), ficou constatada a presença de elementos culturais das religiões afro-brasileiras no protestantismo de origem neopentecostal, em que ocorreu o trânsito religioso muitas vezes pela busca da cura de algum mal, como também devido a desilusões com o grupo religioso que herdara. Os adeptos não se sentiram satisfeitos ou não conseguiram o objetivo desejado e, ao se converterem para outro grupo religioso, alcançaram a “verdade” ou o restabelecimento de vida de forma positiva.

Para além desses motivos, Silva (2014) ressaltou, ainda, que os convertidos, embora tenham demonizado o Candomblé, apropriaram-se de práticas e de rituais da religião anterior e ressignificaram-nas e que a demonização das religiões de matrizes africanas compreende-se como um fenômeno antigo, o qual é praticado por outras denominações religiosas, além das protestantes.

O imbricamento de terapêutica e de espiritualidade torna-se uma verdade eficaz, construída e orquestrada pelo próprio sujeito, experimentador por excelência. Outra cena está registrada no primeiro DVD do Grupo Reisado de Cabaceiras (2005b), em que se mostra uma Curandeira; esta que, durante o samba, pegou uma garrafa, colocou-a sobre a cabeça e dançou, girou por algum tempo e a garrafa não caiu. Ao que parece, a cena e a atitude desta possível mãe de santo se deu de forma espontânea. Siqueira (2001), ao discutir o trânsito religioso, utiliza o termo “relativismo” (ou “poliformismo”), para novas religiosidades e sua expansão. Siqueira (2001, p. 171-172) também analisa que a expansão das novas religiosidades não é um fenômeno típico do Brasil: “O ‘despertar religioso’ dos anos 1980 ocorreu desde o Japão, passando pela Europa. Instalou-se com força na Itália. Entretanto, no Brasil, apresenta particularidades. O fenômeno não é recente.”.

A relação do Grupo Reisado de Cabaceiras com as religiões afro-brasileiras se dava, também, para alguns sambadores, de forma harmoniosa, em que o Grupo cabaceirense, sacerdotes e sacerdotisas de um Terreiro de Candomblé festejaram juntos, no mesmo espaço, de modo que ocorria uma reciprocidade entre os mesmos. Os festeiros e o Sacerdote do Terreiro festejaram um na festa do outro, como pontuou, Geraldo Henrique das Mercês, líder reiseiro:

Nas das vezes, é, nós já fomos convidados. Aí a gente chega, entendeu? Faz a nossa parte, certo? Como na época do caruru em setembro, aí vem a parte do Candomblé, com o Reisado. Nós vai, faz a parte do Reisado e a partir da meia noite, aí o Candomblé toma conta. Porque o problema do Terreiro, o que eles dizem, o Reisado faz parte também do Candomblé, certo! Do

terreiro e tal, entendeu? Que são devotos dos três Reis Magos, certo! E aí, canta o Santo Reis e depois, ele vai e faz o Candomblé.<sup>38</sup>

Ainda sobre essa dinâmica de inculturação entre os reiseiros de Cabaceiras, observou-se uma religiosidade multifacetada. A depoente Sofia das Mercês ressaltou:

A era, mandava cantar o Reis primeiro, aí o Reis entrava para dentro de casa, cantava a chula de Reis, depois vinha o Candomblé. Era, cantava o Reis primeiro, depois entrava pra dentro de casa, fazia um sambinha. Hoje estou velha já, não ligo pra festa dançar, chego em casa cansada fazendo as coisas com sono, há quando estou sozinha eu gosto de sair quando os meninos mim, levam eu saio, mais assim, eu nunca mais quis ir numa festa, nunca deixei de ir não. Eu não quero mais festa não, não quero mas festa não. Essa perna não sarou, aí eu não sair por nada, aqui só tem ali, essa a menina de Gilberto de finado Coisinha, aí foram, eles vão para Igreja, e aqui e essa rua toda é crente, aí quando pergunta cadê o povo dessa rua? Foram pra Igreja. Aonde? -Lá na Fonte Luminosa. É Marina, é Preta, é Coisinha, tudo, tudo, eu disse tu não sabe de uma, eu vou pegar também a igreja dos evangélicos, onde estiver falando o nome de Deus, aí a gente pode está. Eu não vou dizer que não sou católica, e nem vou dizer que sou crente, eu sei que acredito em Deus, e onde estiver falando o nome dele, eu vou. Sou evangélica agora por isso.<sup>39</sup>

As pessoas circulam entre as religiões conforme suas alternativas, isso denota troca de uma por outra como também a prática simultânea de duas ou mais. A Sr.<sup>a</sup> Sofia das Mercês ressaltou os motivos pelos quais se dá sua circulação pela Igreja Católica e Evangélica. Ela se considera católica, mas a sua ida a outras denominações cristãs deve-se ao fato de muitas vezes se sentir sozinha. Para a depoente, o verdadeiro sentido religioso é de acreditar em Deus, de buscar uma cura, ou mesmo por outras necessidades. Em outras palavras, o que conta para a depoente é a eficácia do sagrado, a religiosidade que pode satisfazer suas necessidades espirituais.

As irmandades também foram peças cruciais para se concretizar a afirmação cultural, de construção de identidade formada no processo de transporte para a América, onde se constituiu uma cultura mesclada. Miranda (2009b, p. 307) aponta que, “as irmandades foram criadas por diferentes categorias raciais e sociais. Para os negros, forros e cativos, possibilitou um viver menos doloroso, nessas terras do além-mar, pois, no espaço das irmandades, podiam manifestar com certa liberdade e autonomia”. Os negros vivenciavam a fé, através das festas:

<sup>38</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>39</sup>Entrevista com Sofia Oliveira das Mercês, 76 anos, reiseira e esposa de Zacarias das Mercês, filho de Macário das Mercês. Concedida em sua residência no Centro, Cidade de Conceição, em 12 de janeiro de 2015.

Durante o século XIX, a cultura africana se fazia presente nas festividades religiosas. Os escravos se rebelavam através das festas negras que confundiam os responsáveis por seu controle. O direito de festejar é resultado de conquista dos escravos em suas negociações cotidianas com seus senhores. A festa foi vivida pelos escravos com diversos fins. O calendário católico promovia a ocupação das ruas e constituía um importante espaço de expressão da festa negra, assim, os africanos realizavam e produziam seus festejos que podiam ser também católicos. Os tambores comunicavam que os africanos e seus descendentes não se deixariam ser escravizados culturalmente. (OLIVEIRA BRITO, 2013, p. 47).

Pereira (2010, p. 28) enfatiza que as irmandades na cidade feirense foram um espaço de resistência e sociabilidade de segmentos excluídos: “Tentavam converter ao catolicismo levando assim, muitas vezes a desqualificação das religiões de matrizes africanas.”. E complementa:

A exigência da Irmandade de São Benedito em apenas aceitar pessoas que participavam da Igreja Católica leva a pensar que esta tinha receio do avanço de outras manifestações religiosas em Feira de Santana, como as doutrinas protestantes e as religiões de matrizes africanas. (PEREIRA, 2010, p. 31).

Ao participarem das irmandades, os negros podiam apresenta-se como católicos, o que, aos olhos dos representantes da Igreja Católica, significava uma suposta renúncia ao passado africano. Neste sentido, pensar a Festa de Santos Reis no âmbito da religiosidade consiste em pensar as fraturas, as contradições, os conflitos existentes no seu interior, uma vez que sofreu a influência das culturas africana, indígena e européia, de (re) significações de elementos da cultura erudita, o que contribuiu para a pluralidade de elementos que compõem esta expressão popular que se desenrolou fora das amarras do catolicismo oficial.

Braga (2009, p. 164), ao analisar o Candomblé de caboclo na Bahia, afirma que se trata de “uma variante do Candomblé que incorporou um número considerável de elementos da cultura religiosa indígena, e de outras práticas religiosas como, por exemplo, o espiritismo popular.”. No Reisado de Cabaceiras, muitos interlocutores disseram não reconhecer a presença de elementos da religião afro-brasileira. Talvez omitam tal presença ou não a especifiquem, tentando escondê-la, devido à perseguição que fora posta durante séculos às religiões de matrizes africanas. Ao ser entrevistado, o Sr. Armando, vice-presidente do Grupo, rememorou:

Eu não, eu não, mais tem gente que toca por exemplo: o devoto de Candomblé chama ele vai também, agora eu não vou, eu não vou não é porque eu não tenho preconceito não, mas eu não sou muito ligado a isso. Então, eu gosto do samba, então, se ir pra Candomblé e outra coisa eu não



vou porque não acompanho isso, agora no grupo da gente tem gente que acompanha. Não, eu não vou não porque não gosto não vou.<sup>40</sup>

O Sr. Armando Oliveira descreveu uma situação caracterizada como inclusão de práticas religiosas do Candomblé, pois ficou patente o elo entre o Grupo e o Pai de Santo, em que, para além de alguns sambadores aderirem à prática ou recorrerem à religião afro-brasileira, a entidade fez o convite ao Grupo para festejarem no Terreiro, o que demonstrou, assim, a inclusão de práticas do Candomblé. No entanto, mesmo alguns festeiros não comungando ou rejeitando festejar em Terreiros de Candomblé, Sr. Geraldo Henrique das Mercês relatou a relação entre o seu Grupo e a Casa de Santo:

Porque o problema do Terreiro, o que eles dizem o Reisado faz parte também do Candomblé, certo! Do Terreiro e tal, entendeu? Que são devotos dos três Reis Magos, certo! E aí, canta o Santo Reis e depois, ele vai e faz o Candomblé.<sup>41</sup>

Os integrantes do Grupo Reisado de Cabaceiras, assim como os adeptos do Candomblé e seus sacerdotes, realizavam várias práticas rituais como elementos que se somavam à religiosidade vivida cotidianamente. Visitamos 02 (dois) Terreiros de Candomblé e entrevistamos os Sacerdotes, um Babalorixá e uma Curandeira. Nesses Terreiros, o Grupo Reisado de Cabaceiras festejava, seja no período de Reis ou a convite do dono do terreiro. Os relatos da Curandeira, Sr.<sup>a</sup> Arcanja Silva, ao ressaltar a participação do Grupo de Cabaceiras em sua residência, confirmam o depoimento do Sr. Geraldo:

Já graças a Deus, e é do bom, que é o Reis de vocês mesmo e o Reis de Barrocas, e o Reis de Tanquinho, já veio o Reis de todo lado aqui. O de Cabaceiras passa, passa sim, e se ele estiver cantando na frente da igreja e eu não for olhar, eu morro, eu morro com certeza, como é que sai meia noite, eu saio na carreira e vou ver e fico olhando, só saio depois que termina. Comportam bem, dança sim, cada dançada bonita (risos) Ave Maria tanto batuque de Cabaceiras como de Barrocas, ou que coisa bonita, como o de Tanquinho, o de Riachão já e quando vejo pra lá, pra ter o Reis para o carro, só saio depois do Reis, já viu.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>41</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>42</sup>Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira Conceição do Coité, Centro, em 2015. Curandeira.

A Curandeira ressaltou a relação da Festa de Reis com a sua religião, o Candomblé, demonstrando como é que eles dialogam e se respeitam, traçando similaridades nas respectivas devoções:

Eles, o menino do Reis dá valor, dá valor, os meninos que canta o Reis para me é tudo, eles dão valor o Reis para me é como missa, e eu tou pensando que para me, todos pro padre, papa o Reis é uma missa, porque o Reis foi cantado, o primeiro que cantou o Reis foi Jesus, então Jesus está no meio do Reis, Jesus, Maria e José está no meio do Reis, um Reis cantado numa casa vale tudo e levanta tudo, é a mesma coisa de você rezar o ofício nove dias em seguido. Reis ele pensa em vim cantar aqui, se ele, se ele ver que não vai se dar bem, ele passa direto, não vem aqui não entendeu? Já, e eu sei que agora nesse mês, ele pode andar onde for mais ele entra aqui em casa eu tenho toda certeza, ele não esquece não, ali é gente boa menina, oi se você chega a frente tem o lugar pra sentar. Vem, e vem de boa.<sup>43</sup>

Os reiseiros de Cabaceiras foram elogiados pela Curandeira, Arcanja Silva, pelo fato de que os mesmos iam a seu Terreiro festejar os Santos Reis. Nessa relação entre as religiosidades, observamos as práticas inculturadas. A Curandeira Arcanja afirmou a eficácia de manutenção dessas práticas dos Reis Católicos e dos rituais do Candomblé, vivificadas com a religiosidade, levando a mesma a considerar que essas práticas inter-religiosas não cessarão.

Senna (2014) destacou a pluralidade da religiosidade popular, quando fez a análise de um Terreiro, e classifica o Candomblé católico, o povoá e os agentes do sagrado sem feitura de cabeça como encantaria feirense. Segundo Senna (2014, p. 124), há complementariedade dos elementos religiosos católicos, afro-brasileiros e indígenas, “embora santos, orixás e caboclos se comportassem em diferentes níveis, mas sempre em arranjos que se completam.”.

Ainda conforme Senna (2014), nos terreiros não se excluem elementos católicos, as pessoas trabalham com os encantados, mesclando santos católicos, caboclos e, às vezes, orixás; e os agentes não se preocupam com a tipologia dos referenciais míticos ou simbólicos. Senna (2014, p. 131-132), em suas análises, destaca características do ritual do Candomblé católico fazendo analogia com o Reisado:

No Candomblé Católico, os santos são os guias dos orixás. No Povoá, os santos são os guias dos caboclos. Os santos sempre são os guias. Os devotos escolhem a que seguidores espirituais devem se vincular [...] com exceção do pandeiro não identificamos, no Povoá nenhum outro instrumento de

---

<sup>43</sup>Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira Conceição do Coité, Centro, em 2015. Curandeira.

percussão que acompanhasse o ritual. A tônica se encontra nos instrumentos de corda enfeitados para as funções de reisado, nas palmas que comumente acompanham os cânticos e nas vozes que os entoam. Os chapéus de palha enfeitados, as roupas coloridas, os instrumentos cheios de fitas e as bandeirolas na casa lembram, a todo o momento, um ambiente de função de terno de reis, embora os participantes não sejam, necessariamente, membros de alguns desses folguedos.

Em Conceição do Coité, encontramos Terreiros de Candomblé que dialogavam com as resultantes do Catolicismo Popular, a exemplo dos festejos aos Santos Reis. Ao questionarmos à Curandeira, a Sr.<sup>a</sup> Arcanja Silva, sobre qual é a relação dos Santos Reis com a sua religião, o Candomblé, como é que dialogam, ela, entusiasmada, destacou as definições entre santos e caboclos:

No Candomblé eles são caboclo. É, com certeza é, que Ave Maria, o Reis tem três Reis, o Reis Sebastião, está ouvindo? O Reis, São Jorge e o Reis São Roque, esses três é Reis. Católico. No Candomblé eles são caboclo. Tem o São Roque que é preto velho, é São Roque é o Reis da casa, tá entendendo? Tem Oxóssi que é São Jorge, com certeza e tem o Reis Sebastião que o Reis mesmo, Rei Sebastião ele cantou também até na água do mar, ele viajou numa boa embarcação e o povo só falava no Rei Sebastião, aí foi Jesus que deixou não como ninguém, entendeu?<sup>44</sup>

Seu relato afirma a aproximação dos elementos da Religião de Matrizes Africanas e o Catolicismo, em que os Santos Reis e os caboclos correspondem à mesma categoria. A sacerdotisa citou o “Reis Sebastião”, o que certamente é uma referência a D. Sebastião, monarca português do século XVI, desaparecido e cultuado em vários movimentos messiânicos no Brasil, inclusive em Canudos. Através das devoções, esses elementos mantêm sempre arranjos, sempre se completam. O diálogo entre o Catolicismo e a Religião afro-brasileira é muito intenso. Além disso, a Curandeira Arcanja Silva se considera católica, conforme acrescentou:

Eu estou no meio, no catolicismo e no Reis, eu estou no meio, eu nasci católica, eu morro católica, tá entendendo? Eu nasci católica eu morro católica, eu amo. O católico não desfaz de mim de jeito nenhum, a Bíblia é uma só 10 mandamentos da lei de Deus é 1º amar a Deus sobre todas as coisas, é quem resolve tudo, se você tem fé, vá a frente, é a fé também se você não tem fé, não tem candobenzeiro certo, não tem igreja certo, não tem crente certo, como é que vou na sua casa com falsidade, eu digo: olha lá vai ter um Reis, eu saio daqui vou com falsidade não eu vou com fé, eu vou com

---

<sup>44</sup>Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira Conceição do Coité, Centro, em 10 de dezembro de 2015. Curandeira.

fé, e sempre estou lá com fé e volto com fé e gosto do Reis e pronto, eu amo, amo.<sup>45</sup>

Os reiseiros cabaceirenses foram ressaltados pela Curandeira Arcanja Silva, pelo fato de eles irem a seu Terreiro levar o Reis. Nessa relação entre as religiosidades, torna-se afirmada a prática inculturada e mais fortalecida, situação que a Sr.<sup>a</sup> Arcanja avaliou como natural e importante para ser passada para os seus filhos: a eficácia de manutenção dessas práticas ressignificadas da religiosidade brasileira e sertaneja:

Só quando a pessoa morrer, aí não vai acabar não, já fica pro filho de terreiro tá entendendo, eu estou velha, quando eu morrer um filho meu ou uma filha de santo ou qualquer coisa mas fica a mesma coisa e o reis quando Deus quiser que o chefão vá ele envia o que já sabe fazer é o lugar dele ou filha e canta, as meninas canta bonito, canta quando eles abre a boca para cantar, elas já estão cantando também, é lindo é bonito.<sup>46</sup>

Essa relação entre o Grupo Reisado de Cabaceiras e o Terreiro de Candomblé, Umbanda, deu-se desde a fundação do Grupo, pois, na família de Macário, desenvolveu-se a manifestação dos Orixás. E, conforme Dona Sofia,

Na casa de meu sogro mesmo, por lá porque uma, não sabe porque também? Porque tinha uma Nagô lá, eu me alembro como se fosse hoje, se chamava dona Zabe, eu me alembro dela, mais era tudo menina nova. Não o samba foi esse mesmo, isso mesmo o dá nega Nagô que pediu a casa pra fazer esse samba, e compadre Macário aceitava mais comadre Maria. Compadre João, aquele menino, compadre João, aquele que é irmão de Zacarias pegou a curar do tamanho desses meninos minha filha, foi ô, veio um que chamava Boa é Alesboa, e o trato chamava ele de Boa. Olha, teve um bocado dessa vez pra vim ai, porque ele estava desse jeito, deste tamanho já, as coisas pegando ele, aí veio um bocado. Conseguiu, depois, depois chegou uma turma de coisa lá pra fazer, mais ele viu, ele destamainho, eu tinha dó, porque ele era pequenininho, aí foi indo minha filha: se tu visse como era.<sup>47</sup>

Segundo a depoente, foi de inteira necessidade de Macário das Mercês festejar e buscar cura para o filho. O então fundador do Grupo Reisado de Cabaceiras, Macário, solicitou a presença de uma Ialorixá, a Nagô, em sua residência, para festejar durante o Reisado, pois um dos filhos de Macário, João, vinha demonstrando comportamento diferente, até sofrendo, sempre entrando em possessão, ainda quando criança. A narrativa deixa nítida

<sup>45</sup>Entrevista com Arcanja dos Santos Silva, 72 anos. Concedida em sua residência. Rua Maximínimo Madureira Conceição do Coité, Centro, em 10 de dezembro de 2015. Curandeira.

<sup>46</sup>Idem.

<sup>47</sup>Entrevista com Sofia Oliveira das Mercês, 76 anos, reiseira e esposa de Zacarias das Mercês, filho de Macário das Mercês, concedida em sua residência no Centro, Cidade de Conceição, em 12 de janeiro de 2015.

que Macário compreendeu o comportamento diferente de seu filho e convidou uma Mãe de Santo, no intuito de cuidar de João, o qual começou a curar pessoas por alguns anos. Os motivos que fizeram João desistir ou parar de atender não foram esclarecidos nos depoimentos.

Ainda sobre a presença de Sacerdotes do Candomblé na residência de Sr. Macário, fundador do Reisado de Cabaceiras, foi mencionado pelo Babalorixá, João Isidoro da Silva, 57 anos, o qual contou que conheceu Macário e que já festejou na residência do mesmo; além disso, contou que permaneceu próximo a Geraldo com seu Grupo de Reisado festejando sempre em seu Terreiro. *Pela união sempre a gente teve como amigo, o grupo de Geraldo apresenta durante meus festejos sempre. Conheci muito o velho Macário. Tem muito tempo, mas em vida dele andei por lá algumas vezes.*<sup>48</sup>

A partir das narrativas dos entrevistados, percebe-se como eram fortemente interligadas as experiências e as práticas religiosas com as Festas de Reis e a participação dos festejos da Religião de Matrizes Africanas na residência do Sr. Macário e nos terreiros de Candomblé ou Umbanda da Região Sisaleira.

O estudo das festas como objeto de pesquisa se constitui um problema histórico relevante e acarreta sobre elas o entendimento explicitado por Abreu (1999), direcionando como objetivo o olhar para as identidades múltiplas, para os diálogos sociais existentes, os processos de troca entre diversas manifestações religiosas. Abreu (1999, p. 15) nos orienta que:

Colocar no centro da investigação as pessoas pobres, simples, comuns, escravos, negros e imigrantes. Isto deveu-se ao fato de terem compartilhado uma série de manifestações, tais como festas, danças, gosto, e de terem sido identificados conjuntamente pelas autoridades municipais que desejavam “civilizar” os costumes da cidade. [...] reconhecimento evidente de que estes sujeitos históricos pensavam, agiam, criavam e transformavam seu próprio mundo (valores, gostos, crenças), e tudo o que lhes era imposto, em função da herança cultural que receberam e de sua experiência histórica.

Além de permitir o resgate ou a construção da autonomia desses sujeitos comuns para pensarem e agirem no mundo que os cerca, a festa possibilita um amplo diálogo, como acrescentou Abreu (1999, p. 29),

---

<sup>48</sup>Entrevista com João Isidoro da Silva Nascimento. Concedida em sua residência em Conceição do Coité, Centro, em 07 de dezembro de 2015. Babalorixá.

reconhece como estas manifestações festivas relacionam-se com a experiência social. [...] evidencia o envolvimento dessas manifestações com as lutas sociais mais amplas e com a dinâmica entre o sentido por vezes comunitário da festa e as diferentes versões, significados e apropriações dos seus variados participantes, seus modos e tempos.

As festas populares e religiosas representam momentos importantes na vida do ser humano, sendo por isso objeto de estudo de vários pesquisadores, uma vez que elas abrem

[...] possibilidades para se pensar em um campo de lutas e conflitos sociais em torno das manifestações culturais coletivas, como as festas religiosas, principalmente para ocasião de análise que coloquem em foco embates entre valores e comportamentos e políticas de controle. (ABREU, 1999, p. 15)

Além do mais, para Abreu (1999), as festas populares e religiosas propiciam um amplo campo de análise, tendo em vista que as pessoas que delas participam e celebram carregam sentidos diversos, que, para além da diversão ou devoção, estão incutidos em nós nos festejos: os embates; a perpetuação da memória de um povo; a construção de uma identidade em que os valores e comportamentos são aguçados; bem como as tensões envolvidas mediante grupo elitista ou até mesmo entre os participantes do próprio grupo que a celebra.

## **CAPÍTULO II**

### **O REISADO NO CAMPO E NA CIDADE**

Neste capítulo, discutiremos sobre o caminho itinerante ou a transferência do Grupo Reisado de Cabaceiras para a zona urbana, uma vez que a transferência do Grupo para a sede do município de Conceição do Coité se deu em final dos anos 1980, período de grande efervescência de levadas migratórias para o centro urbano das cidades brasileiras. É importante analisar o comportamento e o olhar dos festeiros e dos sitiantes, principalmente da comunidade de Cabaceiras e localidades vizinhas, ou mesmo os residentes na sede do município de Conceição do Coité, sobre o Grupo e sua nova forma de organização, na tentativa de perceber os motivos da passagem para a zona urbana, apontando os novos sentidos da festa, bem como a apreensão do sagrado e do profano, e demonstrando algumas medidas das autoridades eclesiais da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité para afirmação do catolicismo popular ou para a disciplinarização das festas religiosas.

#### **2.1 SOBREVIVÊNCIA E COTIDIANO: ATUAÇÃO DOS FESTEIROS SERTANEJOS**

O cotidiano, as vivências e as funções que homens e mulheres cabaceirenses desempenhavam no Território da Região Sisaleira estão postos nos relatos, constituindo um testemunho do passado e do presente.

A experiência religiosa e os grupos religiosos são espaços de solidariedade e de sociabilidade. Brandão (2010, p. 92) considera que a relação do trabalho com os festejos aos Santos Reis, para além de compreender os diversos modos de vida dos festeiros, contribui para a manutenção da tradição, como ressaltou:

A análise da relação de trabalho na comunidade de Aldeia, e dos festejos em louvor aos seus padroeiros, permitem compreender um pouco dos modos de vida de seus moradores, uma vez que a atividade na roça contribuía para alimentar a tradição, pois, daquilo que se produz, uma parte é destinada para a compra da roupa e do calçado para festejar os Reis Magos e, assim, compensar o corpo da labuta diária pelo fato da festa proporcionar o extravasar, a diversão.

O homem sertanejo, no seu próprio modo de existência, enquanto ser rural, lida com a terra e vai construindo seus acessórios. A inserção de elementos naturais, como a cuia, implica uma verdadeira sintonia com o trabalho, fruto extraído e cultivado pelos

cabaceirenses, transformado em instrumento musical, dinamizando o espaço festivo. O espaço da festa também possibilita a incorporação de múltiplos e diversificados símbolos e experiências do trabalho.

Outro símbolo, a enxada, também foi transformado em instrumento musical. Depois de muito usada, ao ficar desgastada, tira-se o cabo e o tocador bate na mesma com um metal (faca, colher, garfo), produzindo sons e repiques. Os sambadores consideram necessária a inclusão destes instrumentos, a cuia e a enxada, pois estes refletem uma forte ligação com o cotidiano rural, com a vivência deles, além de representar a comunidade de Cabaceiras, pois é uma festa de raízes na roça. Eis o que narrou o Sr. Geraldo das Mercês:

Com certeza (risos) não pode tirar esse símbolo não, porque é a cabeça a cabaça é da roça. Da cabaça, a gente (pausa), ela seca, a gente faz a cuia, é a marca. A outra marca é a enxada que a gente não pega enxada nova pra botar no samba; não a gente trabalha com ela, quando ela não presta mais pra trabalhar, a gente vai lá, pega ela, com a ferragem e tudo, brincadeira? Né? (pausa), e aí a gente vai tocar ela. É dizendo que, que a festa é uma raiz, a festa é da roça, e a festa é do pobre. É a marca que leva essa festa é essa, não são coisas. É que ainda tem raízes marcando, que pensou a gente dividir esse, eu dividir tá certo, que a gente dividindo com, com quem não tem, da minha parte eu dividir aquilo que eu tenho com quem não sabe, para que a manhã ele se torne é a ser uma pessoa é, que tenha o mesmo conhecimento que tenho hoje.<sup>49</sup>

Numa dinâmica de caráter sustentável e inteligente, os trabalhadores rurais de Cabaceiras usufruíram da própria natureza, enquanto trabalhadores que, plantando, aperfeiçoaram suas ferramentas de trabalho e até mesmo os frutos extraídos da terra, transformando-os em instrumentos musicais, como a enxada e a cabaça. Com sua humildade, naturalidade, serenidade e criatividade, eles tocaram a vida, mantendo o equilíbrio da sua casa, da sua família e das vivências do cotidiano. Apesar de suas dificuldades diárias, eles não se espalharam jamais, seguem em frente com otimismo e esperança, lutando pela sobrevivência, carregando suas marcas vividas, somadas com a sua arte estampada na sua religiosidade. A vida cotidiana do homem da roça não se resumia somente no trabalho no campo, na lavoura. Na sua religiosidade, na devoção aos Santos Reis, esses trabalhadores assumiam espaços e expressavam suas ideias e sua altivez.

Alguns símbolos que compõem o ritual nas Folias de Reis no sertão baiano parecem que estão associados à labuta dos homens na roça, definindo as peculiaridades dos festejos em

---

<sup>49</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.



cada município, as quais são destacadas através de homens fervorosos que persistem pela manutenção da tradição.

Magalhães (2013, p. 34) destacou as peculiaridades da Festa de Reis de Araci, demonstrando os símbolos presentes naquele festejo:

Desse modo, podemos inferir que a figura do boi, do vaqueiro, da mulinha e da fateira, presentes no ritual festivo dos grupos de reisado de Araci, são símbolos que representavam o cotidiano de seus participantes, suas identidades. Quiçá a importância simbólica do boi para os grupos de reisado e até mesmo para a festa em si derive da utilidade que teve nas atividades agrícolas, uma vez que por muito tempo fez parte das atividades cotidianas e econômicas.

Isso nos faz compreender como os foliões, tanto de Cabaceiras como de Araci (cidade próxima a Coité), deixaram fluir sua capacidade de criar e de reinventar suas artes e maneiras de fazer, encontrando, nas festas de caráter profano-religioso, seu refúgio, o lugar promissor para a confraternização e para a escapada da labuta habitual. Utilizaram suas estratégias para se sentirem representados frente à sociedade urbana, ao mesmo tempo em que extravasaram na folia e valorizaram os recursos disponíveis, dando-lhes novos significados e sentidos aos equipamentos de trabalho.

Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos, festeiro, aposentado como trabalhador rural, atualmente é empresário no ramo de joias, na Joalheira e Ótica Barbosa (JOB), ampliou sua renda, vendendo produtos fisioterapêuticos da *Hairlife*, empresa de cosméticos considerados saudáveis e nutritivos para dieta alimentar. O depoente se identificou e gosta de trabalhar com tais produtos, os quais, segundo ele, ao mesmo tempo em que fazem bem, sente-se feliz em fazer o bem para as outras pessoas, bem como os usa e, com a venda destes, ganha dinheiro. Além disso, Gonçalves ainda descreveu, minuciosamente, o trabalho braçal:

A labuta sempre foi aquilo, todo mundo tem hoje, só que era labuta mais a vontade. As pessoas tinha [sic] aquela disposição voltada para aquele movimento, aquele trabalho cansado, não tinha tanta tecnologia como hoje, mas sabe que o trabalho sempre existiu de uma maneira que as pessoas dessem assim, ser útil. O trabalho, quando a gente num de lá da zona rural, a gente sabe que o trabalho é pesado, trabalho braçal, trabalho de roça, trabalhar na enxada, limpar tanque. Então o trabalho não é fácil, é um trabalho que exige um pouco das pessoas.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Concedida em sua residência no Centro, da cidade de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Aposentado/empresário no ramo de joia. Participante da Festa.

Os aguerridos sertanejos coiteenses garantiam a sua sobrevivência a partir de diversas tarefas, as quais não eram desenvolvidas com equipamentos tecnológicos sofisticados. Através da força braçal, revirava o solo, puxando a enxada. Aquele acessório de metal, largo, de duas libras e meia a três libras, acompanhado com cabo de madeira de um metro e meio de comprimento e doze centímetros de espessura, era desgastado, em pouco tempo, nos braços de cada homem e de cada mulher que capinava a terra; bem como limpava os tanques (reservatório de água na terra), o qual era escavado por aqueles homens munidos de outras ferramentas manuais similares à enxada (pá, picareta, enchadete). Aquele trabalho exigia esforço, o suor pingava no rosto; assim, nas úmidas e encharcadas vestes, esses homens viviam o sertanejo, sobressaindo-se diante da fadiga do árduo trabalho e refazendo seu cotidiano, através dos festejos de Santos Reis, sobretudo dos cabaceirenses; festejos por meio dos quais o dia a dia destes reiseiros se desenrolava, uma vez que [...] *são todos lavrador, todos satisfeito com o que Deus deu e com aquilo ali, a folia que a gente tem, toca a vida pra frente. É tanto que a diversão da gente, porque a cultura é o pessoal da roça gosta de cultura.*<sup>51</sup>

Os sambadores entendem o termo “cultura” como tudo aquilo que está associado às suas vivências mediante as relações sociais, as práticas, as experiências, um entrelaçamento que congrega valores, solidariedade e diversos sentidos.

Diante dos relatos dos reiseiros e festeiros, consideramos a eficácia da memória como elemento indispensável para detectar os movimentos e as ações dos sujeitos históricos, analisando as transformações por que passaram e como construíram suas práticas cotidianas. Gandon (2005, p. 231) chama atenção quanto ao discurso baseado na memória, que é estruturado e reestruturado pelo entrevistado, “negociando consigo mesmo e com o entrevistador sua própria imagem ou a imagem de alguma coisa sobre a qual ele se refere.”. A memória funciona como uma forma de estima pessoal especial que é a de reviver ocasiões que foram expressivas no cotidiano vivido.

Na região do Nordeste, mais especificamente na localidade rural de Tijuaçu na Bahia, Miranda (2009a) destacou o Samba de Lata, manifestação cultural que se desenvolveu nas amarras das atividades realizadas pelas mulheres domésticas, relacionado às condições de vida da população, prova disso são os relatos de moradores indicando que usaram sua criatividade como uma fonte de renda e de lazer. Dotados de dotes artísticos, os nordestinos,

---

<sup>51</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Funcionário Público. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do grupo.

na sua própria rotina de trabalho, desenvolvem suas artes. A partir do próprio trabalho, saíram da rotina e fizeram outras atividades simultaneamente.

Similar ao Reisado de Cabaceiras, no qual os sambadores, homens e mulheres trabalhadores rurais, pedreiros, carpinteiros, domésticas, diante de suas condições, deram novos formatos, aperfeiçoando os instrumentos de trabalho, a enxada e a cuia, em instrumentos musicais e buscaram meios para difundir a Festa de Reis na Região Sisaleira; adaptaram e inseriram instrumentos musicais como o pandeiro, o microfone, a caixa eletrificada, o cavaquinho, as roupas padronizadas, as gravações de CDs e DVDs, bem como o apelo às autoridades municipais e a utilização da emissora de Rádio para divulgação do Grupo.

No Samba de Lata de Tijuacu, analisado por Miranda (2009a), as mulheres domésticas também incorporaram seu equipamento de trabalho, a lata de zinco, aperfeiçoando-a e transformando-a em instrumento musical. Como frisou Miranda (2009a, p. 122):

Por dificuldades cotidianas incorporou como instrumento musical um instrumento de trabalho – a lata de zinco –, uma característica que o diferencia de outros sambas. Enquanto nos diferentes sambas, encontram-se como instrumentos musicais a viola, o chocalho de cesto, o violão, o cavaquinho, e o tambor. [...] a lata de zinco, além de servir como instrumento musical, é usada também para armazenar querosene, alimentos e transportar água.

Em Conceição do Coité, as relações dos trabalhadores rurais com o mundo do trabalho transcendiam nos múltiplos espaços, sobressaía o cansaço árduo diante do lúdico que envolvia homens, mulheres e crianças. O labor na terra, os trabalhadores no campo, extravasava mediante a alegria propiciada pelo trabalho em coletividade, em colaboração com outros moradores. Essas práticas eram bastante comuns na Região Sisaleira, onde grupos de trabalhadores rurais se uniam e surpreendiam os proprietários, que se deparavam com aquela multidão revirando a terra “alheia”, como bem ressaltou Faria (2014, p. 70):

Trabalhadores de diferentes cidades do semiárido Nordeste, na Bahia, costumavam nos anos de 1960 e 1970 preservar a tradição conhecida como “boi roubado”. Consistia no meio da madrugada uma propriedade rural um mutirão de capina numa das roças da comunidade, preparando a terra para o cultivo. Somente horas mais tarde, o dono descobria o gesto e, em forma de agradecimento, oferecia um banquete em troca do serviço com muita carne, bebida, música e muita animação para os trabalhadores.

Essa prática de ajuda mútua entre os trabalhadores rurais na preparação do plantio, o boi roubado, também conhecido como adjutório, era comum entre os nordestinos no interior baiano. Brandão (2011, p. 104-105) destacou as características e os significados do boi roubado na localidade de Aldeia no Recôncavo Baiano:

O adjutório, também conhecido como cantar boi, entre os moradores de Aldeia, era uma relação de trabalho, um costume de ajudar o vizinho, que na maioria das vezes também é o compadre. Com essa prática buscava-se sanar uma dificuldade individual por meio de uma ação coletiva, pelos laços de solidariedade estabelecidos entre os sujeitos que mantêm uma teia de relações de sociabilidade típica do homem do campo. Cantar boi é um mecanismo de animar os trabalhadores na prática do adjutório a fim de desenvolver sua tarefa com alegria, diversão e satisfação de estar colaborando com os vizinhos no preparo da lavoura, bem como reforçar os laços de solidariedade e de sociabilidade entre os moradores de Aldeia, vizinhos, amigos, compadres de batismo, que se organiza para esses atos de ajuda mútua e depois se encontram para festejar os Santos padroeiros da comunidade, e também comemorar o resultado satisfatório de uma boa colheita.

As atividades na lavoura eram bastante imbricadas nos festejos de Santos Reis no interior baiano, pois a festa e o deslocamento até a roça compreendiam os modos de vida desses sujeitos. As atividades diárias possibilitaram aos nordestinos um rearrumar no seu cotidiano. Quando saíam das labutas, os sisaleiros costumavam ir à Folia de Reis e a outras festas dançantes, pois eram momentos para se livrarem do cansaço de suas pelegas, o que tornava a vida mais suportável. Como verdadeiros protagonistas, traduziam seu modo de viver, utilizando-se de suas estratégias; inventavam o lúdico, o lazer e o entretenimento, servindo também como “possibilidade para angariar fundos de sobrevivência.” (MIRANDA, 2009a, p. 114). Estão sempre rentes, com suas habilidades e técnicas, construindo seu mundo, conservando a tradição, a exemplo da Festa de Reis.

Ao analisar o Catolicismo no Sertão, Silva (1982, p. 69) afirma que:

Não crestem as secas as esperanças de bom tempo, e nesse sertão emerge, da árdua rotina, um espaço privilegiado de festa [...] o natal protótipo do nascimento de derivam Jesus é a feira noturna fervilhando em torno da missa da meia-noite seu momento aglutinante. Os outros derivam desse quadro, com apenas a missa transporta para o calor da manhã imediata. Do ocaso ao clarear do dia, há um crescendo de ajuntamento e animação. O povo em céu aberto, busca na festa a contrapartida das tarefas diárias, sem o que a vida seria insuportável.

Apesar de dispor de pouco poder aquisitivo e de dificuldade de mobilidade, o homem rural se enquadra nos espaços, difundindo suas artes criadas durante o trabalho na roça, “tecendo fios de conversa, no reencontro com os amigos e parentes, pelas calçadas de grandes lajes, nas manchas verdes do capim de burro ou no vermelho do barro poeirento” (SILVA, 1982, p. 69). Programavam e, nos verdes das relvas, esbarravam barro poeirento ou no massapê. *Claro, aquelas festas dançante, aqueles encontros, e reza, sempre se ia pra rezas, chegava lá tinha brincadeiras de roda, danças, depois vinha aquela confraternização e assim sucessivamente.*<sup>52</sup> Criativos, os sertanejos reinventam e refazem sempre o seu cotidiano, tornando-o mais dinâmico e mais divertido, de modo que o cansaço e o esforço são superados, e toda atividade e os saldos são mais recompensados.

A luta pela terra e a interconexão com a religiosidade traduzem a vivacidade alimentada pela constante fé, driblando as agruras ou a ordem, conforme Silva (1982, p. 76):

O povo sente Deus próximo de si em Jesus pobre, nascido em um ambiente semelhante ao seu, porém mensageiro da alegria de viver. Esta crença contrabalança a outra face dorida, tão mais avivada e constante, quanto a abundância dos obstáculos de toda ordem, interpretados e justificados na expiação penitencial do brado missionário. Alimenta a esperança da recomposição do homem com o mundo. Se não lhe oferece um projeto histórico, inculca consistência e valor à terra, fomenta uma comunhão igualitária.

A lida com a terra consistia modos de viver dos coiteenses. O Sr. Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos, aposentado, natural da zona rural do Município de Retirolândia, migrou para a sede do município de Conceição do Coité. Desde criança, acompanhou os festejos de Santos Reis e descreveu a condição de trabalho dos sertanejos de Cabaceiras:

O pessoal vivia da zona rural, trabalho da roça, porque naquele tempo não tinha comércio quase nenhum, era roceiro mesmo. Os fazendeiros cuidava dos seus rebanhos e o pessoal reuniam pra cantar esse reisado. Trabalhavam muito e precisavam de se divertir. Realmente uma noitada todo mundo alegre, satisfeito, cantando e dançando.<sup>53</sup>

O Reisado de Cabaceiras, conforme já frisamos, era uma forma de se alegrar e também de descansar da árdua rotina, já que os cabaceirenses trabalhavam muito e precisavam se divertir, tendo em vista que trabalhavam na roça *e quem não trabalhava na roça ia dar um*

<sup>52</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Concedida em sua residência no Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Aposentado pelo rural e é empresário no ramo de joia. Reiseiro.

<sup>53</sup>Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, situada no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Reiseiro.

*dia, quando é aquele dia próprio de Reis aí nós ia brincar.*<sup>54</sup> As características que compõem o universo e que definem o sertanejo, bem como as vivências de homens e mulheres, foram expressas por Faria (2014, p. 71):

No sertão, as expressões artístico-culturais que caracterizam a relação com a terra no que se refere ao desenvolvimento das atividades camponesas e suas celebrações estéticas traduzem também o que é ser sertanejo. O cotidiano do sisaleiro traduz sua identidade cultural, afirma sua autoestima, consolida os laços coletivos, traz alegria, coragem e determinação para viver. Muitas vezes sem o incentivo e financiamento de políticas públicas que valorizem efetivamente as manifestações artísticas de caráter popular, muitos artistas anônimos fortalecem a cultura sisaleira compondo, catando, escrevendo, pintando, dançando, esculpindo, trançando artesanato com a fibra do sisal.

A luta com a terra é traduzida por uma multiplicidade de práticas culturais e por uma construção de identidade cultural sertaneja, em que define o ser sertanejo. Mesmo sem apoio de políticas públicas, os verdadeiros sitiantes rurais tocam suas festas e tradições com todo esforço e determinação. Sentem-se valorizados pelas habilidades adquiridas e postas em prática. A noção de espaço, ao ser incorporada à vida do cotidiano rural, expressa as tessituras que conferem legibilidade e visibilidade às relações sociais que compõem a organização sisaleira. As práticas culturais são fatores cruciais para agregar as relações sociais, conferindo e alargando o espaço para pessoas tidas como populares se expressarem e exporem suas artes. Nas palavras do Sr. Armando de Oliveira, ficaram ratificadas a condição de trabalho dos cabaceirenses e a relação das práticas culturais exercidas pelos mesmos, conforme um cabaceirense:

São todos lavrador, todos satisfeito com o que Deus deu, e com aquilo ali a folia que a gente tem toca a vida pra frente. Nós, graças a Deus somos pessoas simples, simples, uns tem um estudo mais elevado que ostros, outros não tem por exemplo: eu saio da roça, ali o pessoal da roça. Hoje é que a cultura hoje tá diferente é o pessoal da roça tá diferente, ainda tenta, aquele pessoal, que eu sou os mais modernos, tenho 60 anos, então você ver por aí a 60 anos atrás, quando a gente nasce a cultura não é tão boa assim, no colégio pra gente ter assim, um estudo mais avançado, mais hoje a gente tem gente formado no grupo e tudo.<sup>55</sup>

Os sisaleiros “não cruzam os braços. Lutam de todos os modos para sobreviver, confiante na ajuda divina.” (SILVA, 1982, p. 61). O depoente, mesmo em tom de saudosismo,

<sup>54</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, localizada no Povoado de Patos em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>55</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do grupo.

lembra de um tempo vivido, infundido nas tradições e nas experiências dos homens e mulheres rurais, e que eram visíveis nas maneiras de viver, de celebrar, de se comportar, mediante seus valores; em que o contentamento persiste, matizado na religiosidade. Para além de reviver, o depoente anseia que a tradição do Reisado seja esclarecida num âmbito institucional, no intuito de esclarecer e de divulgar para os mais jovens a existência e a importância dessas artes praticadas por eles.

Os versos das canções de autoria do líder Geraldo das Mercês retratam a vida rural dos cabaceirenses do Reisado “O vaqueiro e o cavalo hoje têm muito valor./ Tem o cavalo bom de gado, o vaqueiro aboiador./ Oh vaqueiro mostre seu valor./ Oh vaqueiro mostre seu valor.” (MERCÊS, 2016a, n.p.). As vivências cotidianas são associadas às letras das canções das músicas do Grupo Reisado de Cabaceiras. “O cotidiano tem se revelado na História Social como área de improvisação de papéis informais novos de potencialidades de conflitos e confrontos, em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta.” (MIRANDA, 2009b, p. 119). As músicas falam de papéis sociais que são ocupados pelo homem da roça, denunciam as injustiças, conclamam a sociedade, ponderam as condições ecológicas pertinentes à resistência, ao meio em que está inserido, ao processo social e à natureza. “Cavalgada é uma festa da região tem vaqueiro encourado de perneira e calção, jaleque, chapéu de couro, guarda peito e gibão. O vaqueiro honre sua profissão.” (MERCÊS, 2016b, n.p.).

Nas letras das canções de composição do Sr. Geraldo das Mercês, o apelo pela preservação das tradições, dos costumes e dos afazeres dos sisaleiros foi sempre ratificado. “Eu tava dormindo meu cavaqui tocou./ Quando eu acordei, ele me falou./ Ele me falou, ele me falou,/ não despreze a cultura que é coisa de sambador.” (MERCÊS, 2016c, n.p.). Em suas canções, Mercês, ao mesmo tempo em que apela, conclama pela valorização da tradição do Reisado, em que incentiva o próprio vaqueiro pelo zelo da sua profissão.

Reis (2012, p. 150) analisou a identidade do vaqueiro sertanejo:

Os vaqueiros no Sertão de Irecê possuíam uma representação social diretamente relacionada ao domínio dos saberes do *campo*, a afirmação de uma especificidade laboral, a um distanciamento das atividades agrícolas, e a valores como coragem, autonomia, lazer, união, proteção divina, popularidade, liberdade, honra, masculinidade e disposição para o trabalho. Esses fatores instituíaam as formas com que eram vistos e delineavam suas próprias identidades individuais e coletivas.

Embora muitas vezes sem reconhecimento e mesmo sem receber a atenção devida, no sentido de políticas públicas, notamos como os reseiros cabaceirenses reconheciam a

importância de manter ativa sua religiosidade. Os papéis assumidos pelos mesmos denotam a persistência de homens e de mulheres que lidam com a terra e garantem o sustento da família, visto que são sujeitos múltiplos carregados de habilidades da terra, a profissão-lavradores/vaqueiros, além de serem conscientes de suas ações, reconhecendo a si mesmos, suas limitações e suas capacidades.

As narrativas acerca dos festejos aos Santos Reis em Cabaceiras não se limitavam apenas às dinâmicas das apresentações do evento, mas se reportavam a descrever as vivências coletivas desenvolvidas na roça e no terreiro da casa, espaços que possibilitavam o encontro, a conversa e o desenvolvimento de outras festas, como o Boi Roubado, que se realizava durante e após as atividades no campo. Nessa trajetória, notamos o poder da oralidade de sistematizar e de transmitir os fatos e os conhecimentos armazenados na memória humana. Além disso, esses relatos podem notificar e articular relações com os documentos oficiais, os quais, no fluir da temporalidade, foram condizentes com as informações do Livro de Tombo e os Periódicos locais.

## 2.2 O FIGURINO DOS REISEIROS

Como pessoas de pequeno poder aquisitivo, trabalhadores rurais, os reiseiros confeccionavam suas fantasias a partir de materiais acessíveis às suas condições ou de elementos associados a seu próprio trabalho, encontrados na natureza. Em conversa gravada em áudio com Geraldo das Mercês, líder do Grupo de Reisado, foi possível identificar a relação exercida por eles, lavradores, pedreiros, carpinteiros, vaqueiros, reiseiros, e o cotidiano rural e a condição dos integrantes do Grupo, no processo da confecção dos figurinos. Eis como nos relatou o Sr. Geraldo, repleto de entusiasmo com sua iniciação e como as fantasias eram confeccionadas:

Lá, eu comecei com quatro anos, três anos, eu comecei porque eu tirava as flores e enfeitava o chapéu do meu pai, que, naquela época, é, era chapéu de palha. As flores quem tirava era eu, meu pai fez uma agulha, de um arame, furou esse arame e eu pegava o novelão, ele comprava o novelão já para isso, aí eu pontilhava com a linha daquele novelo, o chapéu. Aí, aí chegando a rapaziada, lá em casa, naquela época, tinha umas mesas bem grande como se fosse uma mesa de restaurante (risos), grande né, aí eu botava as flores cinco horas da tarde já começava botar as flores, aí chegando o pessoal do



grupo e eu pegava o chapéu e enfeitava todo de flores e deixava tudo bonitinho.<sup>56</sup>

Nas entrevistas que mantivemos com Sr. Geraldo das Mercês, percebemos que, ao rememorar as apresentações do Grupo de Reis de Macário, ele se recordou da simplicidade e da beleza das vestimentas, da dedicação dos componentes, inclusive das crianças que se debruçavam no campo, colhiam as flores e produziam os chapéus de palha. Essa palha é a pindoba. Os chapéus eram fabricados pelas mulheres, que se deslocavam para o campo, extraíam a pindoba, teciam e costuravam os chapéus. Na Região Sisaleira, era comum os trabalhadores extraírem a pindoba para confeccionar chapéus, esteiras, abanador, entre outros, o processo para a fabricação desses objetos demandava tempo. Esta realidade ainda continua presente em diversas localidades do sertão baiano. Vejamos como se dava o processo para a produção de alguns artefatos extraídos da pindoba, conforme Santos (2014, n.p.):

[...] Primeiro retira a pindoba da Ariri, deixa no sol para secar, corta pedaços e começa a fazer as tiras, [...] com as tiras prontas eu corto e coloco uma ao lado da outra, depois colocamos a cabeceira das esteiras e com mais alguns ajustes está pronta [...] O artesanato pode ser usado para separar embrulho de fumo, como tapete, encosto para sentar e deitar e, principalmente colocar debaixo do coxão de dormir.

Essa representatividade das festividades desenvolvidas por Sr. Macário das Mercês – o qual era natural da cidade de Barrocas, município pertencente à Região Sisaleira, situado entre Serrinha e Conceição do Coité – migrou para Cabaceiras. Geraldo das Mercês fazia questão de destacar essa sua origem, enquanto ser pertencente à zona rural, ressaltando também o figurino, como se segue:

Arrumava, agora só que a arrumação era diferente, aquelas roupas caipira. Aqueles vestidos bonito de chita, os vestidos, enfeitavam de flores, com laços fitas de papel era, era arrumação diferente, tradicional a respeito da Festa. Os homens usavam vestimenta calça tecido de linho branco, depois passou para tergal de número um, dois, três e quatro. As calças tinham a quina chamada boca de facão.<sup>57</sup>

Nos seus relatos, é possível perceber que as condições financeiras e o empenho dos integrantes na roça levavam esses homens a produzirem suas ornamentações com base nos

---

<sup>56</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. 55 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>57</sup>Idem

elementos existentes na roça (como as flores naturais) e a se esforçarem para adquirirem o capital necessário para comprar os acessórios (como fitas, papel e tecidos – o linho, o tergal, a chita) para costurar os vestidos, as calças, visando uma roupa “melhorzinha” para a Folia de Reis. A roupa de festa, o extracotidiano.

A Sr.<sup>a</sup> Saturnina Brito, moradora da comunidade de Patos, próximo ao Povoado de Cabaceiras, por muito tempo foi organizadora de um Grupo de Reis de Moça, no seu local de origem. Ela nos relatou que os figurinos da Festa de Reis também eram feitos com papéis e com base nas condições financeiras dos reseiros. Esses materiais possibilitavam a arrumação de todos, incluindo os símbolos dos três Reis Magos, como frisou:

A fantasias do povo de antigamente era de papel, comprava, cortava, fazia suas roupas, suas vestes, comprava o papel enfeitava todo, se arrumava toda e ia pra o Reisado. Era muito bonito, preparado os três Reis cada um, sua coroa era três diferente, muito bonito era um Reis muito bonito, eu desejava que até hoje existisse esse Reisado que era muito bonito, muito animado mesmo. Por que tinha a outra era muito cara ninguém podia comprar assim às vezes uma pessoa podia e outras não ai fazia assim todo mundo comprava seus papelinhos e fazia suas fantasias muito bonito, era muito bonito mesmo, passava a semana costurando e quando chegava o dia da festa as fantasias estava pronta.<sup>58</sup>

No relato, fica demonstrado o sentido de coletividade na compreensão por parte dos reseiros em fabricar as suas fantasias. Embora alguns sambadores possuíssem um poder aquisitivo mais elevado que outros, eles se organizavam e compravam materiais de pouca durabilidade, como papéis; pois eram produtos acessíveis a todos. Os sambadores não especificaram qual o tipo de papel, acreditamos que tenha sido papel crepom, o qual tem preço acessível e é muito utilizado ainda nos dias de hoje.

As Folias de Reis muitas vezes eram organizadas por pessoas de pouco poder aquisitivo e que se destacam por vários lugares através da religiosidade. Andrade (2008, p. 26) considera que esta característica de poucas condições financeiras parece ser recorrente entre organizadores e integrantes das festividades aos Santos Reis. Brandão (2010, p. 201), em seus estudos sobre as Folias de Reis no Recôncavo, enfatiza que as “estratégias, para criar condições para participar da festa dos Santos Reis, demonstram que esses agricultores são sujeitos ativos, agentes do processo, constituidores de hábitos, costumes, enfim, de seus modos de vida.”

---

<sup>58</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

Ao mencionar os festeiros como agentes ativos, Brandão (2010) se refere aos homens, trabalhadores rurais, engajados na labuta diária, que se destacam com suas artes para a manutenção de uma manifestação da religiosidade popular. O Sr. Alderino de Oliveira, 82 anos, que frequenta, desde os dez anos de idade, as Folias de Reis, rememorou sobre a arrumação dos festeiros, os quais, segundo ele, iam fardados:

Arrumação do Reisado naquele tempo fazia umas vestes de cetim com chapéu bordado todo cheio de fita, era sempre o grupo todo arrumado de fada. O fardamento realmente naquela época, quase não existia quase tecido, todo de papel crepom, essas coisas. Não, se não faziam parte não viam arrumadas, só acompanhavam mesmo.<sup>59</sup>

A narrativa do Sr. Alderino reporta-se à folia de Reis no seu tempo de criança; narrativa em que ficaram demonstrados os motivos dos grupos de Reisado não possuírem um fardamento padronizado. O depoente destacou o cetim, tecido utilizado na época pelos sambadores, que, somado com os chapéus bordados com fitas e papel crepom, tornava o grupo festivo muito arrumado para a folia. Provavelmente, os tecidos, cetins, eram caros ou escassos, não condiziam com as condições financeiras dos reiseiros ou o estoque era reduzido no mercado do interior. Sr. Alderino salientou ainda que somente as pessoas que faziam parte do Grupo festivo iam arrumadas com essas fantasias, pois, segundo outro depoente, *Há não, antigamente não tinha não (risos), antigamente era comum, cada quem ia com sua camisa a cada quem ia com a sua camisa, roupa comum mesmo e por aí formava o samba.*<sup>60</sup>

A beleza do figurino se configurava na simplicidade durante os festejos na zona rural, momentos em que os reiseiros assumiam suas origens e as atividades realizadas pelos mesmos, geralmente, tinham como base os recursos extraídos no campo, na lavoura. Os foliões eram bastante criativos, confeccionavam suas fantasias com papel e flores naturais e os acompanhantes vestiam roupas comuns, a exemplo do vestido de chita. *A festa de Reis no meu tempo de criança, os homens saía cantando o Reis, a gente vestia com uma fantasia com umas roupinha toda de papel e saía ajudando os homens cantar, batendo palma e ajudando também a responder o reisado.*<sup>61</sup> Muitos dos interlocutores reafirmaram a confecção das fantasias. Eis o que nos rememorou o Sr. Florêncio Barbosa:

---

<sup>59</sup> Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência situada no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Sambador.

<sup>60</sup> Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>61</sup> Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

Há, no meu tempo de criança era muito bom, eu às vezes acabava um sapato em oito meses, não chegava nem um ano, saindo pra festa naquele aguaceiro e às vezes até mesmo de uma região pra outra a gente ia fazer festa com aquela turma toda, todo mundo alegre, satisfeito sem maldade, aquilo era bonito demais. [...] eu sempre via as pessoas simples arrumadas né, não sei se tinha tanta sofisticação, mas pra mim ia bem. Sim, hoje você saiu com a sua farda, já vai começando, antes às vezes a gente lembrava do Reis e hoje a gente já começa muitas vezes no fim de dezembro até Reis. Então, a gente tá percebendo que evoluiu um pouco esse motivo.<sup>62</sup>

Reportando-se ao depoimento do Sr. Florêncio Barbosa, a partir da interpretação de sua narrativa, compreende-se que o tempo era favorável ao agricultor, além de os trajes serem resistentes. Nota-se que, possivelmente, em meio às inúmeras festas – com o deslocamento a pé, os invernos chuvosos e aquele lamaçal – os sapatos duravam em torno de 08 (oito) meses a 01 (um) ano, tendo em vista que as festas eram constantes. O depoente considera que os festejos de Santos Reis evoluíram, visto que os estilos das fantasias foram aperfeiçoados, ganharam outras aparências, até que foi incluída roupa padronizada no Grupo de Reisado de Cabaceiras.

De roupas simples, no estilo “caipira”, recobertas por flores naturais, modificou-se para roupa padronizada. O Sr. Armando dos Santos Oliveira, na condição de vice-presidente do Grupo, relatou a mudança do vestuário, de roupas simples da Roça à roupa padronizada a partir da apresentação no espaço urbano, com cores diversificadas. *A gente varia, a gente bota azul, bota branca, bota vermelha que a gente tem cinco ou seis camisas, jogo de camisa. Então, cada festa, a gente varia pra não ficar uma camisa só.*<sup>63</sup> O Grupo possui diversos uniformes, as roupas se tornam mais coloridas. Ao questionarmos os motivos das cores das camisas, o Sr. Armando prosseguiu narrando:

É por que assim, são assim a gente escolhe por já ter um padrão, aí pra não tá branca todo dia que a pessoa vai, é um padrão só, a pessoa dizer assim eu só vou com uma camisa, não, aí a gente tem aquele jogo de camisa diferente, apresenta hoje com uma camisa, amanhã com outra, a depois com a outra e assim vai.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Concedida em sua Empresa JOB- Joalheira e Ótica Barbosa, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Aposentado/empresário no ramo de joias. Reiseiro.

<sup>63</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do grupo.

<sup>64</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do grupo.

O Sr. Armando considera que o novo estilo do Grupo deve-se ao fato de o mesmo ter crescido e se organizado mais, no sentido de ter se tornado um Grupo de Cantores de Reis. *Evoluiu e se organizou, a gente não ficamos só no povoado em que a gente mora. Então a gente recebe o convite de vários lugar, aí a gente apresenta já preparado.*<sup>65</sup> Nas falas dos interlocutores, notamos a confirmação das vestimentas e sua mudança, em que todos afirmaram ser de material de pouca durabilidade ou conforme os recursos dispostos pelos reiseiros. Todavia, o fato de as fantasias terem sido, inicialmente, de papel, de flores naturais, comprova que, a princípio, o Terno não teve nenhum investimento. Assim, o ornamento se dava conforme os recursos disponíveis dos próprios integrantes.

O Sr. Gregório Alves dos Santos, 84 anos, residente no Povoado de Patos, como ex-membro do Grupo de Reisado de Cabaceiras, também descreveu sobre as mudanças, apresentando-nos os diversos figurinos:

Farda tinha, nós vinha com a farda. Olha quando ia representar num lugar ia com uma camisa, quando ia pra outro lugar, ia com outra camisa. Nós temos, acha que é quatro ou cinco camisa cada representação que ia fazer, outro conjunto da camisa. Vermelha, azul e amarela parece que é. Entendeu? Pra não ficar somente de uma só, mudava as cores pra separar.<sup>66</sup>

Segundo a depoente Sr.<sup>a</sup> Saturnina de Oliveira Brito, *a posição social deles são todos pobres, não tem ninguém rico, na maioria são todos pobre mais a maioria hoje se reúne compra sua fazendinha, camisa, bota seu chapeuzinho na cabeça e lá vai a boca da noite até de manhã.*<sup>67</sup> Percebemos, nas narrativas, algumas diversidades, uma vez que, nas mesmas, apontam-se os integrantes como sendo pobres, em seguida, como possuidores de uma pequena fazenda; deixaram patente que o Grupo de Reis de Macário e os integrantes modificaram-se e ascenderam socialmente. Como trabalhadores rurais, na maioria, muitos já estão aposentados. Acreditamos que este tenha sido um fator crucial para o homem da roça se organizar mais, a ponto de reformular seus equipamentos de festa, em que passou de um simples grupo reunindo homens e mulheres, para um conjunto organizado de artistas com suas roupas padronizadas, compreendidas de camisas de diversas cores; o Grupo tornou-se mais atrativo e mais visível para o mercado cultural.

---

<sup>65</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do grupo.

<sup>66</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>67</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

Entretanto, o maior esforço parte dos próprios integrantes, em procurar e em conseguir apoio para manter o grupo ativo e mais pomposo. Os integrantes do Grupo Reisado de Cabaceiras tentam sustentar a tradição/religiosidade numa perspectiva mais vibrante, solicitando auxílio para a compra dos uniformes. *Tem quatro fantasias, três foram doadas pelas pessoas e uma foi a gente que fez com recursos próprios. Tem as camisas tem nome reisado é cultura popular, quem participa desse grupo, jamais se afastará.*<sup>68</sup>

Essa mudança dos figurinos é representativa da importância que o Grupo de Reis de Cabaceiras passou a adquirir no contexto local, uma vez que suas apresentações se dirigiram para diversas localidades, sobretudo no espaço urbano do município de Conceição do Coité, situação que discutiremos posteriormente.

### 2.3 SOCIABILIDADES: O LAZER E A FORMA DE SER E ESTAR NA CIDADE

A partir dos anos 1980 do século XX, o Grupo Reisado de Cabaceiras conquistou outras audiências. A iniciativa para sair do rural e ir até aos espaços urbanos partiu do próprio fundador do Grupo, o Sr. Macário, por volta da década de 1960. *É inclusive, meu pai que era o responsável, combinou, fez uma reunião com a equipe, certo! E aí tentou a ir na cidade para mostrar o trabalho e eu sei, eu lembro que era menino, um garotinho [...].*<sup>69</sup>

A possibilidade de fazer e de reestruturar a Festa de Reis a cada ano é característica necessária até mesmo para a preservação da tradição, reconstruindo e agregando elementos e ressignificações. A realização da festa se estendeu e se desenvolveu em diversos espaços de múltiplos sentidos geográficos e simbólicos, que estabeleceram foco de celebrações e de interesses diversos. Nesses espaços, incorporavam danças, fé, euforia, dentre tantos elementos que se constituíam no Grupo Reisado de Cabaceiras. Entendemos espaço na perspectiva apontada por Certeau (2011, p. 184):

O espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.

---

<sup>68</sup>Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida na sua residência no Povoado de Patos em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo.

<sup>69</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

O espaço enquanto local vivido pelo Reisado de Cabaceiras expressa as experiências cotidianas dos reiseiros, que fazem sentido precisamente na dinâmica das relações. As práticas sociais possibilitam aos espaços ganharem vida, mediante os saberes de um Grupo de Reisado mantidos numa relação direta com o local. De acordo com suas experiências passadas, amoldavam suas habilidades à nova situação, já que o contato com uma nova realidade modificava a história do homem por essas lonjuras de sertão, o que “[...] foi um cometimento de audácia e desafio às forças adversas do meio ambiente.” (SILVA, 1982, p. 5).

O espaço é visto como uma expressão de liberdade, que determina uma responsabilidade simbólica. Este é o caso quando uma folia é convidada a comparecer a uma festa na casa do vizinho, no Terreiro de Candomblé e Umbanda, no Coreto, na Praça Pública, dinamizando intensamente o universo de relações sociais e de trocas pessoais em torno das Festas de Reis:

A vida cotidiana é constituída por sistemas de rotinas de interação entre as pessoas, coisas e instituições. Interação, como o nome indica, tem a ver com ações recíprocas: o que fazemos com as pessoas e o que elas fazem conosco, o que fazemos com as instituições e o que elas fazem conosco. (ALVES, 1979, p. 61).

Andrade (2008, p. 111) enfatiza que o espaço encontra-se associado à experiência, às vivências individuais e coletivas que se constroem no tempo e no próprio espaço. Ora, os sujeitos, em suas interações, atualizam suas práticas sociais mediante a sua circulação em diversos locais, o que ultrapassa a ordem espacial, como enfatiza Certeau (2011, p. 164-165):

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também se desloca e inventa outras idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.

No Reisado de Cabaceiras, a relação com os espaços se consolidou nos saberes cotidianos dos protagonistas reiseiros, que passaram a incorporar tais saberes através da construção da festa. Conseguir honorários para restaurar os aparelhos e os equipamentos musicais e para pagar o transporte para sua locomoção é uma experiência que se consolida na vivência dos espaços do Grupo. As elaborações simbólicas desenvolvidas a partir da

preparação e da execução dos festejos são praticadas pelos sujeitos, que se enchem de sentidos, precisamente por conta dessa prática.

Até meados dos anos 1980, os festejos do Grupo Reisado de Cabaceiras predominavam na zona rural, na comunidade de Cabaceiras e nos povoados vizinhos. Segundo as narrativas dos reiseiros, por volta do final da década de 1980, a folia dos cabaceirenses foi transferida para a sede do município de Conceição do Coité e assumiu diversos espaços urbanos. Na zona rural, a festa se desenrolava com a alegria contagiante, situação descrita por Saturnina Brito, uma das acompanhantes:

O povo se sentia muito alegre, eles participavam só na zona rural, visitava as famílias ia numa casa e na outra, e recebia também aquela, aquela mensalidazinha pouco com muita alegria. O povo dava suas lembranças porque era uma visita de Santo Reis que hoje ainda continua mais nas comunidades vizinha, aqui na zona rural hoje, é mais é assim mais fraco né, às vezes passa e às vezes não passa mais era com muita alegria que eles participava e todos recebia com muito amor.<sup>70</sup>

As rememorações encontram-se associadas aos laços comunitários, em que o Grupo de Reisado de Cabaceiras se dirigia de casa em casa, entoando louvores aos Santos Reis. A Sr.<sup>a</sup> Saturnina não se conteve. Num ar saudosista, lembrou-se do tempo em que os festejos de Santos Reis eram mais atuantes nos espaços rurais. O ato de receber donativos fazia parte dos festejos religiosos realizados pelos cabaceirenses.

A Sr.<sup>a</sup> Saturnina, ao mencionar o termo “mensalidazinha”, fez referência a esta prática, ou seja, à quantia ou ao valor que os moradores concediam aos sambadores, que, para ela, era uma quantia significativa e necessária, pois era uma visita de Santos Reis.

O espaço atrelado às vivências dos festeiros perpassa à medida que se promove o deslocamento, por meio do qual, ao se estabelecer na cidade, a maioria dos integrantes das manifestações culturais não perde em definitivo o seu vínculo com o espaço rural, até porque continuam utilizando a terra para plantar; continuam trabalhadores rurais.

Nisso se configura a ideia de representação ligada ao espaço vivido, onde as experiências dos sujeitos são contidas nas manifestações, de modo que, embora com ressignificações, os elementos pertencentes à folia desde os tempos primórdios não sejam extintos; ao contrário, são aperfeiçoados e somados a novas categorias e perspectivas. Nas festas, as experiências dos sujeitos são vinculadas à proximidade entre participante e

---

<sup>70</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.



frequentador com os organizadores, as pessoas que recebem o terno em suas residências e com a festa em si. Na festa, cada pessoa que a assiste cria suas representações individuais.

Os sujeitos das manifestações culturais reinventaram suas maneiras de festejar, migrando a folia para o espaço urbano. Possivelmente, o êxodo rural somado com a modernidade tenham sido elementos favoráveis à transferência da Festa de Reis para a zona urbana. Os sitiantes rurais e verdadeiros adeptos das artes populares se esforçaram, bem como modificaram e ressignificaram suas maneiras e formas de festejar, para manterem a tradição ativa e fortalecida; assim como, ao mesmo tempo, inseriram-se em diferentes contextos. Essas atitudes dos organizadores de Grupos Populares, os quais se dispõem a compartilhar suas práticas em múltiplos espaços e contextos, fazem-nos perceber como, através das práticas culturais, os sujeitos comuns divulgam sua visão de mundo e ocupam espaços.

O Sr. Gregório Alves dos Santos, ex-integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras, narrou a participação do Grupo na sede do município de Conceição do Coité, bem como destacou alguns nomes de pessoas de grande influência na sociedade coiteense, empresários e políticos que receberam a visita do Grupo:

É (risos) pra soltar dinheiro (risos) ele era bafo de boca mesmo e aí turma vá Geraldo, estou esperando, com esse Moreno mesmo, a família é Ave Maria entrava no salão mais a esposa batendo palma e dançando até hoje gosta mesmo esse Moreno gosta mesmo daí o que tem. Assis, Assis, gosta, mas não é como esse moreno não, ele recebe bem, se paga bem não sei a Geraldo mais recebe bem, nunca foi na porta para ele não abrir, só foi Betão umas duas vezes que ele mesmo não abriu. O pai de Betão, gente boa também em vida Ave Maria, menina! Bolacha, pão. Olha gente era assim a turma já sabia (risos).<sup>71</sup>

O Sr. Gregório não conteve o riso e salientou que, na sede do município de Conceição do Coité, os grupos festivos conseguiam arrecadar mais doativos que na zona rural. Todavia, o depoente levou em consideração a atuação do líder Geraldo, enquanto um anunciador da sua arte, o Reisado, o qual solicitava aos diversos segmentos para realizar suas apresentações nas suas residências. No relato acima, destaca a participação do Grupo Reisado de Cabaceiras festejando na residência do Moreno, do empresário Sr. Florêncio Barbosa e, também, de líderes políticos, a exemplo do vereador Betão e de Assis, atual Prefeito do município de Conceição do Coité. Sobre a presença dos segmentos sociais que festejam com o Grupo Reisado de Cabaceiras, foi narrado pelo Líder Geraldo Henrique das Mercês o apoio recebido:

---

<sup>71</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos Conceição do Coité, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membro do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Eles só davam apoio porque nós saíamos cantando nas casas, na roça, nas fazendas, tinham aqueles os que eram ditador nós não iríamos. Aqueles que aceitavam, que eram católicos, que respeitava as leis de Deus, que sabia, e, que existia o Santo Rei, que é o Reisado, aceitava, abria as portas, nós sambava nós comia tira gosto, eles matavam bode, carneiro certo! Dava churrascos, era uma festa, nós ia pra outra casa e saía fazendo visita a todos né. Com certeza, leva porque o incentivo hoje da gente que somos responsáveis por esta festa é que os filhos é (pausa). Os sobrinhos, netos todo mundo aprenda para que reforce a cultura para ela, para que ela não acabe e os fazendeiros hoje, as pessoas de recursos públicos eles estão levando as crianças pra festa e mostrando dizendo você sabe o que é aquilo? “Não meu pai, eu não sei. Apois, aquilo é festa de Reis”. Tal, tal uma coisa a dez mil e doze anos atrás que foi começado. Coisas que eles não sabiam e ainda não sabem. Muitos não sabem, estão começando, começando, digo começando por quê? Porque hoje eu conheço, mas essas crianças novas? Esse pessoal novo, eles não, só querem saber dia de dança e tal e tal. Mas, muitos deles respeitam os direitos também deles, porque hoje eles já estão conhecendo o que a cultura que os pais disseram: isso aqui é uma coisa de raízes e você vai ter que passar por isso um dia.<sup>72</sup>

Fervorosos em sua religiosidade, os cabaceirenses sempre se esforçaram para levar o Reis aos amigos; estes que recebiam o Grupo em suas residências com muita gentileza e apreço, bem como serviam algum aperitivo: churrascos, pães, bolachas e outros alimentos. Os coiteenses reconhecem a atuação e o esforço do Grupo para se manter firme na tradição, como ressaltou o memorialista Vanilson de Oliveira:

Olha, é um grupo muito importante, principalmente, para Coité, tem inclusive, ultimamente, está levando até o nome de Coité lá fora. Já, já houve apresentação em Feira de Santana, Cachoeira, em outros lugares, aí então, eu acho muito importante o Reisado de Cabaceiras.<sup>73</sup>

Lisonjeado, o líder Sr. Geraldo segue com o Grupo na perspectiva de difundir suas mensagens, suas artes, seus conhecimentos. Suas apresentações realizadas nos centros das cidades compreendem uma maneira mais ampla de difusão de suas mensagens, pois, nos espaços abertos, corresponde a um número maior do público, envolvendo diversos segmentos sociais e faixas etárias.

---

<sup>72</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos Conceição do Coité, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membro do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>73</sup>Entrevista com Vanilson Lopes de Oliveira. Concedida em sua Clínica Clin, Rua Bailon Lopes Carneiro, 138, Centro, Conceição do Coité, em 28 de agosto de 2014.

Nas cidades, com uma frequência cada vez maior, essas práticas extrapolam limites “locais” e passam a trafegar por contextos de maior visibilidade e publicidade, como declarou o Sr. Armando Oliveira, membro Grupo Reisado de Cabaceiras e residente neste povoado:

[...] não aconteceu só aqui em Coité não, já aconteceu em vários lugares, até em Salvador. Quando a gente foi uma vez em Salvador, eu vou contar essa história, o rapaz estava tocando lá em uma barraca, aí o rapaz do apartamento viu e disse assim: deixe a conta aí que eu pago tudo, pode tocar. Então pra gente é uma satisfação, uma alegria não só aquele pessoal da roça hoje que leva isso ao pé da letra, o pessoal da cidade também tá aprendendo a gostar da coisa.<sup>74</sup>

As festas e os seus rituais têm se multiplicado na forma de espetáculos artísticos, exibidos em teatros, palcos ou praças, pressupondo um diversificado público. Essas apresentações também se têm desdobrado na forma de produtos diversos como CDs e DVDs, nos quais se pressupõe o envolvimento de atividades produtivas, assim como o envolvimento de um mercado da indústria cultural em expansão.

Bitter (2010) afirma que o Brasil viveu um intenso e conhecido fenômeno de migração que se intensificou na segunda metade do século XX, desviando grandes levas da população de áreas rurais para as grandes cidades, em busca de melhores condições de vida. Contudo, o antropólogo nos chama a atenção para o fato de que “as práticas culturais dessas populações não necessariamente se dispersaram em meio a um contexto marcado por uma forma de vida associada às modernas sociedades industriais.” (BITTER, 2010, p.81).

Armando dos Santos Oliveira, 62 anos, vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras, funcionário público municipal, ensino fundamental, admite que, a partir da década de 1980, o Grupo começou a ganhar novos contornos, dirigindo-se a outros caminhos e adquirindo novas características, moldando-se conforme a esfera do “modernando”. Segundo sua visão:

Foi bom porque de 80 pra cá. Em 80 ainda tava, mais de 80 pra cá já foi modernando, tornando mais moderno e hoje tá muito melhor, hoje tá coisa que a gente toca, por exemplo: uma banda vai apresentar, diz assim, bota o grupo de Cabaceiras de reisado de Cabaceiras porque é muito bom, aí quer dizer, olha que tanto que a gente evoluiu. Uma banda vai tocar primeiro a gente faz uma apresentação, já aconteceu de várias vezes isso. Então, de 80 até agora veja o quanto evoluímos e aonde a gente já chegou com o grupo.<sup>75</sup>

<sup>74</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>75</sup>Idem.

Segundo este depoimento, os anos de 1980 foram bastante favoráveis ao Reisado de Cabaceiras; o que possibilitou um alargamento e outra dinâmica, assumindo palcos, extrapolando suas ações rituais em âmbito local, organicamente dentro de suas redes de sociabilidades. As Folias de Reis transitaram em outros contextos de natureza variada, revelando mais claramente outras dimensões dessa prática. “Os espaços delimitados para manifestações culturais modificaram-se no momento em que os mesmos mudaram de lugar. Festividades essencialmente rituais se instalaram no espaço urbano quando do deslocamento dos seus membros.” (NUNES, 2011, p. 36).

Seguidores das tradições, no desejo pela afirmação da fé, da diversão, não perdem jamais o vínculo com a folia, na tentativa de acompanhar, convidava o Grupo, que se dedica aos Festejos de Santos Reis para festejar em suas novas residências. Ao questionarmos como o Grupo Reisado de Cabaceiras atingiu o espaço urbano, o Sr. Alderino de Oliveira ressaltou:

[...] tinha esse Reisado de Geraldo. Eu convidei ele para que um dia viesse aqui na minha casa, isso aconteceu e daí por diante todo ano ele sempre vem. Há tem mais de dez anos, não lembro bem assim a data, mas eu sei que tem mais de dez anos que eles cantam aqui na cidade. Acontece muito alegre, todo mundo satisfeito, abre a porta com prazer e alegria e quando isso vai cantar a lapinha, tem também a lapinha aqui, eles canta também em louvor a Deus menino. São bem comportados, respeitam bem, deixam tudo em dias, não bole em nada. Não, na minha casa não, só o grupo de Cabaceiras. Aí eu acredito que tenha sido por motivo de sair da zona rural por que na zona rural tem pouca residência e o pessoal preferem a maioria na cidade e aí eles procuram vir aqui pra cidade pra festejar e continua festejando todo ano. Me falho, não me lembro bem, de 80 pra cá.<sup>76</sup>

As lembranças do Sr. Alderino demonstram que a festa mobilizava os moradores rurais da Região Sisaleira, mobilização esta que podia ser percebida pela sua relação com a folia. Percebemos que o mesmo possuía uma relação próxima com este tipo de festejo, a ponto de fazer convite ao Grupo Reisado de Cabaceiras para festejar em sua residência situada na sede do município de Conceição do Coité. Alderino destacou que somente o Grupo de Geraldo festeja em seu lar; embora existam vários grupos de Reis na cidade, há uma escolha do Grupo de Geraldo, o qual vem apresentando em seu ambiente faz mais de uma década. Para o Sr. Alderino, os seguidores do Grupo Reisado de Cabaceiras são pessoas comprometidas que estão ali para adorar o Deus Menino e para se divertirem na folia, respeitosos.

---

<sup>76</sup>Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Sambador.

Não obstante, é válido notarmos que o Terno de Reis de Cabaceiras realizava suas apresentações seguindo as condições daqueles que o recebiam. Vejamos que, na casa do Sr. Alderino, segue-se o costume de armar o presépio em sua casa, devendo o grupo – além de seguir seu ritual com samba e batuque – homenagear a reconstituição ou a imagem do Deus menino, representado em torno da Lapinha, tradição muito difundida em toda a Europa e com grande aceitação na Península Ibérica, difundida pelos jesuítas em terras brasileiras. Esta tradição continua sendo observada no sertão baiano. A família do Sr. Alderino persiste na maneira de apresentar a imagem do Menino Deus, nos festejos religiosos, na confecção do presépio.

Conforme Armando de Oliveira, o esforço de alguns integrantes motivou a saída do grupo para a cidade, pois o pessoal da cidade não tinha o conhecimento ou o que tinha conhecimento não gostava por causa da simplicidade do grupo. Armando de Oliveira também destacou a tecnologia como um elemento promissor para atingir os espaços urbanos e para adquirir uma maior visibilidade, sendo o trabalho mais divulgado com a gravação de CDs e de DVDs.

Notamos a convergência entre os interlocutores quando disseram ter sido o esforço de alguns participantes, inclusive do próprio líder, Geraldo das Mercês, na tentativa de difundir o trabalho do Grupo, visando assumir outros espaços, bem como angariar mais recursos para manutenção do Reisado de Cabaceiras:

Porque o conhecimento na rua era pouco entendeu? Aí tomou o conhecimento, a turma foi gostando e Geraldo tem conhecimento na rua. Tem aí tal dia, vamos lá cantar o Reis e pode ir. E aí ficou só indo na rua e na zona rural também. Exato, exatamente que Geraldo gosta de dinheiro e na rua sempre sai mais dinheiro né? (risos). Tinha uns que cantava e eles nem abria a porta, mas depois ele dava, muitos dava, patrocinava. Tinha as vezes que dava cheque a ele, tinha uns que não tinha dinheiro, dava cheque depois, ele ia e tirava o dinheiro. Aquele rapaz do ouro, aquele moreno, gosta muito, chamado Lozinho, gosta muito ele, a esposa, a família toda, a gente chegava lá recebia a gente bem, tomava café, guaraná, saía tudo, gostava bem, ele molhava a mão, bem molhado.<sup>77</sup>

Gregório Alves dos Santos afirmou que, inicialmente, o Grupo Reisado de Cabaceiras não apresentava na sede do município de Conceição do Coité porque as pessoas da cidade não conheciam o Grupo. Segundo este depoente, foi Geraldo das Mercês que, como coordenador desse Grupo, conhecia muitas pessoas na sede e pediu a permissão a alguns moradores da

---

<sup>77</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

cidade de Coité para festejar em seus lares. No relato, ficou nítido que, às vezes, o Grupo era rejeitado, ou seja, alguns moradores não abriam a porta para os reiseiros, mas, mesmo assim, o Grupo era bem recompensado no espaço urbano, uma vez que recebia até patrocínio e cheque como pagamento. Provavelmente, essas modalidades de pagamento tenham sido realizadas por parte de algumas autoridades civis e de alguns empresários. Havia festeiros e adeptos que “molhavam a mão bem molhado”, isto é, contribuíam significativamente com um valor mais elevado, a exemplo do “rapaz do ouro”, termo mencionado pelo depoente ao se referir ao Sr. Florêncio Barbosa, negro, de origem rural, empresário no ramo de joias: a Joalheira e Ótica Barbosa.

Os cabaceirenses festejavam em Conceição do Coité, nas residências de diversos segmentos sociais. Sr. Geraldo das Mercês, na condição de líder do Grupo de Reis, também comentou a reação de moradores na sede do município de Conceição do Coité:

Eu não vou na casa de quem não gosta, a coisa que eu mais respeito é o direito de todos (pausa), porque já pensou que eu já fui escoltado de várias casas, eu batia, tocava a porta, e ele não abria a porta, então essa casa eu não vou mais nunca, porque ele não respeita o pobre, que se deslocou daqui da roça, da zona rural para ir para cidade, porque ele tem os recursos deles, eles não quer respeitar quem não tem, mas aí eu seleciono, vou na casa das pessoas que ama, gosta e que tem prazer, que parabeniza e respeita. Esses batem palmas e cantam e aonde nós vamos, porque recebe com amor e com carinho, com maior respeito, a maior dignidade é nos trata bem, gritam, canta, pula, dança então essas pessoas é que nós precisamos a respeitá-la, então as pessoas que as vezes não respeitam que não gostam, não vou, porque já fui até hoje, até hoje, nós somos escoltados das portas, das casas, onde as pessoas tocam o Reisado né e a pessoa não abrir a porta porque, ele não considera quem está fazendo aquele trabalho, pra ele aquilo é um trabalho que não existe, então nós temos também que se raciocinar e eu não vou nessa (pausa). Só vou nas casas de pessoas de porte, pessoas que recebe com amor. Sem dinheiro e com amor, pronto.<sup>78</sup>

As casas visitadas pelo Grupo de Reisado na sede do município de Conceição do Coité eram selecionadas pelo líder do Grupo, Geraldo das Mercês, o qual, indignado, descreveu o motivo da seleção. O Grupo se apresenta somente nas residências das pessoas que são adeptas do festejo ou nas residências daquelas que respeitam e reconhecem o sentido das tradições.

O Grupo de Reisado não se manteve apenas na zona rural, seguiu até a cidade de Conceição do Coité, onde havia adeptos que se encontravam em melhores condições financeiras e que contribuíam, patrocinavam ou ajudavam o Grupo financeiramente. Muitas vezes, as pessoas carregavam suas raízes e, mesmo que um dia se encontrem em uma posição

---

<sup>78</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

de prestígio social, continuam admirando as práticas dos populares. Embora algumas pessoas não acolham devidamente o Reisado em seus lares, impõem-se no respeito pela arte do povo e a festa acontece ao pé da porta, porém não deixando o proprietário de contribuir para com o Grupo, como acrescentou ainda o Sr. Gregório dos Santos, ex-integrante do Grupo de Reisado:

Ele gostava de ir muito em João Marinho gente boa, também ele não brincava dentro de casa não e tinha gente que brincava para entrar pra dentro de casa entendeu? A turma entra dentro de casa, outros já tinha o rol, ficava no rol. Abria, mais ficava na porta, ninguém entrava não, mas ele dava o trocadinho a gente voltava.<sup>79</sup>

Acreditamos, ainda, que seja relevante sabermos quais elementos foram motivadores das mudanças do itinerário, pois poderia ainda ser a combinação de fatores desta migração dos adeptos para a zona urbana e, conseqüentemente, da atuação do Líder do Grupo, como nos descreveu o Sr. Gregório dos Santos:

É (risos) pra soltar dinheiro (risos) ele era bafo de boca mesmo e ai turma vá Geraldo, estou esperando, com esse Moreno mesmo, a família é Ave Maria entrava no salão mais a esposa batendo palma e dançando até hoje gosta mesmo, esse Moreno gosta mesmo daí o que tem. Assis, Assis, gosta mais não é como esse Moreno não, ele recebe bem, se paga bem não sei a Geraldo, mais recebe bem, nunca foi na porta para ele não abrir.<sup>80</sup>

Para o Sr. Gregório dos Santos, o Grupo recebia mais donativos no espaço urbano. Ele salientou que Geraldo das Mercês era muito comunicativo, o que facilitava chegar até esses espaços. Nota-se, mais uma vez, a participação do “moreno” ou negro empresário no ramo de joias, convidando o líder, Geraldo das Mercês, para festejar em sua residência. Ao reportar-se à apresentação no espaço urbano, Sr. Gregório lembrou-se de ter festejado na residência de Assis, político, ex-vereador e atual prefeito do município de Conceição do Coité, demonstrando que os cabaceirenses eram bastante atuantes com suas artes.

Ao optarmos pelas narrativas dos integrantes e festeiros que participaram e observaram o Grupo de Reis de Cabaceiras, fonte crucial deste estudo, imaginariamos as sutilezas necessárias para lidar com as diversidades de versões que poderiam emergir das lembranças sobre o festejo. Segundo Gandon (2005, p. 232), o trabalho com a oralidade contempla uma multiplicidade de vozes que “vão surgindo de um passado vivido em carne e

<sup>79</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membro do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>80</sup>Idem.

osso por inúmeras pessoas”. A combinação das diversas versões, de diferentes pontos de vista, possibilita um amplo acesso para compreensão do discurso coletivo, fundamentado na memória. Os festeiros de Cabaceiras cultivam diferentes memórias e lembranças.

O Sr. Gregório considerou, ainda, que a festa ficou muito melhor, por estar mais organizada. Diferente de alguns depoentes, o Sr. Gregório, como sendo o mais velho do Grupo, não se omitiu, nem se levou pelo saudosismo, afirmando que *antigamente era cachaçada, alguns pintavam e bordavam e hoje estão bêbado mais pouco nessa brincadeira e a brincadeira mais continua, e melhor ainda.*<sup>81</sup>

O Reisado de Cabaceiras festejava em múltiplos espaços, uma vez que já se apresentou em vários lugares e situações: aniversário da cidade, aniversário de sindicato, espaços que abriga diversas classes e segmentos sociais. Para Geraldo das Mercês, essa nova organização contribuiu para a população de Cabaceiras, valorizando ainda mais o Grupo, conforme relatou:

É tanto que quando a gente sai que quando o carro é pequeno, a gente avisa: minha gente hoje não dá porque muita gente quer ir, aí quando é de ônibus a gente leva muita gente. Quando a gente vai de carro pequeno, a maioria do pessoal não vai, uns se queixa, porque não vai, o carro não desse outro queria ir e acaba não indo.<sup>82</sup>

As festividades proporcionaram relações sociais, unindo e aproximando as pessoas da comunidade local, como também possibilitaram o reencontro daqueles que migraram ou que se encontravam em outras posições. Com a mudança no percurso do Grupo Reisado de Cabaceiras para o espaço urbano, ocorreu a aproximação das pessoas da localidade rural e da sede. Conforme o líder do Grupo Festivo, Geraldo das Mercês, os festeiros da zona urbana se disponibilizam a irem à zona rural prestigiar o Grupo:

Beleza, graças a Deus, nós temos o apoio, quando era a época de Reis, de vinte e quatro, de doze à seis de janeiro, que nós faz as rondas aqui. É uma coisa bacana certo? O município vai, a zona rural vai em peso, até a sede mesmo vem. As pessoas culturais da sede vem pra cá e nós faz uma grande festa, comemorando, onde foi fundado o grupo.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>82</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>83</sup>Idem.



Em seu relato, o Sr. Geraldo mencionou a participação das pessoas adeptas do Reisado, residentes na sede do município de Conceição do Coité, que se deslocavam até a zona rural para prestigiar o Grupo Reisado de Cabaceiras. Durante as rondas, ou seja, a peregrinação de casa em casa pela zona rural, havia uma reciprocidade entre festeiros rurais e urbanos, os quais se empenhavam para participar do Reisado dos cabaceirenses em determinados espaços, seja na zona rural, seja na zona urbana.

Portanto, a memória não se processa basicamente no passado. Bosi (1994, p. 47), alerta-nos para o aspecto e para a função da memória, a qual “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

O Sr. Luiz Pinto de Oliveira, aposentado, integrante do Grupo festivo, morador na comunidade de Patos e cantor, descreveu que as razões da transferência da festa para a cidade se deram por causa das inovações do próprio Grupo associadas ao acompanhamento da tecnologia, o que possibilitou às pessoas, principalmente as da comunidade de Cabaceiras, darem mais apoio ao Grupo. Segundo o depoente, o marco do Grupo foi um aparato para a propagação da festa no sertão baiano:

Olhe, isso começou, esse negócio começou a crescer depois que a gente começou a gravar, começou a ouvir o CD e chamar. Sempre esse ato, mais dando valor até na zona rural tão dando valor, depois que a gente começou (pausa). Começou se muito ensaio se preparar, ficou mais incentivando por pessoa da zona rural. Excelente, eles ficaram mais alegre porque, inclusive na comunidade, todo mundo compra CD, ajuda a gente, outros que não ajudam diretamente, ajuda indiretamente e assim a gente vai levando.<sup>84</sup>

As narrativas, no entanto, convergem ao se referirem aos motivos da transferência da festa para a sede do município de Conceição do Coité. A maioria dos interlocutores trouxe ingredientes que se referem à da expansão dos festejos aos Santos Reis e seus efeitos. Nas descrições que se seguem, ficou demonstrada a reação dos festeiros com a nova estrutura e o apelo em tornar ainda mais reconhecida e atendida pelos setores públicos. *Sempre é classe média, classe média que sempre gosta dessas coisas e aquelas pessoas média na idade*

---

<sup>84</sup>Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrantes do Grupo Reisado de Cabaceiras.

*também, dificilmente a gente trabalha com aqueles jovens, aquelas pessoas que a gente percebe que podia dar andamento a esse trabalho né.*<sup>85</sup>

O depoimento do Sr. Florêncio Barbosa Gonçalves soou como uma preocupação quanto aos sujeitos que mantêm a prática do Reisado, os quais se encontram em uma faixa etária elevada. E, para ele, apesar de existirem jovens classificados que poderiam dar continuidade ao Grupo, ao assumirem um terno eles dificilmente não se engajam no festejo. O Sr. Florêncio Gonçalves ainda acrescentou sobre o comportamento dos festeiros:

A gente percebe que eles vão com o intuito de apreciar aquilo que acha bacana né, e os outros que estão lá estão justamente respeitando aquele ambiente né. Nem participava bem, mas depois de Cabaceiras me incentivou e a gente tem assim o dever até de ajudar porque é uma tradição em nossa região e se não tiver apoio acaba.<sup>86</sup>

Em seu relato, o Sr. Florêncio demonstrou a participação tímida dos jovens na Festa de Reis. Suas considerações nos levam a perceber que os seguidores da tradição são pessoas idosas, muito cansadas. O entrevistado ainda salientou o papel ativo desempenhado pelos sambadores de Cabaceiras, os quais reavivaram e estimularam a Festa de Reis na sociedade coiteense, despertando o interesse pelo festejo, a exemplo do Sr. Florêncio Gonçalves, o qual não vinha participando da festa de Reisado. As narrativas, no entanto, convergiram ao se referirem ao final da década de 1980, quando o Sr. Geraldo das Mercês, com seu bando de homens, procurou intensificar a festa nos espaços urbanos do município de Conceição do Coité.

O líder Sr. Geraldo acredita que a tradição do Reisado não cessará na sociedade coiteense, pois a participação de jovens e de crianças na folia aumentou consideravelmente, inclusive após a intensificação do Grupo nos espaços urbanos. Sobre a presença de crianças na Festa de Reis, o líder Geraldo narrou que tal situação parte dos pais, que, segundo ele, incentivaram os filhos a respeito do Reisado. Eis o seu relato:

O incentivo hoje da gente que somos responsáveis por esta festa é que os filhos, os sobrinhos, netos todo mundo aprenda para que reforce a cultura para que ela não acabe e os fazendeiros hoje, as pessoas de recursos públicos eles estão levando as crianças pra festa e mostrando dizendo você sabe o que é aquilo? “Não meu pai, eu não sei. Apois, aquilo é Festa de Reis” tal, tal uma coisa a 10 mil e 12 anos atrás que foi começado. Coisas que eles não

---

<sup>85</sup>Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Concedida em sua Empresa, JOB, Joalheira e Ótica Barbosa, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Empresário no ramo de joias e participante da festa.

<sup>86</sup>Idem.

sabiam e ainda não sabem. Muitos não sabem, estão começando, começando, digo começando porquê? Porque hoje eu conheço, mas essas crianças novas? Esse pessoal novo, eles não, só querem saber de dança e tal e tal. Mas muitos deles respeitam os direitos também deles, porque hoje eles já estão conhecendo o que a cultura que os pais disseram: isso aqui é uma coisa de raízes e você vai ter que passar por isso um dia.<sup>87</sup>

A participação de diversos segmentos e faixas etárias tornou-se mais significativa após a transferência do Grupo Reisado de Cabaceiras para a zona urbana, onde foi mais divulgado e se tornou mais atuante, possibilitando às crianças e aos jovens assistirem ao Grupo e criarem apreço pela tradição da Festa de Reis, visto que essa prática cultural chegou ao universo deles de forma mais lúdica e atrativa, inclusive no que se refere aos produtos do grupo, os CDs e os DVDs em que as canções são tocadas na emissora de Rádio do município de Coité. A presença de jovens e de crianças na Folia de Reis deixou o líder Geraldo e seus companheiros mais confiantes e contentes, na certeza de que, futuramente, os jovens poderão continuar o Reisado.

#### 2.4 REZA E FESTA: O SAGRADO E O PROFANO NO REISADO DE CABACEIRAS

O sagrado e o profano sempre fizeram parte no âmbito da esfera religiosa católica em Conceição do Coité, principalmente no Reisado de Cabaceiras. A partir das lembranças dos componentes do Grupo e dos adeptos aos festejos de Reis, ressaltamos como aconteceu essa dinâmica em que o sagrado e o profano se mesclaram e como os festeiros qualificaram e deram significados a tais modalidades, além de enfatizarem situações profanas e de identificarem alguns momentos que condizem com a esfera sacra.

A preparação para a Festa de Santos Reis demonstra a mistura entre as atividades devocionais, o itinerário para a reunião com todos os componentes, em que o Líder do Grupo entra em contato e reúne todo o Grupo para o ensaio e a peregrinação já informa a presença dos Santos Reis Magos. A parte profana: preparação para as apresentações das músicas, consumo de bebidas, geralmente, alcoólicas, durante os preparativos e nos festejos.

Elíade (1992, p.16-17), ao analisar questões referentes ao sagrado, entende como sendo uma manifestação diferente da realidade natural, dando como primeira definição para este sagrado tudo aquilo que se opõe ao profano. O homem religioso vive imbricado nessas

---

<sup>87</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

duas modalidades. O teórico nos lembra que o espaço não é homogêneo para o homem religioso, pois apresenta rupturas e quebras:

Há portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mas ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. (ELÍADE, 1992, p. 25)

Para Elíade (1992), o homem religioso vive em um mundo sagrado, significativo e carregado de símbolos. No tocante aos símbolos religiosos, estes são “expressões de experiências de vida, experiências que, por se situarem na esfera das relações do homem com o mundo, só podem ser expressas de forma indireta.” (ALVES, 1979, p. 28); e também vivem no mundo não-sagrado, amorfo, sem ordenação sem explicação ou experiência espacial. O mundo sagrado implica o viver real, algo que é fixo, enquanto a experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade segundo as necessidades diárias. Conforme Elíade (1992, p. 18-19):

[...] o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real.

Elíade (1992) considera que o homem religioso deseja, profundamente, participar da realidade, ou seja, carregar poderes no universo sagrado, ser possuído de sentimento religioso; mas, esse sujeito, que ocupa ou deseja viver no mundo dessacralizado, adquire experiências sagradas e profanas, modalidades em que há “uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história” (ELÍADE, 1992, p. 22).

Couto (2008, p. 3) concorda com Elíade, quando essa diz que toda festa religiosa é um evento sagrado, baseado no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico, e chama atenção para esta afirmação. A autora salienta que, apesar de os festejos serem repetidos anualmente, não compõem uma estrutura fixa, rígida. Os festejos religiosos abarcam diversos sentidos e possibilidades, autorizando ao próprio homem reestruturar os elementos. Como observa Alves (1984, p. 24):

O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas. Coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os batizam como tais, [...] a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio uma abóbada sagrada a que recobrem o seu mundo.

Couto (2008) nos lembra que essas observações são válidas também para as análises das devoções e dos rituais, cabendo ao pesquisador compreender que as manifestações religiosas acontecem dentro de um tempo mítico, sagrado, porém estar atento ao tempo histórico, lidar com a imobilidade enganadora e analisar as “formas obstinadas” sem perder de vista as rupturas, as discontinuidades e as mutações.

A Folia de Reis apresenta um caráter profano-religioso e faz parte do ciclo natalino, realizado de 24 de dezembro a 06 de janeiro, havendo comemorações ao nascimento de Jesus por meio de festividades. No Reisado de Cabaceiras, esta imbricação entre a sacralidade e a profanidade se revela a todo instante, esta inter-relação é percebida como uma característica das festividades da religiosidade popular. As inúmeras formas de se relacionar com o sagrado se expressam nas vivências dos reiseiros, não apenas na peregrinação em homenagem aos Santos Reis, os atos cristãos eram revelados também nas canções entoadas durante as apresentações:

[...] Deus lhe dê uma boa noite  
Alegremente cantando  
Com despedida da festa  
Com entrada de novo ano  
E que cavalheiro é aquele?  
Que vem da parte do mar.[...] (MERCÊS, 2002, n.p.)

O sagrado traduzido nas letras das canções revela que os fiéis compartilham da tradição, sendo o foco crucial a devoção. Esta imbricação entre o sacro e o secular compreendia característica dos festejos religiosos e das festas cíclicas em Portugal, onde, conforme Couto (2010, p.175),

os portugueses faziam oferendas de castanhas aos mortos. Durante a colheita, os camponeses ainda ofertam uma parte do produto principal da região – um quilo de cebola, um alqueire de milho, etc. – ao santo padroeiro ou às almas, em agradecimento pelo cuidado com as sementeiras.

Segundo Pergo (p.1), “As festas populares de caráter profano apresentam o sentido de diversão, visando a entreter os visitantes por mais tempo nas festas, como os leilões, as danças, as comidas, as barraquinhas, entre outros.”.

Segundo Couto (2010, p.175),

na Bahia republicana ainda permanecia o costume colonial de oferecer os alimentos de acordo com a colheita de cada estação. O cardápio dos festejos da Conceição incluía não apenas os quitutes afro-baianos, mas também as frutas do verão colhidas no Recôncavo e vendidas no mercado do cais de Cairu.

O ritual das festas religiosas é complexo. “As refeições cerimoniais e as iguarias diferenciadas eram consumidas de acordo com a colheita da estação e a diversidade regional.” (COUTO, 2010, p.174). A participação dos leigos, mesmo sem a devida participação hierárquica da Igreja Católica, não impede que os festejos aos Santos Reis em Conceição do Coité sejam brilhantes, pois “nas festas em homenagem aos Santos Reis, a Igreja Católica aparece como elemento secundário importante quando atende às expectativas dos reiseiros ou dos componentes de determinado grupo.” (ANDRADE, 2008, p. 104).

As festas do catolicismo na Bahia sempre foram lúdicas e espetaculares. Incluíam nos programas bando anunciador, novena, missa, bênção do Santíssimo, *Te Deum*, lavagem do templo, soerguimento de mastro, procissão, queima de fogos, banquete, desfile de carro alegórico, baile à fantasia e quermesse. (COUTO, 2014, p. 143)

O lúdico sempre fez parte dos festejos religiosos. “Em Salvador, após a missa e os foguetes, era chegado o momento do banquete. Todos os participantes da festa religiosa congratulavam-se em torno de uma refeição com os mais famosos pratos da cozinha afro-baiana.” (ANDRADE, 2008, p. 104).

No tocante ao ritual dos festejos de Cabaceiras, a prática de alimentar os festeiros era característica crucial da festa, desde a fundação do Grupo sobre a coordenação do Sr. Macário, quando a bebida alcoólica e a distribuição de alimentos se fizeram presentes na Festa de Reis, o que, para os reiseiros, compreende peça primordial na folia, uma vez que alivia o cansaço e a fadiga, pois a festa perdura a noite inteira. Conforme a Sr.<sup>a</sup> Sofia das Mercês, aposentada, esposa do Sr. Zacarias, ex-líder do grupo de Reisado, a presença das mulheres era essencial nos festejos:

Passava a noite toda. Não se cansavam não, quando a gente é jovem não cansam não (risos). Brincavam muito, ninguém nem cochilava, só sambando. Sambava a gente batia muitas palmas, cantava também, ele nos levava. (pausa). Tavendo [sic] que ele não deixava a gente por isso, pra gente ajudar cantar, ajudar a responder, porque eles diziam logo, se mão tiver voz de mulher, não é bonito, não sai bonito.<sup>88</sup>

Assim era o universo festivo dos Santos Reis em Cabaceiras que juntava o profano ao sagrado. E, como afirma Abreu (1999, p. 38), “é através das festas que se conhece melhor a coletividade e a época em que aconteceram (...) compreendendo a dinâmica relação das festas com as experiências dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autênticas e concorridas.”. A forte religiosidade do sertanejo só pode ser compreendida a partir de contexto espacial e do uso que estas pessoas fizeram desses espaços.

Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos, aposentado, residente no Povoado de Patos, comunidade próxima a Cabaceiras, cumpria 02 (duas) funções na festa: cantava e batia o instrumento musical, a cuia. E, conforme já frisamos, ele descreveu que a presença das bebidas alcoólicas faz parte do ritual desde a fundação do Grupo:

Não, de existir existia, agora o dono da casa era que dava distribuía, ele tirava assim em espaço de hora dava uma corrida na roda de samba dá bebida e hoje não tem uma barraca aí pra vender né, então, uns faz até pra negócio e outros não e por aí vai. Então, é isso que tira a qualidade do samba da gente hoje, porque a bebida não é só para o sambador é pra todo mundo e aí agora às vezes tira a qualidade um pouco da festa, da folia.<sup>89</sup>

Para o Sr. Luís de Oliveira, a presença de bebidas alcoólicas na Folia de Reis muitas vezes tirava a qualidade do samba, pois aquele espaço festivo era composto de um público diversificado e, ao que parece, muitos participavam da folia nessa intenção, tendo em vista que a bebida oferecida pelo dono da casa não era somente para os sambadores. Os depoentes consideravam que a presença de bebidas possuía seus significados:

Naquele tempo não era como hoje, não vendia cachaça, naquele tempo vendia era arroz vendia um bolo de milho, era um bolo de mandioca, era esse tipo de coisa, não é hoje, hoje vende é cerveja, cachaça, então, a juventude mais dá qualidade do samba é isso aí da cultura.<sup>90</sup>

<sup>88</sup>Entrevista com dona Sofia Oliveira das Mercês Concedida na sua residência, no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 12 de janeiro de 2015. Participante da festa de Reis.

<sup>89</sup>Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>90</sup>Entrevista com dona Sofia Oliveira das Mercês, concedida na sua residência, no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 12 de janeiro de 2015. Participante da festa de Reis.

No depoimento acima, constata-se que a presença da bebida no samba garantia a participação da juventude e, segundo o Sr. Luís Oliveira, o sentido do Reisado, da apresentação, dá-se de forma diferente para cada faixa etária. Seu relato revela que as culturas são maneiras de viver de um povo, de um grupo, de manter uma tradição, cabendo aos seguidores ressignificá-las para não sofrer o apagamento. Em Conceição do Coité, os elementos profanos contribuíam para o brilhantismo dos festejos religiosos, sobretudo durante as comemorações da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, as quais exigiam o esforço e o desempenho das autoridades eclesiásticas e de sua comissão no que tange à organização, inserindo, no calendário festivo, atividades referentes à esfera profana. No ano de 1969, a grande festa de homenagem à Padroeira Nossa Senhora da Conceição não obteve uma repercussão significativa. O jornal *O Coiteense* atribuiu toda atenção a esse aspecto da questão, dando um tratamento crítico ao fato (como se pode deduzir do título da matéria: *Era uma vez...*), e no acabamento de seu arremate:

Aquela festa totalmente tradicional e linda. Era o 8 de dezembro/festa da padroeira de Conceição do Coité – de que se falava em toda região. Com o tempo a festa foi caindo...caindo. Hoje, não mais/ se vê aquele 8 de dezembro. Hoje não mais se tem festa, apenas a rotina/ da festa. Falava-se do Padre, hoje, temos um santo. Falava-se do bispo, hoje, diz-se que aí tem um bispo. Viva: um bispo: Mas o que é que faz o bispo, “meus homens”? falava-se da situação econômica, hoje, (engraçado), continua-se falando. Falava-se da Diretora da festa, hoje, (engraçado), continua falando. Falava-se de quermesse, leilões, diversões, hoje, continua falando. Falava-se de sorteio para o futuro presidente da festa, hoje, sorteiam um católico, dinâmico, de gosto... aí terminou a estória. (O COITEENSE, 1969b, p. 2).

Não é difícil imaginar a grande decepção que aquelas autoridades civis e eclesiásticas causaram aos fiéis e à maior parte da população coiteense, que se entregava à agitada festa composta de várias diversões. Naquele ano, ficaram a assistir somente à missa. E, recorrendo ao Jornal *O Coiteense*, obtivemos informações que narraram a falência e a desorganização da Festa Nossa Senhora da Conceição:

Apesar da quantidade de católicos presentes aos festejos em homenagem à padroeira Nossa Senhora da Conceição, no último dia 8, a referida festa não alcançou o brilhantismo que se julgou ter, tendo sido inclusive um verdadeiro fracasso as comemorações de véspera onde a quermesse não funcionou. Sobre este assunto o presidente da festa, quis responsabilizar os estudantes, esquecendo que a noite não era a restritos às obrigações com a novena, sendo portanto, a realização da quermesse uma função da comissão de diversões. Quanto ao dia 8 nada mais de missa, crisma e a procissão,



fizeram marcar a maior festa religiosa de Conceição do Coité. (O COITEENSE, 1969a, p. 4).

A participação dos fiéis na missa foi restrita, na qual os mesmos se omitiram devido ao não cumprimento das atividades durante o novenário seguido nos anos anteriores. Todavia, ao que parece, o redator do jornal estava bastante indignado com as atitudes das autoridades eclesiais, que não se dispuseram a organizar o calendário da Festa da Padroeira, ficando excluídos o profano, as diversões e as quermesses. Constatamos, no Livro de Tombo da referida Paróquia, o seguinte relato do Pe. Luiz M. Belopede descrevendo as atividades da Festa da Padroeira realizada no ano de 1969:

Acompanhado pela filarmônica e autoridades fomos a casa do Sr. Prefeito e ali terminou com a homenagem ao chefe executivo que tinha presenteado a farda aos músicos. No dia 9 o Sr. Bispo passou até a tarde numa fazenda perto de Coité descansando. No dia 10 fomos a Santa. Luz para a reunião da zonal. (CENTRO..., 2005, p. 74).

O padre parecia ter pouca atenção com os festejos da Padroeira Nossa Senhora da Conceição e possuía uma relação intrínseca com as autoridades municipais, de modo que voltava sua atenção para as ações aplicadas pelos gestores públicos coiteenses.

Em *O Coiteense*, encontramos uma observação a respeito da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição no ano de 1987, que compreendia um grande público em torno do coreto para prestigiar a Santa Missa, para rever os amigos, para beber e para comer nas barracas organizadas pela comissão da Festa da Padroeira. A dinâmica da Festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição passou por mudanças. A parte profana, a quermesse, os jogos e os grupos festivos não estavam incluídos no cronograma, pois o pároco não se preparava, juntamente com a comissão, para elaborar a programação. A Festa não atendia à perspectiva dos fiéis. A descrição abaixo ressalta a dinâmica da Festa nos anos anteriores e a preocupação de alguns fiéis. O documento omitiu as razões pelas quais o padre não mais aderiu à parte profana durante os festejos em homenagem a Nossa Senhora da Conceição:

Entre a esquina de Rogério e hoje o bar Passaki, ficava congestionado de gente. Era uma dificuldade grandiosa passar por ali. Costumava-se contornar a esquina do armazém de seu Mota, para atingir o jardim mais fácil. Durante as noites de cinco a oito, a Praça da Matriz se transformava num borbulhar de adultos e crianças, que, após as novenas de igreja compacta, desfilavam até altas horas da noite, pelo belo jardim, numa preparação da maior festa religiosa da nossa cidade: 8 de dezembro, festa em homenagem à Padroeira

N. S. da Conceição. Todo ano, o ritual se repetia: feira chique, leilões, barracas, quermesses, jogos de azar. A Filarmônica Carlos Gomes, impecável, fazia arrepiar. Políticos famosos faziam-se presentes na grande data. O 8 de dezembro era uma festa magnífica. Raramente faltava Bispo, e certa feita esteve presente um Cardeal. Fui crismado por Dr. Pinheiro sobre as bênçãos. Neca Rios era um brilhante e até então insuperável organizador dos festejos. Bebíamos, e quase uma dezena de jovens massacrava o Pe. Reis. Cada qual com sua versão defendia pontos de vista que convencia a todos. Eu me mantinha calado, observando. Hora concordava, hora ficava calado. Claro que ele pode ser considerado culpado pela queda que ano a ano sofre a festa. Mas seria só de Pe. Reis a culpa? Comecei a me perguntar: que fiz eu como comerciante, em favor da festa? Por acaso como coiteense e como comerciante não deveria eu me preocupar e antecipar-me procurando o Padre, juntamente com outros comerciantes, para verificarmos o programa da festa? Lembrei-me de Aloisio da Aloy Calçados, que certo dia me falou: “Roberto, nós temos de prestigiar as festas religiosas. Você já viu como o comércio melhora, quando há festa na igreja?” Exatamente. (O PADRE..., 1987, p. 2)

Estas informações estão contidas no verso da página 74 do Livro de Tombo, onde há uma pausa logo após a palavra “prefeito”, tendo um espaço em branco de quase meia linha. O mais observável foi que o referido pároco era recém-nomeado naquela Freguesia e, juntamente com o Revm. Bispo Dom Jackson Berenger Prado, assumiu atitudes extraordinárias, visando organizar a estrutura administrativa da Paróquia N. S. da Conceição, na página não numerada que antecede a 74:

Pelo presente, havemos por bem nomear Vigário Econômico da Paróquia de Conceição do Coité, ao Revmo. Padre Luiz Bellopede, Vocacionista, que tomará posse e entrará no exercício do cargo logo que esta seja lida aos fiéis, à estação da Missa. Esta será registrada no Livro do Tombo e de tudo se fará comunicação à nossa Câmara Eclesiástica. Dada e passada nesta Episcopal Cidade de Feira de Santana, aos quinze de agosto de mil novecentos e sessenta e nove. (CENTRO..., 2005, n.p.)

Em *O Coiteense* e no Livro de Tombo, descreveram as atividades da Igreja Católica, sobretudo a grande festa de Homenagem a Nossa Senhora da Conceição, que foi bastante tímida durante o período estudado. As autoridades eclesásticas estavam muito atreladas às questões políticas da sociedade coiteense, enquanto que a vida cristã ficava a desejar. As atividades da Igreja Católica se resumiam à vida das autoridades municipais, em que alguns Padres se dirigiam à Prefeitura para celebrar. Muitos foram os padres que passaram pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, com posições político-partidárias relacionadas ao grupo que mantinha o poder. Essas atitudes dos párocos muitas vezes causaram insatisfação a muitos fiéis, que se opuseram e não participaram dos festejos de Nossa Senhora da Conceição. A ausência dos momentos de

entretenimento talvez tenha provocado o afastamento dos fiéis, pois as intervenções do cotidiano tornam-se uma distração e uma profanação.

“O cotidiano foi colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação que nos envolve carinhosamente.” (ALVES, 1979, p. 60). Os integrantes do Grupo de Reisado consideravam indispensável a presença de bebidas alcoólicas na Festa de Reis, pois esta compõe um público diversificado, de maneira que muitos participantes da Folia de Rei não fazem parte da Igreja Católica e, segundo o depoente, preferiam mais entretenimento:

Rapaz, porque tem uns que participa do grupo, mas não participa da Igreja, aí sempre exige bebida. Até quando faz parte da Igreja, se ele bebe na festa da Igreja, pede dinheiro pra beber fora aí. É a gente começa, tem vez que a gente é toca duas horas, às vezes a noite toda e sempre tem o intervalo pra beber, para um pouquinho e depois começa novamente.<sup>91</sup>

No passo corrido, o gole de cachaça despertava, reavivava as tiradas de humor durante o intervalo da festa, causando empolgação do público ali presente. O profano correspondia a uma modalidade significativa nos festejos religiosos em Conceição do Coité. O jornal *O Coiteense* (1987, p. 4) veiculou uma reportagem relatando a realização da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, a qual demonstra o profano como aspecto necessário:

Deus certamente ficará muito orgulhoso do nosso trabalho em homenagens a seu mais brilhante filho. Deus certamente, não está preocupado com o profano que tem caracterizado as festas religiosas. Deus sabe, que seus pastores são seres humanos plenamente capazes de conduzir seus rebanhos. Deus não é nenhum ser policialesco, como nos ensinou os antigos catecismos da própria Igreja Católica, fruto ainda, da deplorável inquisição.

O grande foco da manutenção do Reisado era a fé na devoção aos Santos Reis. Assim, nessa festa, existiam aspectos da fé, da devoção, mas também existia o lado profano. No Reisado, tem muita coisa do mundo profano, como a cachaça. Ao questionarmos o sentido dessas práticas na Festa de Reis, o Sr. Armando de Oliveira, morador na comunidade de Cabaceiras e vice-presidente do Grupo, descreveu a importância dos elementos profanos:

É porque o samba ele é como se você tivesse na roça trabalhando aí você exige de força pra bater o pandeiro, pra bater a enxada, pra cantar a noite

---

<sup>91</sup>Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo.

toda. Então daquilo ali você se empolga de hora em hora toma um aperetivozinho, isso aí, desde quando eu entendi que já era assim.<sup>92</sup>

O sambador, ao associar o samba com o trabalho na roça, considera que o samba requer ânimo, no sentido de despertar os festeiros e de mantê-los acordados durante toda a noite, visto que, para além de dispor de esforço para bater os instrumentos e cantar, a bebida alcoólica era um elemento indispensável na folia, pois servia como uma quebra no intervalo do Reisado, levando em consideração que ali era uma festa e, por conseguinte, não dispensa a bebida alcóolica. Quanto às práticas não religiosas na Festa de Reis com a presença de bebidas alcoólicas, Sr. Geraldo Henrique das Mercês também opinou:

Oh o problema da cachaça é o seguinte: é porque essa festa, ela é pede, pede vírgula, a nós começa a fazer a festa aí, aí sua, que é uma festa cansativa, certo! Ela, a gente sente o pancadão, a gente soa a gente se cansa, nós não temos condição, todo mundo é pobre, não temos condição de tomar uma bebida boa, um uísque e tal, aí vou fazer o quê? Se conta de é ... 1% que chega a sim e diz, toma aqui um litro de bebida, dá o quê? Um litro de Pitu, cachaça é por isso que a cachaça existe, aí a rapaziada, às vezes toma aí; vem uma coca-cola, mistura e tal, não vai se embriagar, mas é só para quê? É tirar o cansaço e, e vê aquela animação entendeu? Aí a bebida é só por isso, mas não é uma coisa que fica e que vai prejudicar também, por que nós que somos responsáveis temos é que dizer não, é um pouquinho é só. E já chega é só para vocês ficar, é baixar as emoções e pronto, mas a bebida é só por isso, mais o mais não. A gente faz é por fazer, a gente faz por amor suar a camisa, tá certo! Para honrar.<sup>93</sup>

O depoente considera a presença de bebida alcoólica na Festa de Reis como algo até necessário para completar o caráter lúdico da folia. “Como parte integrante da vida cotidiana marcada pela extenuante jornada de trabalho, a festa proporciona o lúdico, o aflorar das sensibilidades e emoções contidas” (BRITO, 2013, p. 62), levando em consideração que “a existência profana jamais se encontra no estado puro”, conforme destacou Elíade (1992, p. 27). As experiências profanas existentes nas festas religiosas não assumem um caráter supérfluo ou contrário ao espírito religioso, tornando-se indissociável de sua trama e concretiza as tradições populares.

Segundo Silva (1982, p. 58),

<sup>92</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 62 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013. Vice- presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>93</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

a mesma condição humana que o faz persistente e afeito ao trabalho fatigante leva-o a cantar, dançar, orar, celebrar festas. E este aspecto festivo da sua vida, de que o catolicismo é parte, leva a gente sertaneja entregar essas duas visões antitéticas e complementares ao celebrar o culto.

No Reisado de Cabaceiras, os moradores recebem os festeiros e, ao término das apresentações do Grupo, este lhes oferece bebidas, café, sucos, às vezes acompanhadas de iguarias, de forma que todas as pessoas são alimentadas:

Oferece mas tem na festa de Reis, a gente sai nas casas nós recebe licor, nós recebe é, mas o mesmo tem bebida, onde as pessoas bebem, nós recebe alimentos comidas, tem gente que tem o maior prazer, tem orgulho ter em fazer aquilo para é, é, é. Querendo dizer que eu estou fazendo uma coisa, uma tradição uma coisa que Deus me deu o direito de alcançar, meu Deus, é para o ano agradecer, para o ano estamos aqui de novo, venha novamente, nós vamos abrir a porta para a gente fazer a festa que Deus nos abençoe e tal e tal, certo! Então, é por isso somente que a gente faz por que junto o povo quer, eles é, recebem com amor.<sup>94</sup>

O depoimento acima revela o sentido da permanência da tradição do Reisado Cabaceirense, a fé e a devoção, mediante a dinâmica que se preza pela sociabilidade, na alegria dos adeptos do Reisado que recebem o Grupo em suas residências, nos palcos, no Coreto e em outros espaços.

## 2.5 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO REISADO

As mulheres, que também sempre fizeram parte do Grupo de Reis de Macário, desempenhavam diversas atividades em volta dos festejos. Elas se preparavam e se dedicavam para a festa. Sobre o comportamento das mulheres durante a apresentação do Grupo de Reisado, Geraldo das Mercês destacou o papel desempenhado pelas mesmas durante a folia:

As mulheres batiam palmas, dançava e cantava [sic], todo mundo. Arrumava, agora só que a arrumação era diferente, aquelas roupas caipira [sic] é (pausa), aqueles vestidos bonito de chita, os vestidos, enfeitavam de flores, com laços fitas de papel era, era arrumação diferente, tradicional a respeito da festa.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>95</sup>Idem.

A presença feminina nos festejos de Reis de Cabaceiras sempre foi imprescindível, pois as mulheres complementavam o Reisado com suas vozes femininas e com o requadrado das “cadeiras”. Assim, sambavam e cantavam, empenhavam-se para a festa, na preparação do seu figurino. Possivelmente, eram elas também que arrumavam os chapéus dos esposos com fitas de papel ou flores naturais. As danças, as cantorias, os brinquedos de roda das mulheres eram características da Festa de Santos Reis em Conceição do Coité. Somadas a esse ritual, havia outras práticas consideradas como elemento fundamental e ideal, a exemplo das iguarias e bebidas, as quais, para os sambadores e participantes, tornavam o evento mais divertido. Conforme a Sr.<sup>a</sup> Sofia, nos festejos havia bebidas especificamente para as mulheres:

Tinha, eles dava, saía da roda de samba, tinha bebida sim. Naquele tempo não, tinha bebida da gente, tinha vinho, eles compravam o vinho para as mulheres e a cachaça pro homens. Se bebiam muito quente, mas a gente caía fora, não queria mais não, saía e ia brincar roda, quando der fé; chegava tudo, brincava roda com a gente e o samba estava lá se acabando, e os jovens ficavam mais a gente cantando roda, era assim, eles ficavam por lá, de hora em hora eles mandavam chamar, tirava assim uns batuque e precisa de mulheres e mandava chamar, umas iam outras não.<sup>96</sup>

As mulheres sempre desempenharam diversas atividades no Reisado de Cabaceiras. Segundo o sambador Luís de Oliveira,

sua labuta cotidiana, em inúmeras ocupações no lar, e na lavoura, no cuidado dos filhos, lavadeiras, cozinheiras, bordadeiras, costureiras, etc. “Tem mulher que elas vão sambar, as mulheres sabe sambar, as mulheres também ajudam a responder, umas vozes diferente no reis.”<sup>97</sup>

A Sr.<sup>a</sup> Saturnina lembrou que participava da festa e, hoje, com muito sentido, ainda tem aquela recordação, aquela lembrança de todos os dias de Reis. Mas, segundo ela, a idade contribuiu para o desânimo:

[...] não sinto aquele ânimo, adoro a festa de Reis quando passa nos lugar, nas casas, eu tenho sempre aquela recordação quando eu vejo cantar o Reis, eu sempre me lembro daquele tempo (risos). Não participo mais da festa porque eu já tou na idade né, quando vai ficando naquela idade não sente mais assim aquele tempo de alegria mais.<sup>98</sup>

<sup>96</sup>Entrevista com Sofia Oliveira das Mercês, concedida na sua residência, no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 12 de janeiro de 2015. Sambadora.

<sup>97</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo.

<sup>98</sup>Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de Grupo de Reisado de Moça.

Mesmo se sentida cansada ou impossibilitada de manter o Grupo de Reis de Moça ativo, a Sr.<sup>a</sup> Saturnina não se conteve, deixando patente uma saudade do tempo em que mantinha um grupo ativo, que se dirigia até as casas dos vizinhos e dos amigos acompanhadas com as moças, para festejar o Santos Reis. Seu ar de saudosismo nos permite perceber como os eventos populares eram tão significativos e atuantes na zona rural do município de Conceição do Coité, mais precisamente em torno das décadas de 1960 a 1980.

A Sr.<sup>a</sup> Sofia Oliveira das Mercês acrescentou: *As mulheres participam é, elas ajudam batendo palmas cantando como a gente certo! fazendo toques batuques, fazendo aposta no reisado e elas vai fantasiada com roupa, certo! E enfeitadas todas bonitas.*<sup>99</sup>

Este relato da experiência da atuação no Reisado de Cabaceiras de Dona Sofia Oliveira, 76 anos, aposentada, revela importantes informações sobre a dinâmica das mulheres e sobre alguns significados encerrados pelos que vivenciaram a participação nos festejos de Reis dos Cabaceirenses:

As mães de família era vaidosa, botava barraquinha de doce para vender, era assim. Assim, vou contar, na casa de fulano, aí para aquela casa, aí já levava as coisas de vender, mais assim, arroz cozido, não aí no Reis de corrida ia um bocado de mulher, tudo lá, iam um bocado de mulher e aonde a gente cantava o Reis que tinha mulher, oxe, ela acompanhava, a gente acompanhava também, de manhã ia tudo embora.<sup>100</sup>

A Folia de Reis da comunidade de Cabaceiras foi por ela entendida como sendo uma prática cultural lúdica, momento de interação e de sociabilidade, devido à dinâmica do grupo que percorria várias residências da comunidade de Cabaceiras e de povoados vizinhos, tanto para lá se apresentarem como para agregarem pessoas que aumentassem sua caravana nas festas locais.

A sociabilidade previamente estabelecida garantia a ampliação do Grupo, já que, à medida que se festejava em uma residência, algumas famílias, inclusive as mulheres, também acompanhavam, formando, assim, um elo “fundamental para garantir-lhe viabilidade frente à falta de uma estrutura maior e formalizada” (SANTA BÁRBARA, 2007, p. 9), que aumentava o fervor e apagava o medo durante o percurso da procissão, visto que o deslocamento era a pé.

As mulheres cabaceirenses, esposas ativas, sempre estiveram presentes no universo do trabalho e no lar; além disso, mesmo na Folia de Reis, realizavam atividades muitas vezes

---

<sup>99</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011.

<sup>100</sup>Entrevista com Sofia Oliveira das Mercês. Concedida na sua residência, no Centro da Cidade de Conceição do Coité, em 12 de janeiro de 2015. Sambadora.

ocasionais, sendo consideradas muito hábeis para a atividade domiciliar, como também no plantio do feijão, da mandioca. Essas mulheres ainda procuravam complementar a renda familiar com a venda de doces e de arroz doce. A Sr.<sup>a</sup>. Sofia, ao se lembrar desses importantes elementos sobre a folia, como a venda de doces e de arroz cozido, faz-nos observar como “a memória popular guarda um sem-número de acontecidos” (SILVA, 1982, p. 71), que vai desde as diversas atividades desenvolvidas no entremeio do festar e do rezar, demonstrando como o ato de lembrar conserva situações ou momentos que foram bastante significativos para o entrevistado, limitando seu pensamento ou lembranças, como destaca Bosi (1994, p. 47):

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamentos que já a percepção concreta precisa valer do passado que de algum modo se conservou. A memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.

As experiências adquiridas ficam retidas na memória, porém as lembranças são seletivas. Faz-se necessário ressaltar que, como cabe ao mestre agendar a folia, uma vez que a organiza a fim de dar cumprimento à sua promessa, o dinheiro angariado nas visitas vai também para o encerramento solene da folia por meio de uma festa. O sentido de se festejar é a fé e, independentemente de resultados, os sambadores homenageiam os Santos sem esperar retorno, no sentido de faturamento. Segundo Sr. Alderino Carneiro, *a intenção é de alegria né, o nascimento de Jesus Cristo que tem todo mundo e o nascimento de Jesus Cristo vinte quatro de dezembro a seis de janeiro, todo ano tem esse reisado nas casas residenciais.*<sup>101</sup>

Na festa, as mulheres dançarinas seguravam a bandeira, símbolo que fazia parte do ritual do Grupo. Geralmente, a dançarina que segurava a bandeira era alguém da família do Sr. Macário das Mercês (filha, nora ou alguma amiga), conforme relatou Geraldo Henrique das Mercês (2012)<sup>102</sup>:

Antigamente tinha a bandeira, fazia a bandeira, enfeitava de papel. Da família, tinha uma amiga, porque ela tinha do pessoal dessa mesma família que fazia parte, tocava no grupo e a esposa dele era quem dançava com a bandeira, e daí, quando ele saiu, também ela saiu, já estava uma senhora, foi de idade, certo. Aí também nós paramos a bandeira, só que agora a gente, eu parei, pensei, estou começando uma nova vida com fé em Deus, colocando

<sup>101</sup>Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Sambador.

<sup>102</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em junho de 2012. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.



uma coisa mais bonita para a gente se apresentar. Eu na minha gestão, quando eu comecei, eu tinha uma bandeira, mandei fazer uma bandeira verde, certo e amarela, e colocou ordem e progresso. Só que depois, facilitamos e o pessoal começou, as mulheres: ah não sei o que, não vou mais e tal. Começaram é, pensar em dança, forró e assim saíram, pararam. Depois quando eu comecei, com dançarina novamente é que agora eu vou botar, fazer a bandeira novamente.<sup>103</sup>

O discurso de coletividade é um dos traços marcantes das narrativas dos reiseiros de Cabaceiras. Os interlocutores evocam, frequentemente, em suas falas, a participação de vizinhos, família e amigos que compartilhavam o mundo festivo. As narrativas dos reiseiros são fluídas e agrupam alteradas temporalidades. “Entretanto, não se deve perder de vista que, embora referenciadas em experiências reais, as narrativas são construções e apropriações históricas por parte de quem narra, de quem escreve e de quem lê.” (COSTA, 2015, p.6).

Desde que fundou o Grupo, o Sr. Macário das Mercês inseriu a bandeira no ritual da Festa de Reis. Geralmente, a bandeira era confeccionada pelas mulheres, que a enfeitavam com papéis coloridos, e tornava mais brilhante o espaço festivo. As mulheres eram ouvidas na Festa, sobretudo pelo próprio Líder e fundador, desde que alguma situação machucasse-as, inclusive no que se refere à bandeira, a qual era pesada e, por isso, após uma noite inteira de festa, podia dificultar para a dançarina o momento de girar, de requebrar e de circular entre o ambiente festivo. Elas solicitavam ao Sr. Macário das Mercês alguma mudança no ritual da festa.

Segundo Geraldo Henrique das Mercês (2012, n.p.), as bandeiras foram extintas sob o pedido das dançarinas, que se queixaram do peso das mesmas, pois as deixavam cansadas, e

pra facilitar o que as dançarinas representavam ficava meu Deus não vamos deixar isso entendeu? Desde o tempo do meu pai eu alcancei a dançarina era daqui de Cabaceiras e ela pedia, porque era cansativo que dançava muito que se cansava. aí meu pai tirou a bandeira para ajudá-la.<sup>104</sup>

As ressignificações são peças cruciais para garantir a melhoria e o brilho no ritual das tradições. A ausência das bandeiras na festa facilitou a vida dos foliões, que incluíram no ritual o forró, que se dançava aos pares no ritmo de arrasta pé.

As mulheres e as crianças, talvez, de forma tímida ou, em menor número, também acompanhavam o Grupo de Reis de Macário, ajudavam os reiseiros, respondiam às cantorias e

<sup>103</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>104</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de junho de 2012. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

dançavam na roda do samba. E, conforme o Sr. Zacarias das Mercês, algumas mulheres gostavam de acompanhar o Grupo Reisado de Cabaceiras:

As crianças não acompanhava não, só era algumas mulheres que acompanhava [sic], que gostavam, que acompanhava, não era todo mundo não. Passava a noite pra perder o sono que da noite perdia o sono, mais era difícil as mulheres naquele tempo não. Naquele tempo não acompanhavam não. Eram argum, uns pouco, as mulheres naquele tempo era um pouco atrasada (risos).<sup>105</sup>

O Sr. Zacarias das Mercês relatou sobre a presença das mulheres da comunidade de Cabaceiras na Festa de Reis, no limiar da década de 1960. Suas informações nos fazem refletir sobre como se configuravam as relações de gênero, sobre como a sociedade, na época, buscava moldar e traçar um perfil feminino, tendo em vista que a mulher, apesar de ser frequente ou até mesmo de forma tímida nos espaços festivos, no mundo do entretenimento, nas esferas privadas ou públicas, não mudava a condição existente, ou seja, não se emancipava, sua imagem continuava vinculada ao homem enquanto provedor.

O relato acima faz menção às mulheres baianas em décadas passadas, épocas em que se resumiam a donas de casa e muitas viviam na proteção dos pais; de modo que, quando casadas, iam apenas cuidar dos filhos e do esposo. O Sr. Zacarias das Mercês, ao mencionar a palavra “atrasada”, faz-nos pensar na condição da mulher, em que muitas se dedicavam ao papel de mãe e de esposa, dedicadas ao lar, ao cuidado dos filhos, por volta dos anos 1950, em Conceição do Coité.

O Grupo Reisado de Cabaceiras era constituído por 11 (onze) homens e 03 (três) mulheres com faixa etária entre 40 (quarenta) a 85 (oitenta e cinco) anos. As mulheres ajudavam nas palmas, participavam das danças, dos sambas e eram responsáveis pela arrumação dos chapéus. As crianças também marcavam presença naquela folia com a mesma animação dos adultos.

As mulheres desempenhavam diversas atividades durante os festejos de Reis de Cabaceiras. Ao mesmo tempo em que extravasavam suas energias na folia, também trabalhavam, vendendo seus doces, que, certamente, eram produzidos por elas, visando aumentar a renda para o sustento da família, o que demonstrava o papel das mulheres como trabalhadoras; pois, antes mesmo da folia, dedicavam-se à festa e, ao pé do fogão, faziam seus doces. Era tarefa imensa deixar os filhos sozinhos ou na companhia dos irmãos mais velhos,

---

<sup>105</sup>Entrevista com Zacarias das Mercês, 74 anos. Concedida em sua residência, na Comunidade de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Sambador e ex-líder do Grupo.

pois o preparo dos doces requeria outros afazeres, como ir à caatinga apanhar os feixes de lenha, atear fogo sob as panelas, fervilhar até assar.

O Grupo composto por homens e mulheres rurais, oriundos de diversas localidades do município de Conceição do Coité, em suas atividades diárias, todos os anos, preparavam-se para a grande Folia de Reis, atraídos pelo meio de sobrevivência ou mesmo pela possibilidade de ganho diante da própria lavoura de feijão, milho, mandioca e do sisal, somados às outras cadeias produtivas, fornecendo a base de sustentação econômica, como caprinocultura, bovinocultura, palma, mandacaru, ouricuri. O trabalho adquiria para aqueles homens e mulheres uma dimensão peculiar. Para além de fonte de sobrevivência, aquelas ocupações enobreciam o cotidiano do homem do campo, era uma forma de reconstrução de identidade.

A experiência com relação a esse tipo de uso da terra fez parte da vida dos cabaceirenses enquanto trabalhadores rurais, que, naquela dinâmica, desfilavam numa rede marcante de solidariedade. A ajuda mútua no plantio e na colheita formava uma ligação entre os agricultores naquele duro cotidiano. Nos afazeres da vida de homens e mulheres agricultores, perpassava, essencialmente, a dinâmica da Folia de Reis, esta que, junto com a família, tornava-se fator de socialização e de solidariedade.

Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos, aposentado, como integrante do Grupo de Reisado, cumpria algumas funções, que se pautavam na sua própria atividade na lavoura, ao mesmo tempo em que tocava uma cuia, cantava e fazia a segunda voz com o Sr. Geraldo das Mercês. Luiz Pinto de Oliveira nos relatou sobre o comportamento dos foliões, bem como sobre as possibilidades e as diversas intenções para participarem da folia, o que poderia ocorrer durante a festa, a partir das condições dos sambadores:

Não gostava de namorar, namorava, agora era (pausa) tudo diferente, os namoros eram diferente, ninguém ia arrumado que ninguém tinha condições. Naquele tempo você sabe como é não tinha emprego, dependia se tivesse um bom inverno, comprava uma roupinha só de natal, semana santa (pausa) era assim.<sup>106</sup>

Os foliões iam ao Reisado com diversas intenções, sua participação não se resumia somente em homenagear o Deus Menino. A data comemorativa do calendário religioso servia de base para encontros de casais e até para formação de famílias. O Sr. Luís de Oliveira reportou-se à condição para garantir os vestuários da folia. O tempo favorável à época era o chuvoso e uma safra satisfatória era pré-requisito para o êxito dos reiseiros. Comprava suas

---

<sup>106</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida na sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo.

roupas com a renda extraída da agricultura. Através da festa, configura-se a teia de relações cotidianas dos reiseiros. Utilizaram-se dessa atividade religiosa para mostrar sua arte de fazer: festar, dançar, namorar. Para Silva (1982, p. 71), “a afirmação celebrativa, o sim à vida está na essência mesmo do natal e não se confunde nem com as extravagâncias, nem com o ofício religioso apenas.”.

Os festeiros entendem a Folia de Reis como um momento propício à alegria, pois essa festa reporta-se ao nascimento de Jesus Cristo. O sentido de festejar aos Santos Reis é uma tradição que geralmente tem como encarregado pela conservação uma pessoa idosa, que procura reportar-se ao nascimento do menino Deus, na alegria, abrilhantando as noites natalinas com cantorias e danças. Os segmentos responsáveis pela conservação da tradição do Reisado festejavam pelo fato de reafirmarem sua fé na tradição cristã. O líder, Geraldo, relatou sobre os donativos recebidos:

É, recarda pouco, é pouco, inclusive a gente hoje tem as caixas de som para botar as pilhas, tem o transporte para a gente, por acaso outra cidade. Tem pessoas, tem gente, que respeita, tem gente que sabe que a gente tem despesa, mas se deslocou daqui pra cidade, de Cabaceira pra a cidade né? é mais tem despesa, tem despesa ... só tem despesa, mas outros não olha: igual principalmente aqueles que nem a porta não abre e aqueles que abrem a porta e diz muito obrigado e pronto, ali nós recebemos uma fortuna, abriu a porta e disse que Deus te abençoe, Santo Reis que pague a vocês. Nós recebe um tesouro por aquilo, certo. Agora a contribuição não, nós às vezes nem cobra.<sup>107</sup>

O amor à devoção é o motivo crucial para se festejar o Reisado. Os sambadores, muitas vezes, acabam tendo mais despesas do que resultado, pois o Grupo não é pago para realizar seus festejos. Os donativos recebidos, doados pelos donos das residências, serviam para pagar o transporte, consertar um instrumento e repartir entre os sambadores do Grupo, entre 12 (doze) a 15 (quinze) pessoas. Aqueles sujeitos sentiam-se felizes, pois atuavam e evidenciavam suas experiências, as quais eram descritas no ritual, através da mensagem expressa nas canções do Reisado de Cabaceiras, revelando o aspecto do sagrado, conforme relatou o Sr. Alderino Carneiro de Oliveira, o qual considera a Festa de Reis como sendo uma tradição religiosa católica:

É louvação ao Deus menino, entoadas do Reis, festa de sala, danças, batucadas e outras coisa mais. Louva a Deus, ao divino Espírito Santo, agradecendo pra Deus pela vida e a bênção recebidas. O sentido dessa festa é

<sup>107</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

louvor ao Divino Espírito Santo, a nascimento de Jesus Cristo nasceu 24 de dezembro, natal e é isso, só o que eu tenho a dizer.<sup>108</sup>

Os foliões se movimentavam para homenagear o Deus Menino, visando manter uma tradição e, ao mesmo tempo, poderia ser uma forma de driblarem a ordem estabelecida, de terem visibilidade, de se sentirem representados na sociedade. Conforme Silva (1982, p. 61), “trata-se de uma perspectiva de fé como coragem de ser. Coragem confiante que a existência religiosa confere.”. A religiosidade popular compreende um instrumento capaz de conferir aos fiéis a existência religiosa, em que, através da mesma, estes buscam se representar e se inserir na sociedade.

## 2.6 DEVOÇÃO E FÉ: O GRUPO REISADO DE CABACEIRAS E A IGREJA CATÓLICA

A década de 1960 foi de muita efervescência em Conceição do Coité, onde ocorreram movimentos da Igreja Católica e Movimentos Estudantis engajados em prol de mudanças religiosas e culturais daquela cidade e região. Um sinal dessas mudanças teria sido a Festa da Padroeira, no ano de 1962, em que foram convidadas as freiras Paulinas de Salvador para prepararem os fiéis para a magna festa, mediante o ensinamento do Catecismo, e para a divulgação de Curso de Formação Religiosa. Naquele ano, foi realizado um grande Movimento Católico em Conceição do Coité, como se observa na programação exposta na Figura 6, a seguir.

O constante incentivo da Igreja Católica para a Santa Missa e para a Primeira Eucaristia surtiu grande efeito na articulação das ações das autoridades eclesiásticas. Bispos e Padres se empenharam na tarefa de anunciar a evangelização aos cristãos, conforme determinações do Concílio Vaticano II, e deram um novo rumo à esfera eclesiástica, apresentando enorme e desproporcional força humana na Igreja. A Diocese contava com mais de um milhão de habitantes, bem como computava algumas dezenas de padres e religiosos, alguns diáconos e um razoável número de agentes de pastoral. Todos estiveram realizando esforços apreciáveis no anúncio de Evangelho, porém nem todas “as ovelhas” foram atendidas com as orientações pastorais, pois eram “inúmeros as comunidades, grupos e pessoas que não tiveram toda a felicidade de receber os merecidos cuidados pastorais da Igreja. Isto toca o

---

<sup>108</sup> Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Sambador.

coração do pastor. Mas ao invés de nos abatemos, voltemo-nos para o senhor que nos conforta.” (CENTRO..., 1885, p. 84).

Segundo Miranda (2011, p. 10),

Os documentos elaborados durante o Concílio Ecumênico Vaticano II analisam as profundas transformações ocorridas durante as décadas 1960 e 1970, as quais revelam que há um aumento na consciência em favor das minorias, como também, condenam os regimes governamentais que utilizam do exercício da autoridade em benefício de seus próprios interesses, ameaçando assim o bem comum.

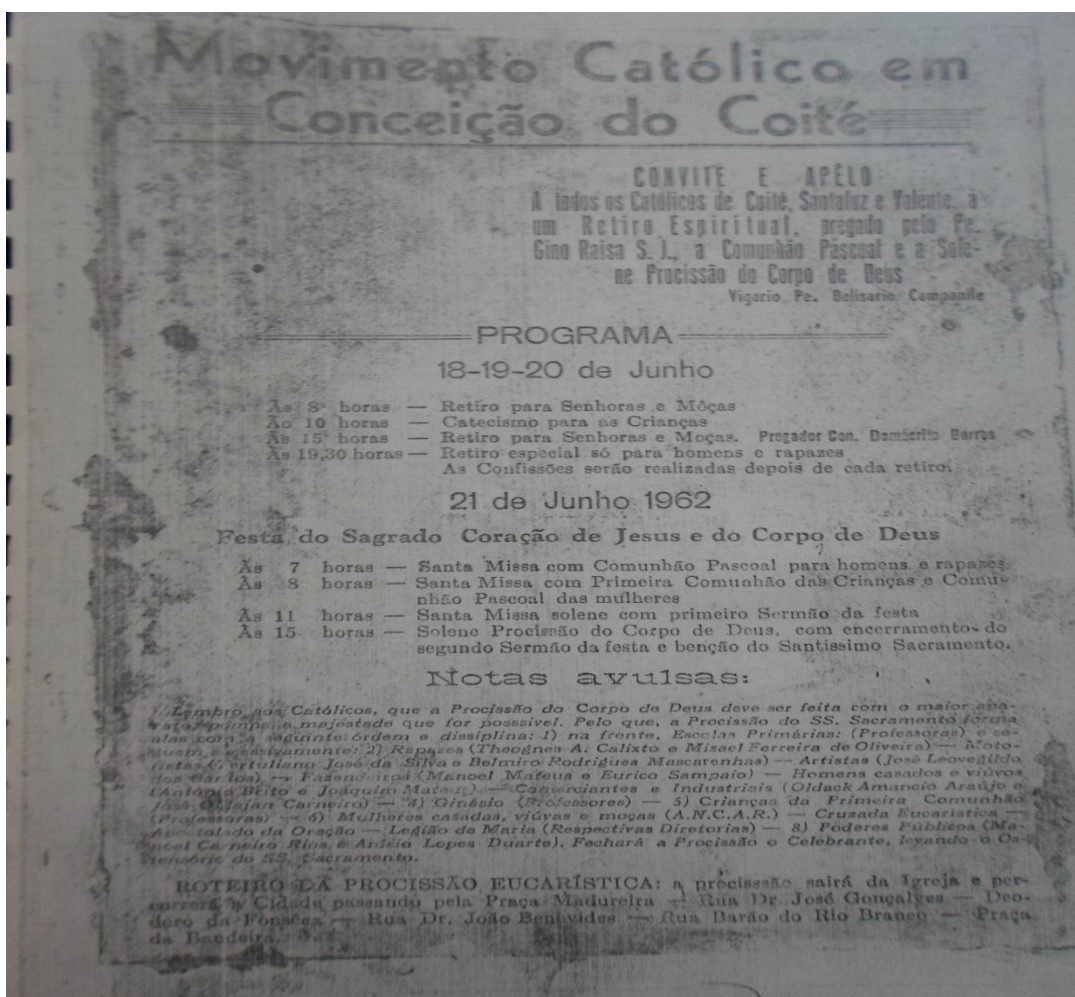


Figura 7 – Movimento Católico em Conceição do Coité

Fonte: CENTRO... (1885, p. 65)

A importância dada à atuação das atividades religiosas a partir de 1965 e que se estendeu até 1986, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, sobressai-se no contexto do Concílio Vaticano II: movimentos católicos, reuniões que visaram à união, que antecederiam a festa da Padroeira, aproximando da esfera religiosa os cristãos coiteenses.

Costa (2011, p. 34) deu ênfase às características e à importância da história do Concílio Vaticano II, demonstrando seu caráter:

O Concílio reconheceu que a Igreja é sinal de salvação para os homens deste mundo. Isto é, existe para servir ao mundo e não ao inverso, antes de tudo é povo de Deus, comunidade dos que crêem em Jesus Cristo e servem ao reino de Deus, sentindo posterior entre carismas e funções, ao passo que Medellín aprofundou tais noções, afirmando que a Igreja deve recorrer e assumir como próprios o clamor dos pobres e seus anseios de libertação atribuindo-lhes o valor que possuem.

O Concílio Vaticano II serviu como incentivo para a Igreja Católica na conscientização da humanidade cristã, assumido o papel de salvadora e restauradora diante das causas sociais, em que lhe coube unir os fiéis num sentimento de maior inclusão, com um novo olhar para as camadas populares, propiciando-lhe espaço nas atividades do ambiente daquela sacralidade, que facilitasse a participação do povo na festa da Padroeira, na liturgia.

As autoridades eclesíásticas de Coité aderiram às práticas conciliares, transformadoras na esfera da Igreja Católica. Mesmo levando em consideração o não atendimento a todos os fiéis e cidadãos católicos, os mesmos reconheceram e se sentiram confortados pela fé e pelas preces a Deus. Com o título *Assim a Igreja se renova, O Coiteense* (ASSIM...,1969, p. 2) registrou a nova dinâmica cristã:

[...] a Igreja coiteense atravessa hoje, dia de tranquilidade, com os novos padres difundindo de maneira muito objetiva a filosofia cristã. Quem na última segunda feira, teve oportunidade de assistir à missa de finados, deve ter ficado surpreso com a quantidade de católicos presentes; uma prova que a igreja coiteense voltou a conquistar a simpatia popular, e consequentemente teremos este ano um grande 8 de dezembro.

As mudanças na Igreja Católica afetaram as relações com fiéis, inclusive os reiseiros e demais grupos culturais da cidade, os quais foram inseridos na programação da festa de comemoração à padroeira Nossa Senhora da Conceição, esta que acontecia entre 29 de novembro a 08 de dezembro. Todos os dias, após o encerramento da missa, a festa prosseguia com caráter profano, seguida com a participação desses grupos no coreto da cidade. A inauguração do novo método de ser cristão despertou os ânimos dos fiéis. As atividades efetivadas pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité possibilitaram a agregação e a aproximação dos católicos para o templo e para o espaço em torno do mesmo, atraindo fiéis tanto da zona urbana como das comunidades rurais, tendo em vista que algumas atividades eram realizadas nas capelas das comunidades rurais.

Visita pastoral realizada pelo Exmo. e Revm. Bispo, Dom Jakkson Berenger Prado, em Conceição do Coité aos 18-11 até 7-12-1969. As capelas visitadas foram Bandiassu, Ipoerinha, S. João e Juazeirinho. Na presença do Revm. Bispo Dom Jakkson, as comunidades rurais foram atendidas com confissões, e comunhões foram inúmeras, e a S. Missa com muito povo presente nas três comunidades supracitadas. Muitos, foram aqueles que receberam a santa eucaristia. As crianças foram mais em Bandiassu e Juazeirinho do que em outras capelas. Encerrado a S. visita passamos de noite mesmo para Coité, onde o povo e as autoridades estavam esperando na Igreja para a chegada do Sr. Bispo e a celebração da S. Missa. (CENTRO..., 1885, p. 74).

Os jornais de circulação em nível regional traziam referências do município de Conceição do Coité, com informações referentes à cultura local. A hierarquia eclesiástica de Conceição do Coité juntamente com as autoridades municipais e civis, mesmo que timidamente, naquele momento eram atuantes e prestativas quanto ao andamento e ao fortalecimento das práticas culturais da cidade, visando torná-las mais eficazes, possibilitando visibilidade aos grupos culturais e alargamento da cultura coiteense com a implantação da I Semana da Cultura, no ano de 1968, conforme constou no jornal *A Tarde* (1969, n.p.):

Com uma conferência do Padre José Pinto às 20 horas, prossegue, hoje, a I Semana da Cultura promovida pelos estudantes locais, com apoio da Prefeitura Municipal. Amanhã o acadêmico Adauto Brandão falará sobre “Doenças Infectocontagiosas dos animais Domésticos”, às 15 horas e às 20 horas, o Economista João Quadros Neto abordará o problema da cultura do sisal e seu papel na economia regional. A II Semana da Cultura será encerrada no dia 20, com uma festa dançante, animada pelo conjunto “Os Desafinados”, em meio à qual haverá demonstração da capoeira maculelê e samba duro.

O final da década de 1960 foi o auge das programações culturais em Conceição do Coité, com a eclosão da *Semana da Cultura*, evento que proporcionou a exposição e a visibilidade das artes do povo coiteense. Contudo, embora já observando as diretrizes do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica ainda se mantinha fechada em um forte esquema hierárquico, pois, apesar da união entre os representantes eclesiásticos, municipais e civis, para a melhoria dos aspectos culturais do município coiteense, o documento salientava que a iniciativa partiu da atenção de alguns entusiastas, os estudantes locais: “Roberto Pinto Lopes e seus irmãos Péricles e Albérico, João Cezar, Paulo Ernesto, Nadja Carneiro, José Simões Rocha, entre outros” (LOPES, 2006, p. 45); os quais se dispuseram a implantar a Semana da Cultura no município, o que garantiu mais espaço aos grupos religiosos e culturais.



As atividades realizadas durante a eclosão da I Semana da Cultura no ano de 1968 se resumiram em conversas e diálogos a respeito de situações emergentes e econômicas da sociedade coiteense. No ano seguinte, o evento assumiu novas alternativas, incluindo, nas atividades, apresentações de grupos culturais, a exemplo dos *Desafinados* e da demonstração de capoeira e de samba, fato que foi notificado também pelo Jornal *O Coiteense* (1970, p. 6):

Com uma festa que durou até as 5 hs da manhã, encerrou no dia 20. A II Semana da Cultura, que durante oitos dias projetou Conceição do Coité no cenário intelectual baiano com o maior acontecimento cultural da região. A festa de encerramento foi super-movimentada com um número impressionante de visitantes, muito embora o conjunto “os Desafinados”, não correspondesse a altura: e teve como principal atração, a presença do conjunto Folclórico VIVA BAHIA, que apresentou capoeira, samba duro, puxada da rede e maculelê. [...] além da população local, visitantes e estudantes da Faculdade de Economia da UFBA, mostraram-se maravilhados com a mensagem de alfabetização.

As práticas culturais implantadas no município de Conceição do Coité deram outro aspecto naquele ambiente, este que possibilitou visibilidade aos grupos festivos do município, inclusive, a partir da eclosão da Semana da Cultura. Em *O Coiteense* (1970, p. 6), encontramos outro registro fazendo crítica severa ao gestor municipal:

Durante a próxima da Semana da Cultura, esperamos que sejam convidados todos os conferencistas para a III Semana da Cultura. Por outro lado, o senhor Prefeito Municipal continua intransigente em referência a disposição de verbas para a referida semana. Nós continuamos resolutos para a realização da SEMANA, não desanimamos. Se por acaso, o Sr. Prefeito Municipal afirmar realmente que não dá dinheiro, procuraremos firmas comerciais da nossa cidade. E o povo que o julgue.

A reportagem declarava o não reconhecimento do gestor municipal para as práticas culturais do município, mesmo com a realização da II Semana da Cultura, evento em que, mesmo com o empenho e com as solicitações dos organizadores, elas não foram atendidas; surgindo muitas críticas, como a que apareceu no Jornal *O Coiteense*, em 26 de setembro de 1970. A Semana da Cultura foi inserida na LEI Orgânica do Município de Conceição do Coité, com isso o Sr. Prefeito realiza todos os anos este evento que antecede o aniversário da cidade, 07 de julho (PONTO..., 1996). É uma atividade cívica e cultural, cujo alvo cultural é a educação. A Semana da Cultura foi um marco para a sociedade coiteense.

Até o final da década de 1980, a elite coiteense era quem comandava a Festa de Nossa Senhora da Conceição do Coité, era tudo voltado para os administradores públicos locais. Nas

liturgias e nas Santas Missas, as homenagens eram destinadas a essas pessoas, a elite, e a Festa da Padroeira era patrocinada pela Prefeitura Municipal de Conceição do Coité.

Na ata 12ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Conceição do Coité, consta anteprojeto para custear tais festejos:

O Sr. Secretário fez a leitura do expediente o qual constou Telégrafo do Deputado Dr. João Emílio, Deputado Henrique Brito, of- do Exmº Sr. Prefeito, encaminhando anteprojeto de nº 12 e 13 de outubro de 81, nº 12 ao Poder Executivo Municipal, pede ao Poder Legislativo, e Crédito Especial no valor de cr\$ 200,000,00 (Duzentos mil cruzeiros) para os festejos da Padroeira, nesta cidade. 13- O Poder Executivo Municipal pede ao Poder Legislativo uma autorização à abrir crédito Especial Suplementar em mais 60% (sessenta por cento), do Orçamento em vigor. (ATA..., 1981, p. 33).

Os Anteprojeto eram aprovados e atendidos em curto período de tempo, conforme registrou a Ata da 15ª Sessão Ordinária do mesmo mês de outubro de 1981:

Na Ata da 15ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Conceição do Coité ficou aprovado o Anteprojeto acima. “Fica aprovados os projetos de nº 12 e13/81- 12 fica o Poder Executivo a autorizar crédito Especial no valor de 200, 000,00 (Duzentos mil cruzeiros) para os festejos da Padroeira, N. S da Conceição, nesta cidade, 13- fica o Poder Executivo autorizado a abrir crédito suplementar em mais de 60% (sessenta por cento), do orçamento em vigor. (ATA..., 1981, p. 35).

Fazia parte das atitudes dos representantes municipais e Estaduais a prática de custear os festejos religiosos da Igreja Católica no interior baiano, situação que ficou patente em Conceição do Coité, quando deputados encaminharam anteprojeto ao gestor municipal e ao poder Legislativo, requerendo uma cifra para a festa de Padroeira Nossa Senhora da Conceição. A participação nos festejos também era uma forma de agradar o eleitorado e de fazer barganhas políticas. No Livro de Leis do município de Conceição do Coité, foram evidenciadas ações referentes ao custeio dos festejos religiosos católicos:

Artigo. 1º O prefeito Municipal de Conceição do Coité, Estado Bahia, no uso de suas atribuições, fica autorizado a abrir um crédito. Especial no valor de cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), no destinado aos festejos da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, nesta cidade. (ARQUIVO..., 1982b, p. 78).

O Decreto de Lei de nº 15 de 18 de novembro de 1982 acrescentou:

O prefeito municipal de Conceição do Coité, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições e devidamente autorizado pela lei de nº 06 de 24 de novembro de 1982. Decreta – Artigo. 1º. Fica aberto crédito especial no valor de cr\$ 100. 000, 00 (cem mil cruzeiros), destinados aos festejos da Padroeira N.S. da Conceição, nesta cidade. – Artigo. 2º. As despesas do crédito comissão por conta dos recursos presentes nos Itens II e III, do artigo nº 43 parágrafos 1º da lei nº 4.320/64; - Artigo. 3º. Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogados as disposições em contrário. Gabinete do Prefeito Municipal de Conceição do Coité, aos 18 (dezoito) dias do mês de dezembro de 1882. (Mil novecentos e oitenta e dois). Walter Ramos Guimarães, Prefeito Municipal. (ARQUIVO..., 1982a, p. 78).

O Prefeito Municipal de Conceição do Coité, Walter Ramos Guimarães, era bastante solícito quanto às despesas da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, fazendo reger a Lei orçamentária destinada à grande festa religiosa do município; pois muitos da esfera religiosa ainda continuavam próximos às autoridades municipais, de modo que muitos párocos pareciam partidários.

Couto (2001, p. 50) enfatizou a prática do conservadorismo presente na sociedade coiteense, este que se estendia ao sagrado:

A sociedade coiteense tem resquícios marcadamente oligárquicos tradicionais. A origem “nobre” das famílias é supervalorizada, mesmo falidas. A expressão “Coité de seu Mota”, utilizada ainda hoje, sinaliza a ideia refratária de uma grande fazenda. O coronelismo mascarado deixa as suas marcas com a preponderância no poder de famílias que se perpetuam, reproduzindo valores tradicionais como a efetivação de casamentos endógenos, convenientemente traçados para a reprodução e continuação da elite oligárquica nos diversos setores de controle social.” A administração municipal atua naturalmente sem discernir o público do privado. Os negócios públicos sempre foram tratados como propriedade privada, pontuados por uma política paternalista, assistencialista.

Até final do século XX, persistia uma cultura tradicional, com resquícios de coronelismo vigente na sociedade coiteense, quando a elite ainda dominava a esfera religiosa. Couto (2001, p. 52) não omitiu que tais práticas eram vigentes na Igreja Assembleia de Deus, ao afirmar que:

Noutra esfera, esta postura se estende ao espaço sagrado da Assembleia de Deus, que se mostra inflexível não só no campo de usos e costumes, mas na liturgia e até mesmo na distribuição dos assentos do templo. Várias vezes os membros se contendiam por mudar a posição dos assentos do templo.

A Igreja Católica ainda mantinha uma relação intrínseca com as autoridades municipais locais, que se dava, sobretudo, em momentos eleitorais de posse para Prefeito,

como no ano de 1971, em que tais práticas também foram visíveis em *O Coiteense* (1971, p. 1):

Na incomodidade do salão “nobre” da Prefeitura Municipal, que deixou muita gente impossibilitada de entrar e assistir, realizou-se na noite do dia 31 de janeiro, a cerimônia de posse do novo Prefeito Manoel Antônio Pinheiro, eleito nas eleições de 15 de novembro. O ato de posse foi precedido de Missa Solene na Igreja Matriz, assistida por um número considerável de pessoas. Na mesma oportunidade de posse, registrou-se a eleição da nova mesa da Câmara de Vereadores, que apesar dos muitos comentários saiu plenamente como o grupo governante queria. Presidente: Epifânio Pereira Simões, Vice: Sinval Mota Mascarenhas; 1º secretário: João Lopes Carneiro; 2º secretário: Enéas Araújo.

Na reportagem acima, fica clara a dinâmica da cerimônia de posse do Prefeito Manoel Antônio Pinheiro no ano de 1971, a qual aconteceu em 02 (dois) momentos e em locais diferentes. Inicialmente, contou com a participação de um público considerável, que assistiu à missa na Igreja Matriz. Porém, o segundo momento foi impactante. Naquele espaço, no recinto da Prefeitura Municipal, inúmeras pessoas não foram abrigadas, ficaram impossibilitadas de assistir à cerimônia da posse; diferentemente da Igreja Matriz, um ambiente espaçoso cujas portas frontais e laterais possibilitaram o acesso a um número mais elevado de pessoas.

Miranda (2011, p. 6) debruçou-se nas análises desse elo entre a Igreja Católica e o Poder Público local, especificando:

Relações estas que se manifestavam desde as missas em ação de graças à posse dos prefeitos e outras autoridades políticas do município, como também do treinamento dos professores municipais realizados pela paróquia. Além disso, apresentam vários relatos a respeito de visitas do governador do Estado da Bahia e de sua comitiva à cidade, que era acolhida pelo prefeito e geralmente almoçavam com representantes religiosos que estavam presentes na casa do chefe do executivo.

Para Miranda (2011), as relações entre a hierarquia católica e os representantes municipais pareciam insignificantes dentro daquele contexto. Mas, ainda segundo Miranda (2011, p. 6), elas adquirem significados importantes no imaginário da população, esta que percebe que padres e políticos partilhavam dos mesmos interesses na teia política dessa comunidade:

Assim, a Igreja local muitas vezes, acentuava essa condição dos dominados, na medida em que a mesma se relacionava nesse círculo de clientela com

esses poderes políticos, e quando recebia donativos sejam financeiros ou materiais dos mesmos, o que a colocava numa posição de subserviência, com isso, a mesma reproduzia e ampliava tais práticas.

Couto (2001) e Miranda (2011) compactuaram da mesma ideia, quando afirmaram existirem práticas de clientelismo vigentes na sociedade coiteense durante o século XX, em que a esfera religiosa, a Igreja Católica e outras denominações cristãs, a exemplo da Assembleia de Deus, relacionavam-se no círculo de clientelismo com os representantes políticos, os quais contribuía financeiramente deixando essas esferas religiosas subservientes aos mesmos e reprodutoras dessas práticas:

O Pe. José Reis, religioso fascinante e exímio diplomata, que na política local sabia ser algodão entre cristais, mais possuidor inconfesso de interesses pecuniários. Naquela época comentava –se à boca pequena ser ele possuidor da maior poupança do Bradesco, restando saber, se dele próprio ou da Igreja Católica. (LOPES, 2006, p. 31).

O relacionamento tornava-se cauteloso entre padres e representantes políticos, no sentido de não magoar ou ferir a imagem do outro, pois ambos pareciam “caminhar sobre ovos”. Conforme Lopes (2006), na época, surgiram boatos da existência de valores pecuniários no Bradesco, pertencente ao padre José Reis, deixando os curiosos desconfiados da cifra. Situação que não era diferente de outras cidades brasileiras. Um setor católico minoritário mudaria tais práticas clientelistas apenas a partir da década de 1970, com a Teologia da Libertação. Padres e alguns pastores evangélicos passaram a fazer oposição a políticos conservadores.

Segundo Oliveira (2009, p. 54),

entre os anos de 1960 e 1980, a cidade foi palco de várias manifestações culturais e, a partir dessa última década, de acordo com as leituras do jornal, o cenário modificou-se, estando caracterizado pelas poucas manifestações artísticas e pela participação popular, bem como pela falta de políticas públicas na área.

Analisamos diversos exemplares de *O Coiteense* e não constatamos nenhuma informação a respeito das apresentações do Grupo de Cabaceiras no período estudado: 1960 a 1980.

## 2.7 O PADRE CHEGOU: FESTEJOS RELIGIOSOS E DISCIPLINARIZAÇÃO

Uma nova forma de ser Igreja incutiu-se na sociedade coiteense com a chegada do novo pároco, Luiz Rodrigues de Oliveira, no ano de 1989. A Paróquia foi tomando um novo rumo. Ao chegar à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Padre Luiz ficou surpreso quanto ao envolvimento de gestores públicos na Paróquia. Uma das primeiras atividades do Pe. Luiz Rodrigues foi enviar um ofício à Prefeitura de Coité, suspendendo os serviços da Sra. Maria Edneusa Souza, funcionária pública, a qual exercia atividade como secretária na Casa Paroquial. A partir daí, começou uma campanha de conscientização dos fiéis no sentido de colaborarem para o autossustento da Paróquia.

O Padre Luiz Rodrigues Oliveira, adepto de uma evangelização baseada na doutrina social da Igreja Católica, na sua missão com base na Teologia da Libertação, sob as orientações da Diocese de Feira de Santana e a CNBB, chegou a Conceição do Coité com o objetivo de propor uma nova postura para os católicos coiteenses. A necessidade de formar leigos chamou logo a atenção para organizar cursos para leigos. Começaram, então, os “cursos de igreja” e vários encontros com a assessoria de várias pessoas oriundas das Comunidades Eclesiais de Base. Conforme o Livro de Tombo (CENTRO..., 1855, p. 85):

É importante que a implantação do Dízimo se torne uma realidade em todas as Paróquias da nossa Diocese. As comunidades Eclesiais de Base- CEBS, as diversas Associações e Movimentos religiosos deverão formar grupos de reflexão que tornem possível um trabalho sempre mais profundo e uma consciência do Dízimo. Em toda Paróquia deve existir a comissão de Dízimo encarregada, não apenas da arrecadação, mas também da prestação de contas, e juntamente com o pároco, de efetuar os pagamentos. Não é fácil mudar as mentalidades. É preciso muitas vezes, paciência e persistência, sobretudo, muito espírito, muita humildade e confiança em Deus.

O Padre Luiz Rodrigues trazia, no seu referencial, o sacerdócio complementar ligado à educação e ao social. Atuante destemido e esclarecedor, ele foi hostilizado em terras coiteenses por agir mediante as suas convicções:

Um profundo estudioso, mestre em cristologia, ramo do conhecimento teológico que veio concluir o doutorado na Espanha para melhor servir a Igreja de Nosso Senhor! Extremamente politizado nunca foi subserviente às propostas dos poderes políticos constituídos por homens de Fé diminuta. Coerente nas tomadas de posição, nunca deixou de ser verdadeiro, sincero e honesto em todos os aspectos do fazer humano. Passou por momentos difíceis com sua postura arroja, destemida e coerente quando se tratava da coisa pública e da defesa da nossa Igreja. Foi processado, mas não recuou um milímetro das suas convicções que ajudaram a se tornar sacerdote e educador. Professor do Colégio Polivalente de Conceição do Coité e do Colégio José Ferreira onde fundou o segundo grau. Como se não bastasse

viajava toda semana para Salvador para ministrar aulas de cristologia na UCSAL. Liderando um grupo do MCC fundou o Educandário Divino Mestre onde foi o primeiro diretor. (MASCARENHAS, 2010, n.p.).

O novo padre queria deixar de ser submisso ao dinheiro da Prefeitura. Como medida principal, cogitou-se a inserção do Dízimo, décima parte do salário dos fiéis para bancar a Paróquia das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), Associações e Movimentos Religiosos. O Pe. Luiz Rodrigues de Oliveira, com sua equipe, pretendia garantir o custeio da Paróquia. Faria (2014, p.55), ao destacar a origem das CEBs, ressaltou sua atuação na rotina das comunidades nos municípios do Território do Sisal:

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) com a atuação nas cidades em paróquias e no campo em capelas desenvolvem ações diretamente no cotidiano das comunidades. Compartilham os problemas de sobrevivência, de moradia, de acesso à terra, à saúde, à educação, de luta por melhores condições de vida e de anseios e esperanças. As primeiras CEBs surgiram por volta da década de 1960. Nos municípios do Território do Sisal, suas influências nas comunidades rurais deixou um legado de lutas e organização, pois enfatizava a partir das ações desenvolvidas uma caminhada para tomar consciência da situação social e política, através da Educação Popular e das ideias freireanas de alfabetização de adultos, executavam uma metodologia que fortalecia a cultura popular e que levava da conscientização à ação, problematizando a vida. (FARIA, 2014, p.55).

Eram diversas as ações desenvolvidas pelas CEBs em prol do homem do campo na Região Sisaleira, em que abrigava o setor educacional, saúde, moradia e lutas por melhorias de vida. A influência das CEBs deixou seu legado nas comunidades rurais, as quais, através de organizações e lutas, tomaram consciência da situação social e política. Para além de atuarem em meio ao atrelamento das instituições religiosas, as CEBs foram aparatos primordiais para formação de consciência, através da Educação Popular, esta que valorizou a cidadania mediante o contexto da gente sisaleira:

Os agentes pastorais contribuíam para que as pessoas fossem os próprios sujeitos da sua história e pudessem transformá-la. As ações e atividades com os sujeitos sisaleiros ocorriam a partir de palestras, debates, cartazes, cartilhas, dramatizações e dinâmica de grupos. Os temas envolviam o cotidiano, a saúde, a ordem dominante vigente, a expropriação da terra e a exploração do trabalho na lavoura do sisal e indústria. Muitas lideranças e representantes de movimentos sociais populares sisaleiros foram formados e iniciaram sua militância nas ações do CEBs. Assim, se tornaram herdeiros deste legado e continuam engajados e buscam a garantia e conquistas de direitos. (FARIA, 2014, p. 55).

As CEBs contribuíram, de forma relevante, para a formação de consciência dos sisaleiros, agindo como propulsoras do papel ativo dos sujeitos rurais no interior baiano. A atuação do padre Luiz Rodrigues foi de muito valia para garantia de uma mentalidade preocupada com as questões sociais da população coiteense, em que seu papel se estendeu para além da esfera eclesiástica:

O padre Luiz vem desempenhando um papel muito importante em nossa cidade, o ano passado ele ensinou o ano em nossa comunidade de graça em Salgadália para o colégio não fechasse por falta de professores, além mais o padre Luiz desempenhou um esforço na comunidade visto em prol da faculdade de Coité: do início ao fim o Padre Luiz tem realmente se mostrado imparcial é um Padre que sai do altar até o povo defendendo todos que aqui estiveram por isso, achei melhor e mais justo que os outros anteriores o mais importante é esse do Padre Luiz. (ATA..., 1991, p. 168).

O Padre Luiz Rodrigues pôs em prática sua posição eclesiástica, vinculada aos postulados da Teologia da Libertação e difundida a partir dos preceitos do Vaticano II, pautados numa base social. O mesmo, voluntariamente, atuou como professor em Salgadália, comunidade rural com distância de aproximadamente 18 (dezoito) quilômetros da sede do município e lutou pela implantação da Faculdade de Coité. A reportagem não se omitiu quanto ao papel ativo do Pe. Luiz Rodrigues na construção da cidadania em Conceição do Coité, tendo em vista que, ao salientar o reconhecimento, exaltou a figura do Pároco Luiz Rodrigues, defendendo como o mais importante e mais justo até então visto na Paróquia. Arrebanhou as ovelhas que haviam se dispersado do templo, “depois ele resgatou a festa da Padroeira de Coite Nossa Senhora da Conceição já por dois anos veio trazer de volta o que Coité tinha perdido.” (ATA..., 1991, p. 169).

Assim que chegou a Conceição do Coité, o Padre Luiz tratou logo de reestruturar a casa e, após 02 (dois) anos de constantes lutas, reavivou a sociedade coiteense – a exemplo dos fiéis, devotos, segmentos sociais providos de informações obscuras – que se encontrava adormecida em meio ao mandonismo político.

As transformações foram estendidas sobre a estrutura da Casa Paroquial, onde foi urgente realizar uma mudança para outra casa visando comportar e atender as necessidades dos fiéis:

A necessidade de uma reforma na Casa Paroquial foi urgente. Foi imperativo a mudança para uma casa na praça da Matriz pertencente ao Sr. Theócrita Calixto da Cunha, ex-prefeito de Conceição do Coité, foi aberto um corredor lateral com melhorias nas paredes. No início desse ano 1990, foi dispensada



uma funcionária da Prefeitura que trabalhava na secretaria da Paróquia. Com o objetivo de organizar de forma sistemática os conteúdos da formação dos leigos, foi feito um Convênio com a Escola Superior de Fé e Catequese. Com o novo pároco aconteceu o I Curso para Ministros extraordinários da Comunhão Eucarística. (CENTRO..., 1855, p. 87).

O clamor por justiça do Padre Luiz Rodrigues foi constante e, em maio de 1991, a necessidade de comunicar-se melhor com os paroquianos levou à criação de um informativo da Paróquia com o nome de *O Mensageiro*. O primeiro número depois da carta-mensagem do Bispo Diocesano, D. Silvério Albuquerque. Também neste ano, a organização e a realização das Santas Missões Populares foram o ponto alto do trabalho pastoral. Durante um mês, de 30 de maio a 30 de junho, todos os povoados foram atingidos com palestras e houve a preparação para os sacramentos, continuando uma participação maior dos fiéis.

No aspecto extra eclesial ou social, encaminhou-se uma luta incessante para a criação de uma Faculdade em Conceição do Coité com a união da comunidade, do deputado Federal Mizael Ferreira e o Prefeito Ewerton Rios de Araújo Filho (teve fruto) para a criação da Faculdade, teve fruto: O CESCO (Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité). (CENTRO..., 1855, p. 8).

Os atos do Padre Luiz Rodrigues, que chegou ao município no final da década de 1980, proporcionaram não apenas alterações em nível eclesial, mas colaboraram muito para a instauração de uma nova concepção da política no meio da comunidade coiteense, rompendo com o mito de uma tradição presente na mesma: de que apenas os políticos que elegemos têm o direito de estar debatendo e participando da vida política. Evidenciou-se que até mesmo sendo um padre, os cidadãos devem estar presentes e promover discussões políticas para o avanço de sua sociedade. Acreditamos, também, que os leigos da Paróquia de Conceição do Coité foram peças fundamentais diante desse processo de construção cidadã, pois eram os mesmos que estimulavam as manifestações de enfrentamento contra o poder político local. Sua atuação eclesial, política e social proporcionou a visibilidade e a atuação de leigos e de grupos religiosos, conforme informou o interlocutor Geraldo Henrique das Mercês: *Sempre tivemos o apoio porque é a praça da matriz, pertence à Paróquia. É o Padre, os Padres não só o Padre Elias, mas os demais padres [sic] pediu que houvesse a divulgação da cultura e tal e tal da zona rural do município.*<sup>109</sup> Alguns párocos foram enaltecidos pelos reiseiros devido ao apoio e ao papel desempenhado na sociedade coiteense:

---

<sup>109</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, na Comunidade de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Como maior caminho, eu tenho uma grande honra pelo Catolicismo, pela igreja é dar um apoio maravilhoso, que agradeço pela minha querida Nossa Senhora da Conceição é Continuar eu não tem nem palavra para dizer por que é O padre Elias e demais padre que apoia que nos dar o apoio. Certo! nos dar palco no coreto oficial que é a central viu, pra gente fazer essa festa tão linda e bonita e maravilhosa, gravar DVD, que hoje graças a Deus com o nosso grupo, o grupo de Cabaceira tem gravado na festa de Nossa Senhora da Conceição no dia 08 de dezembro que é a festa oficial. Então, eu parablenizo, que eu não tenho como agradecer porque é, onde, enquanto os outros poderes não dar apoio, o quanto a igreja que é dar o apoio que a cultura tá crescendo mais, por causa, por esse lado, porque se não, nós não tínhamos um apoio especial que temos hoje. Todo ano, inclusive é. Os anos, que teve umas épocas em que rejeitaram tal, mas depois aprenderam a respeitar, porque botaram pessoas que não tinha competência para administrar a festa. No outro ai aprenderam a respeitar a cultura que tava botando banda para tocar na festa da Igreja. Pessoas que não tinham competência, que nem não se respeitavam, nem respeitava o direito dos pobres e da cultura baiana e brasileira. Mas voltavam com qual respeito e também porque nos respeitaram mais hoje a cultura, o nosso reisado, a nossa festa, nosso samba, como era, é considerado respeitado na minha cidade, na nossa cidade e graças a Deus em primeiro lugar e a Igreja por nos dar muito mais apoio a nossa festa.<sup>110</sup>

Os Participantes do Grupo Reisado de Cabaceiras enalteceram a postura do Padre Luiz Rodrigues, que conseguiu “pôr ordem na casa”: arrebanhou as ovelhas dispersas, bem como aumentou o patrimônio da Paróquia e a visibilidade da mesma na comunidade. Padre Luiz substituiu Padre Reis na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité e, conforme o Livro de Tombo (1855), realizou-se um trabalho diferente do costumeiro. Padre Luiz Rodrigues deixou seu legado na sociedade coiteense, instituiu seus preceitos, tentou transformar a visão de mundo dos coiteenses que estavam presos a uma base política paternalista. Com sua saída, o Padre Antônio Elias Cedraz assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, seguindo o mesmo modelo instituído por Padre Luiz Rodrigues.

A festa da Padroeira é centenária, teve a preparação antecipada, a revitalização da Festa de Largo e uma organização mais participativa. Com a escolha da comissão da Festa e o tema para orientar as reflexões do novenário, foram encaminhadas as responsabilidades e iniciados os trabalhos. A festa da Padroeira foi um momento forte de evangelização na Paróquia. Aumentou-se o número das pessoas que trabalharam na infraestrutura da Festa. O tema foi “Evangelização e promoção humana”. Além das caminhadas pela manhã,

---

<sup>110</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, na Comunidade de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

acrescentou-se a Celebração da Eucaristia nos bairros. Foi um incentivo maior para a participação dos devotos.

O líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, Geraldo das Mercês, em vários momentos da entrevista, enfatizou a atuação e o olhar do pároco Luiz Rodrigues sobre os grupos culturais de Conceição do Coité, bem como o apoio da Secretaria de Educação, contratando-os para se apresentarem nos colégios:

Não, todo ano a gente toca na Igreja Católica e a Igreja Católica ela tem, ela ver com bom olhos [sic] é tanto que todo ano ela contrata a gente pra tocar tanto na praça nas festa da padroeira como aqui no povoado que a gente mora, a gente toca nas escolas, inclusive mesmo, a secretaria mesmo já convidou o grupo, já convidou a gente pra fazer participação na escola- “faça essa cultura na escola”. Então, é tudo ligado como diz a história: na Igreja, escola, comunidade da gente. Então, já tocamos em escola várias vezes até em Feira de Santana a gente já foi tocar várias vezes em escolas. Então, com certeza é uma cultura que algumas pessoas ver com bons olhos e o político não, não ver. Então, a tradição tá diminuindo nesse ponto.<sup>111</sup>

Em sua descrição, o depoente enalteceu a figura do padre Luiz Rodrigues, que teve um importante papel para a restauração e para o avivamento das atividades e práticas devocionais contra o modo de administração dos padres que o antecederam; e “por essa postura política”, no sentido de transmitir a palavra e os esclarecimentos de forma mais condizente para os fiéis e demais camadas sociais da sociedade coiteense.

Nas apresentações do Grupo de Reisado de Cabaceiras após a missa no Coreto, Padre Luiz Rodrigues marcava presença. Eis o que nos relatou um sambador: *Exatamente, o padre vinha assistir né mas não soltava nada não (risos), gostava muito e dava valor a nós também.*<sup>112</sup>

Neste sentido, cabe compreender os festejos religiosos, encontrar seus significados e mudanças, percebendo o papel da Igreja Católica com sua hierarquia e seus agentes transformadores; e, sobretudo, a dinâmica dessa festa, seus participantes, homens e mulheres, ricos e pobres que, com suas experiências, marcaram esses diferentes momentos. Contudo, esses dias de festejos da Padroeira eram também de tensão, nos quais os valores da cultura dominante buscavam se impor pela força econômica. Durante a Festa de Reis, muitas vezes

---

<sup>111</sup>Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 62 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>112</sup>Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-integrante do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

ocorriam situações similares em que os segmentos sociais se posicionam em espaços diferentes na festa.

Ao questionarmos sobre a realização da Festa de Reis nas residências das pessoas ricas, sobre o comportamento das mesmas e sobre o entrosamento com os outros segmentos sociais, o líder do Grupo, Sr. Geraldo das Mercês, narrou:

Nós chegávamos na casa, cantávamos e entrávamos, elas recebiam, mas só que eles ficava [sic] na porta de lá do quarto, e nós sambando, (pausa). Eles não respeitavam muito, mais depois foram tomando conhecimento achando aquela Festa mais bonita respeitando mais a sociedade e o povo. Vinha a esposa dançava um pouquinho, voltava vinha o maridão dançava um pouquinho, aí vinha a filha. “Umbora minha filha” dança e tal, não, não, tinha medo não conhecia, não sabiam, mais sempre eles acompanhavam, não dava grande apoio. Para hoje melhorou muito.<sup>113</sup>

Segundo o depoimento acima, no Reisado de Cabaceiras, sempre existiram adeptos providos de poder aquisitivo, que recebiam ou convidavam o Grupo para festejar em sua residência, apesar dos espaços e das posições demarcados durante o festejo: *Olha, algum tinha mais aproximação e outros sempre (pausa), o rico sempre foi mais diferente, sempre separado, toda vida foi.*<sup>114</sup>

Pensar a festa como espaço de convívio é ressaltar também as camadas populares, pessoas anônimas que, muitas vezes, fora do templo, numa sociedade desigual hierarquizada, manifestam, principalmente, sua heterogeneidade longe das autoridades eclesiásticas; e observam as apresentações que compunham o cenário festivo, desde os gastos realizados até a proximidade física. O sambador Luiz Pinto de Oliveira narrou o apoio da hierarquia da Igreja Católica em garantir visibilidade aos grupos de leigos religiosos: *A Igreja Católica de uns tempos pra cá, ela começou inclusive agora, teve essa festa em Coité, vai ter outra qual o grupo vai se apresentar novamente, outro grupo e a Igreja tá fazendo parte é.*<sup>115</sup>

O relato deixa patente que a Igreja Católica, por algum tempo, não dava importância aos festejos religiosos, não incluía, em seu calendário, os grupos festivos e culturais de Coité.

---

<sup>113</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, concedida em sua residência no Povoado de Cabaceiras em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>114</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo.

<sup>115</sup> Idem.

### **CAPÍTULO III**

## **TENDÊNCIAS, ESTRATÉGIAS E TRANSFORMAÇÕES**

### **DA FOLIA DE REIS**

Neste capítulo, através das fontes iconográficas (isto é, fotografias, CDs, DVDs e certificados), bem como das narrativas de reiseiros e integrantes do Grupo, pretendemos analisar as mudanças ocorridas na Festa de Reis, em decorrência de sua transferência para a zona urbana e como os reiseiros perceberam as transformações e os novos significados da Festa de Reis ocorrida na cidade, apresentada na mídia para os consumidores e os agentes da mídia.

#### **3.1 REIS DE CORRIDA E REIS DE VISITA: E O QUE DIZIA A CANTORIA?**

Eram duas modalidades que constituíam o Reisado de Cabaceiras, as quais os sambadores definiam como Reis de Corrida e Reis de Visita. O Reis de Corrida é aquele que obedece ao calendário cristão e que acontece a cada ano, de 25 de dezembro a 06 de janeiro; enquanto que o Rei de Visita extrapolava o calendário católico, ocorrendo durante todo o ano. Sobre o calendário adotado pelos cristãos, Itani (2003, p. 26), em suas análises, conclui que:

A história do calendário moderno, contudo, é também a história da dominação da civilização europeia, a partir da Idade Média, impulsionada pela Igreja católica, que passa a organizar os ritos festivos. O domínio do tempo, representado pelo calendário, se torna um instrumento de poder.

As datas comemorativas, as cerimônias e os ritos festivos foram inseridos no calendário religioso católico, impregnados de sentidos diversos, os quais eram realizados pelos sujeitos mediante o domínio do tempo, em que ultrapassa a festa natalina abrangendo o ciclo religioso da festa do verão, época de colheita dos frutos, tendo em vista que a prática de celebrar para comemorar as atividades agrícolas estão presentes nas civilizações mais antigas, em que as festas eram realizadas com base no tempo de colheita de janeiro a março. Nesse contexto, os rituais foram ressaltados por Itani,

observando os movimentos dos astros, as mudanças da Lua e as posições do Sol, as comunidades agrícolas utilizavam as festas como instrumentos de marcação e, concomitantemente, celebravam o tempo de semear e o de colher. No tempo de semear, realizavam-se celebrações sagradas de oferenda aos deuses nas quais se pediam proteção e bom tempo para plantação. No

tempo do colher, os rituais eram com oferendas de agradecimento pelas boas colheitas (ITANI, 2003, p. 19).

Mediante as ressignificações das antigas festas pela Igreja Católica, bem como as práticas dos agricultores, no que diz respeito ao plantio e colheita, é que se inseriram no calendário festivo as duas modalidades no Reisado de Cabaceiras, em Conceição do Coité. Ao entrevistarmos o vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras e morador da referida comunidade, Armando Oliveira dos Santos, ele narrou o seguinte:

Entre dezembro, entre final de dezembro até o dia 06 de janeiro. Aí é o Reis de Corrida, a gente faz, a gente ensaia, faz, canta três ou quatro noites, mas não canta só num lugar, por exemplo: aqui dentro do povoado, cada povoado, a gente canta uma noite. Aí, quando dá dia, termina a folia de reis né? Aí a gente vai descansar.<sup>116</sup>

O depoente demonstrou parte do ritual do Grupo, em que, primeiramente, ocorria uma preparação no sentido de organizar o festejo, as canções a serem cantadas, bem como os lugares a serem visitados. O itinerário do Grupo abrangia os diversos Povoados, quando se realizava o Reis de Corrida. Tais modalidades sempre fizeram parte do reisado cabaceirense desde sua fundação. Porém, em relação ao Reis de Visita, o qual é considerado o tradicional pelos participantes, em que acontecia a Festa de Reis e outros festejos nas residências dos amigos, este ganhou uma nova roupagem, assim como a estrutura do Grupo. Vejamos como o ex-presidente Zacarias das Mercês, do Grupo Reisado de Cabaceiras, apontou a diferença entre as modalidades do reisado:

É porque o Rei de Corrida é em casa em casa e o Rei de Visita é numa casa só. A pessoa convida, vai me levar um Rei de Visita e é uma noite todinha naquela casa, é o Rei de Visita; e o Rei de Corrida é em casa em casa, várias casas até o dia amanhecer.<sup>117</sup>

Conforme o depoente Zacarias das Mercês, encarregado do Grupo Reisado de Cabaceiras por algum tempo e um dos filhos mais velhos do Sr. Macário, a dinâmica e as modalidades pareciam ser bastante similares no sentido do ritual e da estrutura do Grupo. Em suas informações, percebemos que a grande diferença entre ambas é a obediência ao calendário cristão e a peregrinação/visita do Grupo Reisado de Cabaceiras, de casa em casa; bem como a duração da festa, esta que ocorre durante a noite inteira quando se refere ao Reis

<sup>116</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo.

<sup>117</sup> Entrevista com Zacarias das Mercês, 74 anos. Concedida em sua residência, na Comunidade de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Reiseiro e ex-líder do Grupo.

de Corrida. Através das narrativas, percebemos como a festa tem permanecido até o presente, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.” (BOSI, 1994, p. 55).

Gregório dos Santos, ao se reportar às primeiras apresentações do Terno de Reis, ressaltou que festejava *nas casas do povo, mais (sic) no clube era muito difícil só depois que ficou grande que começou a brincar no clube. Convidava pra Serrinha, pra Riachão, Nordestina, Santa Luz, Valente, tudo convidava e a gente ia participar dessa festa.*<sup>118</sup> A partir da análise do trecho supracitado e de outras fontes da pesquisa, notamos que, no início de formação, não havia um grupo organizado com nome específico, e sim um grupo de homens, que, sob a liderança do Sr. Macário, dirigiam-se a pé, surpreendendo os moradores em plena noite. Ao questionar sobre a denominação do nome do Grupo, o Sr. Geraldo das Mercês Geraldo relatou:

Olha, esse nome nós colocamos porque o nome do meu pai chamava Macário de Cabaceiras, mas logo quando meu pai parou, ficou doente, aí ficou por conta da gente. Então, nós botemos o nome “Grupo Reisado de Cabaceiras”, só por isso, mudou por isso. Mas antes não tinha nome, só tinha nome de Macário de Cabaceiras, é o dono do Grupo lá de Cabaceiras e tal, e aí, a gente colocamos esse nome por isso.<sup>119</sup>

O sentimento de pertencimento ao Reisado de Cabaceiras é algo que permeia a trajetória da maioria dos reiseiros. É necessário considerar a importância de se pensar a questão da identidade do grupo. A identidade em sua relação com o espaço de convívio coletivo, consiste num sentimento de unidade ou continuidade. “Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.” (POLLAK, 1992, p. 5).

Entende-se por identidades coletivas todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência de pertencimento. A identidade não é dada por natureza, não é essência, não é definida, é construída socialmente, negociada e historicamente ressignificada. O sujeito se apropria da performance instituindo uma identidade, a qual é moldada por e em diferentes lugares. As

---

<sup>118</sup> Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membro do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>119</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

identidades compõem um campo de fragmentações associadas ao universo dos discursos, das ações e posições, podendo opor duas forças ou princípios. Conforme Hall (2000, p. 108):

As identidades não são nunca unificadas; elas são fragmentadas e fraturadas, que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, em processo de mudança e transformação.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, e que se estabelece por meio da negociação direta com os outros. Isto quer dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Teixeira (1983), ao estudar os Batistas, afirma que nos resta, portanto, saber sistematizar o que buscar concretamente na mentalidade de um grupo, a fim de reconstituir, numa perspectiva histórica, sua visão de mundo, suas representações e sua aparelhagem mental, que, para Teixeira (1983, p. 33), “a manutenção da identidade do grupo religioso que se formava seria fundamental para sua sobrevivência, enquanto grupo, e para o processo de propaganda e expansão, enquanto mensagem.”. Teixeira (1983) se refere aos batistas, mas podemos observar similaridades no Reisado de Cabaceiras.

Em se tratando ainda do Rei de Visita, para além da similitude quanto ao ritmo, faz-se necessário ressaltar as cantorias. Dentre elas, algumas diferem entre si de outras apresentações, haja vista as mesmas precisarem estar vinculadas ao local ou ao tema; ou seja, é uma apresentação de acordo com a trajetória daquela cidade, com aquele evento ou com a pessoa que convidou alguém para esse evento, como bem frisou o Sr. Geraldo das Mercês:

A gente quando vai sair para fazer algum trabalho, nós prepara eu escrevo a letra, a homenagem para quem quer que seja, certo! E é para a Padroeira ou por Padroeiro ou se nós vamos fazer uma festa é, lá na outra cidade para quem quer que seja, aí já nós se prepara [sic], ensaia, pra quando chega lá fazer o trabalho com especialidade. Nós faz [sic] em cima disso, geralmente em cima disso, porque nós já pensou, se a festa lá, a festa fala em João, eu não posso falar em Pedro, eu vou ter que falar de João, eu não posso falar de Manoel tá bom, aí, a gente, ele já procura a pessoa quando me passa as coordenadas, já me avisaram, a gente vai fazer em cima disso, e disso, e disso eu me preparo, escrevo a letra, eu trabalho, aí chamo a rapaziada,



vamos ensaiar pra fazer um trabalho na cidade tal, pra fulano de tal, e pra fulano.<sup>120</sup>

O depoimento acima descreve o ritual do Reis de Visita, o qual requer preparação e esforço, principalmente no que refere às canções, as quais precisam estar associadas ao ambiente ou ao tema específico, a exemplo de um padroeiro. Com isso, requer mais esforço por parte do líder, Geraldo, para elaborar as músicas a serem cantadas no evento, atendendo ao convite do solicitante, pessoas adeptas ao Reisado, secretárias de educação, aniversário de Sindicatos, entre outros. Essa forma de preparação e de realização do festejo de Reis de Cabaceiras mantém a união de todos os componentes para os ensaios e revela como a sociabilidade se fundamenta no processo inicial da folia.

Conforme Miranda (2009), que também estudou festas no interior da Bahia, as festas são carregadas de significados, as quais proporcionam momentos de confraternização e de sociabilidade. Assim sendo, a festa dos Santos Reis de Cabaceiras representa um elo entre os reiseiros, pois o Grupo se reúne antecipadamente para a organização da festa, para a qual há uma preparação, no sentido de a realização ocorrer de forma positiva e agradável ao público ou solicitante.

### 3.2 “ELE É O CARA”: GERALDO, O “DONO DO TERNO”: ESTRUTURA INTERNA DO GRUPO REISADO DE CABACEIRAS

Os integrantes do Grupo eram de vários povoados do município: Patos, São João, Cabaceiras, Riacho da Serra. Geraldo das Mercês é reconhecido e chamado por muitos como Geraldo Grande, em virtude da sua estatura, bem como da posição e do papel que desempenha. Segundo os depoentes, através de Geraldo das Mercês, a prática do reisado foi reavivada na região sisaleira. Conforme um integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras: *Geraldo também deve uma grande força, eu ele corre atrás, que ele corre atrás, é o cara. Os outros grupos começou a crescer também, e hoje já tem um monte de grupo aí.*<sup>121</sup>

Nesse depoimento, ficou demonstrado o papel ativo do Líder Geraldo das Mercês como propulsor pela difusão ou pelo reavivamento do Reisado na Região Sisaleira. Luiz de

<sup>120</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras

<sup>121</sup>Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do Grupo (cantor, fazendo a segunda voz com Geraldo das Mercês).

Oliveira, ao exaltá-lo, mencionando a expressão “é o cara”, reconhece que maior esforço partiu do Líder do Grupo de Reisado, o qual se utilizou de suas estratégias para garantir a visibilidade do Grupo no espaço urbano do município de Conceição do Coité, como também em outros locais da Região Sisaleira.

O Grupo Reisado de Cabaceiras era ativo e se destacou com grande visibilidade na Região Sisaleira, em função do esforço do presidente do Grupo, Sr. Geraldo Henrique das Mercês, o qual representava o Grupo há mais de vinte anos. A partir de finais dos anos de 1980, procurou angariar meios para a sua difusão ou para o seu reconhecimento, conquistando seu primeiro marco midiático no ano de 2000, com a gravação do primeiro CD. Geraldo Henrique das Mercês, ao narrar o sentido da Festa de Reis, evidenciou seu papel ainda quando criança:

Olha a festa ela tem uma maravilha, uma coisa, porque ela foi nascida e hoje ela já está bem evoluída, já está mais alta, e eu corro atrás para sustentar ela, para que ela não acabe. Ela era realizada, era feita com, naquela época do meu pai que foi quem fundou a festa, nós, eu tirava as flores, enfeitava o chapéu, usava chapéu de palha chamado e depois eu fui crescendo e quatro e cinco anos, seis anos ela foi modificando, foi mudando o chapéu e tal, mais, o mais continua a festa, e hoje mais evoluída porque o povo se ajuntou mais [sic].<sup>122</sup>

Nota-se que o Sr. Macário das Mercês, o fundador da Festa de Reis em Cabaceiras, foi o responsável pela inserção da tradição festiva na comunidade, pois o mesmo implantou e incentivou a participação de seus descendentes, no sentido de transmitir esta religiosidade. Vale ressaltar um símbolo presente no início da festa: o chapéu de palha – objeto que revela a arte rural, bem como a possibilidade de adquiri-lo; talvez por falta de outros recursos, os sambadores não tinham condições de confeccionar (ou de comprar) outro tipo de chapéu. A festa, como legado cultural de pai para filho, possibilita a manutenção da tradição e o aprimoramento das raízes.

Desse modo, as lembranças coletivas viriam a se aplicar sobre as lembranças individuais e, assim, poderíamos agarrá-las mais cômoda e mais seguramente, pois os sitiantes que aderiam aos festejos aos Santos Reis sentiam o sentimento de pertença e de identificação com a tradição. O Sr. Geraldo das Mercês demonstrou o seu esforço e o apoio dos companheiros do Grupo em manter essa Festa religiosa ativa:

---

<sup>122</sup>Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Enquanto eu estiver vivo, isso eu farei com as bênçãos de Deus Pai na minha guia, na minha companhia, nem só na minha, porque o grupo é grupo, porque se fosse para me [sic] fazer só, tudo bem, eu fazia só, mas eu não faço só, mas eu sento com a minha rapaziada, com o povo que faz o trabalho comigo e digo, vamos e vamos, nós ensaia e nós vamos para frente, porque se por nós não ter apoio, nós o apoio que temos do nosso grupo mesmo, nós faz para que a cultura não acabe e não caia, porque se nós facilitar [pausa]. Porque nós não ter o apoio público ai ela vai acabar, já tinha acabado há muito tempos.<sup>123</sup>

Existe uma hierarquia no Grupo, em que o líder do Reisado submete-se aos rituais do Grupo e, ao mesmo tempo, cobra dos demais participantes obediência, esta que, nas palavras de Bourdieu (2007a), só seria um meio de se fazer reconhecer como detentor do capital simbólico acumulado pelo Grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. Bourdieu (2007a, p. 34) aponta também para a existência

da divisão do trabalho e a aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso.

Todavia, vale ressaltar que não é instituição religiosa, mas os agentes que mantêm a hierarquia, a autoridade, o poder da liderança são ou eram semelhantes. A função social da religião, como aponta Bourdieu, relaciona-se profundamente com a busca pelas respostas das perguntas que mais intrigam o ser humano ao longo de sua existência.

Recordando os rituais e as práticas do Grupo Reisado de Cabaceiras, o atual mestre e, portanto, encarregado pela administração e pela direção do Grupo, pela composição das músicas, pelo contrato e pela encenação de diversos papéis, relatou:

Lá, eu comecei com quatro anos, três anos, eu comecei porque eu tirava as flores e enfeitava o chapéu do meu pai, que naquela época é era chapéu de palha. As flores quem tirava era eu, meu pai fez uma agulha, de um arame, furou esse arame e eu pegava o novelão, ele comprava o novelão já para isso, ai eu pontilhava com a linha daquele novelo. O chapéu ai, ai chegando a rapaziada, lá em casa, naquela época tinha umas mesas bem grande como se fosse uma mesa de restaurante (risos), grande né, ai eu botava as flores 05:00 horas da tarde já começava botar as flores, ai chegando o pessoal do grupo e eu pegava o chapéu e enfeitava todo de flores e deixava tudo bonitinho. Ai na hora do ensaio embora? Embora cadê eu que não podia ir, eu chorava, gritava e tal, e tal, ai me levava na casa de Zinha, ai minha mãe, meus irmãos me trazia e o pessoal ai embora. Eu pequeno não tinha como, mas Deus me deu o direito e a liberdade fui crescendo, crescendo, e é com

<sup>123</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

quatorze ano, provavelmente quinze anos já comecei a cantar, mas não tinha apoio porquê? “Não, você é um menino, quieto menino, cala a boca”. Eu cantava escondido por trás da rapaziada, até um dia que nesse oleiro, eu comecei cantar, comecei cantar (risos), graças a Deus hoje tou feliz. Não sei estou aprendendo ainda, mais eu peço a Deus que eu vou aprender mais, para meu povo baiano e brasileiro.<sup>124</sup>

As práticas religiosas se disseminam e se reproduzem através das famílias seguidoras da religiosidade popular, pois

as organizações festivas de caráter religioso ou não- sem que seja possível delimitar tais fronteiras, têm o poder de funcionar como força aglutinadora das práticas sociais e, por isso, são fundamentais à teia da construção da memória coletiva, abrindo fecundas possibilidades de abordagens do passado (GUIMARÃES NETO, 2006, p.219-220).

Bourdieu (2007a, p. 79) considera os líderes carismáticos como “agentes e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas ou de discursos a uma categoria particular de necessidades próprias a grupos sociais determinados.”, abordando o carisma como um elemento fundamental para o alargamento e a permanência de relações de poder, o que nos remete ao mestre-líder, à figura de Geraldo das Mercês como difusor e propagador da Festa de Reis em Conceição do Coité.

Nas suas lembranças, o Sr. Geraldo deixa transparecer um passado glorioso e dinâmico, ao tempo em que desde criança fazia parte do festejo, no arrumar dos chapéus com flores naturais, deixando patente o papel dos reiseiros, compreendendo as crianças e mulheres; pois, certamente, se existia criança durante os preparativos, as mulheres também poderiam se incluir nesta dinâmica.

Neste sentido, aplica-se a memória coletiva e individual também, uma vez que as lembranças da infância só são conservadas pela memória coletiva, porque, no espírito da criança, estava presente a família, a rapaziada, a coletividade. Conforme Gandon (2005, p. 231) :

O discurso da memória é altamente dinâmico, vai sendo construído em função de cada contexto presente – o lugar do discurso – e também em função da imagem que se quer transmitir e da negociação indenitária que consciente ou inconscientemente se estabelece numa fala. A memória tem ainda aquela velha função que é a de reviver alguns momentos que foram altamente significativos. Aqueles momentos nos quais

---

<sup>124</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reizado de Cabaceiras.

o passado parece tão presente! Como se uma experiência pudesse ser revivida enquanto se fala sobre ela.

As lembranças de uma vivência social e religiosa são trazidas pela visão de determinados lugares, determinadas localizações ou certas disposições de objetos. Percebe-se, nesta fala, a ideia de que o representante ou líder desempenhava um papel de transmissão do saber para os demais integrantes. Ele age como mentor no direcionamento dos integrantes ao cumprimento das normas estabelecidas. Por esse motivo, o líder deve ter uma conduta exemplar: não ser usuário de álcool, pois é quem controla o festejo, ele é a voz ativa do Grupo, completou Sr. Geraldo das Mercês:

Não deixa de não ter a música (risos), a música é logo uma coisa que é impossível é (pausa). Não é impossível, mas sempre tem (pausa), vive sempre, tem porque aonde tem a música tem uma coisa todos elogiam, porque principalmente, tem deles que querem e fazer de uma maneira que não pode ser e eu vou e reclamo há não ser o que fazer mas não você vai ter que fazer assim porque as leis mandam e assim porém se vocês estão achando que não dá certo vocês sai tá certo! Procure o que for melhor vá pro outro grupo porque nesse grupo tem que ter é, tem as metas, tem equipe, tem respeito e tem consideração tem que respeitar a todos, para nós chegar em qualquer lugar, e ser respeitado.<sup>125</sup>

Segundo Sr. Geraldo das Mercês, os ensaios aconteciam em sua residência, no espaço da Associação de Moradores do Povoado de Riacho da Serra e em outras casas dos componentes do Grupo. Logo, como filho mais moço do Sr. Macário, Geraldo, já na sua infância, fazia parte dos festejos, arrumando os chapéus e observando a dinâmica do pai, o que denotou uma busca de legitimidade na tradição familiar.

Para Bourdieu (2007a, p. 80), o papel dos sacerdotes, que são os líderes religiosos, torna-se parte crucial para se firmar a concretização das práticas. “O corpo de sacerdotes tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade ele garante.”. O teórico nos faz lembrar que o poder simbólico tem mais a ver com a aceitabilidade coletiva do que com as instituições, pois o poder está em toda a parte, sendo percebido em algumas circunstâncias como nas relações estabelecidas entre líder e demais integrantes.

Sr. Geraldo das Mercês desempenhava funções fundamentais para que a Folia dos Reis ocorresse em Cabaceiras. Ele cantava, fazendo a primeira voz, compunha as canções, tocava a viola, selecionava as casas a serem visitadas, dançava, buscava recursos no sentido

---

<sup>125</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

de angariar meios para manter o grupo ativo, tinha uma oratória eloquente, era bastante articulado, principalmente com as lideranças religiosas e políticas do município de Conceição do Coité, bem como sabia organizar e ordenar o seu Grupo. Tudo era realizado da forma que ele propunha, conforme seu relato:

Tem deles que querem fazer de uma maneira que não pode ser, e eu vou e reclamo, há não ser o que fazer, mas não, você vai ter que fazer assim, porque as leis mandam, e assim, porém, se vocês estão achando que não dá certo, vocês sai tá certo! Procure o que for melhor, vá pro outro grupo porque nesse grupo tem que ter é, tem as metas, tem equipe, tem respeito e tem consideração tem que respeitar a todos, para nós chegar em qualquer lugar, e ser respeitado.<sup>126</sup>

A atuação de Geraldo das Mercês como líder, denota uma similaridade com o caráter sacerdotal, em que as regras são ditadas e obedecidas e em que, muitas vezes pode acontecer momentos de tensão entre os integrantes, mas que são resolvidos da forma mais condizente entre os festeiros. Os depoentes, ao reportarem os festejos de Reis de Cabaceiras, enalteceram a figura e o papel do Sr. Geraldo das Mercês. Na opinião do Sr. Florêncio Gonçalves, um dos adeptos da folia de Cabaceiras:

Me sinto bem, me sinto feliz satisfeito. É com alegria porque eles estão lembrando da gente que está lá e se sente satisfeito né. Eu quero dizer que eles são uns meninos muito esforçados, precisa de apoio daqueles que podem ajudar, no entanto eles vivem só com a força de vontade. É um grupo bom, sempre aquele grupo está presente em várias casas, começam cedo, passa aquele período alegrando e a gente percebe que não tem assim um certo apoio e isso é preciso que é lembrem ele que a cultura existe e que precisa de ser ajudada.<sup>127</sup>

A apresentação do Grupo de Reisado na sede do município de Conceição do Coité tinha o mesmo ritual que acontecia na zona rural. O Grupo se dirigia até as casas dos festeiros, os quais já ficavam na expectativa, uma vez que as casas eram anteriormente selecionadas. Sr. Geraldo das Mercês sabia quem eram os moradores que gostavam do Reisado e tinha consciência da importância desses festejos para as camadas populares, ao mesmo tempo em que reconheceu o respeito e a dedicação dos seguidores do Reisado:

---

<sup>126</sup> Entrevista com Gerado Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>127</sup> Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Entrevista concedida em sua Empresa, Joalheira e Ótica Barbosa, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Empresário no ramo de joias e adepto da festa de Reis.

Ser querido e respeitado certo, porque ele por ser pobre, mas ele é gente certo. O importante é a gente, o que vale é a gente respeitar para ser respeitado. Fica ruim, mas ele tendo o conhecimento ele vai ser respeitado por quê? Ele vai fazer aquilo que deve ser feito e é a marca, e ele vai ter que (pausa), e será assumindo até em ser alguém mesmo que não apoie mas não eu vou fazer como Geraldo fazia empurrar com a barriga, com a cara e gritando o povão vamos fazer por que não deixar a cultura acabar, a cultura é nossa, essa é a Bahia é nossa e o nosso Brasil. Vamos receber esse apoio dos homens que tá da nação, vamos trabalhar para não acabar, para não cair, ou seja, acaba sendo uma história e a gente pode perceber que não sou rico fazendo história que o pobre também tem direito a fazer essa história. E essa é a marca é a única que o pobre tem é essa, (risos), a único tá certo que serve que não quer que e como é, como é uma história mesmo porque se for par contar essa história do reisado. Viu, é uma história seríssima e é essa que a gente leva e que a gente representa, e essa que a gente tem que é nossa riqueza fortuna, é essa que nós temos porque dinheiro não, só beleza e trabalho, muito certo é levar flores para o povão para parabenizá-lo aqueles que reconhece e que respeita.<sup>128</sup>

Para o Sr. Geraldo, um homem determinado, inserido nas camadas populares as quais mereciam respeito no sentido de ser repassado com recursos que visassem a visibilidade e a manutenção das artes do homem comum, rural, que expressa seus conhecimentos matizados por uma tradição. Mesmo de forma tímida, Geraldo das Mercês mencionou a contribuição das autoridades municipais e estaduais para com o Grupo. O Jornal *O Sertão* divulgou uma matéria sobre arte popular, abrangendo várias apresentações culturais. Evento este promovido pelo Ministério da Cultura e pelo Governo Federal. Segundo o periódico:

Nos dias 15 a 17 em setembro aconteceu em Conceição do Coité na praça oito de dezembro um grande evento de arte popular com apresentações folclóricas. Em um palanque montado na praça, o público pode conferir diversas apresentações de grupos regionais como dança de roda, reisado, bumba-meu-boi, costumes tradicionais, de cada região, além de participação de repentistas, aboiadores, cantores e atores de várias regiões da Bahia. (O SERTÃO, 2006, p. 11).

Fazendo um exercício de leitura de imagem da esquerda para a direita e de cima para baixo da Figura 8 (a seguir), percebemos que a primeira imagem destaca o noticiário das atividades realizadas durante a III Festa da Cultura Popular, a qual se compreendeu de diversos grupos artísticos da região da Bahia. A imagem visual mostra a apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras e de Paulinho de Jequié, ambos cantadores, tendo instrumentos musicais similares à viola.

<sup>128</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.



**Figura 8 – III Festa da Cultura Popular, Conceição do Coité, 2006**

Fonte: O SERTÃO (2006, p. 11)

Esta imagem, numa leitura escrita e visual, sugere que *O Sertão* provoca a imaginação atenta do leitor, para, em seguida, recomendar muita atenção para os detalhes, as descrições, já que, na imagem seguinte, sinaliza aspectos relevantes para compreender as relações culturais, étnicas e sociais na sociedade coiteense – cenas que apontam elementos peculiares, mediante elaborações artísticas e cotidianas: a cuia ou cabaça sinaliza a origem do nome da comunidade pesquisada, Cabaceiras, ao se apropriar do universo rural, do cultivo das cabaças; o chapéu de couro representa o pastoreio, atividade muito desenvolvida pelos sertanejos do interior baiano. Neste contexto, as imagens vão além, enfocando a figura do vaqueiro encourado, preparado para o aboio.<sup>129</sup> A disposição masculina de enfrentar atalhos, de guiar a boiada; de organizar grupos e de participar de eventos coletivos, principalmente nas festas organizadas pela Secretária de Educação e outras instituições, nas quais exercitam o prazer, cantando, bem como dançando o forró e o samba com requebrados que movimentam o corpo da cabeça aos pés.

Entretanto, se voltarmos para a imagem central do Grupo Reisado de Cabaceiras (Figura 9, a seguir), destaca-se um homem dançando em frente ao Grupo com muita euforia e nos debruçamos a fazer uma leitura semelhante ao texto escrito. Vamos perceber que essa narrativa visual trata da apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras, realizado no Coreto, na Praça 08 de Dezembro, em Conceição do Coité, revelando que os componentes dos Grupos

<sup>129</sup> Aboio é o nome que se dá a um canto triste, com versos improvisados, geralmente com poucas palavras ou até sem palavras, entoado pelos vaqueiros quando conduzem uma boiada.



são pessoas negras. Os adeptos caem no samba, extravasam. O homem de chapéu não faz parte do Grupo, é apenas um folião, que, embora nesse espaço pequeno, subiu no palco (o coreto), para sambar próximo aos cantadores. O Grupo, na condição de ser visto, representado, adotou a roupa padrão, que, atualmente, é composta de camisas e de calças *jeans* e, às vezes, de chapéus. O figurino é de cores sortidas, possui camisas azuis, vermelhas, verdes e amarelas (com preto e azul). O homem em destaque, de cabelos grisalhos, de alta estatura, é o Sr. Geraldo das Mercês, que canta, toca a viola e desempenha outras atividades. Outra forma comum de participação e de interação desses grupos diz respeito à apresentação do Reisado, nas atividades de instituições públicas e religiosas, de movimentos sociais (como os de sindicatos de trabalhadores rurais), de Associações Comunitárias instaladas nas comunidades rurais e de bairros, estas que também são muito recorrentes.



Reisado de Cabaceiras de Conceição do Coité

**Figura 9 - III Festa da Cultura Popular, Conceição do Coité, 2006**

Fonte: O SERTÃO (2006, p. 11)

O relato esboça a fisionomia de uma comunidade, de um Grupo que se envolve plenamente com a organização da festa, por intermédio do líder do Grupo, este que tenta conservar a tradição familiar das festividades. Os demais integrantes reconhecem o papel de liderança exercido por Sr. Geraldo, consideram-no o “cara”<sup>130</sup> pelo esforço em reavivar uma festa que possivelmente busca apoio do poder público e de outras entidades.

Os instrumentos de preservação ou de reprodução, destacando especificamente a família, são cruciais para o desenvolvimento e para a continuação das tradições religiosas. Segundo Sr. Geraldo das Mercês:

<sup>130</sup> Termo utilizado pelo integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras, Luiz Pinto de Oliveira, como forma de ressaltar a capacidade e o papel desempenhado por Geraldo Henrique das Mercês.

Olha eu... Eu comecei de pequenininho, que achei a festa dentro de minha casa, na minha casa conheci a viola, meu pai tinha uma viola na época, depois comprou outra fez duas viola [sic]. Os pandeiros era couro de bode, e o aro de madeira, couro de bode, com churiadeira, se a gente pegasse furava os dedos, e... foi crescendo, ela foi se transformando a gente recebendo mais apoio e tal, melhorei muito por causa disso, agora eu segui porque era fonte, dentro da minha casa e eu, eu ,e orgulhando eu tinha, eu não tinha, eu não podia sair dela, eu tinha que seguir, eu tinha que seguir, graças a Deus estou feliz, porque eu achei esta fonte, eu dentro de casa e nela hoje, eu me entendo mim buscando, por que buscando como o amor certo e assumindo e marcando é, é... Meu nome, a minha honra e a honra do meu pai.<sup>131</sup>

Nota-se, nesse relato, a importância da família na dinâmica interna do Grupo quando Sr. Geraldo se reconhece como reiseiro que, desde a infância, aprendeu, em sua própria casa, as origens e a importância do Reisado. A família é a propulsora de transmissão e de preservação das tradições de Reis, pois

não se pode esquecer que a própria infância não é pensada como uma fase especial de vida, separada das atividades obrigatórias do trabalho da família. O cotidiano reconstrói as atividades dos pais e, de certa forma, institui um operar familiar, em que as atividades predominantes do chefe da casa consolidam experiências de “pai para filho. (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 105).

As práticas culturais têm o poder de consolidar a experiência coletiva. Vejamos como o reiseiro Gregório dos Santos nos relatou a sua iniciação no Reisado de Cabaceiras:

Quando eu entrei foi o finado Macário, ele levou todo mundo de dentro de casa, de até mais anos, de mais anos dava 8 aí o finado Macário ficou fraco não andava mais e entregou ao filho Zacarias, ai Zacarias acompanhou todo ano, todo ano, e depois Geraldo aprendeu a cantar o Reis gostou e tomou conta. Geraldo tem muito conhecimento com o povo, aí com a passagem de reis fulano de tal dia de Reis vou fazer uma brincadeira lá na casa cantar o Reis e aí se gostar pode ir e ai continuou e todo tempo de Reis duas ou três noites a gente ia brincar na rua.<sup>132</sup>

Em todos os relatos dos sambadores de Cabaceiras, foi ressaltada a importância da família para difundir aspectos religiosos e a tradição. “Nossa memória não se apóia na história apreendida, mas na história vivida.” (HALBWACHS, 2006, p.78-79). Halbwachs (2006, p.

<sup>131</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>132</sup> Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

90-91), ao conceituar a lembrança e ao distinguir a história vivida da história escrita, ainda salienta que:

Ela tem tudo o que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. E as lembranças são representações que, pelo menos parcialmente, se baseiam em testemunhos e deduções são construções do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimos ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.

O líder carismático, Geraldo das Mercês, é o representante supremo do Reisado, isto é, desempenha um exemplo do poder exercido sobre os companheiros do Grupo, no sentido de estabelecer as regras que eram cumpridas nos rituais, em cada festejo. Convergem concepções a serem utilizadas na construção de uma unidade cultural. A atuação do líder, Geraldo das Mercês, é nítida e foi ressaltada pelo depoente, Alderino Carneiro de Oliveira: *A festa de Reis hoje está sendo bem, bem acompanhada. O pessoal gosta muito da festa de Reis. É um grupo especial, eu gosto muito de Geraldo, dos meninos, ele tem acompanhamento e se dedica mesmo aos Reis.*<sup>133</sup>

O líder desempenha várias atividades no Grupo de Reisado. É quem recebe o convite, quem organiza contrato para apresentar, sem a sua presença não tem festa, não tem quem o substituir. Situação que pode acontecer também com outros integrantes, uma vez que nem todos tocam o cavaquinho nem a enxada, esta que, embora seja um instrumento tão natural, não é qualquer um que sabe manuseá-la, é preciso conhecer e dominar algumas técnicas para tal. Vale ressaltar que a apresentação pode acontecer com a ausência deste último instrumento. Saturnina Brito, ex-líder de Grupo de Reis de Moça, pertencente à comunidade de Patos, ao narrar sobre o Grupo Reisado de Cabaceiras, destacou a figura do líder:

A comunidade de Cabaceiras se reúne com seu grupo, ele se anima valoriza muito porque eles devem dá valor a Seu Geraldo porque foi um homem que se dedicou. Tá em primeiro lugar em Cabaceira como líder desse reisado para dar continuidade até o fim. No meu conhecer, o Reisado de Cabaceira iniciou com Geraldo, Dadim, Luíz aqui de Patos, Coca e outros amigos, porque outros também já partiram, e todos esses homens se organizaram para juntos participar desse Reisado de Cabaceiras.<sup>134</sup>

<sup>133</sup> Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, na sede do Município de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Sambador.

<sup>134</sup> Entrevista com Saturnina de Oliveira Brito, 71 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 13 de janeiro de 2013. Sambadora, ex organizadora de grupo de reisado de moça.

Na concepção da Sr.<sup>a</sup> Saturnina Brito, a permanência da tradição do Reisado na comunidade de Cabaceiras e o reavivamento do grupo festivo são de inteira responsabilidade do Sr. Geraldo das Mercês, o qual assumiu a coordenação com muita dedicação, abrilhantando mais a festa. A Sr.<sup>a</sup> Saturnina, ao exaltar a figura do líder diante de seu papel desempenhado na comunidade de Cabaceiras, também frisou que cabe aos moradores da referida comunidade valorizá-lo, no sentido de não somente reconhecerem a sua atuação, mas, sobretudo, de auxiliarem-no com a doação de donativos para fazerem uma viagem e para fardamento.

A sociabilidade é parte imprescindível na festa, que parte dos organizadores, uma vez que os componentes não são todos de Cabaceiras; muitos pertencem a outros Povoados de Conceição do Coité. O Sr. Geraldo mostra seu esforço em divulgar o seu trabalho, destacando a contribuição de lideranças civis, políticas e religiosas.

Ah! Eu tenho orgulho em dizer e agradecer as pessoas a líder, político e líder religiosos por convidar o grupo de Cabaceira, para fazer um trabalho, fazer uma apresentação na cidade vizinha, por acaso, como graças a Deus nós toca em Queimadas, Santa Luz, Valente, Retirolândia, uma cidade, Retirolândia líder, Riachão do Jacuípe, Teofilândia, Biritinga e Barrocas, Araci, mesmo um pouco mais já todas essas cidades já divulgamos e conhece o trabalho do Grupo Reisado de Cabaceira. Tenho orgulho, graças a Deus, digo: obrigado Jesus e obrigado políticos e obrigado religiosos, certo! Como da Igreja Católica que... São uns dos líderes que dá [sic] apoio (pausa), e lá fora muitos políticos dá apoio o quanto, com muito respeito, sinto em dizer.<sup>135</sup>

O Grupo de Reis de Cabaceiras teve início com Macário, pai de Sr. Geraldo, e o Terno passou de pai para filho. Zacarias, o filho mais velho de Macário, foi o primeiro a assumir, passando para Geraldo, depois para Zacarias novamente, sendo que cada líder deveria ficar como responsável pelo Grupo num período correspondente a 07 (sete) anos, quando se troca de encarregado para que o outro descanse ou para firmar o compromisso da família em passar a tradição.

Até o final da delimitação do período estudado, o Grupo festivo estava sobre a responsabilidade de Geraldo, o qual extrapolou o limite de tempo, que, nas palavras do Sr. Zacarias das Mercês, faz mais de 20 (vinte) anos. Ao questionarmos os motivos da permanência do Sr. Geraldo das Mercês como representante do Grupo, o Sr. Zacarias ressaltou que:

---

<sup>135</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

A gente não quis mais ser encarregado, deixemos pra ele sozinho. Os outros também não quer não, pra ser um encarregado viu, a responsabilidade viu, o dinheiro que arrumar dividir certinho com os outros, com todo mundo do grupo, não era pra ser, e é uma coisa de sinceridade. Ele tem que correr direitinho com o órgão da brincadeira do reisado.<sup>136</sup>

O depoimento é nítido quanto à persistência do líder em manter a tradição ativa, uma vez que o mesmo já realizava atividades no Grupo desde criança. O Sr. Zacarias das Mercês considerou ser de muita responsabilidade o papel de um encarregado de Grupo de Reisado: *[...] não é para qualquer um, pois não coisa fácil.*<sup>137</sup> Declarou não existirem pessoas disponíveis para assumirem tal tarefa, por isso o Grupo de Cabaceiras está com Geraldo atuando durante décadas; tornando patente a importância da família para a preservação da Festa de Reis em Cabaceiras. Além disso, o Sr. Zacarias, com um ar de saudosismo, não percebeu outro sentido, além de outros significados para a Festa: considerou que o festejo não necessita de nenhum dinheiro e relatou:

Olha, nós temos é muitas culturas. Então temos muita cultura, só que hoje por motivo de nós não ter o apoio mais tem. Nós temos o reisado certo e o samba brasileiro né, como diz Jorge Amado, nós temos também a antiga cantiga de roda, que a cantiga de roda foi, é uma das grandes culturas cantadas pelas mulheres e pelos homens também. O quanto eu jovem com 10, 12 anos que participava da cultura, das cantigas de roda, como lá eu em casa mesmo, eu garoto com 4, 5 anos alcançava a cantiga de roda na varanda e o samba brasileiro, a cantiga de roda na sala e o samba no terreiro, fazia uma fogueira e as mulheres cantando roda e os homens sambando, são umas das culturas, a cantiga de roda, certo! Que são umas das coisas é, isso é uma grande cultura mais só que hoje ela caiu tanto, o bater por causa da máquina. Tem história que diz que a máquina tomou o lugar do homem, e é verdade, viu. Aí, por isso acabou, chamava o batalhão, o boi roubado e hoje a cultura naturais da gente era essa, certo. Era cantiga de roda, o samba brasileiro, e ...o batalhão. O boi roubado, na bandeira, as mulheres fazia parte, as mulheres e os homens de um lado e as mulheres do outro, certo. São as culturas que influi e hoje que é quando passa, quando alguém resgata é uma festa, porque os jovens nenhum sabe disso.<sup>138</sup>

O memorialista Vanilson Lopes, em entrevista, salientou a atuação dos cabaceirenses e a importância da família para manter uma tradição do Grupo Reisado de Cabaceiras. Vejamos o que ele nos declarou:

---

<sup>136</sup> Entrevista com Zacarias das Mercês 74 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Ex líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.

<sup>137</sup> Idem.

<sup>138</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Bom, aqui ainda tem, o pessoal fala de Cabaceiras né, é que eu vejo falar mais é do grupo de Cabaceiras. Bom, porque o grupo de Cabaceiras foi um grupo que se organizou, é um grupo assim é, é situa mais como no Povoado de Cabaceiras, também né e então, é um grupo mais assim, organizado. As tradições estão sendo mais mantidas, transmitidas de pai para filho. Então, ficaram mais organizados, então, por isso, é que existe e esse espaço entendeu? E mantém até hoje.<sup>139</sup>

Vanilson também argumentou que o Grupo de Reis que se destaca no município de Conceição do Coité é o Grupo de Cabaceiras e que a transmissão da tradição na comunidade local e região sisaleira aumentou consideravelmente, porque a família chefiada pelo seu pai, Sr. Macário das Mercês, ganhou visibilidade e credibilidade. Ao analisar a entrevista em vários momentos, percebemos como Vanilson aprofundava suas respostas, bem como que, por várias vezes, ao final da resposta, perguntava se havíamos entendido e, em muitos momentos, ele repetiu o papel da família em transmitir a tradição, deixando seu legado diante dos filhos, estes que deram continuidade à festa.

As práticas culturais continuam a ocupar um lugar central nos espaços urbanos, tornando-se também um instrumento de afirmação de pertencas culturais e de busca de formas mais efetivas de inclusão social (BITTER, 2010, p. 82). Nas cidades, com uma frequência, cada vez maior, essas práticas extrapolam limites “locais” e passam a trafegar por contextos de maior visibilidade e publicidade.

Ao questionarmos sobre a relação das autoridades públicas, como elas viam ou contribuíam para essa festa acontecer, o atual líder do Grupo Reisado de Cabaceiras demonstrou que o Grupo, nos últimos anos, tem mais liberdade, mais espaço para realizar suas apresentações, conforme o tratamento das autoridades municipais para com os festejos:

Ajuda. Tá faltando mais apoiar mais, porque hoje eu agradeço porque aqui um tempo atrás a trinta anos, trinta e cinco anos, é, é (pausa), para cantar na cidade teria que tirar documentos lá na pela justiça, porque não podia zuar não, tá zuando na cidade não pode.<sup>140</sup>

Por volta de meados dos anos de 1960, o Grupo foi impedido de realizar suas apresentações na sede do município de Conceição do Coité. Segundo relatos, as autoridades municipais alegaram o barulho na cidade. Para o Grupo festejar na cidade, foi obrigado a tirar uma Licença na justiça, licença solicitada pelas autoridades municipais. Durante as entrevistas, as quais foram todas individuais, percebemos, nas narrativas, que esta realidade

<sup>139</sup> Entrevista com Vanilson Lopes de Oliveira, 57 anos, memorialista. Concedida em concedida em sua Clínica Clin, Rua Bailon Lopes Carneiro, 138, Centro, Conceição do Coité, em 28 de agosto de 2014.

<sup>140</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

era uma regra da Prefeitura. O reisado poderia ser compreendido pelas autoridades como um grupo de samba vinculado ao Candomblé, o qual, por décadas, precisava tirar licença para realizar as festas e as cerimônias:

[...] Olha, os homens das Leis do poder que não podia bater pandeiro que suava, incomodava o silêncio. [...] Tinha que tinha uma licença pra tocar na cidade porque o povo achava é, que incomodava eles, incomodava o silêncio e aí tinha que tirar essa licença.<sup>141</sup>

No século XIX, os controles e as imposições adotadas pelas autoridades civis na Villa do município de Conceição do Coité foram implantados em Leis, com o Código de Posturas do Município da Villa de Conceição do Coité, a primeira Constituição Municipal, na qual constava:

Postura nº 33 - É proibido espetáculo público pelas ruas e praças d'esta Villa seos povoados sem prévio consentimento da Itendência e de seos fiscais nos demais povoados; pena 5\$000 de multa ou 5 dias de prisão. Postura nº34- ficção prohibidas as vozerias nas ruas em hora de silencio, injurias e obscenidades contra o moral publico e qual quer pintura ou letreiros nas paredes das cazas ou muros, sob pena de 5\$000 de multa ou 5 dias de prisão. Postura nº35- Fica igualmente prohibidos sambas e lundus n'esta Villa e seos povoados sem licença da authorityde policial, ficando responsáveis pelo menos os donos das cazas onde eles tiveram lugar sob pena de 10\$000 de multa ou 8 dias de prisão e o dobro na reidencia. Postura nº36- É rigorosamente prohibido o brinquedo de entrudo; os contraventores incorrerão na pena de 5\$000 ou 5 dias de prisão. (CÓDIGO..., 2007, p. 115).

Os espetáculos públicos, sambas, entrudos, lundus, eram práticas vinculadas à religiosidade popular e às religiões de matrizes africanas. As autoridades estavam preocupadas com as manifestações religiosas dentro do perímetro urbano. Os aportes culturais de origem africana, mesmo perseguidos pela elite republicana, sobretudo na zona rural, foram consentidos, porém com a solicitação das Licenças Municipais. Todavia, havia outros interesses por parte das autoridades municipais em adquirir benefícios: lucros para a Villa de Conceição do Coité; pois, em caso de descumprimento das Leis, para além de serem punidos, os grupos festivos eram submetidos a pagarem uma multa com valores específicos. Os controles persistiram na sociedade brasileira. Nas primeiras décadas da República, as autoridades civis pareciam confusas em relação às festas religiosas populares, principalmente

<sup>141</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

com a participação dos negros. Em meios a este emaranhado, impuseram atitudes de intolerância e repressão, que se revertiam no necessário controle das manifestações públicas e na realização de uma ação conjunta em que grupos reformadores, elite branca, bem como autoridades eclesiásticas e civis tinham em comum o desejo de civilizar a sociedade. Na cidade de Salvador, nesse período, também ocorreram restrições em que “as autoridades civis tinham obrigação de manter a ordem, o controle dos festejos de rua e a repressão a qualquer tipo de excesso.” (COUTO, 2010, p. 205).

Segundo Geraldo das Mercês, por volta de 1965, o Grupo de Reis do Sr. Macário das Mercês passou por tal situação: foi obrigado a tirar a Licença Municipal para apresentar na sede do Município de Conceição de Coité. E, a partir dos anos 1970 a 1980, ficou mais liberal nas palavras do Sr. Geraldo das Mercês. Eis o que ele rememorou:

Olha, eu mesmo sei disso porque meu pai me falava em vida dele e que isso dava dificuldade, porque ele achava, os homens das Leis do poder que não podia bater pandeiro que suava, incomodava o silêncio. Daí foi, passou uns tempos eu garotinho, mais ouvia meu pai falar da dificuldade. Ele na época ia montado de jumento, a cavalo e ele chegou uma época e disse que tirava. Tinha que tinha uma licença pra tocar na cidade porque o povo achava é, que incomodava eles, incomodava o silêncio e aí tinha que tirar essa licença. Dos anos 80, nos anos 80 pra cá com certeza aí que ficou mais liberal. Até 70 a 80 certo! Que aí melhorou a coisa.<sup>142</sup>

A memória coletiva e individual configura e reflete algo vivido no presente. Na memória do Sr. Geraldo das Mercês, foi no ano de 1972 que o Grupo de Reis de Cabaceiras não precisou mais tirar Licença Municipal, uma vez que, na gestão do então Prefeito Hamilton Rios de Araújo, foi liberada sua ação, o que se deu, provavelmente, para conquistar eleitores, haja vista que ele foi eleito pela primeira vez em um momento de seca castigante na região. E, “para conseguir seus objetivos, montou um carro pipa e, interessado em votos, aproveitando o flagelo da seca de 1970, saiu distribuindo água nas roças e povoados. Durante dois não só fez isso e muito mais: doou cestas básicas, materiais de construção, passagem de ônibus e outros benefícios.” (OLIVEIRA, 2002, p. 79). No ano em foram liberadas as Licenças Municipais, o Grupo de Reis do Sr. Macário apresentou na residência do Prefeito: *[...] inclusive nós, eu garoto, mais acompanhei e meu pai, o grupo cantou na casa dele.*<sup>143</sup>

Ao questionarmos sobre a visão do Prefeito Hamilton Rios em liberar as licenças para o Grupo Reisado de Cabaceiras, o líder disse que se sentiu agradecido pelo espaço concedido

<sup>142</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras

<sup>143</sup> Idem.



e que, embora, até hoje, tenham dificuldades para apresentar na cidade, agradece-lhe; porque olhou a classe pobre, o pessoal da zona rural e defendeu as tradições. Porém, com o passar dos anos, ao que parece, e possivelmente em outras gestões, o olhar das autoridades municipais tornou-se restrito ou omitiu a contribuição para a Festa de Reis de Cabaceiras acontecer. O atual líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, indignado, afirmou que o apoio para com os grupos festivos organizado pelas camadas populares é muito restrito. Em vários momentos, o Sr. Geraldo frisou a solicitação das Licenças Municipais para apresentar no espaço urbano de Conceição de Coité. A iniciativa para a saída do espaço rural até a sede do Município de Conceição do Coité partiu do Sr. Macário das Mercês, como fundador responsável pelo Grupo, o qual combinou fazer uma reunião com a equipe. Segundo Geraldo:

[...] e aí tentou ir na cidade pra mostrar o trabalho e eu sei, eu lembro que era menino, um garotinho e eles falaram isso, e ele conseguiu, foi lá e disse, tem que tirar uma licença pra tocar. Daí, rapaz traga o grupo aqui de Reis e canta aqui na cidade e daí procurar, tinha que tirar essa licença.<sup>144</sup>

O Sr. Geraldo das Mercês ainda acrescentou:

Ajuda. Tá faltando mais, apoiar mais, porque hoje eu agradeço porque aqui um tempo atrás a trinta anos, trinta e cinco anos, é, é (pausa) para cantar na cidade teria que tirar documentos lá pela justiça, porque não podia zuar não, tá zuando na cidade não pode. Mas, hoje graças a Deus eles foram se raciocinando, foi respeitando o negro e o pobre, porque é o carro chefe, o pobre e o negro é o que leva tudo para, pro rico que está lá na cidade e (pausa), e o negro, e o pobre é quem leva como nós levamos a cultura. Eles para não desfazer, a aprenderam a respeito à cultura para apoiar o negro.<sup>145</sup>

Entretanto, houve uma divergência nas falas dos depoentes, Zacarias das Mercês afirmou que o Grupo de Reis de Cabaceiras nunca necessitou tirar as Licenças Municipais e que com eles nunca houve nenhuma exigência. Porém, o mesmo ressaltou que outros grupos culturais tiraram: *Tinham grupo que tirava Licença, tinha grupo que tirava licença, mas a gente nunca tirou não, entrava com a cara e a coragem (risos).*<sup>146</sup>

As memórias são seletivas, tanto que, “no próprio ato de recomposição, a memória vai sendo revitalizada por meio de uma relação pessoal, subjetiva e amorosa como os tempos sidos” (SOARES, 2009, p. 103), e, muitas vezes, a pessoa narra aquilo que lembra, que

<sup>144</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>145</sup> Idem.

<sup>146</sup> Entrevista com Zacarias das Mercês, 74 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.

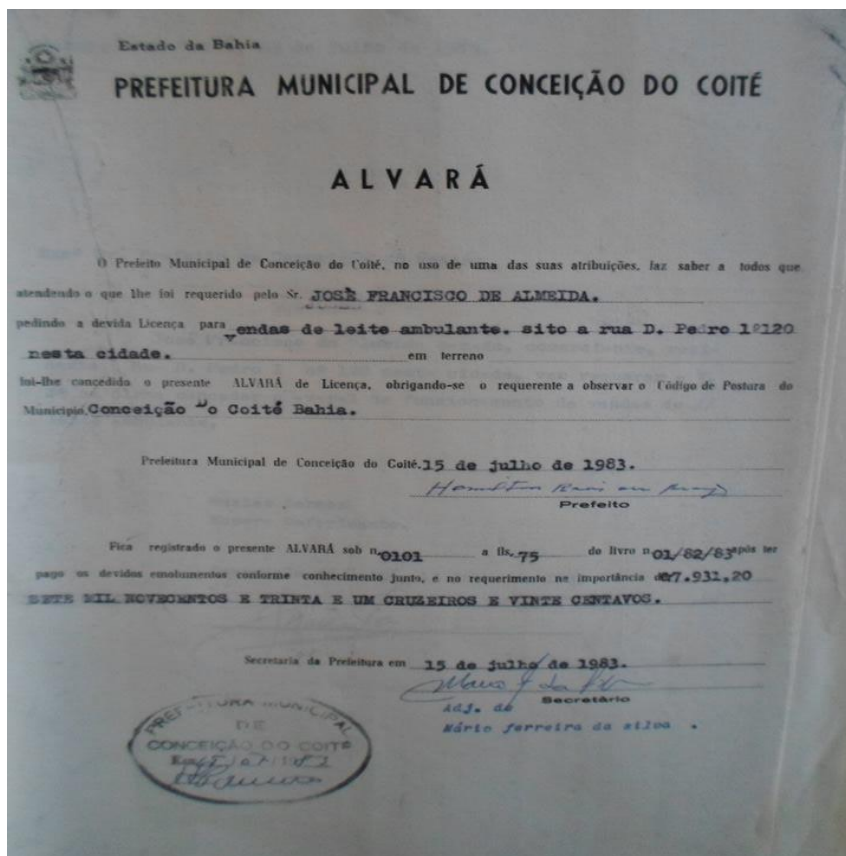
marcou momentos de sua vida. O Sr. Zacarias demonstrou que outros grupos precisaram das Licenças Municipais para realizarem suas apresentações na sede do município de Conceição do Coité e que os motivos alegados pelo poder público se davam [...] *porque podia dá qualquer confusão dentro da rua ou a polícia pegarem eles, podia ser um lote de irresponsáveis.*<sup>147</sup> diferente do Sr. Geraldo das Mercês, que viu a solicitação das Licenças Municipais como uma exigência, para coibir e impedir os grupos religiosos de se apresentarem na sede.

Na visão do Sr. Zacarias das Mercês, soou uma divergência ou um entendimento diferente. Para ele, as Licenças Municipais foram documentos de suma importância, pois garantiam que os grupos festivos pudessem realizar suas apresentações, na garantia de que tinham recebido a permissão para apresentar em determinado espaço e quanto a outros grupos não lhes caberia interferir, pois estavam com os documentos aprovados pelas autoridades municipais em mãos. Diferentemente do que pensou o Sr. Geraldo das Mercês, as Licenças Municipais não foram abolidas a partir do ano de 1972, sendo que sua solicitação vigorou, inclusive, para diversas atividades a serem realizadas, como também as mesmas sempre foram expedidas para determinados segmentos sociais.

No Livro de Alvará do ano de 1983, na gestão do Prefeito, Hamilton Rios de Araújo, encontramos uma Licença requerida pelo Sr. José Francisco de Almeida, pedida para a venda de leite ambulante na rua D. Pedro 1º, n. 120, no município de Conceição do Coité (Figura 10):

---

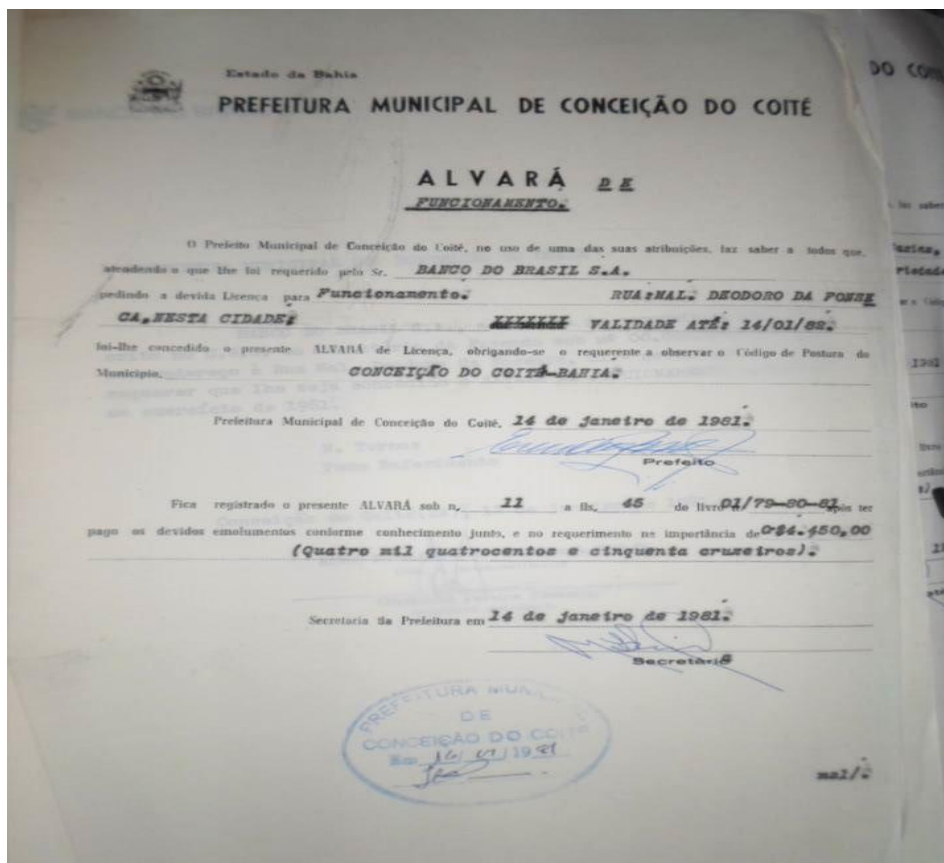
<sup>147</sup> Entrevista com Zacarias das Mercês, 74 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 10 de janeiro de 2015. Ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.



**Figura 10 - Licença para vendas de Leite ambulante, Conceição do Coité, 20016**  
 Fonte: Livro de Alvará (1983)

O Alvará de Licença sob nº 101, a fls. 75, do livro nº 01/62/83, concedido ao Sr. José Francisco de Almeida, aponta que, após ser paga a importância de Cr\$ 7.931,20 (sete mil novecentos e trinta e um cruzeiro e vinte centavos), obrigava-o a observar os Códigos de Posturas do município de Conceição do Coité. Folheamos diversos Livros de Alvarás que compreenderam a delimitação temporal desta pesquisa, porém foram poucas as Licenças encontradas no meio aos inúmeros Alvarás de Funcionamento.

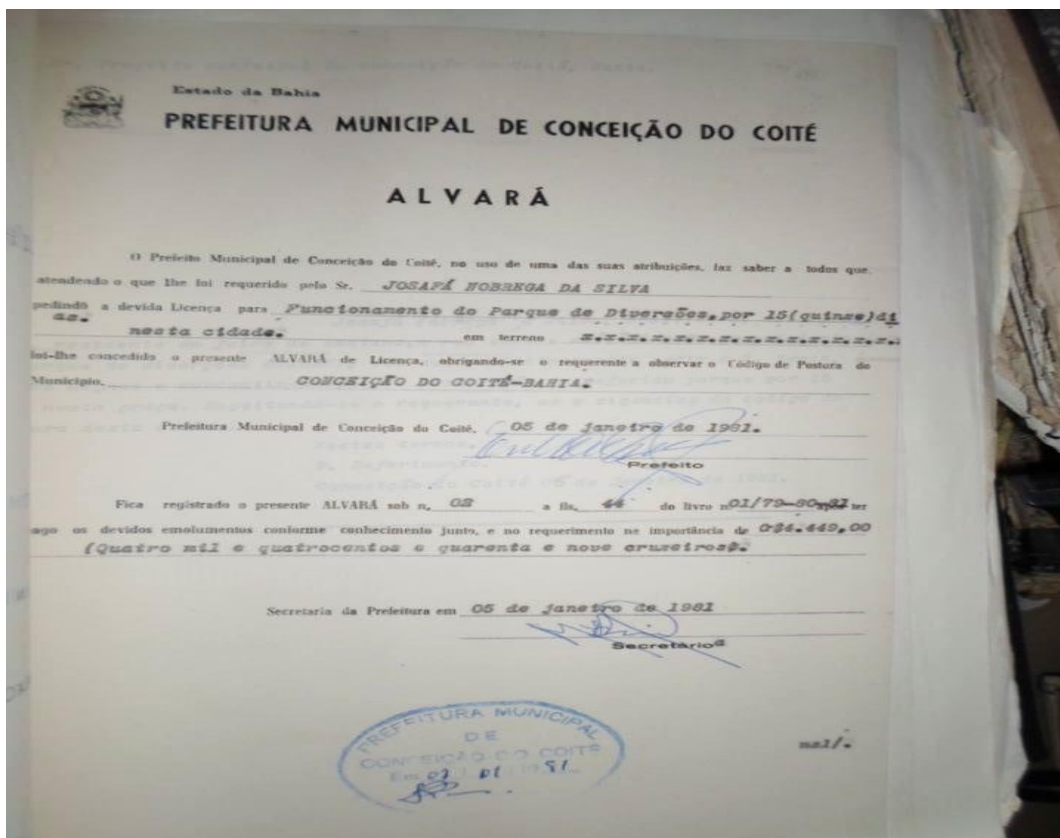
O documento a seguir (Figura 11) revela o requerimento de órgão estatal de grande porte: o Banco do Brasil. A Licença de Funcionamento com validade de um ano regulamentou o funcionamento da referida empresa.



**Figura 11 – Alvará de funcionamento do Banco do Brasil, Conceição do Coité, 2016**  
 Fonte: Livro de Alvará (1991)

Esse documento garantiu à Empresa Pública Federal, o Banco do Brasil S.A, funcionamento no referido município, através da autorização das autoridades municipais de Conceição do Coité. A Prefeitura Municipal, sob a gestão do prefeito Evódio Duca Resedá, autorizou e consentiu este Alvará para o funcionamento do Banco do Brasil. O documento, com validade de um ano, garantia a fixação do estabelecimento, o qual contribui com a quantia de Cr\$ 4050,00 (quatro mil quatrocentos e cinquenta cruzeiros). A ordem mantida pelas autoridades municipais visava angariar recursos financeiros.

O documento a seguir (Figura 12) é o concedido Alvará ao Sr. Josafá Nóbrega da Silva, o proprietário do espaço de grandes eventos culturais do município de Conceição de Coité, Alvará para o funcionamento do Parque de diversões, com validade de 15 (quinze) dias, contribuindo com o valor de Cr\$ 4449,00 (quatro mil e quatrocentos e quarente e nove cruzeiros).



**Figura 12 – Licença para Funcionamento de Parque de Diversões, Conceição do Coité, 2016**  
 Fonte: Livro de Alvará (1991)

As Licenças Municipais eram conferidas para todos os empreendimentos culturais, desde que pretendessem realizar alguma ação que envolvesse um público, a exemplo das licenças concedidas ao Sr. Josafá Nobrega da Silva para funcionamento de Parque de Diversões.

Em relação ao Grupo Reisado de Cabaceiras, não localizamos nenhuma licença concedida ao mesmo. Supomos que tais licenças não tenham sido preservadas ou que o Grupo de Reis de Cabaceiras, possivelmente, não precisou solicitar estes documentos.

### 3.3 AS AUTORIDADES MUNICIPAIS: CONTROLE E TOLERÂNCIA À RELIGIOSIDADE POPULAR

Os objetivos de proteger ou de controlar os princípios básicos da cidadania – liberdade, moralidade e respeito – configuraram-se em terras coiteenses. Os representantes civis elaboram regras, com a preocupação de defender a estrutura e a preservação do meio

ambiente; de definir a construção esteticamente correta da Villa; e, acima de tudo, de proporcionar saúde e bem-estar ao povo coiteense.

Quanto aos Códigos de Posturas, também não os localizamos nem na Câmara Municipal de Vereadores, nem tampouco no Arquivo Público Municipal. O consentimento de tais documentos demonstrou o papel ativo das autoridades municipais coiteenses, no sentido de controlarem ou de tolerarem os costumes da cidade de Conceição do Coité.

Os Grupos Populares e os seguidores de religiões de origem africana eram marginalizados pelas autoridades municipais. Fizemos entrevistas com o Sr. Geraldo das Mercês, em três momentos, nos anos de 2011, 2012 e 2014, e ele sempre ressaltou que o Grupo de Cabaceiras, sobre a coordenação do Sr. Macário, foi submetido ao constrangimento de tirar as Licenças Municipais para realizar seus festejos, principalmente na sede do município. Para Geraldo das Mercês, a solicitação das Licenças significou uma exigência, uma vez que, para os reiseiros, houve uma discrepância sobre os grupos festivos, inclusive quanto à organização das camadas populares. A indignação do líder, Sr. Geraldo das Mercês, deu-se, sobretudo, pelo fato de seu grupo não festejar durante a Festa Oficial (Coité Folia, antigo Micareme). O desejo de Geraldo das Mercês e de seus companheiros era muito grande: almejavam festejar durante o Coité Folia; ou seja, apresentarem-se na festa organizada pela elite coiteense, evento que acontecia na avenida da cidade num período de três a quatro dias, geralmente após a Páscoa, com trios elétricos e diversas bandas musicais compostos de cantores famosos vindos da Capital baiana e de outros Estados brasileiros.

Para os sambadores, a Coité Folia seria uma possibilidade de o Grupo de Reisado se tornar mais conhecido, uma vez que estaria apresentando para um público diversificado e bastante amplo. Todavia, a Festa de Reis não fazia tanto sentido para os gestores municipais, visto que os sambadores solicitavam representante municipal e não foram atendidos neste sentido, como frisou Luiz Oliveira: *[...] a gente vai lá e faz apelo, mas ele não bota não.*<sup>148</sup>

O relato do Sr. Luiz de Oliveira demonstrou que o líder do Grupo de Reis de Cabaceiras juntamente com seus companheiros recorreram aos gestores públicos com o objetivo de conseguir espaço na Coité Folia, situação que não foi concretizada, pois os representantes municipais não deram a oportunidade para se apresentarem na Festa maior da cidade: o Coité Folia. Os reiseiros relataram que aguardam uma oportunidade para levarem o Grupo Reisado de Cabaceiras aos Trios Elétricos, almejando festejar no maior evento público da cidade de Coité e divulgar ainda mais o trabalho do Grupo de Cabaceiras. Ao

---

<sup>148</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo Reisado de Cabaceiras.

questionarmos se o Grupo de Reis de Cabaceiras já tinha apresentado em algum evento público em Conceição do Coité, Sr. Geraldo respondeu:

Não, não, não olha nas festas do município da cidade não, inclusive aniversário da cidade é festas de exposição, nós não temos o apoio, que aí, nós poderíamos é só apresentar para levar esse trabalho é lá pra fora de onde vem pessoas, capaz, pessoas de porte pessoas que tem conhecimento do que é cultura, para levar o nosso trabalho, mas nós não somos convidados. Nós não temos apoio que precisamos. É disso que é o apoio do poder público municipal, mas tem outras cidade. Porque hoje nós fomos libertados, nós somos é democráticos [sic], nós temos um país hoje, né, libertados, mais aquele que temos direito, podemos fazer em qualquer lugar, e mais já nessa linha, não temos, o apoio que nós temos hoje de fazer um trabalho uma apresentação. Nós fomos para Candéal e fazemos um trabalho da cultura lá na Praça de Candéal, tivemos agora na nossa cidade, mas pelo poder público não, por que nós poderíamos ter esse apoio e não temos.<sup>149</sup>

Os sambadores cabaceirenses são conhecedores de seus direitos e percebem uma má administração no que tange aos benefícios destinados aos grupos festeiros populares. Sobre o olhar do poder público municipal ao Grupo Reisado de Cabaceiras, Luís de Oliveira acrescentou:

O poder público, assim mesmo, a gente forçando lá, ai, mais praticamente não viu, agora que com Nilson mesmo, entrou da Igreja com outro rapaz ai, já teve outro evento ai, mas teve nada do órgão público de Coité é tudo do governo estadual que está colaborando com tudo.<sup>150</sup>

Muitas vezes, os reiseiros de Cabaceiras recorreram às autoridades municipais em busca de donativos ou de outros meios para manter o Grupo. O Sr. Luís mencionou o nome de “Nilson”, leigo bastante atuante na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, muito atencioso e responsável pela aproximação dos grupos festivos nos eventos públicos ocorridos na Praça da Matriz. Os reiseiros de Cabaceiras sentem-se mais acolhidos e agradecidos pelas autoridades municipais de outras cidades. *Coité é uma cidade que menos dá valor o folclore, de toda essa região aqui, é o menos da região que dá apoio é Conceição do Coité.*<sup>151</sup>

As autoridades eclesíásticas e de outros municípios foram exaltadas por Geraldo das Mercês, que, lisonjeado, descreveu:

<sup>149</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>150</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>151</sup> Idem.

Ah! Eu tenho orgulho em dizer e agradecer a pessoas a líder político e líder religiosos por convidar o grupo de Cabaceiras para fazer um trabalho, fazer uma apresentação na cidade vizinha, por acaso, como graças a Deus nós toca em Queimadas, Santa Luz, Valente, Retirolândia, uma cidade (pausa) Retirolândia líder, Riachão do Jacuípe, Teofilândia, Biritinga e Barrocas, Araci. Mesmo um pouco, mais já todas essas cidades já divulgamos e conhece o trabalho do grupo Reisado de Cabaceiras. Tenho orgulho, graças a Deus, digo: obrigado Jesus e obrigado políticos e obrigado religiosos, certo! Como da Igreja Católica que são uns dos líderes que dá apoio... e lá fora muitos políticos dá apoio o quanto, com muito respeito, sinto em dizer, mas eu não, eu não vou, não vou mentir, eu não posso dizer que a minha cidade, não me dar um apoio, como teve a festa, aniversário da cidade, e eu não tive o direito de apresentar o trabalho do grupo de Reisado de Cabaceiras, na minha cidade, no palco que teve na festa.<sup>152</sup>

Todas as entrevistas foram feitas individualmente. Sobre a participação das autoridades municipais em apoiar o Grupo de Cabaceiras, houve uma convergência nos relatos, em que todos os interlocutores afirmaram o auxílio limitado dos políticos locais. Eis o relato de Armando dos Santos Oliveira, vice-presidente do Grupo de Reis de Cabaceiras:

Já apresentamos vários lugar como aniversário da cidade, a gente já foi em várias cidade já, já teve...festa da gente fazer em dois, três lugares num dia só através de evento e olha aniversário da cidade, outro aniversário de sindicato, outro aniversário de coisa e a gente fazia três apresentação num dia só por causa disso. Também já participamos em aniversário da cidade, já participamos da festa da Padroeira de Coité, a gente participa todo ano, festa de sindicato, também já passamos na faculdade. Então, já tocamos no público, pro público, então, vão dizer mais ainda onde a gente demora de tocar em Coité, quando faz a praça que a gente toca no momento é cheia.<sup>153</sup>

As autoridades municipais têm o dever de Legislar e de estabelecer ordens para o funcionamento condizente da sociedade. Em Conceição do Coité, as solicitações das Licenças fizeram parte do controle e das restrições, visto que apareceram nos relatos do Grupo Reisado de Cabaceiras. Segundo Sr. Geraldo das Mercês:

É de anos pra cá. Antigamente pra mim, do tempo de meu pai, logo quando ele chegou, há 50 a 60 anos atrás não. Aí disse não, nós vamos apresentar, e foi que houve uma discussão tal e tal falando sobre o povo falando, eu estava falando o pessoal tira uma licença aí para apresentar na cidade.<sup>154</sup>

<sup>152</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>153</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>154</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.



As autoridades municipais, em respeito à fé cristã e ao clientelismo político, apoiavam as festas sagradas, como consta na Sessão da Câmara de Vereadores de Conceição de Coité, de 06 de abril de 1987, porém o Reisado de Cabaceiras poderia se constituir como um samba de negros desordeiros:

Fica as festas momescas desta cidade a ser realizada a partir do sábado que antecede ao segundo domingo de Páscoa, Art. 2, a referida festa terá data específica pelo fato de não termos data certa em nossos calendários momescos. Usou também o SR. Vereador Hélio Alves Maciel, dizendo que nós não precisamos tanto da festa momesca como precisamos da Igreja, pois a Igreja é o próprio do povo e que é favorável pela mudança da data do Micareme. (ATA..., 1987, n.p.).

A participação de líderes religiosos, sobretudo da Igreja Católica, foi de suma importância para a vida social dos coiteenses. O Pe. Luiz Rodrigues, ao chegar ao município de Conceição do Coité, manteve presença em muitas discussões da Câmara de Vereadores do Município de Conceição do Coité. O Pe. Luiz Rodrigues participava das reuniões da Câmara de Vereadores, quase todas as noites, para discutir sobre questões sociais:

Até pela madrugada, estivemos aqui nesta casa, a partir daí, não me afastei em nenhum momento da vida social de Coité. Poucos sabem que estudei o ano passado todo para lecionar em Salgadália gratuitamente em um Colégio que vive as duras penas e que talvez seja fechado este ano por incúria e irresponsabilidade de que deveria ser mais criterioso. Tenho estado presente na vida deste município, inclusive entrei na luta pela Faculdade de Coité. Também sobre suspeita e rejeição. Estou nela não sair com limitações, inclusive de ordem, estou doente. Informação a respeito disso, acho que tenho direito de fazê-lo como contribuinte e cidadão entre outras coisas. (SESSÃO..., 1991, n.p.).

O Ofício nº 92/69 do Sr. Prefeito, encaminha anteprojeto de lei nº 10, que abre um crédito especial de Cr\$ 3.700,00 para correr com as despesas da Semana da Pátria e da Cultura. A Semana da Cultura é uma festa compreendida entre os dias 01 a 07 de julho, período em que é comemorado o aniversário de emancipação do município, evento este que contribui com os grupos religioso-culturais, os quais realizam suas apresentações em um dia determinado pelos organizadores. Nos recortes do Jornal *A Prensa* (1985), há uma informação de Festas tradicionais do município coiteense:

Mesmo animado pelos sons dos trios elétricos, a Micareme não faltou exemplos típicos de tradições populares. O Bumba meu boi, foi um dele, e conforme uma tradição coiteense, esteve nas ruas no final da Micareme,

terça-feira à tarde, conseguindo empolgar muita gente. O prefeito em exercício, Emério Resedá, sempre presente à folia, afirmou que a Prefeitura mais uma vez fez todos os esforços possíveis para transformar a Conceição do Coité na sede da alegria e que sentia-se feliz por ver desejo concretizado.<sup>155</sup>

No limiar dos anos de 1985, a festa tradicional em Conceição do Coité envolveu diversas atividades e grupos populares, que incluiu o bumba meu boi, tornando-a mais atrativa. Através da combinação daqueles espetáculos ao som dos trios elétricos, os foliões, na imensa empolgação, viram findar a micareme que revestiu o cenário de Conceição do Coité, compreendendo aquele momento de diversos segmentos sociais, sobretudo na participação artística.

### 3.4. AS TRANSFORMAÇÕES DA FOLIA DE REIS NO ESPAÇO URBANO

A modernidade chegou a terras sertanejas, causando surpresa, medo e curiosidades. Oliveira (2011, p. 19-20) debruçou-se sobre aspectos de modernidade na cidade feirense:

As chegadas de modernas tecnologias colocavam sujeitos históricos diante da questão da recepção. Explicando: a utilização de produtos e equipamentos ampliava o leque de expectativas e criava nova sensibilidade. O quadro surgido sugeria a adoção de alguns padrões de comportamento, práticas que colocaria a altura de “outras praças civilizadas”. As modernagens cobravam junto com sua utilização novas maneiras de comportamentos e outra economia de gestos e desejos. Associadas ao consumo de produtos progressistas, a urbe letrada produzia uma norma culta.

A década de 1960 foi um período de introdução de vários aparatos da vida moderna no Brasil, sobretudo no Sertão Baiano. Em suas análises, Oliveira (2011) evidencia que a chegada das tecnologias no Sertão, mais precisamente em Feira de Santana, possibilitou mudanças de valores e comportamentos das pessoas. Em Conceição do Coité, alterou novas maneiras de se posicionarem na sociedade; além disso, os reiseiros tornaram-se mais críticos, denunciando injustiças e apelando aos governantes. Acreditamos que estes tiveram alguns meios que ampliaram informações, mantendo-os mais atualizados.

Soares (2009, p. 47) apresenta o Sertão representado por Eurico Alves, “como filiado à tradição de pensamento que prefigura o Brasil como constituído como litoral e sertão,

---

<sup>155</sup> Como se trata de um recorte, não há como identificar a página em que esse texto se encontra no jornal.

remetendo sempre para outro par de opostos: o urbano e o rural, ou uma variação deste: campo e cidade.”.

Para Soares (2009), a escritura euriquiana inscreve-se no contexto de transformações históricas que redimensionam a sociedade brasileira entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Soares (2009) considera o discurso de Eurico Alves um emaranhado em que se entrelaçam processos sociais e símbolos, sugerindo nos atentarmos para o fato de que as mudanças acometidas no País se dão de formas diferenciadas.

O município de Conceição do Coité foi contemplado com alguns equipamentos da modernidade a partir de 1960. D’Vilanova (2011) destacou a chegada da iluminação pública no ano de 1965 no período do Governador da Bahia do Dr. Lomanto Júnior. Eis como D’Vilanova (2011, p. 118) descreveu as mudanças ocorridas no município de Conceição do Coité:

A iluminação pública antes era movida a “Motor de Luz”. As Lâmpadas nos postes eram acesas por um encarregado que as acendia uma a uma. A Embasa iniciou suas atividades através do então Secretário Estadual Dr. João Durval Carneiro e do Governador Antônio Carlos Magalhães. Antes o nosso município sofria muito durante as longas estiagens. Muitas vezes era necessário ir buscar água em Caldas do Jorro município de Tucano, como fez muitas vezes o Sr. Valdomiro Carneiro no ano de 1961.

Segundo D’Vilanova (2011), os anos 1960 foram um marco inicial para o aceleramento da ciência e da tecnologia, fazendo o progresso chegar até a região. Neste período, a cidade de Conceição do Coité iniciou seus primeiros avanços e seu desenvolvimento, com o aperfeiçoamento e a substituição da energia movida a motor para energia elétrica; e, com a implantação da Embasa, forneceu aos lares dos coiteenses a água que percorria distância conduzida pelos canos, ou seja, cilindro oco e longo, de plástico. Assim, no seu dia a dia, as pessoas iam incorporando novas conquistas nos campos da tecnologia, da construção e da eletricidade. A década de 1960 assinalou a expansão urbana do município de Conceição do Coité.

A década de 1970 também foi um período de transformações na sociedade coiteense, principalmente a respeito da educação, motivando o alunado e profissionais coiteenses. No ano de 1971, foi concluído o Colégio Polivalente Conceição do Coité, “uma unidade educacional com novas metodologias, que ofereciam além de novas disciplinas, laboratórios bem equipados de ciências físicas, biológicas e muitas outras novidades.” (D’VILANOVA, 2011, p. 113).

No final da década de 1980, o Grupo de Reisado de Cabaceiras ganhou mais visibilidade no município de Conceição do Coité e suas apresentações tornaram-se pujantes na Sede do município. As apresentações adquiriram nova roupagem, o Reis de Visita passou a ser um espetáculo com festejos nos palcos, coretos, em praças, a convite de órgãos municipais e em encontros de grupos populares. E, por volta do ano 2000, ano da gravação do primeiro CD, momento que o Grupo considerou um grande marco, os festejos já haviam se difundido na Região Sisaleira. Durante anos, a Festa de Reis vinha sofrendo transformações, ocasionadas pelo abandono de partes do espetáculo realizado na zona rural por motivos que lhe foram impostos.

No Reisado de Cabaceiras, estavam presentes vários aspectos associados ao meio rural compreendendo o ritual do festejo, em que os sambadores utilizam como instrumentos musicais uma cuia<sup>156</sup> e uma enxada, esta que, depois de utilizada no trabalho, desgastada e retirado o seu cabo, tornava-se um instrumento: os sambadores batiam uma colher na mesma, produzindo sons.

Somente quando o Grupo de Reisado tomou novo formato, com a gravação do seu primeiro CD, no sentido de grupo organizado, “passou a apresentar em outros espaços, como no Clube.”<sup>157</sup> No discurso desse depoente, Sr. Gregório dos Santos, o clube é um espaço diferente e mais estruturado, pois um clube era um ambiente que, além de por ele passarem outros artistas “famosos”, compreendia um local de visibilidade para uma comunidade, pois era nele que aconteciam diversos eventos culturais.

Sobre o Reis de Visita, o tempo para apresentação era determinado pelo convidado ou pelo organizador da festa, o que torna um elemento que difere do Rei de Corrida, conforme Armando Oliveira:

O ritmo é o mesmo, agora só que o Reis de Corrida, você tem o intervalo de uma casa, de um espaço, de uma casa pra outra e o Reis de Visita, quando você chega em sua casa não, aí você se é duas horas, é duas horas, se quatro horas é quatro horas de show, e aí pronto termina aquele horário.<sup>158</sup>

Os festejos aos Santos de Cabaceiras por muito tempo se configuraram no aspecto de apenas festa religiosa, denominada Cantoria de Reis. O termo *show* surge nas narrativas como um instrumento de inovação juntamente com o grupo, compreendendo, assim, uma das

---

<sup>156</sup> Fruto da cabaça que, depois de seco, parte-se ao meio, virando um recipiente.

<sup>157</sup> Entrevista com Gregório Alves dos Santos, 84 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 04 de fevereiro de 2013. Ex-membros do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>158</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

transformações urbanas, espetáculo para consumo, e o aspecto religioso ficou mais “tímido”. As pessoas que comungavam da tradição do Reisado se sentiam inseridas no Grupo, pois essa prática fazia parte de sua vivência enquanto sujeitos, compreendia uma maneira de divertimento, assim como descreveu o depoente Armando Oliveira: *Tem gente que faz aniversário gosta e leva a gente pro aniversário; outros faz por gostar mesmo né, aí eles dizem assim: pronto eu gosto da folia de Reis, vem cantar na minha casa, aí faz o convite pra gente, aí a gente vai.*<sup>159</sup>

Após ganhar mais visibilidade no espaço urbano, os integrantes do Grupo incluíram no ritual uma roupa padrão: uma camisa (vermelha, amarela e preta, azul ou verde) com o pé de sisal<sup>160</sup> na frente e calça *jeans*. A vestimenta era complementada com chapéu de couro ou de palha. As demais pessoas acompanhavam o Grupo com roupas comuns. A juventude marcava presença, porém com menor intensidade que os demais segmentos. Essa constatação preocupa Sr. Geraldo:

A maior é isso que tenho de é de eu não ter um apoio, para que eu montasse uma escola para ensinar os jovens, para que incluir até aquelas pessoas novas. Que tem pessoa do grupo que estão classificados, que não estão pronto de ter aquela possibilidade de talento de amanhã. Se eu morro amanhã é (pausa), e não tem pessoas para dizer assim, olha Geraldo morreu, mas nós vamos tocar o grupo, nós vamos fazer a mesma coisa. Toda minha preocupação é essa, já pensou se eu tenho recursos para fazer, preparar o pessoal. Inclusive mesmo alguém do grupo que faz o trabalho, que não estão bom.<sup>161</sup>

A preocupação de Sr. Geraldo foi amenizada com a presença de crianças na reprodução da festa, garantia de continuidade, estas que, assim como ele, festejam os Santos Reis desde os quatro anos de idade, aprendendo logo cedo a importância da festa. Desse modo, crianças e jovens seguem o Grupo, festejando, seja por devoção, seja por divertimento. A festa é uma oportunidade de o indivíduo atuar, expressar sentimentos e, ao mesmo tempo, reivindicar seus direitos, pois, como afirma o jornal *O Sertão* (2003), é através da cultura que a sociedade progride. Brandão (2010, p. 12) destaca a relação da vivência religiosa com o aspecto rural das festas dos Santos Reis:

Esse cotidiano está associado ao trabalho no roçado, às conversas com os vizinhos, aos espaços de sociabilidade e de fé como as diversas ladainhas rezadas nas casas e, principalmente com a organização da festa em louvor

<sup>159</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de dezembro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>160</sup> Principal planta cultivada na região e que originou o nome do Grupo de Reisado de Cabaceiras.

<sup>161</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de junho de 2012. Organizador da festa (Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras).

aos Santos Reis. Mas, esse cotidiano marcado pelas regras, pelas atividades repetitivas e cansativas da labuta diária, é interrompido pela subversão dessa ordem provocada pela festa que simboliza o momento de extravasar e ao mesmo tempo repor as energias para voltar ao seu dia-a-dia ordenado por regras já estabelecidas, ou seja, o cotidiano não é estático, ele é construído a partir das relações sociais o que possibilita ser sempre reinventado.

O objetivo de festejar aos Santos Reis coloca essas expressões presentes como sagrada através da devoção e da fé dos participantes da folia. “Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina.” (ELÍADE, 1992, p. 80).

A partir dessas reflexões percebe-se que a festa dos Santos Reis em Conceição do Coité desempenha várias funções, dentre elas a de funcionar como válvula de escape para as pessoas que vivem do árduo trabalho no campo para garantir sua sobrevivência, ou seja, a festa é o outro lado dessa realidade – ela quebra com as convenções de comportamentos ordenados cotidianamente e possibilita viver o prazer no sentido mais amplo do termo, possibilitando um momento de lazer e de diversão, uma vez que representa, também, um intervalo na rotina diária de trabalho dos moradores da comunidade de Cabaceiras para usufruir dessa prática social festiva que é pensada e elaborada, cotidianamente, durante todo o ano.

Ao relatar sobre a Festa aos Reis, o Sr. Geraldo Henrique das Mercês demonstrou a relação da comunidade e o reconhecimento do Grupo e admitiu que os moradores de Cabaceiras valorizam o seu Grupo festivo:

[...] todo mundo considera, todo mundo respeita e apoia, porque aqui hoje, Cabaceiras chama a fonte do Reisado, a fonte da cultura, à raiz de onde nasceu o Reisado de Cabaceiras. E graças a Deus, o pessoal dá apoio, incentiva, inclusive quando eu faço aqui nesse povoado é, nem só Cabaceiras como toda região e a sede da cidade vem gente e mais um ano todo.<sup>162</sup>

A folia de Reis tornou-se uma característica da comunidade de Cabaceiras. O Grupo de Reis preservou esta prática religiosa com muitos esforços, pelo fato de gostar da própria festa e também por considerar uma forma de eles serem vistos e reconhecidos como sujeitos ativos, conscientizados da relevância da cultura popular perante a sociedade em geral. “Os eventos culturais não são coisas, objetos, mas produtos significantes da atividade social de homens determinados, cujas condições históricas de produção, reprodução e transformação devem ser desvendadas.” (ARANTES, 2006, p. 51). O Sr. Luiz Pinto de Oliveira, Integrante

---

<sup>162</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

do Grupo Reisado de Cabaceiras (cantor que faz a segunda voz, acompanhando Geraldo das Mercês), ao rememorar as primeiras apresentações do Grupo, descreveu o seguinte:

Essa festa de Reis, quando me entendi já existia, mais só no final de ano, as pessoa saiam cantando nas casas, todo a pé andava até oito a dez Km numa noite, ninguém ganhava nada, todo mundo tinha prazer. Hoje não, pra sair tem que ter transporte, dinheiro, bebida, tem que ter tudo, é uma grande exigência diferente de antigamente.<sup>163</sup>

As narrativas de Sr. Luiz e as de Sr. Geraldo Henrique das Mercês reportam-se às primeiras apresentações do Grupo Reisado de Cabaceiras, relatando como as festividades do Grupo se modificaram ao longo do tempo, pois cada narrativa destaca elementos distintos que as compunham, como: o trajeto, a transferência da festa e as fantasias; enriquecendo não apenas as possibilidades de entendimento do passado, mas como o Grupo é lembrado no presente. A festa pode ser vista como um espaço privilegiado para se romper com os padrões estabelecidos e divertir-se coletivamente, permitindo, por conseguinte, outros intercursos sociais, uma vez que os festejos interferem nos aspectos da sociedade a que estão associados.

Em Conceição do Coité, além de realizar suas práticas, ações rituais em âmbito local, organicamente dentro de suas redes de sociabilidades, as Folias de Reis transitam em outros contextos de natureza variada, revelando mais claramente outras dimensões dessas festas. Suas ações extrapolam o calendário propriamente festivo católico e fazem com que, muitas vezes, folias estejam em atividades ao longo de quase todo o ano. Este é o caso quando o Grupo é convidado a comparecer a uma festa, dinamizando intensamente o universo de relações sociais e de trocas pessoais em torno das Festas de Reis, circunstâncias que favorecem a que os festeiros considerem essa tradição do reisado mais atrativa e valorizada por elas abrangerem outros espaços e outros segmentos sociais ou mesmo outro público, como frisou o Sr. Zacarias das Mercês, ex-líder do Grupo Reisado de Cabaceiras:

Às vezes se encontram, se misturam com os outros, as vezes e vão. O Reis de Visita, as vezes tem uns zozotros, sambada de Reis de Visita, eles convida, uns aos outros, aí se reúne tudo, brinca até de manhã, e, de manhã todo mundo vai embora. A partir dos encontros, como Riachão mesmo, vou um Riachão para gravar tudo e levar pra São Paulo a cultura do Reisado, das sambadas, aí reúne os grupos tudo e vão, e, lá cada qual faz seu horário na hora de sambada e ele grava tudo e leva pra São Paulo, aí começou a ficar a apresentação. Antes só era mesmo aquele povo mais velho, não saia assim, para se apresentar nos lugar e hoje, se apresenta nos lugar.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Patos, em 08 de junho de 2012. Integrante do grupo (cantor, fazendo a segunda voz com Geraldo das Mercês).

<sup>164</sup> Entrevista com Zacarias das Mercês, 74 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 10 de março de 2015. Ex-líder do Grupo de Reis de Cabaceiras.

Conforme já foi frisado, esta é outra forma comum de participação e de interação desses grupos festivos, dizendo respeito aos encontros culturais também muito recorrentes. Normalmente organizados por instâncias do poder público, como prefeituras municipais ou Secretarias de Cultura ou ONGs que tratam de problemas da região do semiárido, como o Movimento de Organização Comunitária (MOC), sediado em Feira de Santana, Bahia. O MOC é uma organização não governamental, que busca contribuir para o desenvolvimento integral, participativo e ecologicamente sustentável do semiárido baiano e desenvolve ações estratégicas nas áreas de: educação do campo, fortalecimento da agricultura familiar, água e segurança alimentar, criança e adolescente, gênero, comunicação e políticas públicas.<sup>165</sup>

A atuação do MOC fez parte da trajetória de luta e de intervenção social nos municípios da Região Sisaleira. Faria (2014, p. 56) ressaltou as iniciativas do MOC, para a afirmação e para a concretização de políticas públicas, visando a melhoria da vida dos agricultores e das agricultoras dessa região:

Em meados de 1970, já com razoável penetração nas comunidades rurais e refletindo melhor sua prática, o MOC se insere no campo da Educação Popular, além da inserção no campo do sindicalismo rural, fomentando e apoiando os trabalhadores com vista à conquista da direção das entidades sindicais e renovação das suas ações, enfatizando especialmente a questão econômica dos agricultores familiares e a luta pela terra.

A presença ativa do MOC na Região Sisaleira fomentou as políticas públicas, visando o crescimento e a visibilidade de grupos organizados pelas camadas populares, bem como a resolução ou paliativos de situações emergentes concernentes aos agricultores do semiárido.

Em 1980 o MOC realizou muitos encontros de troca de experiências entre as comunidades rurais dos vários municípios. Nesse processo, entra em cena uma nova vertente: a discussão dos problemas econômicos dos agricultores familiares, especialmente, aqueles que se manifestavam no dia a dia: a exploração no processo de comercialização dos produtos dos agricultores. (FARIA, 2014, p. 58).

Muitas conquistas que foram asseguradas e postas em práticas favoráveis às camadas populares tiveram iniciativas através do MOC, este que, diante de reflexões para solucionar ou amenizar problemas, sobretudo econômicos, educacionais, sociais e culturais, promoveu diversas ações e transformações da realidade. Foram muitas conquistas implementadas ao longo da trajetória da atuação do MOC na Região Sisaleira, em prol dos agricultores, das

---

<sup>165</sup> Disponível em: [www.moc.org.br/noticias.pgp.?período 2007](http://www.moc.org.br/noticias.pgp.?período 2007). Acesso em: 15 mar. 2015.



camadas populares e dos grupos culturais, o que abarcou jovens e crianças. Sobre atividades afirmadas pelo MOC e com a parceria das entidades municipais, estaduais e federais, vale destacar:

A criação das cooperativas de crédito para atender as necessidades dos agricultores e agricultoras familiares. Criadas a partir dos fundos rotativos de crédito (um fundo para pequenos empréstimos), já em meados da década de 1990, as cooperativas permitiram aos agricultores e agricultoras familiares acessarem linhas de crédito para melhorar a sua produção. Nesta mesma década ocorre a inserção do MOC na educação do campo. Iniciado em 1987, o programa de Alfabetização de Jovens e Adultos vê sua estrutura e funcionamento se esvaír pela presença de várias ações governamentais que objetivavam os mesmos resultados. Assim gradativamente vai sendo substituído pelo CAT – Conhecer, Analisar e Transformar – processo que marca a entrada do MOC na qualificação dos professores das escolas públicas municipais, especialmente as rurais. Ação que envolve o trabalho de parceria com prefeituras municipais e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A partir de 1996 o MOC foi convidado a assumir uma parceria no combate ao trabalho infantil através do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), especialmente na Região Sisaleira, onde crianças eram submetidas ao trabalho explorador e de alto risco, prejudicando a vida, sacrificando a escola, tendo violados e ceifados seus direitos de ser criança. Esse trabalho gerou um conjunto de mobilizações e permitiu a possibilidade de convivência, embora não realizada sem conflitos e divergências, entre os movimentos sociais e os poderes públicos municipais. (FARIA, 2014, p. 58).

Este movimento (o MOC) é uma associação sem fins lucrativos, reconhecido pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e outras entidades públicas, com uma metodologia de apoio à mobilização da sociedade civil na luta pelo exercício dos seus direitos, o que se estende até mesmo para outros estados, como Sergipe. “Sua atuação se desenvolve através de programas, voltados para a formação de pessoas/lideranças, fortalecimento de organizações/instituições populares.” A imagem a seguir (Figura 13) revela as atividades promovidas pelo MOC, voltadas para as práticas culturais e sociais da Região Sisaleira, e registrou a participação do Grupo de Reisado durante as atividades desenvolvidas pelo MOC em Feira de Santana, Bahia, no ano de 2003:



**Figura 13 – Certificado de apresentação do Grupo Reisado de Cabaceiras**  
 Fonte: Acervo próprio<sup>166</sup>

As atividades organizadas pelo MOC se consolidaram por meio de programas voltados para a formação de pessoas e de lideranças, para o fortalecimento de organizações e instituições populares e para a interferência em espaços onde se dão a construção, a elaboração e o controle social de fomentação das políticas públicas, visando apoiar, instigar, ajudar os agricultores e as agricultoras, as associações de bairros e os grupos populares culturais, e dar visibilidade aos protagonistas: os sertanejos. O Reisado de Cabaceiras também entrou na agenda dessa ONG que atua no semiárido.

### 3.5 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO: O USO DA MÍDIA

Nas cidades, com uma frequência cada vez maior, essas práticas festivas extrapolam limites locais e passam a trafegar por contextos de maior visibilidade e publicidade, conforme o depoimento de um reiseiro: *não aconteceu só aqui em Coité não, já aconteceu em vários lugares, até em Salvador. É uma satisfação, uma alegria não só aquele pessoal da roça hoje que leva isso ao pé da letra, o pessoal da cidade também tá aprendendo a gostar da coisa.*<sup>167</sup>

Esses deslocamentos possibilitam uma maior forma de interações e de vivências na festa como um todo. Em suas andanças, os sujeitos fazem emergir específicas singularidades. Eles emprestaram seu anonimato, a transitoriedade dos seus passos e as suas aspirações, bem como “as reinvenções introduzidas na tradição contribui para dinamizar o grupo, fazendo-o permanecer pela própria capacidade de inserir novos significados, acompanhando aos apelos da modernidade.” (MIRANDA, 1999, p. 141-142).

<sup>166</sup> Certificado fotografado, com a permissão do Líder do Grupo.

<sup>167</sup> Entrevista com Armando dos Santos Oliveira, 60 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 24 de fevereiro de 2013. Vice-presidente do Grupo Reisado de Cabaceiras.

As apresentações do Grupo Reisado de Cabaceiras se multiplicaram na forma de espetáculos artísticos exibidos em teatros, palcos ou praças, pressupondo um diversificado público: [...] *a gente apresenta, já fomos à Faculdade de Feira de Santana duas vezes, já fomos no Colégio Santo Antônio, já fomos no Colégio Modelo, já fomos em Biritinga, em um monte de cidade, pontuou o reiseiro.*<sup>168</sup> Após ganhar mais visibilidade, o Grupo Reisado de Cabaceiras realizou algumas mudanças, como o uso de roupas padronizadas e a inclusão de outros instrumentos musicais: a guitarra e os microfones passaram a compor o novo “estilo” do Grupo Cabaceirense, nesse caso já menos rural e mais urbano.

A mercantilização da Folia de Reis tornou-se uma realidade, o que denota transformações de uma atividade lúdica e religiosa. Conforme Luiz Pinto Oliveira:

Essa festa de Reis quando eu me entendi já existia, mais só no final de ano de Reis assim, que saia cantando nas casas, todo mundo de a pé, a gente andava até 8 à 10 km numa noite. Ninguém não ganhava nada, todo mundo tinha prazer. Hoje não, pra sair tem que ter transporte, tem que ter dinheiro (pausa), bebida, tem que ter hoje tudo, é exigência e tudo, diferente de antigamente. Numa parte antigamente era até melhor por que a gente não tem. Hoje a gente não (pausa), uns vai pega o dinheiro, tem mais sabedoria dar um a mais, dar outros nada, outros fica com tudo e á assim, antigamente não a gente fazia por amor mesmo. Antigamente não, a gente fazia por amor mesmo.<sup>169</sup>

Nota-se uma alteração na forma de alguns membros do Grupo perceberem as mudanças na Festas dos Reis. Antes, eles brincavam por espontânea vontade, sem ter uma quantia específica ajustada para receber, o que parecia ser bem mais lucrativo e divertido do que no tempo presente, caracterizado por intensa cobrança para receber o pagamento. Os brincantes reiseiros cabaceirenses da primeira metade da década de 1980 iam brincar na festa por espontânea vontade, sem estabelecer nenhum tipo de acordo com instituições ou autoridades. Mesmo assim, brincar naquela época se mostrou bastante lucrativo e divertido.

Um dos motivos de o Terno de Reis de Cabaceiras começar a fazer apresentações na cidade, o que se tornou predominante na sede do município de Coité, deve-se ao fato de que algumas pessoas residentes na zona rural migraram para a zona urbana e solicitaram o festejo do Grupo em suas residências. Outro aspecto foi o interesse dos organizadores em ocuparem outros espaços e em conseguirem obter mais êxito na cidade. Conforme o Sr. Alderino

<sup>168</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 08 de junho de 2012. Integrante do Grupo.

<sup>169</sup> Idem.

Carneiro de Oliveira, residente na sede do município de Conceição do Coité, adepto e participante dos festejos religiosos:

Porque antes de Geraldo teve outras, uma vez que o pessoal me chamava pra tocar na rua, na roça e eu acompanhava sempre com meu cavaquinho e depois tinha esse reisado de Geraldo. Eu convidei ele para que um dia viesse aqui na minha casa, isso aconteceu e daí por diante todo ano ele sempre vem. Há tem mais de dez anos, não lembro bem assim a data, mas eu sei que tem mais de dez anos que eles cantam aqui na cidade.<sup>170</sup>

No olhar dos festeiros, mesmo em meio a pouca atenção por parte das autoridades municipais, o Grupo se mantém mais firme e ativo, devido às novas conotações urbanas da indústria cultural que foram dadas à Festa do Reisado, sem alterar sua função, que é a fé e a religiosidade. O líder do Grupo Reisado de Cabaceiras, o Sr. Geraldo das Mercês com muito entusiasmo ressaltou,

Ah, eu não posso dizer é, por mais graças a Deus o povão, que a voz do povo é a voz de Deus. Eu, o povo fala e depois chega e eu ficar sabendo e tal, mesmo no palco ou onde quer que seja ou no pé de parede ou no chão, onde quer que seja o povo grita e vibra e grita Grupo Reisado de Cabaceiras e eu fico satisfeito graças a Deus, é por isso que eu estico, faço o que não posso, mais para a história manter segura.<sup>171</sup>

Sobre os festejos religiosos em Conceição do Coité, o Jornal *Tribuna Coiteense* (1990, p. 1) destacou: “pelo lado social a quermesse continua cada vez mais atrativa, com barracas de doces, artesanatos, exposições artísticas musicais, shows de cantores e bandas musicais coiteenses, valorizando cada vez mais a “prata da casa.”

A Festa de Reis se revestiu de novas formas e sentidos, fazendo-nos entender como os sambadores e os festeiros falam a partir de seu lugar na festa. Enquanto que para alguns reiseiros a festa perdeu o sentido e a beleza, para Geraldo das Mercês a festa se tornou mais pomposa. Para um homem que trabalha, constitui uma atividade de lazer qualquer participação ativa na vida cultural, isto é, toda atividade de criação ou de compreensão de um produto cultural, independentemente de sua natureza. Uma cantoria do Reisado de Cabaceiras expressa bem o lado lúdico dos festejos dos Santos Reis:

Eu estava em Chapada, dentro do bar de Zelito  
Quando chegou a notícia de Nere e Antoniel

<sup>170</sup> Entrevista com Alderino Carneiro de Oliveira, 82 anos. Concedida em sua residência, na sede do município de Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Reiseiro.

<sup>171</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês. Concedida na sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 31 de agosto de 2014. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

Que os dois estavam cantando  
 Disse que estava me esperando  
 Para nós juntos sambar  
 Ele lá no bar de Nego e eu no bar de Zelito  
 De cá Nere deu um grito, eu vi a dupla pegar  
 Aí o samba começou em pino de meio dia  
 Zelito e dona Nicinha foi prender a criação  
 Foi dez carneiro matado, aí o povo muito obrigado  
 Sentiu o samba arrochar  
 Não é Zelito? Nós somos todos irmãos.<sup>172</sup>

Os adeptos passaram a propagandear na mídia, na Rádio Sisal do município. Durante o programa de Genivaldo Silva, transmitia-se um anúncio gravado com a voz do Sr. Geraldo das Mercês. O líder clama pela importância de se preservar os saberes e os fazeres do povo frente às ameaças provocadas pela modernidade: [...] *exatamente, tá sendo mais valorizada é também, depois dessa de Genivaldo Silva que tá fazendo uma força também na Rádio Sisal, tá até crescendo mais um pouquinho.*<sup>173</sup>

Neste sentido, percebe-se que o apoio de quem age sobre o Grupo de Cabaceiras de forma a ressignificá-lo imprime nos atores de tais práticas uma ótica diferenciada das experiências até então vividas. Em outras palavras, espetacularização das artes dos populares produz reinvenção dos saberes, mediante estratégias que os atores sociais engendram nesse cenário. A tradição da Folia de Reis assume um tipo de ação pedagógica, sendo utilizada com o objetivo de promover um sentimento de pertencimento numa coletividade. Florêncio Barbosa, empresário no ramo de joias, adepto dos festejos religiosos, ao falar da Festa de Reis, ressaltou o crescimento do Grupo Reisado de Cabaceiras, apontando sua forma de festejar e sua contribuição para a permanência e para a atuação do mesmo:

Não, eu nem participava bem, mas depois de Cabaceiras me incentivou e a gente tem assim o dever até de ajudar por que é uma cultura em nossa região e se não tiver apoio acaba. A gente ajuda no sentido de precisar de colaborar com a alguma contribuição, precisar de informar um grupo e algum de direito que possa ajudar, a gente está aí disposto<sup>174</sup>

Diante do exposto, concluímos que o Grupo conseguia agradar ao público com sua presença e suas cantorias no setor urbano, em que os adeptos sentem-se felizes porque estão

<sup>172</sup> CD Rezado de Cabaceiras, Vol. 1, música de nº 4, Cyberela Stúdio, 2000.

<sup>173</sup> Entrevista com Luiz Pinto de Oliveira, 75 anos. Concedida em sua residência no Povoado de Patos em 08 de junho de 2012.

<sup>174</sup> Entrevista com Florêncio Barbosa Gonçalves, 72 anos. Concedida na sua Empresa JOB- Joalheira e Ótica Barbosa, Centro, Conceição do Coité, em 18 de fevereiro de 2013. Empresário no ramo de joias e participante da festa.

recebendo a visita e estão sendo lembrados, e é bem recepcionado, saindo com êxito. Observamos que Geraldo das Mercês está interessado em reunir três mídias: os CDs, os DVDs e a Internet, grandes veículos importantes para informar e para noticiar. A visibilidade do Grupo Reisado de Cabaceiras, para além do reconhecimento, concretiza-se na gravação de 04 (quatro) CDs e 02 (dois) DVDs. A partir da gravação do primeiro CD, houve a gravação de outro CD e do primeiro DVD. Gravou-se o CD de volume 3 (GRUPO..., 2005a) e o de volume 4, para, em seguida, gravar o DVD de volume 2 e, por não ter recurso, o DVD de volume 3, até o período estudado nesta pesquisa, não foi lançado.

Os DVDs foram gravados e lançados na sede do município, sendo que o volume 1 aconteceu na casa de Valdemir de Assis.<sup>175</sup> Enquanto que o volume 2 foi realizado no Coreto na Praça da Matriz, da Igreja Matriz, durante os festejos da festa da Padroeira da cidade. As narrativas dos reiseiros informaram que as gravações tiveram um apoio por parte de comerciantes e de autoridades municipais.

Uma emissora de rádio AM e de periódico locais também participou dos festejos, fazendo entrevistas e dando cobertura às festividades:

Uma emissora de rádio AM que opera com frequência de 900khz, potência de 1Kw, com alcance em mais de 30 cidades da Região Nordeste da Bahia, cobrindo totalmente a Região Sisaleira. Inclusive, o nome foi dado em função de ser o sisal a principal base da economia da região. Inaugurada em 20 de dezembro de 1986, porém, a ideia e os primeiros documentos surgiram em março de 1979. A programação é bastante diversificada, com músicas em vários estilos, predominando sempre a música brasileira. Além de prestar grandes serviços à população, especialmente da zona rural, transmitindo recados e informações de utilidade pública. (D’VILLANOVA, 2011, p.79-80).

Na Rádio Sisal da Cidade, o programa do radialista Genivaldo Silva, conhecido popularmente como Velho do Forró Bodó, transmitia todos os eventos culturais. Os participantes agradeceram à emissora de Rádio Sisal, mencionando o apoio na divulgação do Reisado de Cabaceiras:

Eu agradeço por tudo nessa linha, eu agradeço por tudo, a Rádio Sisal, viu! E as Rádios FM como a Rádio é, é... me passou assim e tal e tal, eu não sei, não me lembro bem, pelo amor de Deus, desculpa e... é, é a Rádio de Serrinha, a Regional, a Continental, a Morena e demais Radio da região de Retirolândia tá, de Valente e tal, porque aqui em Coité a Rádio Sisal é quem dá um grande apoio, através do Vei do Forró Bodó, um homem cultural, uma pessoa excelente, maravilhosa, que eu peço a Deus, que abençoe dê força e

---

<sup>175</sup> Radialista e atual secretário de Comunicação do município de Conceição do Coité.

talento e coragem para vencer essa batalha porque ele como homem da cultura e que ajuda e a música, a cultura hoje de Coité tá com conhecimento através da Rádio Sisal porque ele, ela, ela é um veículo de comunicação e o veí do Forró Bodó é o líder cultural e que dar o maior apoio, a toda cultura de Conceição do Coité.<sup>176</sup>

Geraldo das Mercês sentiu-se grato pelo apoio recebido da Emissora de Rádio instalada na Região Sisaleira. Ao mencionar a Rádio Sisal, o depoente citou o radialista Genivaldo Silva como sendo um dos adeptos das práticas culturais que valoriza as camadas populares e garante a divulgação dos eventos realizados pelos grupos festivos pertencentes às camadas populares; visto que a sua programação era especificamente para este objetivo e que também abria espaço para líderes de grupos participarem ao vivo no seu programa, o que acontecia por volta das 17:00 às 18:00 e sempre finalizava com uma canção do Grupo de Geraldo das Mercês.

O termo “cultura”, proferido por Sr. Geraldo, refere-se à tradição da prática remontada ao passado. Seu argumento demonstra ainda que estava interessado em ampliar o mercado de consumo para adquirir mais visibilidade e ampliar seu público ouvinte. Esse procedimento geralmente parte dos poetas e dos repentistas, que, na ânsia de serem reconhecidos em nível regional ou nacional, buscam estratégias nas redes sociais locais e nos encontros de festejos:

É, o veículo de comunicação também é pouco né, eu acho que a Rádio Sisal de Coité, é o único veículo de comunicação que mais divulga o grupo de Cabaceiras, quando eu tinha o jornal também, eu as vezes tirava foto, divulgava, falava sobre o grupo, mas a relação hoje é ultimamente, é a Rádio Sisal que divulga o grupo.<sup>177</sup>

Concordamos com Brandão (2010, p. 31), ao afirmar que:

são as experiências desses sujeitos que vão dar sentido e vida a esse espaço, como um “lugar praticado” de convivências, onde as relações se fazem presente entre os sujeitos das formas mais diversas, no desempenho dos moradores, cada um com sua parcela de contribuição na organização e produção da Festa dos Santos Reis, que revela um momento significativo da comunidade ao celebrar seus santos padroeiros e reforçar os laços de sociabilidade e de solidariedade entre os moradores.

<sup>176</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.

<sup>177</sup> Entrevista com Vanilson Lopes, 57 anos de idade, memorialista. Concedida em sua Clínica Clin, Rua Bailon Lopes, 138, Centro, Conceição do Coité, em 28 de agosto de 2014.

A importância da festa e a preocupação de seguir firme e de ascender cada vez mais esses festejos foram apontadas por Geraldo Henrique das Mercês:

A importância pra mim é por que é, eu tenho hoje o apoio, graças a Deus, dos companheiros de, nem só coiteense como de várias cidades da micro região do sisal e vim nomeando que quero honrar, que tenho o prazer, que faço com força, com coragem, com garra e amanhã eu cair, pronto, que eu não queria sei que se quero deixar ela fortalecida com, com os jovens ensaiando já assumido em meu lugar, que tivesse o talento de fazer um trabalho em qualquer lugar, como eu fazia ou como eu faço. Não sei... É o melhor e nem bom, estou aprendendo, eu tenho fé em Deus que vou aprender mais, para que eu leve mais cultura, mais trabalho, um trabalho mais bonito para Deus e o mundo ouvir.<sup>178</sup>

Através dos festejos religiosos do Reisado, os cabaceirenses sentiam-se representados na vida da cidade, mais ativos para expressarem e para evidenciarem seus conhecimentos, suas vivências e suas experiências. Querem deixar suas marcas e seus registros, como também querem ter visibilidade perante a sociedade. É patente que o líder do Reisado está preocupado em deixar seu legado. Portanto, vem lutando, através de suas táticas e estratégias, para que a Festa dos Reis permaneça no cotidiano dos seus participantes, na alegria das brincadeiras, das danças e da própria religiosidade.

Miranda (2009a) analisa o samba de lata de Tijuacu, apontando a função social do festejo, a partir das práticas de sociabilidade. As festas de Tijuacu, destacadas por Miranda (2009a, p. 107), são representadas pela união e pelos encontros familiares, uma vez que estimulavam a convivência coletiva e reuniam as pessoas num encontro de descanso, folga e lazer comunitário:

É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e aguçam. O ambiente festivo, de alegria e descontração, leva os participantes a terem tal comportamento. Nesse espaço também se encontra o sentido da religiosidade e da solidariedade e, ainda, as demarcações de especificidades e diferenças entre os indivíduos e os grupos.

A festa abrange um espaço onde são elaboradas diversas experiências a partir de ações individuais e coletivas, fato que estimula os sujeitos a se sentirem parte integrante dessa ação festiva. Portanto, a festa tem o poder de evidenciar não apenas características das celebrações religiosas, mas também elementos marcantes dos modos de vida dos sujeitos que a elaboram,

---

<sup>178</sup> Entrevista com Geraldo Henrique das Mercês, 55 anos. Concedida em sua residência, no Povoado de Cabaceiras, em 08 de julho de 2011. Líder do Grupo Reisado de Cabaceiras.



bem como as características do momento histórico em que se celebram uma expressão de fé e de diversão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Folia de Reis de Cabaceiras em Conceição do Coité propiciou experiências e, conseqüentemente, sentidos. Através dela, os sujeitos sociais exprimiram seu poder inventivo, puderam realizar seus anseios sociais por meio das variadas relações desenvolvidas no estar e no viver da festa. As apresentações lhes possibilitaram uma relação com o mundo festivo religioso, imprimindo sentimentos, ideias e encontrando sentido e significação para seu existir e para o universo social. Entretanto, estudar festividade popular e, além de tudo, uma festa cuja predominância se dava na zona rural, cujos festejos se concentravam no calendário cristão e que foi transferida para o espaço urbano revelou uma riquíssima manifestação cultural e religiosa dos moradores dessa comunidade, capaz de expressar características do seu dia a dia, enquanto trabalhadores rurais.

Mediante o processo de investigação de registros escritos, de narrativas de memorialistas, de produtos do Grupo Reisado de Cabaceiras (CDs e DVDs, imagens em jornais) e de depoimentos orais, foi possível identificar evidências e elaborar problematizações sobre as características dos sujeitos que constituíram a comunidade de Cabaceiras. Afazeres individuais e coletivos, crenças, costumes, valores morais, ações de solidariedade, interesse e esforço em preservar, manter e reavivar a tradição dos Santos Reis, enfim, um conjunto de práticas e ações construídas historicamente, que fazem parte dos modos de viver destes sujeitos, foi demonstrado com o estudo da festa em louvor aos Santos Reis. Composto o Reisado por agricultores e por funcionários públicos, no que refere às labutas diárias. Constatamos o papel ativo das mulheres, enquanto donas de casa, trabalhadoras assíduas em seus roçados, mães e companheiras, que, na labuta constante, foram responsáveis pela soma no custeio do sustento familiar e das atividades em torno do Terno de Reis.

Neste estudo nos dedicamos a traçar as relações entre as Religiões de Matrizes africanas e o Grupo Reisado de Cabaceiras, na tentativa de compreendermos como se moldou este diálogo inter-religioso entre esses diferentes grupos religiosos que cantavam e dançavam harmoniosamente para o Deus Menino, os Reis Magos, os Caboclos e os Orixás. Os reiseiros e os seguidores do Candomblé em Coité, além de fazerem funções conjuntamente, foram capazes de preservar as tradições seculares do Cristianismo e das Religiões de Matrizes Africanas. Dessa forma, diversos elementos da Festa de Reis foram demonstrados nas lembranças dos interlocutores, o que nos possibilitou analisá-la a partir da diversidade que

o Grupo Reisado de Cabaceiras o compunha. Portanto, entender e analisar as inter-relações estabelecidas pelo Grupo Reisado de Cabaceiras entre as práticas do Catolicismo popular e as influências afro-brasileiras foi pertinente, pois, no início da pesquisa, embora tivéssemos notado algumas influências afro-brasileiras no Grupo Reisado de Cabaceiras, a exemplo dos requebrados similares a um momento de transe, os depoentes, no primeiro momento de entrevista, omitiram alguma presença de elementos da Religião afro-brasileira no Terno, talvez por desconfiança, devido ao fato de a Religião Afro-brasileira ter sido perseguida e ainda ser discriminada atualmente no País. Mas, a partir do segundo momento das entrevistas, depois de estabelecer uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador, os depoentes declararam a relação do Terno de Reis de Cabaceiras com Terreiros de Candomblé e até mesmo que o Grupo se apresentava nesses espaços.

Esse diálogo de religiosidades, de experiências pessoais e coletivas, do rezar e do festar foi eficaz para que a pesquisa revelasse as possibilidades das relações sociais, eclesiásticas, políticas, de trabalho e de poder, construídas historicamente entre os moradores da comunidade de Cabaceiras, uma vez que a Festa dos Santos Reis em Conceição do Coité era um espaço de sociabilidade que congregava e reunia pessoas de segmentos sociais diferentes, com olhares e interesses múltiplos; o que nos permitiu interpretá-la como uma celebração heterogênea, marcada pela relação entre o rezar e o festar, pelo encontro de diferentes grupos com suas individualidades e em que contradições e relações de diversas matrizes foram evidenciadas durante os dias que aconteciam os festejos.

Apesar de a festa ser uma produção da rotina dos moradores de Cabaceiras, ela representa um momento que interrompe esse cotidiano, o encadeamento diário para viver um tempo que se apresenta de maneira distinta, já que é muito exaustivo passar o ano inteiro só trabalhando. Por isso, é preciso quebrar a rotina e viver o inverso. Essa capacidade de subverter o cotidiano é dotada de diversos sentidos e significados entre os moradores de Cabaceiras, como, por exemplo, afirmar a fé, a prática devocional; agradecer por uma graça alcançada; celebrar a chegada de um novo ano; saudar as famílias e, principalmente, a diversão, a fim de repor as energias ocasionadas pelo duro cotidiano do campo.

Convém ressaltar que essa manifestação festiva e religiosa tem características próprias, pois toda festa é sempre única, mesmo envolvida com as mesmas práticas. Cada uma traz em si as marcas da individualidade dos sujeitos que as produzem e daqueles que apenas participam. Nesta pesquisa, sem descuidar das relações e das tensões com os poderes instituídos no município e na instituição eclesiástica e sem estabelecer vínculos com os contextos históricos, perscrutamos o singular no Reisado de Cabaceiras, que era organizada a

partir de um terno que pertencia a uma comunidade rural. Pelo fato de a Festa de Santos Reis fazer parte do Catolicismo popular, a Igreja Católica a apoiou conferindo-lhe espaço e visibilidade durante seus festejos da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, esta que acontecia entre final de novembro a 08 de dezembro de cada ano.

A partir dos relatos dos reiseiros, pudemos compreender a festa em louvor aos Santos Reis a partir de temporalidades, o que nos permitiu analisar a festa como uma tradição que agrupa um movimento dinâmico que apresenta mudanças e reinventa as práticas, agregando-lhes novos elementos. Ao partilharmos das memórias dos entrevistados a partir de seus relatos sobre suas experiências vividas na festa dos Santos Reis, para além de comprovarmos a “veracidade” do que ocorreu, buscamos localizar o sujeito, situando seu lugar na comunidade, na festa, no contexto histórico inserido, e entender os significados da festa para esses sujeitos, principalmente a partir da transferência para o espaço urbano; compreendendo-os como agentes históricos, verdadeiros protagonistas, construtores da realidade em seu entorno, com seus afazeres, religiosidades e tradições constitutivas do viver em sociedade, das relações socioculturais elaboradas mediante suas experiências cotidianas.

A Festa de Reis de Cabaceiras sofreu algumas transformações ao ser inserida no espaço urbano. Os reiseiros adaptaram alguns instrumentos musicais, a exemplo dos pandeiros, que, antes, eram de couro de bode e foram substituídos por pandeiros de tarraxa. A caixa eletrificada e o microfone foram inseridos, além das vestimentas, as quais eram comuns (enfeitadas com papel crepom e flores naturais) e foram trocadas por roupa padrão. O uniforme do Grupo de Reisado de Cabaceiras era composto de camisas, complementadas com calças jeans e chapéus, de palha ou de couro.

É recorrente a figura do líder Sr. Geraldo das Mercês. Abordamos sua relação com autoridades municipais, eclesiásticas e civis da sociedade coiteense, como responsável pela propagação e visibilidade da festa nos espaços urbanos, bem como suas inter-relações com os moradores de Cabaceiras e como os demais povoados da região sisaleira, com quem construiu experiências múltiplas, percebendo seu poder simbólico na comunidade, principalmente através da manipulação de elementos de poder, como a organização da festa dos Santos Reis e a propagação da mesma nos espaços urbanos, bem como outras mudanças e adaptações na festa, a exemplo de instrumentos musicais e roupas padronizadas e da inserção do Grupo de Reisado na mídia através da gravação de CDs e DVDs.

Ao analisarmos a documentação, as entrevistas orais com velhos moradores de Cabaceiras e com adeptos de outras localidades, bem como os textos de memorialistas, questionamo-nos sobre a Folia de Reisado de Cabaceiras, para compreendermos e

interpretarmos como moradores, adeptos, sambadores de Patos, da sede do município de Conceição entre 1965 e 2005, produziram significados sobre os “Santos Reis”, adquirindo visibilidade no espaço urbano, em meio à indústria cultural e o uso da mídia compreendida em três modalidades: CDs, DVDs e Internet.

Acreditamos que esta pesquisa deixou de fora outros elementos da relação das autoridades municipais em contribuir com a festa ou com a maneira que elas possibilitam espaço aos Grupos festivos religiosos se inserirem na zona urbana; e outros aspectos que poderão ser retomados posteriormente.

Estudar a festa dos Santos Reis em Conceição do Coité significa trazer para o debate historiográfico a importância da História Cultural, bem como a possibilidade de essa vertente historiográfica desenvolver seus métodos investigativos, utilizando-se dos mais diversificados tipos de fontes, e, sobretudo, registrar as vivências e a religiosidade festiva de um segmento social ainda pouco estudado na região sisaleira no vasto sertão baiano.

Esta pesquisa pode ser uma contribuição para a ampliação do conhecimento das práticas culturais, das sociabilidades e da religiosidade da sociedade coiteense, bem como abrir novas perspectivas de estudos.

## FONTES

A PRENSA, 25 de abril/25 de maio de 1985: recorte de jornal disponível no CEDOC- Centro de Documentação da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, Conceição do Coité.

A TARDE. Recorte de jornal encontrado no Centro de Documentação da Universidade Estadual da Bahia (CEDOC) – Campus XIV, Conceição do Coité, Bahia, 18 set. 1969.

ARQUIVO Público Municipal de Conceição do Coité; Livros de Leis; Decreto de Lei de nº 15, de 18 de novembro de 1982a, p. 78.

\_\_\_\_\_. Livros de Leis. Decreto de Lei de nº 15, de 06 de novembro de 1982b.

ASSIS, Carollini. **Prêmio Jaime Wright foi entregue nesta quarta 20 de outubro.**

Disponível em: < [http://www.boliviacultural.com.br/ver\\_noticias.php?id=225](http://www.boliviacultural.com.br/ver_noticias.php?id=225)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ATA da 32ª Sessão Ordinária da Câmara do Legislativo de Conceição do Coité, Bahia, 1991.

ATA de Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Vereadores de Conceição do Coité. 30 de março de 1987.

ATA da 12ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Conceição do Coité, Bahia, 15 de outubro de 1881.

CENTRO Comunitário Padre Luiz Rodrigues: O Padre, o comércio e a Festa 8 de dezembro. In: **O Coiteense**, ano XXI, n.190, Conceição do Coité, 17 dez. 1987.

CENTRO COMUNITÁRIO PADRE LUIZ RODRIGUES. **Livro do Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité 1855-2005.**

\_\_\_\_\_. Ata da Criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité. Resolução de 09 de maio de 1855. O Secretário Luiz Maria Álvaro Falcão Muniz Barretto, registrada folha de 19 do Livro de nº 5 da Bahia de 14 de maio de 1855.

COITÉ – Movimento Você e a Paz com o médium espírita Divaldo Franco reuniu pessoas de várias cidades da região. In: **CALILANOTÍCIAS**. 30 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.calilanoticias.com/2014/07/coite-movimento-voce-e-a-paz-com-o-medium-espirita-divaldo-franco-reuniu-pessoas-de-varias-cidades-da-regiao.html>>. Acesso em:

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DA BAHIA, ano XVIII, 45 da República nº 200, Salvador, Sexta-feira, 7 de julho de 1933.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20. p. 180-185. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acesso em: 31 jul. 2015.

ESTERQUILE JÚNIOR, Osvaldo. História de uma muda: Cabaça Coité – Coitezeiro. 23 abr. 2013. In: **BONITO MS – Pantanal Brasil**. Blog dos passeios Recanto Ecológico Rio da

Prata, Estância Mimosa e Lagoa Misteriosa. Disponível em:  
<<http://bonitopantanal.blogspot.com.br/2013/04/historia-de-uma-muda-cabaca-coite.html>>.  
Acesso em: 15 jan. 2016.

GRUPO Reisado de Cabaceiras. Cyberela Stúdio, 2005a. CD, v. 3.

\_\_\_\_\_. Cyberela Stúdio, 2005b. DVD, v. 1.

\_\_\_\_\_. Cyberela Stúdio, 2002. CD, v. 2. n. 10.

\_\_\_\_\_. Cyberela Stúdio, 2000. CD v. 1.

LIVRO de Alvará; Arquivo Público Municipal, 1991.

\_\_\_\_\_. Arquivo Público Municipal. 1983.

MASCARENHAS, Abelardo. **Pe. Luiz rodrigues oliveira um sacerdote quase perfeito**. 27 mar. 2010. In: GRUPO EXECUTIVO DIOCESANO (GED). Disponível em:  
<<http://gedserrinha.blogspot.com.br/2010/03/pe-luiz-rodrigues-oliveira-um-sacerdote.html>>.  
Acesso em: 10 jan. 2016.

MERCÊS, Geraldo Henrique das. **O vaqueiro e o cavalo**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.4, n.10, 2016a. (Produção independente).

\_\_\_\_\_. **Vaqueiro encourado**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.4, n.14, 2016b. (Produção independente).

\_\_\_\_\_. **Eu tava dormindo**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.4, n.4, 2016c. (Produção independente).

\_\_\_\_\_. **Lembrando a sua infância**. Reisado de Cabaceiras, CD, v.3, 2005. (Produção independente).

MOC. Movimento de Organização Comunitária. Disponível em: <[www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

O COITEENSE. Ano IV, n. 145, Conceição do Coité, segunda-feira, 08 de fevereiro de 1971.

\_\_\_\_\_. Ano IV, n. 132, Conceição do Coité, sábado, 26 set. 1970.

\_\_\_\_\_. Ano III, n. 99, Conceição do Coité, sábado, 13 dez. 1969a.

\_\_\_\_\_. Ano III, n. 98, Conceição do Coité, sábado, 06 dez. 1969b.

O NOTICIADOR Catholico. Ano III - nº 112, Salvador. Arquidiocese da Bahia. Sábado, 26 out. 1850.

O PADRE, o comércio e a festa 8 de Dezembro. **O Coiteense**, ano XXI, n.190, 17 dez. 1987. Conceição do Coité.

O SERTÃO. Ano X, n. 132, set. 2006.

PONTO de Vista. **Tribuna Coiteense**. nº 101, Conceição do Coité - Ba, 06 jul. 1996.

PORTUGAL, Adriana da Silva. Jun. 2009. In: **Objetos de Aprendizagem Históricas (UNEB)**. Disponível em: <<https://historiaeaduneb.wordpress.com/grupos/grupo-03/reisado-01-3/>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

SANTOS, Victor. **A Arte das esteiras eternizada nas mãos de uma Barroquense**. 05 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalanossavoz.com.br/2014/08/a-arte-das-esteiras-eternizada-nas-maos.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

SESSÃO Ordinária da Câmara Municipal de Vereadores de Conceição do Coité, 13 de março de 1991.

TRIBUNA Coiteense. Ano X, nº 66, 1990.

XVII SIMPÓSIO Espírita de Conceição do Coité começa hoje (21). In: **Calilanotícias**. 21 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.calilanoticias.com/2013/11/xvii-simposio-espirita-de-conceicao-do-coite-comeca-hoje-21.html>>. Acesso em: 28 out. 2016.

WIKIDIONÁRIO. O dicionário livre. **Cabaceiro-amargoso**. 30 set. 2012. Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/cabaceiro-amargoso>>. Acesso em: 16 jan. 2016.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marta. **O Império do Divino**: festas religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALMEIDA, Joziara Araújo. **O caminho da fé**: A formação de redes de sociabilidade entre os membros da Assembleia de Deus no povoado de Santa Rosa (1992-2012). Monografia apresentada para obtenção de grau de graduação em Licenciatura em História Universidade do Estado da Bahia (UEFS). Conceição do Coité, 2013.
- ALVES, Rubem Azevedo. **O que é Religião**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- ANDRADE, Fabiane da Silva. **Abre alas minha gente!** Festa, Cultura e Religiosidade Popular no Terno de Reis Humildes em Alegrias (1966 a 1933). Dissertação de Mestrado UNEB, 2008.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- AZZI, Riolando. **A cristandade colonial**: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BARRETO, Orlando Matos. **Conceição do Coité da colonização à emancipação 1730-1890**. Conceição do Coité - BA: Nossa Editora Gráfica, 2007.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: a circulação de objetos rituais na folia de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/CNFCP, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRAGA, Julio. **A cadeira de Ogã e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BRAGA, Sidney Simons. **O Salvador menino**: expressões artísticas de uma tradição. Culto ao menino deus na Bahia. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2000.
- BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: Festa, poder e memória (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000). Programa de Pós-graduação em História Regional e Local. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Santo Antônio de Jesus, 2010.
- BRITO, Ana Nery Oliveira. **Devoção e Folia**: festa de Reis em Conceição do Coité (1986-2000). Monografia apresentada para obtenção de grau de graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2013.

BRITO, Gilmário Moreira. Aspectos políticos e religiosos na produção e circulação de folhetos de cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História** (ANPUH). Natal – RN, 22 jul. 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898. **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5. ed. Revista e aumentada. São Paulo: EDITORA, 1979.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: I Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CÓDIGO de Posturas da Villa de Conceição do Coité, aprovado em sessão do Conselho Municipal no dia 17 de janeiro de 1891 e reformado em sessão de 02 de abril de 1891. In: BARRETO, Orlando Matos. **Conceição do Coité da colonização à emancipação 1730-1890**. Conceição do Coité-Ba: Nossa Editora Gráfica, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, Iraneidson Santos. **Que papo é esse? Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985)**. Feira de Santana: UEFS, 2011.

COSTA, Stéfano Muniz Figueiredo. De Ricoeur a Portelli: memória de operários e História Oral. In: **XI Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Universidade Federal Fluminense, Niterói- RJ, 2015.

COUTO, Clari. **Orar e vigiar: o poder disciplinador da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990**. Monografia – Especialização em Teoria e metodologia da História. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2001.

COUTO, Edilece Souza. Lavar o santo: ritual afro católico na festa do Senhor do Bonfim, Salvador Bahia. In: **CULTURA, SOCIEDADE E POLÍTICA: ideias, métodos e fontes na investigação histórica/ SILVA, Elizete da; NEVES, Erivaldo Fagundes (Org.)**, Feira de Santana: UEFS, 2014.

\_\_\_\_\_. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2010.

\_\_\_\_\_. Devoções, Festas e Ritos: Algumas considerações. In: **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**. Ano I, n. 1. Dossiê Identidades Religiosas e História. [20?].

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia: uma história do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

D'VILANOVA, Marielza Carneiro. **Contos e Histórias de Conceição do Coité**. Ed.. Salvador, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2011.

ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

FARIA, Edite Maria da Silva de. **A luta social ensina: o direito educação na vida de mulheres e homens sisaleiros - Assentamento Nova Palmares Conceição do Coité Bahia**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Salvador, 2014.

FERRETI, Sérgio F. Religião e festas populares. IN: **XIV Jornada sobre Alternativas Religiosas em América Latina**. Buenos Aires Versão Preliminar, 2007.

FREIRE, Felisbelo. **História territorial do Brasil**. v. 1. Bahia, Sergipe e Espírito Santo. Rio de Janeiro. Typ: do Jornal do Comércio de Rodrigues & C., 1906.

GANDON, Tania d' Almeida. **Etnotexto e identidade cultural na construção da memória**. FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.14, n. 23, p. 227- 233, jan./jun., 2005.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

LE GOFF. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

LOBÃO, Jocimara Souza Britto. **Análise socioambiental no município de Morro do Chapéu - Ba, baseada em geotecnologia**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2006.

LOPES, Roberto Pinto. **Vitórias de amor e paixão por Coité**. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2006. v. 1.

MAGALHÃES, Edna Moura. **Festa de Reis em Araci (1989 - 2011)**. Monografia apresentada ao Colegiado de História da UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Licenciatura em História, Conceição do Coité, 2013.

MAIA, Andréa Casa Nova. História Oral: revendo questões e enriquecendo o debate. In: **CRONOS**: Revista de História Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo. V.2, n.2, Pedro Leopoldo, 2000.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios recuperados**: experiências da comunidade negra rural de Tijuáçu –BA. São Paulo: Annablume, 2009a.

\_\_\_\_\_. Devoção e diversão na festa de São Benedito em Tijuáçu-BA. In: LEAL, Maria das Graças de Andrade; MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira; CASTELLUCCI JÚNIOR, Wellington (Org.). **Capítulos de História da Bahia**: novos enfoques, novas abordagens. São Paulo: Annablume, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Um olhar sobre a festa da Marujada em Jacobina**. Programa de Mestrado Interinstitucional, PUC-SP/UNEB, 1999.

MIRANDA, Cristian Barreto. Igreja, relações de poder e conflito no Território do Sisal. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUN)**. São Paulo, Jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Padroado no Sertão**: Negociação e conflito entre Igreja e poder Político em Conceição do Coité entre 1089 e 1996. Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Conceição do Coité, 2009.

MIRANDA, Mário de França. **Compreensão de Inculturação**. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7089/7089\\_5.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7089/7089_5.PDF)>. Acesso em: 13 jan. 2016.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Ilmar França. **E Viva Santo Reis**: um estudo sobre manifestações culturais em Piatã/Abaíra, Chapada Diamantina, Bahia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFBA). Salvador, 2009.

NUNES, Marcone Denys dos Reis; KUSTNER, Rócio Castro. Multiterritorialidade nas manifestações culturais em Serrolândia, Ba. In: ESTRELA, Ely Souza; KUSTNER, Rócio Castro. **Cultura, memória e região**. Salvador: EDUNEB. 2011.

OLIVEIRA, Ayala Lopes Carneiro de. *Conceição do Coité é notícia*: Memória e História nas páginas do Jornal Tribuna Coiteense. (1981-1996). Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas- Campus III, Uneb, Juazeiro, 2009.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanhecendo**: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Vanilson Lopes de. **Sisal, Suor e Poder**: crônica de uma região. Conceição do Coité: Editora Clip, 2003.

\_\_\_\_\_. **Conceição do Coité e os Sertões dos Tocós**. Conceição do Coité: Clip Serviços Gráficos, 2002.

PEREIRA, Daiane Pires. **O Glorioso São Benedito**: Irmandades e Conferência em Feira de Santana (1900-1930). Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2010.

PERGO, Vera Lucia. **Os rituais na Folia de Reis**: uma das festas populares brasileiras. Universidade Estadual de Maringá. [20?]. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **ESTUDOS HISTÓRICOS**. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n. 10, 1992.

REIS, Alécio Gama dos. **O que farpa o boi farpa o homem**: Campo das memórias dos vaqueiros do sertão de Irecê (1943-1985). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA), Feira de Santana – BA, 2012.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa senhora da Conceição do Coité**: poder e política no século XIX. Dissertação apresentada ao Mestrado de História Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fartura e ventura camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTANA BÁRBARA, Reginilde Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade**: sociabilidade e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana - Bahia (1929-1964). Dissertação de Mestrado – Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

SANTOS, Fabrício Lyrio. **Da catequese à civilização**: colonização e povos indígenas na Bahia. Cruz das Almas: UFRB, 2014.

SANTOS FILHO, Gabriel dos. **O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade**: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral Afro-Brasileira. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Ivanildo Barreto dos. **A (des) valorização da cultura popular**: uma leitura sensível das relações entre a arte repentista e outras culturas populares do sertão coiteense. Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura. Departamento de Educação *Campus XIV*. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Conceição do Coité, 2012.

SANTOS, Viviane da Silva. **Santo de casa faz milagre**: Desenho e Representação dos Oratórios Populares Domésticos em Feira de Santana. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira de encantos**: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana: construções simbólicas e ressignificações. Feira de Santana: UEFS, 2014.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Elizete da. O campo religioso feirense: um olhar poético. In: SILVA, Aldo José Morais (Org.). **História, poesia, sertão**: explorando a obra de Eurico Alves Boaventura. Feira de Santana: UEFS, 2010a.

SILVA, Elizete da. História das Religiões: perspectivas e abordagens. In: QUADROS, Eduardo Gusmão de; SILVA, Maria da Conceição (Org.). **Sociabilidades religiosas**: mitos, ritos e identidades. São Paulo: Paulinas, 2011.

SILVA, Lizandra Santana da. *Do axé à aleluia*: transformações no campo religioso cachoeirano (1980-2007). Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2014.

SIQUEIRA, Deis. Psicologização das religiões: religiosidade e estilo de vida. Simpósio Anual. (26. 1999: Brasília, DF). In: **Religiosidades, misticismo e História no Brasil Central**. (Org.) Sérgio Ricardo Coutinho. Brasília: CEHILA, 2001.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade**: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2009.

SPIX, Johann Baptist von, 1781-1826. **Viagem pelo Brasil**: Spix e Martius. Belo Horizonte: Itatiaia, Vol. II; livro sétimo; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

SUSS, Paulo Guenter. **O catolicismo popular no Brasil**: tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Vozes, 1979.

TEIXEIRA, Marli Geralda. “... Nós, os batistas...”, **um estudo de história das mentalidades**. Tese doutorado .São Paulo: FFLCH; USP, 1983.

TRABUCO, Zózimo. **A seara e os ceifeiros**: educação teológica, narrativas de conversão e identidade batista (1960-1990). Feira de Santana: UEFS, 2014.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão Baiano**: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Salvador. Dissertação de mestrado da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2007.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.